

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Paula Pinho Dias

SOCIEDADE, COGNIÇÃO E DISCURSO: DESVENDANDO CORA CORALINA

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SÃO PAULO
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Paula Pinho Dias

SOCIEDADE, COGNIÇÃO E DISCURSO: DESVENDANDO CORA CORALINA

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira

**SÃO PAULO
2008**

Banca Examinadora

.....

.....

.....

*À Profª. Drª. Regina Célia Pagliuchi da Silveira,
pelo acolhimento e segurança para fazer essa travessia.*

Confiança

*Deus pela certeza da sua Presença
minha mãe pelo amor incondicional
meu irmão, Antonio Carlos, pelo incentivo.*

Amor

Daniel pelo respeito, cumplicidade e alegria

Bênçãos

meus filhos, Junior e Conrado, pelo sentido e direção

Generosidade

Vanderley Silveira pelas conversas sobre sua amiga, Cora

Amizade

amiga Carmosina "Carmô" por nunca me deixar sozinha

Gratidão

*Prof. Dra. Maria Thereza Queiroz Guimarães Strôngoli
Profª Dra. Jenni Turazza da Silva*

Inspiração

todos os meus alunos de ontem e de hoje

a todos que, de uma forma ou de outra contribuíram para a execução deste trabalho:

Banca Examinadora pelas contribuições úteis e necessários

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro

*Claude José Thame e Iara Cristina Galharde Carrasco, da D. E de Carapicuíba, pela
compreensão e apoio*

A todos, minha profunda gratidão.

Sociedade, Cognição e Discurso: Desvendando Cora Coralina

Paula Pinho Dias

Esta dissertação se desenvolve segundo a vertente sócio-cognitiva da Análise Crítica do Discurso e trata das formas de representação biográfica da poetisa Cora Coralina, construídas por ela mesma e por outros autores. O objetivo geral é contribuir com estudos analíticos de textos de autores regionais brasileiros e os específicos são: 1) examinar a biografia da poetisa a partir de um texto-base e de intertextos selecionados de sua obra poética; 2) analisar as expressões lingüísticas de intertextos selecionados de estudos e registros de outros autores; 3) recortar outros intertextos de autores cujas representações avaliativas auxiliem a reconstruir historicamente o contexto da produção de sua obra poética. Tendo por pressuposto a dialética entre o social e o individual, entende-se que a poesia de Cora Coralina é guiada por valores culturais da memória social dos grupos com os quais conviveu, fora ou dentro da cidade de Goiás, e toma-se como procedimento teórico-analítico a inter-relação das categorias: sociedade, cognição e discurso. Os resultados da análise indicam que: 1. há oposição entre os valores culturais tradicionais e os representados por Cora Coralina, ainda que o social guie seu individual; 2. destacam-se em Goiás, dois grupos sociais, o conservador e o inovador, comprovando a dinâmica da cultura em cada contemporaneidade; 3. as escolhas lexicais da poetisa são guiadas pelo vivido em seu grupo social; 4 as representações avaliativas de sua autobiografia confrontam o passado e a contemporaneidade de sua produção poética e centram-se em experiências pessoais de privações que se desdobram, por meio de modalizações passionais, em falta e carência

Palavras-chave: sociedade-cognição-discurso, representações autobiográficas, intertextualidade.

Society, Cognition, and Discourse: Unveiling Cora Coralina

Paula Pinho Dias

This thesis was developed in accordance with the socio-cognitive line of Critical Discourse Analysis and deals with the forms of biographical representation of poet Cora Coralina constructed by she herself and by other authors. The general objective of this thesis is to contribute to analytical studies of texts written by Brazilian regional authors. The specific objectives are: 1) to examine the poet's biography based on a base text and selected intertexts of her poetic works; 2) to analyze the linguistic expressions of intertexts selected from studies of other authors; and 3) to clip other intertexts of authors whose evaluative representations aid in historically reconstructing the context of Cora Coralina's production of her poetry. Based on the assumption of dialectics between the social and the individual, one recognizes that Cora Coralina's poetry is guided by cultural values of the social memory of the groups with which she lived in close proximity, in or out of the city of Goiás, and the theoretic-analytical procedure adopted was the interrelation among the society, cognition, and discourse categories. Findings of the analysis indicated that: 1) although the social guides her individual, there is opposition between traditional cultural values and those represented by Cora Coralina; 2) two social groups stand out in Goiás – the conservative and the innovative – which proves the dynamics of the culture in each contemporaneity; 3) the poet's lexical choices are guided by what she experienced within her social group; 4) the evaluative representations of her autobiography confront the past and the contemporaneity of her poetic production and focus personal experiences of privations which, by means of passionate modalizations, ramify into lack and neediness.

Key words: society-cognition-discourse; autobiographical representations; intertextuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – Fundamentação teórica	
1.1 Subjetividade	17
1.1.1 Subjetividade e linguagem	15
1.1.2 Dêixis e referenciação	18
1.2 Enunciação	21
1.2.1 Polifonia	24
1.3 O processamento cognitivo do discurso	26
1.3.1 Sociedade, cognição e discurso	31
1.3.2 Conhecimento social e discurso	32
1.3.3 Unidade e diversidade: uma dialética necessária	33
1.3.4 Conhecimento avaliativo: crenças e opiniões	35
1.3.5 Criatividade e mudança	36
1.4 Discurso: prática social e cultural	37
1.4.1 Discurso e representação	39
1.4.2 O aspecto do acontecimento na constituição do sujeito	40
1.4.3 O interdiscurso	41
1.4.4 O sujeito plural: heterogeneidade e formação discursiva	41
1.5 ACD e o discurso	43
1.5.1 O Sujeito na Análise Crítica do Discurso	44
1.5.2 Contexto	45
1.5.3 Contexto Local e o Contexto Global	47
1.5.4 O poder o controle e o acesso	48

1.5.5 Marco de Cognição Social	50
1.5.6 A noção de papéis relacionada à interação social na ACD	50
1.5.7 A questão da identidade social	52
1.5.8 O discurso visto como forma de ação	53
1.5.9 Funções sociais e práticas discursivas	54
1.6 Compreensão do Discurso literário	55
1.6.1 O discurso literário e suas condições de produção	56
1.6.2 As duas vias paralelas e convergentes do literário	57
1.7 O autobiográfico e o literário	60
1.7.1 O problema da referencialidade na autobiografia	63
1.7.3 Do autor do texto às instâncias enunciativas	64
1.8 As privações da Falta e da Carência	66

CAPÍTULO II – Desvendando Cora por Cora

2.1 A construção discursiva na auto-representação	72
2.2 A demarcação do texto base em episódios e sua expansão pelos intertextos	74
2.2.1 Representação dos episódios	74
2.3 Primeiro macroepisódio: A saída de Goiás - Juventude	75
2.3.1 A dimensão material da pobreza na infância e na adolescência	77
2.3.2 A dimensão imaterial da pobreza na infância	91
2.3.3 A dimensão imaterial da pobreza na juventude	102
2.3.4 Quadro de representações da pobreza na infância	111
2.3.5 Quadro de representações da pobreza na infância	112
2.3.6 Do conflito à resolução	113
2.3.7 Tabela de representações do primeiro macroepisódio	118
2.3.8 Valores representados no primeiro episódio	122
2.3.9 As paixões da Falta e da Carência no primeiro macroepisódio	124
2.4 Segundo macro episódio: idade adulta – fora de Goiás	125

2.4.1 Tabela de representações do segundo macroepisódio	142
2.4.2 Valores representados no segundo episódio	144
2.4.3 As paixões da Falta e da Carência no segundo macroepisódio	145
2.5 Terceiro macro episódio: velhice - a volta à Goiás	145
2.5.1 Tabela de representações do terceiro macroepisódio	163
2.5.2 Valores representados no terceiro macroepisódio	166
2.5.3 As paixões da Falta e da Carência no terceiro macroepisódio	168

CAPÍTULO IV – Desvendando Cora por Outros Autores

3.1 Primeiro macroepisódio: a saída de Goiás - juventude	170
3.1.1 Tabela de representações do primeiro macroepisódio	183
3.1.2 Valores representados no primeiro macroepisódio	187
3.1.3 As paixões da Falta e da Carência no primeiro macroepisódio	188
3.2 Segundo macro episódio: idade adulta – fora de Goiás	189
3.2.1 Tabela de representação do segundo macroepisódio	197
3.2.2 Valores representados no segundo macroepisódio	201
3.2.3 As paixões da Falta e da Carência no segundo macroepisódio	202
3.3 Terceiro macro episódio: velhice - a volta à Goiás	203
3.3.1 Tabela de representações do terceiro macroepisódio	209
3.3.2 Valores representados no terceiro macroepisódio	212
3.3.3 As paixões da Falta e da Carência no terceiro macroepisódio	213

CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
-----------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	224
---------------------	-----

ANEXOS	230
---------------	-----

INTRODUÇÃO

*Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.*

Esta dissertação está situada na área da Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva, e tem, por tema, as formas de representação da vida da poetisa Cora Coralina, construídas por si mesma e por outros.

Temos por objetivo geral contribuir com os estudos culturais brasileiros, a partir de autores regionais.

São objetivos específicos: 1) desvendar a biografia de Cora Coralina através das expressões lingüísticas construídas pela própria autora em suas poesias; 2) buscar intertextos poéticos de Cora Coralina, em suas diferentes obras, que permitam a progressão semântica de um texto inicial, considerado texto-base; 3) analisar as expressões lingüísticas de outros autores a fim de verificar como eles representam a sua biografia; 4) resgatar intertextos de vários autores que propiciem a progressão narrativa das etapas da vida de Cora Coralina, de forma a reconstruir historicamente o contexto de sua produção poética.

Justificamos esta pesquisa, na medida em que os estudos culturais produzidos no Brasil, de forma geral, vêm sendo realizados por antropólogos e historiadores e, entendemos que a Análise do Discurso com visão crítica possa contribuir para o resgate cultural brasileiro, principalmente, no que se refere à cultura de Goiás.

Temos por pressuposto que a teoria das representações mentais, que embasa a vertente sócio-cognitiva da Análise Crítica do Discurso possa contribuir para o resgate cultural de raízes históricas ao examinar o dinamismo das formas de representação em cada contemporaneidade, a partir do tratamento teórico-analítico de textos autobiográficos poéticos e de textos biográficos de Cora Coralina escritos por outros autores.

A realização desta pesquisa compreendeu os seguintes passos:

- 1) seleção do texto-base “Semente e Fruto”, pois este traz representado em língua os diferentes macroepisódios da vida da autora;
- 2) foram selecionados intertextos poéticos da obra da própria autora, de forma a segmentar a linearidade do texto-base e explicitar implícitos, de forma a se obter a progressão semântica das representações poéticas;
- 3) foram selecionados textos de outros autores - membros da família ou não – de forma a ampliar a progressão semântica do texto-base confrontando-o com outras formas de representação do vivido e experienciado por Cora Coralina;
- 4) o resgate da reconstrução histórica pelos intertextos foi realizado para construirmos um contexto histórico autobiográfico, com as categorias analíticas: *tempo* (infância, adolescência, maturidade e velhice) e *espaço* (em Goiás, fora de Goiás e o retorno a Goiás).

A pesquisa realizada tem por problema desvendar Cora Coralina por meio de textos de sua obra poética e intertextos de outros discursos, ainda que tenhamos privilegiado desvendar Cora por Cora.

A hipótese orientadora da investigação realizada é: se há uma dialética entre o social e o individual, a obra poética de Cora Coralina é guiada por valores culturais da memória social das pessoas que conviveram com ela tanto em Goiás quanto fora dele; porém, o vivido e o experienciado por Cora Coralina modifica os valores sociais para sua própria representação autobiográfica.

A fundamentação teórica básica é sustentada pela vertente sócio-cognitiva da ACD, da qual van Dijk é seu maior representante e, para aprofundar a análise das paixões,

recorre ao diálogo com a semiótica discursiva que se centra no exame da privação da falta e da carência¹.

Segundo van Dijk (1997), as categorias básicas analíticas são: sociedade, cognição e discurso. Tais categorias são inter-relacionadas de modo que uma se define pela outra. Entendemos que a sociedade é formada por um conjunto de grupos sociais que estão em constante conflito. Cada grupo social é definido pelas suas formas de conhecimento com as quais representam o mundo. Esses conhecimentos são resultado da projeção de um ponto de vista que seleciona no mundo determinados aspectos do referente focalizado. Um ponto de vista é guiado por interesses, objetivos e propósitos que são comuns a todas as pessoas que se reúnem em um grupo. Dessa forma, cada grupo social diferencia-se entre os demais, pois os interesses, objetivos e propósitos são diferentes.

Entendemos que a cognição é definida pelas formas de conhecimentos construídas por cada grupo social. Estas formas de conhecimento é que possibilitam interpretar e pensar os acontecimentos do mundo. O conjunto desses conhecimentos é designado *marco de cognição social* do grupo. Como cada grupo social tem seu próprio marco de cognição social, ocorrem conflitos entre os grupos, dado os interesses, objetivos e propósitos serem diversificados. Contudo, haverá sempre uma unidade imaginária, nessa diversidade de cognições em razão dos discursos públicos institucionalizados que constroem conhecimentos sociais extragrupoais.

A cultura, por sua vez, é definida como um conjunto de valores contidos nas formas de representação do mundo e resultam do vivido e experienciado em sociedade. Silveira (2000) define a cultura como conhecimentos avaliativos que guiam o comportamento das pessoas; esses conhecimentos têm raízes históricas e contemporaneidades distintas, sendo que, em cada contemporaneidade, ao resolver problemas novos, promove-se uma dinâmica nos valores culturais. Em síntese, a

¹ Obra recente de Robert de Beaugrande, *Novos fundamentos para uma ciência do texto e do discurso: cognição, comunidade e liberdade de acesso ao conhecimento e à sociedade*, afirma que a Linguística do Texto é “provavelmente melhor definida como o subdomínio lingüístico de uma ciência transdisciplinar do texto e do discurso” (apud Ingedore Koch, 2002:156).

cultura é um conjunto de valores que guia o comportamento das pessoas e as suas formas de representação de mundo.

Quanto ao discurso, este é entendido como uma prática social convencionalizada que é definida por seus participantes, funções e ações. Cada participante representa um papel social a fim de que a prática discursiva seja realizada de forma sócio-cognitiva-interacional. Todas as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso e atualizada através dos textos. O texto é visto tanto como processo de natureza memorial para construção de sentido, quanto um produto lingüístico que representa em língua as formas de conhecimento que são memoriais e guiadas pela intenção do autor.

O uso da língua, a seu turno, implica a atualização do seu sistema. Nesse sentido, a linguagem poética é entendida como uma enunciação lingüística que ultrapassa o sistema da língua, operando com a atualização sutil de sua potencialidade, uma vez que não se pode tratar do sentido do texto poético negligenciando o que está presente sobre a página (Delas e Filliolet, 1973). Entende-se, ainda, que o uso poético da linguagem pode ocorrer em diferentes discursos e em diferentes tipos de texto.

Em síntese, a pesquisa realizada buscou responder a seguinte pergunta: Cora Coralina, quem é você? Os resultados obtidos da pesquisa realizada estão configurados em capítulos:

Capítulo I – Fundamentação Teórica

O capítulo apresenta uma revisão de autores que tratam da Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação, ainda que haja o privilégio da vertente sócio-cognitiva da Análise Crítica do Discurso;

Capítulo II – Desvendando Cora por Cora

O capítulo reúne os resultados obtidos da análise do texto-base e de seus intertextos escritos pela própria Cora Coralina. Tais resultados estão organizados

por macroepisódios relativos ao espaço e ao tempo de suas representações autobiográficas.

Capítulo III – Desvendando Cora por Outros - autores

O capítulo é composto pelos resultados obtidos da análise de intertextos de Outros - autores (membros da família ou não) apresentados por macroepisódios biográficos de Cora Coralina, de forma a progredir semanticamente a autobiografia construída pela poetisa. Os textos biográficos são complementados com textos opinativos que avaliam o percurso de sua vida.

Capítulo 1

Fundamentação teórica

Nosso objetivo, neste capítulo, é mostrar as implicações dialéticas entre o sujeito individual e o sujeito social por meio das categorias sociedade, cognição e discurso. Será, sobretudo, nesse sentido que focalizaremos o literário na sua manifestação de narrativa memorial como uma prática sociointeracional que decorre da projeção de um ponto de vista que é individual, dado seu caráter de evento discursivo particular, mas que também é social, já que o sujeito discursivo se apresenta orientado por objetivos, interesses e propósitos que o levam a se identificar com um determinado grupo social.

1.1 Subjetividade

Desde os pensadores gregos, a subjetividade é algo que se impõe como tema para que o homem possa compreender a si mesmo e o mundo em que vive. Tal como a vivenciamos, a subjetividade é constituída de antagonismos: identidade-alteridade, interioridade-exterioridade, consciência-inconsciência, poder-sujeição. Vista dessa forma, a subjetividade engloba todas as particularidades imanentes à condição de “ser”, o que envolve capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais.

Normalmente, o sujeito é entendido como indivíduo/pessoa e, sob essa configuração, apresenta uma complexa unidade que envolve as instâncias *natureza* e *cultura*. Por essa razão, para além de suas capacidades biológicas e psicológicas, apresenta também a capacidade para transformar o meio em que vive pelo *trabalho* e pela *linguagem*. Pelo trabalho, age sobre o mundo conforme os ditames da razão, mas apenas por ele não ocupa a centralidade formativa da subjetividade. Pela

linguagem, ordena o caos e dá expressão à consciência, de modo a possibilitar a elaboração de estratégias interativas entre os sujeitos. Daí HABERMAS (1990) concluir que a linguagem é em si uma categoria pragmática privilegiada, onde

... o paradigma da comunicação, em substituição ao da produção..., caracteriza um desdobramento da intuição segundo a qual o thelos (o fim último) do entendimento habita na linguagem (p.77)

1.1.1 Subjetividade e linguagem

Falar de linguagem é outra forma de falar do sujeito, uma vez que a linguagem ensina a própria definição de homem e o homem só se inscreve no mundo, quando adquire seu status de sujeito. Como diz BENVENISTE (2005, p.85), *é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.*

O sujeito passa a ser o centro dos estudos de Benveniste, porque, ao abordar a enunciação, a presença da subjetividade torna-se inevitável. Para esse autor, a subjetividade é a capacidade que o locutor possui para se propor como sujeito. Tal proposição tem como condição a linguagem: *É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só na linguagem fundamenta a realidade, na sua realidade que é a do ser...* (idem, p 286).

Dessa forma, a linguagem é o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e, portanto, como sujeito a partir da sua relação com o *outro*. Para esse teórico, a categoria de pessoa é essencial para a constituição do discurso, de modo que o fundamento da subjetividade encontra-se no fato de o *eu* enunciar-se (idem, ibidem). O sujeito de Benveniste é o sujeito da enunciação, aquele que é responsável pelo sentido do enunciado, pois é ele quem decide o que vai falar e como vai falar. Para esse lingüista, o espaço lingüístico do sujeito,

ordena-se a partir do hic, ou seja, no lugar do ego, evidentemente, ele não é nem uma posição fixa, nem um movimento que se efetua sobre uma dada dimensão do espaço, porque os admite todos e não determina nenhum. É reinventado cada vez que alguém toma a palavra, porque, em cada ato enunciativo, temos um espaço novo, ainda não habitado por ninguém. (BENVENISTE, ibidem)

A noção de enunciação está associada à subjetividade, onde um “eu” locutor se apropria da língua com a intenção de manter relação com o mundo, por meio de um ato individual e, ao fazê-lo, instaura o outro diante de si, independente do grau de presença desse outro. A enunciação, para Benveniste, é a relação discursiva entre um locutor e seu parceiro, real, imaginário ou coletivo. Essas condições iniciais vão reger todo mecanismo de referência no processo de enunciação, porque toda enunciação é um ato explícito ou implícito de alocação, uma vez que instaura um alocutário. Como diz Benveniste (ibidem), *a linguagem põe e supõe o outro.*

A referência, para o autor, é parte integrante da enunciação. Ao enunciar, instaura-se um “eu” em oposição a um “tu” a quem o “eu” se dirige. A presença desse “eu” na enunciação torna cada instância do discurso um centro de referência interno. Temos ainda outra oposição: pessoa (eu/tu) x não-pessoa (ele). “Ele” designa aquilo que está fora da relação eu/tu, caracterizando outro tipo de referência discursiva. As referências propostas pelo autor seriam: Eu/tu (categoria de pessoa – referência dêitica) e Ele (categoria não-pessoa – referência não dêitica).

1.1.2 Dêixis e referenciação

O termo *dêixis* é grego e inicialmente era utilizado como designação metalingüística pelos gramáticos gregos. Em uma acepção etimológica, *dêixis* remete a uma ação verbal de mostrar, indicar, apontar para um elemento do contexto evidente pela sua proximidade (por exemplo: “pegue este”). Essa noção seria utilizada pelos gramáticos latinos como *demonstrativos*.

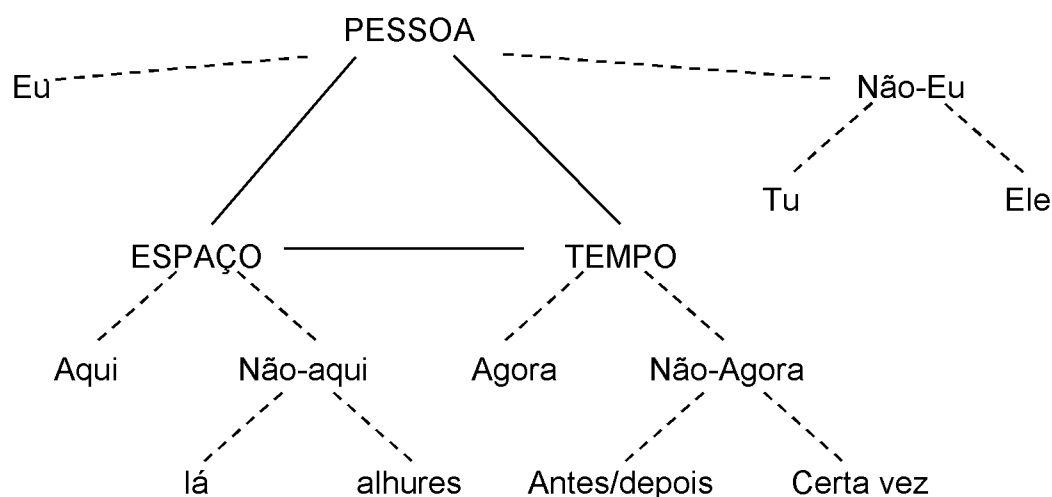
BÜHLER (1990) utiliza a noção de dêixis como um fenômeno fundamental da linguagem. Em sua teoria, aplica dois conceitos para explicar o funcionamento da ação verbal de indicar: *campo de indicação* e *marco de referência egocêntrico*. Indicar um objeto verbalmente corresponde a *localizar* esse objeto no interior de um campo de indicação que se delinea em volta de um centro constituído pelo sujeito e por suas coordenadas espaço-temporais (hic-nunc). Esse campo de indicação não é de natureza física, mas lingüística, uma vez que só pode ser gerado a partir de quem fala. A partir da noção de *campo de indicação*, Bühler postula a existência de um *campo de indicação situacional*, *campo de indicação textual* e *campo de indicação imaginário*. O termo *dêixis* é ampliado e, de demonstração, passa a qualificar referenciação (ato de referir).

Na teoria de Benveniste, “eu” e “tu” são utilizados como termos técnicos: não indicam a individualidade de alguém, mas seu estatuto de participante em uma ação verbal. As dêixis são referências internas que apontam para os participantes do discurso, locutor e alocutário, em um dado lugar (espaço) em um determinado tempo. As referencializações de pessoa/espaço/tempo são dêixis de referencialização internas do discurso. O autor postula os dêiticos como signos vazios que se tornam plenos apenas no momento da enunciação. Os dêiticos (eu/tu e expressões equivalentes) são desprovidos de carga semântica, são apenas referenciais e têm por função indicar os participantes do discurso, atualizando-se a cada enunciação. O pronome “ele”, por não estar relacionado à instância do discurso e por remeter a uma situação objetiva, não se atualiza na enunciação. “Ele” remete sempre a um conceito ou a um indivíduo e, por isso, não é considerado por Benveniste como dêitico.

1.2 Enunciação

A noção de subjetividade na linguagem é revista e ampliada por KERBRAT-ORECCHIONI (1986). Em relação aos dêiticos, estes são entendidos como unidades lingüísticas cujo funcionamento *semântico-referencial* (seleção na codificação, interpretação na decodificação) implica considerar alguns dos elementos constitutivos da situação de comunicação, como o papel que desempenham os actantes do enunciado no processo da enunciação e a situação espaço-temporal do locutor e, eventualmente, do alocutário.

Sua definição de dêitico se contrapõe à de Benveniste, na medida em que considera um valor semântico para os dêiticos. Para a autora, o que varia são os referentes da unidade dêitica e não seu sentido semântico-referencial. Ou seja, os pronomes “eu” e “tu” permanecem tão constantes quando o pronome “ele”. PARRET (*apud* BRANDÃO, 1998) denomina a relação pessoa/espaço/tempo como triângulo dêitico, esquematizado da seguinte forma:



A inscrição da subjetividade é constituída primeiramente pela ancoragem pronominal, de modo que a linguagem organiza outros indicadores dêiticos ao seu redor. Advérbios e expressões adverbiais podem, por exemplo, estabelecer as

relações espaciais e temporais ao redor do sujeito tomado como ponto de referência.

A presença de marcadores de subjetividade é ampliada por KERBRAT-ORECCHIONI (idem), que introduz a noção de *subjetivemas*, - traços de subjetividade ([afetivo], [axiológico] e [modalizador]) de uma palavra. Assim, a relação entre objetividade e subjetividade não é dicotômica, mas gradual. Esses traços podem ser observados, em um enunciado, nas principais classes de palavras (substantivos, verbos, adjetivos e advérbios). Em relação aos substantivos afetivos e axiológicos, a autora demonstra que esses são derivados de verbos e adjetivos, como, por exemplo, *amor*, *acusação* e *beleza* no lugar de *amar*, *acusar* e *belo*. Os substantivos não derivados podem ser caracterizados como *axiológicos* (desvalorizantes / valorizantes).

Quanto aos adjetivos, a autora os divide em objetivos e subjetivos, estes em afetivos e avaliativos e, ainda, em axiológicos e não axiológicos. Os adjetivos afetivos enunciam a reação emocional de quem fala; os adjetivos avaliativos não axiológicos implicam uma avaliação quantitativa e qualitativa do objeto sem julgamento de valor ou engajamento afetivo; os adjetivos avaliativos axiológicos acrescentam um julgamento de valor, positivo ou negativo, ao objeto e são duplamente subjetivos porque seu uso varia de acordo com a natureza particular do sujeito da enunciação e manifestam uma tomada de posição favorável ou contrária ao objeto denotado.

Em alguns verbos, de acordo com Kerbrat-Orecchioni, a subjetividade está marcada de forma mais clara, como o verbo *gostar*. Contudo, a análise da subjetividade em verbos é mais difícil de ser realizada, uma vez que, em relação aos substantivos e adjetivos, os valores avaliativos estão a cargo do sujeito falante. Os verbos podem ser classificados em:

- a) ocasionalmente subjetivos – verbos que implicam uma avaliação: a) do objeto do processo; b) por parte do agente do processo; c) em termos de bom/mal

ou verdadeiro/falso (verbos de sentimento – favorável / desfavorável); de avaliação (sempre por parte do agente do processo – apreensão perceptiva). Esses verbos podem ser ainda denominados: a) verbos modalizadores ou modificantes; b) verbos avaliativos de atitude proposicional.

- b) intrinsecamente subjetivos - implicam uma avaliação cuja fonte sempre é o sujeito da enunciação: a) avaliação do tipo bom/mal (intrinsecamente axiológicos); b) avaliação do tipo verdadeiro/falso/incerto (intrinsecamente modalizantes – verbos de julgar, de dizer, verbos de opinião)

Quanto aos advérbios, a autora afirma que esses oferecem exemplos de todos os tipos de unidades analisadas anteriormente, ou seja, podem ser afetivos e avaliativos, axiológicos ou não; embora os moralizadores se apresentem de forma maciça. Os modalizadores podem ser subdivididos em:

- a) modalidades de enunciado frente a modalidades de enunciação: modalidade de enunciação (remete ao sujeito falante); modalidade de enunciado (remete ao sujeito do enunciado, eventualmente confundido com o sujeito da enunciação);
- b) modalizadores que implicam juízo de verdade (quiçá, provavelmente, sem dúvida, certamente, etc.) frente àqueles que implicam juízo sobre a realidade.

A teoria da enunciação proposta por Kerbrat-Orecchioni tem por objetivo demonstrar que a presença do sujeito em um texto não está limitada à presença de pronomes, tempos verbais ou advérbios de espaço e tempo. Existe um leque de possibilidades lingüísticas por meio do qual o sujeito pode marcar sua presença. Para a autora, não existe texto objetivo em si, sendo a objetividade o resultado de um apagamento de marcas de subjetividade. O que determina a emergência ou não do sujeito, bem como sua a caracterização dessa emergência, frente ao enunciado é a situação de enunciação na qual se encontra, o número e natureza dos actantes da interlocução,

o *status* do locutor e do alocutário, o conjunto de escolhas lingüísticas e organização do material verbal.

1.2.1 Polifonia

O termo *polifonia* foi utilizado por BAKHTIN (2005) para caracterizar a presença da “voz” do outro em um enunciado. O pensador russo postula que todo enunciado é uma resposta a um enunciado anterior, de modo que todo enunciado mantém uma relação *dialógica* com enunciados anteriores e posteriores. Cada enunciado é um elo em uma cadeia ininterrupta de enunciados e teria sua origem no *Adão mítico*, ou seja, é impossível precisar o início dessa corrente, bem como é impossível prever seu fim. A polifonia de Bakhtin está associada a contradições instauradas em um dado enunciado por meio de *vozes polêmicas*. De acordo com BRAIT (2000), um texto irônico é sempre polifônico, mas um artigo de opinião não é polifônico porque há uma voz dominante, não há polêmica.

Baseado nas reflexões de Bakhtin, DUCROT (1987) insere a noção de polifonia na Lingüística com a finalidade de demonstrar a presença dessas vozes nos enunciados produzidos. Para o teórico, o enunciado traz consigo uma qualificação da enunciação. Uma manifestação do *hic et nunc* do discurso que, por sua vez, é constituído por uma seqüência linear de enunciados em que o sujeito faz escolhas *relativamente autônomas* em relação a outros possíveis enunciados. A *autonomia relativa* de um enunciado é constituída pela satisfação simultânea de duas condições: coesão (quando um segmento é determinado pelo conjunto – totalidade da mensagem) e independência (quando um segmento não é determinado pelo conjunto).

DUCROT (ibidem) dá um exemplo: na frase “Coma para viver” o sujeito tem o propósito de recomendar o controle do impulso de comer para uma pessoa gulosa, a palavra “Coma” não constitui um enunciado, pois é escolhida para dar o sentido

global da frase / enunciado. Se a mesma frase é utilizada com a intenção de instruir uma pessoa doente a quem falta o apetite, a palavra “Coma” pode ser entendida como um enunciado e a seqüência “para viver”, um segundo enunciado que atua de forma a reforçar argumentativamente o primeiro. No primeiro caso, a palavra “coma” depende da seqüência para produzir o sentido global de instrução. No segundo caso, a mesma palavra é independente da seqüência, já que por si só constitui o propósito instrucional para a situação dada.

Essa diferenciação é utilizada para embasar a distinção entre significado e sentido. Em linhas gerais, o significado está no nível da frase, enquanto o sentido está no nível do enunciado, resultado da enunciação - momento único e irrepitível de produção do enunciado. O significado é um conjunto de instruções dadas ao interpretante que especificam que manobras realizar para atribuir um sentido a um enunciado, levando em conta a situação do discurso.

Ao refletir sobre a responsabilidade de um enunciado, Ducrot introduz sua teoria da polifonia. Em primeiro lugar, o autor distingue *sujeito falante* de *locutor*. O primeiro corresponde a um ser empírico, enquanto o segundo é designado como *ser do discurso*. O locutor ainda pode ser dividido em *locutor enquanto tal* (L) de *locutor enquanto ser do mundo* (λ). O primeiro é o responsável pela enunciação, enquanto o segundo é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado (p.188). L e λ são seres do discurso e não devem ser confundidos com o *sujeito falante*, que é uma representação externa, autor empírico do enunciado. Um exemplo da relação L e λ está no auto-elogio: L ganha a benevolência do público ao humilhar λ .

Ducrot ainda faz distinção entre locutor e enunciador, sendo este responsável pelo ponto de vista, posição ou atitude do enunciado. O autor define o enunciador como “sujeito dos atos ilocucionários elementares”. Contudo, locutor e enunciador não se correspondem necessariamente. Para ilustrar tal fato, Ducrot utiliza o exemplo da ironia, onde o enunciador é assimilado ao alocutário (exceção feita à auto-ironia,

onde o locutor L é o enunciador (E) que ironia I locutor λ). Essas considerações endossam a teoria da polifonia, uma vez que o sujeito falante pode enunciar a fala de vários locutores e enunciadores, ou seja, o locutor é o responsável pela enunciação, mas pode não equivaler ao enunciador. Por exemplo: “Está chovendo, mas vou sair” pode ser representado da seguinte forma:

L - responsável pela enunciação;

E1 – Está chovendo [logo não se deve sair com chuva];

E2 – mas (eu) vou sair [logo, a chuva não vai me impedir de sair].

Nesse exemplo, o locutor apresenta dois enunciadores (E1 e E2), cada um responsável pelo sentido de seus respectivos enunciados. A E1 é atribuído um enunciador genérico, uma *voz pública* responsável pelo sentido do enunciado e adere ao segundo.

A polifonia, portanto, pode ser entendida como a incorporação que um locutor realiza em seu discurso de asserções atribuídas a outras vozes, que podem ser a presença de outros locutores, no caso do discurso relatado, ou diferentes enunciadores, responsáveis por diferentes pontos de vista. Essa presença do *outro* pode ser percebida por meio de aspas, discurso relatado (indireto e direto) ou presença de operadores argumentativos.

1.3 O processamento cognitivo do discurso

Segundo KINSTCH & Van DIJK (1983), o primeiro aspecto do processamento cognitivo do discurso é sua natureza predominantemente semântica, pois, para que haja compreensão de um texto, é preciso fundamentalmente que o usuário da língua (ouvinte/leitor) atribua uma estrutura semântica às suas unidades. Uma representação conceptual ou semântica do texto parte da estrutural superficial (morfológica e sintática) que é traduzida e transformada em significados,

“conceptos”. O processo cognitivo de compreensão conceptual se dá em várias fases subseqüentes e em vários níveis. A função da memória nesse processo é crucial. Na memória de trabalho é que se analisa e interpreta toda a informação que entra através de nossos sentidos, portanto, é nessa memória que analisamos seqüências de sons como fonemas, morfemas e estruturas sintáticas às quais atribuímos significados conceptuais. Mas, diferente da interpretação como vê a gramática, a compreensão real nos processos interpretativos pode ocorrer em uma ordem que varia estrategicamente. Daí se poder dizer que nosso conhecimento ou nossas expectativas acerca do significado de uma palavra, frase ou oração podem determinar sua análise sintática.

Para KINTSCH & van DIJK (ibidem), a compreensão de qualquer discurso é requisito geral para que haja coerência. Isso significa que as orações devem estar semanticamente conectadas. Para fazer isso, devemos considerar que as proposições subjacentes de uma oração anterior estão disponíveis num armazém temporário na memória de trabalho, para que possam ser relacionadas às proposições da oração que se interpreta. Segundo o autor, devemos assumir que proposições subjacentes de uma oração estão disponíveis na memória de trabalho para que se possa relacioná-la com as proposições da oração que se interpreta. A memória de trabalho processa informações e vai gerando proposições. A proposição ou proposições selecionadas permanecem provisoriamente a fim de assegurar a coerência semântica no curso da leitura.

Na compreensão do discurso também se dá um processo de interpretação global, necessária para que o leitor/ouvinte possa estabelecer o tema, o assunto ou a essência de um texto ou de um fragmento. Isso quer dizer que, quando está lendo ou compreendendo uma seqüência de orações no texto, o leitor sabe, ou intenta saber de que trata a seqüência por meio de suas macroestruturas semânticas, que também são seqüências de proposições, mas em outro nível de interpretação. Assim, podemos representar em um nível global o conteúdo semântico de uma narrativa acerca de uma declaração como: “Parti em busca do meu destino e me

nasceram os filhos”. Somos capazes de fazer isso por meio de uma série de operações semânticas específicas que se chamam macrorregras, que organizam e reduzem a informação completa das proposições de um texto e nos permitem reduzir milhares de proposições a umas poucas macroproposições. As macrorregras funcionam da seguinte maneira: suprimem-se as proposições que são irrelevantes a partir de uma dada proposição. Cria-se uma proposição mais geral (com a ajuda de um superconcepto, por exemplo, “mãe”, em lugar de menina, moça, mulher, etc.). Uma macrorregra tentará juntar uma informação proposicional que represente os distintos aspectos do acontecimento de um episódio socialmente reconhecido. Substituir as distintas proposições por uma proposição que represente o episódio em sua totalidade, como, por exemplo, “ser mãe” para todas as proposições que descrevem as distintas ações de ser mãe. Isso envolve certo conhecimento de mundo; saber coisas, como ser mãe, envolve ter se relacionado sexualmente com um homem, ter ficado grávida, ter dado à luz, cuidar dos filhos, etc. Se não tivermos esses conhecimentos, não saberemos sequer qual é o episódio global representado e, por conseguinte, não poderemos construir uma macroproposição.

No processamento cognitivo, a formação de macroproposições, mediante a aplicação de diversas macrorregras, se dá na Memória de longo prazo (MLP)² ao mesmo tempo em que interpretamos as orações de um texto. Isso quer dizer que, com freqüência, poderemos conectar *localmente* essas orações, só se soubermos qual é o assunto global do texto ou fragmento. Em outras palavras, as macroproposições só podem formar-se sobre a base de nosso conhecimento, isso quer dizer que a memória de trabalho contém, pelo menos momentaneamente, proposições que foram ativadas desses conhecimentos que são armazenados na MLP. Mesmo para a conexão local das orações, necessitamos, com freqüência, do conhecimento de mundo para estabelecer coerência.

² A MLP compreende dois armazéns: um social e um individual. O armazém social compreende um conjunto de representações mentais, formas de conhecimento construídas em sociedade. Há, pelo menos, três grandes armazéns sociais que se alocam na memória de longo prazo: conhecimentos de língua, conhecimentos de mundo e conhecimentos interacionais. Os conhecimentos individuais são construídos a partir de experiências pessoais com o mundo e estão armazenadas na memória de longo prazo e é também chamada de memória episódica.

O conhecimento de mundo é volumoso, de maneira que, para utilizá-lo efetivamente, devemos supor que se encontre organizado em sistemas de conhecimentos. Van DIJK (1983), apoiado na teoria dos esquemas, apresenta cada conhecimento organizado por um esquema, que compreende um *script* e um *frame*. O *script* ordena as proposições representativas de um fato de mundo e o *frame*, o sentido mais global atribuído a elas.

Van DIJK (1997), ao tratar dos conhecimentos sociais da MLP, rotula-os de *marcos de cognições sociais*. Cada grupo social tem o seu próprio conjunto de cognição social. Tal marco cognitivo permite interpretar corretamente os acontecimentos, derivar as expectativas necessárias sobre o que sucede ou poderá suceder e compreender discursos acerca de tais episódios. Dessa forma, em última análise, um texto se torna compreensível, se entendemos quais fatos expressos (explícitos ou implícitos) pelo texto podem juntar-se segundo nosso conhecimento de mundo. Todos os processos cognitivos relacionados à compreensão do discurso se baseiam em ativar partes dos sistemas de conhecimento armazenados ordenadamente na MLP.

Além da interpretação semântica local e global de seqüências de oração textuais, o leitor também tratará de assegurar as chamadas superestruturas esquemáticas. Exemplos dessas estruturas são as estruturas narrativas da história, que apresentam uma hierarquia de categorias esquemáticas, por exemplo, apresentação, conflito e resolução, que são independentes da estrutura semântica do texto. Só há alguns limites semânticos para as diversas categorias esquemáticas. Tais limites funcionam no nível global de macroestruturas. Por exemplo, uma resolução pode requerer um fragmento como a *totalidade*, ou seja, que uma macroproposição denote uma ação específica. Assim, no processo de leitura e compreensão, o leitor utiliza os esquemas textuais com a finalidade de organizar a macroestrutura do texto. A leitura e compreensão, em distintos níveis, implicam basicamente a atribuição de distintas estruturas. Ao entrar a informação na memória de curto prazo, que é sensorial, o *chunk*, que é a capacidade de memória, quando cheia, impede a entrada de novas informações. Por essa razão, o *chunk* precisa ser

esvaziado. Esvaziar o *chunk* implica levar a informação para a memória de trabalho. Esta transforma as orações lingüísticas em proposições, que são unidades semânticas. Recursivamente, a memória de trabalho expande a informação entrada por inferência e explicitações de implícitos, ao mesmo tempo em que reduz o número de proposições em macroproposições (sentidos mais globais).

Por último, organizamos a(s) macroestrutura(s), quer dizer, os temas ou assuntos do texto, não apenas mediante as ligações usuais de coerência linear, mas também segundo uma superestrutura esquemática convencionalmente conhecida pelos usuários da língua de uma comunidade socioculturalmente determinada. Tais ligações entre proposições não apenas funcionam para a informação do texto mesmo, mas também para informações que já estavam armazenadas na memória, provenientes de interpretação do contexto comunicativo. Por isso, quando lemos no texto “Semente e fruto”, de Cora Coralina, “Parti em busca do meu destino e me nasceram os filhos”, a informação recolhida do texto também está ligada, como temos visto, a nosso conhecimento geral sobre concepção, nascimento de filhos, assim como destino, trajeto de vida, além dos nossos interesses, opiniões, atitudes frente a esse tipo de informação.

Esse estado cognitivo do leitor no qual todos esses fatores desempenham uma função na compreensão e no armazenamento da informação que entra em um determinado momento denomina-se “conjunto cognitivo” do usuário da língua, variável no que se refere ao contexto em dois aspectos: a) situações diferentes convocam diferentes conhecimentos, opiniões, necessidades, atitudes, etc., e isso afeta as maneiras como se compreende a informação e as liga a outra informação na memória; b) distintos leitores têm um conjunto cognitivo diferente. Isso quer dizer que há variações nos modos como os leitores compreendem e armazenam o mesmo texto, ainda que na interação comunicativa haja uma unidade convencional mínima entre as possíveis interpretações, do contrário não poderia haver comunicação. De acordo com o conjunto cognitivo, os leitores podem construir

diferentes macroestruturas, quer dizer, atribuir diferentes temas e assuntos a um texto. O que é relevante para um leitor pode não ser para outro.

1.3.1 Sociedade, cognição e discurso

As categorias analíticas propostas por van DIJK (1997) são cognição, sociedade e discurso. Há inter-relação entre elas, de forma que uma se define pela outra. Para CASTORÍADIS (1982), os atos individuais ou coletivos não são concebidos fora de uma rede simbólica e os sistemas de interpretação constituem de fato as redes de construção do mundo, posto que as “coisas” se tornam tais em quadros específicos de interpretação. Dessa forma, é a instituição da sociedade, suas relações e suas significações em limites precisos de interpretação, que determinam o que é real e ilusório, o que é natural ou não, o que tem sentido ou não.

A racionalidade é uma característica inerente ao homem, mas a totalidade das suas experiências o coloca mais bem caracterizado como um animal simbólico (CASSIRER, 1994). Como animal simbólico, o homem não enfrenta a realidade diretamente. Isso ocorre, porque a rede simbólica da sua experiência humana é tecida por vários fios que se entrecruzam em representações. São as experiências armazenadas na memória que reconstróem continuamente essas experiências, dando-lhes significação, sendo a imaginação também atuante neste processo. Para CASTORÍADIS (ibidem), a imaginação é “a capacidade de apresentar como real aquilo que não é”. Assim,

.. toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo. Sua própria identidade não é nada mais que este ‘sistema de interpretação’, este mundo que ela cria. (p. 226-227)

PESAVENTO (1995, p.16) define sociedade como *unidade imaginária que se expressa simbolicamente por um sistema de idéias-imagens que constituem a representação do real*, Considerando essa noção, não são os sujeitos físicos nem os lugares em que estão inscritos na sociedade que funcionam no discurso, mas imagens resultantes de projeções através das quais se torna possível passar das situações empíricas para as posições do sujeito no discurso. Para LÉVI-STRAUSS (1976), são nas estruturas sociais que se manifestam os modelos explicativos construídos a partir da existência das relações sociais que podem ser observadas numa determinada sociedade. Tais modelos se constroem mentalmente, intermediados pela linguagem que é carregada de simbolismos socialmente construídos tanto cultural quanto ideologicamente. Esses modelos são o que denominamos de representações sociais.

1.3.2 Conhecimento social e discurso

Entendemos a sociedade como um conjunto de grupos sociais e cada grupo social como uma reunião de pessoas que têm objetivos, interesses e propósitos comuns, pois focalizam o mundo a partir do mesmo ponto de vista. A cognição é vista como um conjunto de conhecimentos construídos em decorrência de um certo ponto de vista. O conjunto desses conhecimentos é designado *marco de cognição social*. Cada grupo tem o seu marco de cognição e, por isso, os grupos sociais estão em constante conflito. Todavia, há discursos públicos institucionalizados que são impostos pelo poder institucional a diferentes grupos sociais, de modo a produzir formas de conhecimento extragrupal.

A Análise Crítica do Discurso com vertente sociocognitiva postula que as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso. Segundo essa vertente, o discurso se define como uma prática convencionalizada socialmente para a interação sociocognitiva das pessoas. Cada uma dessas práticas define-se pelos seus participantes, funções e ações. Cada grupo social convencionou certas práticas

sociais e outras não. Contudo, haverá sempre uma unidade nessa diversidade em razão dos discursos institucionalizados. Discurso institucionalizado é um termo geral para uma grande variedade de gêneros discursivos que compartilham um conjunto de fatores e traços restritivos ligados à transmissão de conhecimentos e valores simbólicos acumulados culturalmente.

Como essa realidade é compartilhada intersubjetivamente por meio da linguagem que a interpreta apoiada nos campos da significação culturalmente aceita na sociedade, mesmo que haja diversidade entre grupos, mantém-se a unidade na estrutura social. A estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana, pois é por intermédio da sociedade, da interação e das relações pessoais que o indivíduo encontra a expressão de sua subjetividade. Mas é no compartilhar da intersubjetividade que o indivíduo adquire a certeza da realidade vivida e experienciada que diferencia a realidade da vida cotidiana de outras realidades de que tem consciência, passando a ser considerada uma atitude natural, ou seja, aquela que é compartilhada pela consciência do senso comum, porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. Assim, mesmo que haja conflitos intergrupais em razão da diversidade de representações, haverá sempre uma unidade nessa diversidade em razão dos discursos institucionalizados.

1.3.3 Unidade e diversidade: uma dialética necessária

As representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas que nos permitem interpretar e pensar os acontecimentos do mundo. Formam um conjunto de conhecimentos de senso comum, socialmente elaborado e compartilhado, constituído a partir de nossas experiências, informações a que temos acesso e modelos de pensamento recebidos e transmitidos em nossa sociedade (van DIJK, idem).

Na sociedade, cada grupo se define pelas suas crenças e valores que tendem a serem múltiplos. Como uma sociedade é constituída por diversos grupos sociais, é natural que haja conflitos intergrupais, em razão dessa diversidade de representações. Assim, “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER & LUCKMANN, 1998).

É pelo exercício da interação que o indivíduo adquire a certeza da realidade vivida e diferencia a realidade da vida cotidiana de outras realidades de que tem consciência. Dessa forma, torna-se natural a consciência do senso comum, porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. Mesmo que haja conflitos intergrupais em razão da diversidade, haverá sempre uma unidade nessa diversidade mantida em razão daquilo que é comum, institucionalizado. Nesse sentido, a linguagem apresenta-se imprescindível no processo de institucionalização, pois é ela que:

..assegura a superposição fundamental da lógica sobre o mundo social objetivado. O edifício das legitimações é construído sobre a linguagem e usa-a como seu principal instrumento. Assim, a 'lógica' atribuída à ordem institucional faz parte do acervo socialmente disponível do conhecimento, tomado como natural e certo (BERGER e LUCKMANN, 1998: p. 92).

As representações sociais que se originam a partir da realidade da vida cotidiana possibilitam que as instituições possam ser tratadas e (re)conhecidas pela sociedade, porque a realidade da vida cotidiana apresenta-se como “a realidade por excelência”, já que, sendo decorrente das relações que o ser humano mantém no dia-a-dia com o mundo, possui um caráter predominantemente impositivo para a consciência.

Assim, o indivíduo vive diariamente num estado total de atenção, que lhe permite apreender o dia-a-dia de forma normal e natural. É no cotidiano que as representações circulam, permitindo a ação do homem no mundo. Essas representações decorrem sempre de uma focalização, a partir da qual o indivíduo

apreende o mundo. Qualquer conhecimento do mundo implica uma construção de sentido, pois as coisas não se apresentam de forma imediata, natural e objetiva. No mundo humano, é sempre um sentido que transforma os elementos em objetos carregados de significado cultural. Desse modo, o sentido reflete o mundo como se fosse uma rede de significados culturais por meio dos quais se compreende e transforma a realidade.

Embora a consciência se encontre indissoluvelmente ligada às condições materiais de existência e as idéias sejam originárias dessa atividade material, isso não significa que os homens venham a representar nessas idéias a mesma realidade, pois o que representam, na verdade, é o modo como essa realidade lhes aparece na experiência imediata. Nesse sentido, as práticas discursivas apresentam efeitos ideológicos, na medida em que as representações se dão a partir do modo como a realidade se apresenta ao indivíduo. Por essa razão, pode-se dizer que os conhecimentos que circulam socialmente são decorrentes da projeção de pontos de vistas a partir dos quais se capta o referente do mundo para criar os estados de coisas, tematizando-os. Nas palavras de SILVEIRA (2000), o ponto de vista é projetado a partir de objetivos, interesses e propósitos que podem ser tanto individuais quanto sociais, embora o social guie o individual e este modifique aquele.

1.3.4 Conhecimento avaliativo: crenças e opiniões

De modo geral, há dois tipos de conhecimento: avaliativo e epistêmico. O primeiro, por ser avaliativo, não é constatável no mundo factual em termos de verdade/falsidade. Daí ser representado a partir da valoração positivo/negativo. O segundo, embora resulte da observação do mundo factual, já que é passível de ser observado em termos de verdade/falsidade, da mesma forma é valorativo, pois, quando alguém observa algo sobre o mundo factual, o faz a partir do ponto de vista de onde vê. Partindo desse raciocínio, van DIJK (2000) compreende que qualquer forma de conhecimento é avaliativa e como tal é resultado de opinião. O autor define

opinião como uma forma de conhecimento adquirida e utilizada socialmente no e pelo discurso, que pressupõe uma representação mental já armazenada na memória de longo prazo, a fim de que, pelo processo recursivo, a memória de trabalho possa construir sentido.

1.3.5 Criatividade e mudança

As determinações sociais permeadas pelas crenças presentes nos conhecimentos acumulados e armazenados na memória de longo prazo e a consciência das condições e conseqüências de seus atos colocam o indivíduo numa dupla posição: por um lado, é movido pelas determinações sociais; por outro, pode decidir-se, por um *ato criativo*, a romper com padrões pré-estabelecidos pelas forças sociais. É o caso de alguém que idealiza algo (a quem, geralmente outros se agregam) e viabiliza espaços de ações. Quando isso acontece, vê-se a possibilidade de o “individual” modificar o “social” e um novo estado de coisas ser estabelecido.

Esse processo dialético, no qual indivíduo e sociedade são ao mesmo tempo construtores e produtos de uma mesma relação, é instituído e mediado pelo discurso. Daí o discurso ser estrutura e prática. Como estrutura, envolve processos e representações mentais (conhecimentos). Como prática (interação), pressupõe a interação onde deve haver a deliberação para agir, o que envolve tanto o ato praticado quanto a interação estabelecida ao fazê-lo. Daí, a prática de se definir por situações e condições que determinam a sua produção.

A estrutura social define-se por um conjunto de papéis e o seu funcionamento, pela interação entre esses papéis. As pessoas escolhem os papéis que querem representar e outros com os quais há interação. Com essa escolha, as pessoas constroem para si identidades sociais (cf. BAZILLI *et al.*, 1998).

1.4 Discurso: prática social e cultural

No dizer de Bakhtin, é por meio do enunciado que a interação verbal é realizada como fenômeno social, entendida como todas as formas de diálogo, ou seja, ações de linguagem que podem ser resumidas sob o termo discurso, oral ou escrito. O autor acrescenta que *a fala está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão ligadas às estruturas sociais* (BAKHTIN, 2003: p. 14).

As práticas discursivas têm grandes efeitos ideológicos. Pelo modo como representam a realidade e posicionam os sujeitos, podem ajudar a produzir e a reproduzir relações de poder desiguais. As questões de poder e ideologia se associam ao discurso, porque este é uma prática social e, como tal, estabelece uma relação dialética com a estrutura social. Dito de outra forma, a estrutura social é uma condição para a existência do discurso, mas é também o efeito de tal existência. Visto assim, o discurso como prática social é também cultural, pois

... os usuários da língua realizam atos sociais e participam da interação social por meio da conversação e de outras formas de diálogo. Essas interações, por sua vez, são realizadas em diversos contextos sociais e culturais, tais como reuniões com amigos, ou profissional ou nos encontros institucionais... (SILVEIRA, 2000)³

O fazer discursivo só pode ser compreendido a partir das relações que se configuram em práticas sociais, que são produzidas a partir de um determinado lugar, mas, também, ancoradas num dado momento, porque a forma de o homem conceber o mundo está relacionada ao modo de vida da sociedade e isso implica “permanências” e “transformações” oriundas das relações que o homem estabelece com a natureza e com os outros homens. Daí o discurso adquirir seu caráter *histórico e ideológico* da mesma forma como o sujeito.

³ A autora salienta que focalizar o discurso como ação social não exclui o interesse pela estrutura, pelo contrário, o analista se interessa pela ordem e organização do discurso, mas entende que a utilização discursiva da linguagem não se limita apenas a uma série ordenada de palavras, frases, orações, proposições. Antes tem a ver com atos mutuamente relacionados.

No discurso, o uso da língua veicula a cultura da sociedade e dos grupos. Entendemos cultura como conjunto de normas, tradições e crenças, formas de conhecimentos avaliativos. De acordo com a cultura o sujeito vai construindo sua subjetividade. Isso porque, ao nascermos, somos objetos de cuidado daqueles que aqui já se encontram, antes mesmo de pensarmos ser sujeitos. Devagar, vamos aprendendo a viver, sociabilizando-nos, mas nossa independência e autonomia permanecem sempre relativas.

Nesse processo de “aprender a viver”, aprendemos uma língua, incorporamos padrões de comportamento e valores. Aprendemos a reconhecer o que é belo, o que é feio, o que é bom e o que é ruim, o que podemos ou não “fazer” ou “dizer”. Somos, enfim, formados de acordo com referências e códigos de uma dada cultura.

Nessa cultura, os sentidos são determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas da mesma forma como o sujeito. As palavras mudam de sentido de acordo com a posição daqueles que as empregam (ORLANDI, 1999). São as posições que os sujeitos ocupam que evidenciam as regras de formação discursiva responsáveis por regular o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve dizer (COURTINE, 1982)⁴.

1.4.1 Discurso e representação

O que o sujeito fala sempre compreende um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social, ligado a práticas sociais, porque, como diz Orlandi, são essas práticas que organizam a história, tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não o tempo cronológico. A forma de o homem

⁴ Nesta perspectiva, o silêncio, que também é uma prática, significa, como diz Kristeva (1988, p. 14), que “todas as práticas humanas são tipos de linguagem visto que têm função de demarcar, de significar, de comunicar”.

conceber o mundo está relacionada ao modo de vida da sociedade, e as transformações da sociedade estão associadas às relações que o homem estabelece com a natureza e com os outros homens. Dessa interação, resultam os fatos, os acontecimentos e os fenômenos que formam o processo histórico. Nesse sentido, o histórico se perfaz em historicidade, porque o dizer não está no domínio daquele que diz (locutor), antes tem a ver com as condições em que se produz e com outros dizeres.

Assim, cada “história individual” traz seu protagonista inserido como parte de uma ordem social, de uma cultura e, por isso, não se deixa conceber isoladamente, sem que seja considerado o lugar que ocupa no interior de uma formação social. Daí os sujeitos serem protagonistas tanto do discurso quanto no discurso: *produzem e são produzidos naquilo que produzem* (ORLANDI, 1988). Por essa razão, o sujeito discursivo é constituído de tensividade - não é absolutamente dono daquilo que diz, mas também não é de todo determinado pelo que se encontra externo a ele. Trata-se de um sujeito, “descentrado” entre o “eu” e o “outro”, ou seja, um sujeito dividido na medida mesma em que seu dizer já se perfaz constituído de outros dizeres.

A esta constituição do “dizer” é que se denomina historicidade. O sujeito sempre vai “falar” a partir da sua participação ou experiência em outros discursos já ditos anteriormente. Essas experiências armazenam-se na sua memória discursiva, inscrevendo-se como *suas*, sendo essa a condição do dizível e do interpretável. Assim, história do sujeito e do sentido encontram-se inseparáveis, pois

(...) ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido. É esta a dimensão histórica do sujeito – seu acontecimento simbólico – já que não há sentido possível sem história, pois é a história que provê a linguagem de sentido, ou melhor, de sentidos. (ORLANDI, 1996, p. 65)

Entende-se, assim, que o *sujeito*, que é um “eu” sendo também “outro”, é um sujeito cuja constituição apresenta-se fundada e fundamentada na alteridade. Esse “outro”

inscreve-se tanto como destinatário - aquele para quem o sujeito elabora sua fala no plano intradiscursivo, quanto como aquele “outro” do interdiscurso que emerge em sua fala. Neste último caso, o deslocamento do sujeito é tratado por ORLANDI (1998) como *dispersão*, ocorrência responsável pelo caráter heterogêneo do discurso que incorpora e assume diferentes vozes sociais que se relacionam dialogicamente, ou seja, é o encontro “do mesmo” com seu “outro”.

1.4.2 O aspecto do acontecimento na constituição do sujeito

A noção de acontecimento discursivo dá conta do momento da constituição do sujeito, sem priorizar os aspectos enunciativos aí envolvidos. A prioridade fica para os aspectos discursivos, ou seja, a relação que se estabelece não é entre um ‘eu’ e um ‘tu’, mas entre posições do sujeito, ou seja, no momento em que uma formação discursiva é rompida, uma outra se constitui:

... o acontecimento discursivo é o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória; é ele que desestabiliza o que está posto e provoca um novo vir a ser, reorganizando o espaço da memória que o acontecimento convoca. PÉCHEUX (1990, p. 17)

1.4.3 O interdiscurso

O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito “significa” em uma dada situação discursiva. Tudo o que já se disse sobre um tema e seus correlatos, de certo modo, interpela o sujeito e vem significar no discurso. Todos esses sentidos já “ditos” por alguém, em algum lugar, em outros momentos, têm um efeito sobre o que é dito “agora” em algum lugar e trazem diferentes “pressupostos”.

Esse “dito” historicizado vincula-se a uma memória, a memória discursiva. No dizer de ORLANDI (1999), essa memória, pensada em relação ao discurso, configura-se em interdiscurso, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independente”. É o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob forma do pré-construído “o já-dito” que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.

O fato de haver um “já-dito” sustentando a possibilidade mesma do dizer é fundamental para compreender o funcionamento do discurso, sua relação com o sujeito e sua interpelação pela ideologia. Sobre esta última, falaremos a seguir. Nosso objetivo, neste subitem, foi apenas trazer à reflexão a relação entre o “já-dito” e “o que se diz”, que, inscritos na constituição do discurso, apresentam-se como historicidade, conceito este que justifica a possibilidade da discursivização que se inscreve a partir da constituição do dizer (interdiscurso) e da formulação do que é dito (intradiscurso).

1.4.4 O sujeito plural: heterogeneidade e formação discursiva

Uma formação discursiva (doravante FD) é definida em função do interdiscurso, uma vez que o saber discursivo é que determina as formulações discursivas. Como na constituição do discurso está inscrito um conjunto de formações discursivas, torna-se evidente a heterogeneidade da constituição discursiva, que representa o lugar da constituição de sentido e de identificação do sujeito. Embora uma formação discursiva apresente-se singular, ela detém formações ideológicas (doravante FI), que são plurais. São as formações ideológicas que constroem a heterogeneidade do discurso, concorrendo para a formação do carácter polifônico da FD.

Assim, a heterogeneidade considerada no seu aspecto discursivo se inscreve como formações discursivas e como tal se constitui em lugar onde se articulam discurso e ideologia. Podemos dizer que a formação discursiva decorre das formações ideológicas que estão presentes em toda manifestação do sujeito, permitindo sua

identificação a partir da formação discursiva que o domina. E, como uma formação ideológica coloca em relação mais de uma força ideológica, uma formação discursiva coloca em jogo mais de um discurso. As FDs, no interior do discurso, podem estabelecer relações de contradição, dominação, confronto, aliança e/ou complementação. Seja como for, o fato é que esse caráter polifônico se instaura no discurso e se configura na sua heterogeneidade.

É AUTHIER-REVUZ (1982) quem confere à noção de heterogeneidade maior clareza. Segundo a autora, o princípio da heterogeneidade parte da idéia de que a linguagem é heterogênea e, como a materialidade do discurso é lingüística, ele também é heterogêneo. Este aspecto discursivo da heterogeneidade é que permite o processo de reelaboração ininterrupta que comporta toda historicidade inscrita nos processos discursivos. Ao verificar o funcionamento dessa noção na prática analítica, a autora distingue duas formas de heterogeneidade: constitutiva e mostrada. A primeira não se apresenta na organização linear do discurso, visto que a alteridade não é revelada, permanece no interdiscurso e, por isso mesmo, não é passível de ser analisada. A mostrada traz marcas da presença do outro na cadeia discursiva, ou seja, a alteridade se manifesta ao longo do discurso e pode ser recuperada de maneira explícita pela análise, podendo ser *marcada* e *não-marcada*. Quando *marcada*, é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística, como, por exemplo, o discurso direto, as palavras entre aspas. *Não-marcada* é da ordem do discurso, sem visibilidade, como o discurso indireto livre e a ironia.

Assim, a heterogeneidade do discurso evidencia a assunção do discurso, na visão de Foucault – como *estruturação e prática social*, uma vez que é posta em foco a linguagem em uso, o que se constitui em termos sociais em uma forma de ação, uma forma de as pessoas agirem sobre o mundo e especialmente sobre os outros. É nesse sentido que se pode dizer que os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, mas, sobretudo, as constroem, posto que, como práticas de linguagem, detêm relações vivas com o mundo de maneira a construir a realidade social (FOUCAULT *apud* FAIRCLOUGH, 2003). Nossa

percepção e apreensão do mundo se dão conforme os discursos: o mundo é visto e pensado de uma certa maneira, ou seja, é interpretado. Assim, a relação sujeito/mundo intermediada pelo discurso constitui-se em significações, que reclamam sentido, que tem a ver com a forma de concepção do mundo, a qual depende do modo de vida da sociedade na qual o sujeito está inserido (fator histórico), bem como, do “lugar” de onde o mundo é captado e representado (fator ideológico).

1.5 ACD e o discurso

Já em 1990, devido aos estudos limitadores de algumas teorias em Análise do Discurso (AD), surge a Análise Crítica do Discurso (ACD), corrente que, na Lingüística, propõe-se a estudar a linguagem como prática social e, para tal, considera o papel crucial do contexto. Esse tipo de análise se interessa pela relação entre linguagem e poder. É possível defini-la como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam pela linguagem (WODAK, 2004). Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

Nessa nova abordagem do Discurso, a questão da subjetividade é ressignificada. Os grupos e os indivíduos são vistos como sujeitos históricos, criam sentidos em suas interações com textos. A ACD foi concebida como ciência crítica social destinada a identificar os problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e, igualmente, a desenvolver recursos de que as pessoas possam se valer a fim de abordar e superar esses problemas (FAIRCLOUGH, idem). Nesta dissertação, estamos fundamentados na ACD; porém, isso não quer dizer que pretendamos denunciar o domínio das mentes das pessoas pelo discurso, mas que a inter-relação sociedade, cognição e discurso é adequada para o tratamento das normas de conduta e valores sociais.

1.5.1 A noção de sujeito na Análise Crítica do Discurso

Em análise do discurso a noção de sujeito é complexa. Sua definição depende dos fundamentos adotados em cada linha de pesquisa. Para a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), tal como para a Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante AD), o sujeito é social e sua constituição se relaciona à noção de ideologia, como conjunto de valores impostos pela classe dominante às classes dominadas. Para a AD, a ideologia vai funcionar como reprodutora das relações de produção e encontra sua materialidade no discurso, o que leva a crer que o sujeito, como sujeito ideológico, busca ocupar o seu lugar em um grupo ou classe social de uma determinada formação social, assujeitando-se às determinações ideológicas, mas acreditando estar exercendo a sua livre vontade. Trata-se de um sujeito que luta para ser “eu”, sabendo-se outro.

Já a ACD postula uma relação dialética entre o social e o individual. Os sujeitos podem contrapor e, de forma progressiva, reestruturar a dominação e a formação ideológica mediante a prática. Dito de outra forma, os conhecimentos sociais guiam os conhecimentos individuais, mas estes, a partir das experiências individuais, podem reformular os conhecimentos sociais.

Por ser guiado por intenções individuais, o sujeito enunciador deixa no discurso marcas de subjetividade em maior ou menor grau. Desse modo, não há (Orecchioni 1986) textos objetivos vs. textos subjetivos. Todos os textos são subjetivos, diferenciando-se apenas por graus de subjetividade. Assim, o sujeito, cuja constituição agrega valores socialmente determinados, também age de acordo com seus propósitos, objetivos e intenções dentro da sociedade e disso resulta um sujeito guiado pelas determinações sociais que ele próprio é capaz de transformar.

A vertente sociocognitiva da ACD, bem como a AD, incorporaram do Interacionismo Simbólico as noções de papéis e de sociedade tanto como estrutura quanto como funcionamento, que se configura em um conjunto de papéis sociais que se interacionam entre si, dependendo do funcionamento social de cada papel. Com o Interacionismo Simbólico, um conflito se estabelece: os papéis sociais são impostos ou escolhidos?

Para aqueles que entendem que os papéis sociais são impostos, a noção de sujeito continua inter-relacionada com a alteridade do sujeito; para aqueles que entendem que os papéis são escolhidos, atribuem ao sujeito a noção de subjetividade. Dessa forma, é possível situar o sujeito eu (quem eu sou, o que eu quero e quais as minhas intenções) e a noção de *ethos* (o que eu quero que os outros pensem que eu sou), relacionado à imagem que o sujeito constrói de si no discurso. São essas duas noções de sujeito que passam a ser consideradas para analisar os papéis representados pelo sujeito nas práticas sócio-interacionais do discurso.

1.5.2 Contexto

Várias são as áreas de conhecimento que têm tomado a noção de *contexto* como objeto de estudo, por ser ele um recurso analítico para explorar vários tipos de dados. Contudo, a noção de contexto torna-se complexa (tanto quanto a noção de sujeito e discurso), devido às diferenças das áreas de estudo e, até mesmo, de vertentes de uma mesma área. Logo, trata-se de um conceito vago e amplo, que pode ser entendido como uma entidade psicológica, textual, social e/ou cultural.

Na área da análise do discurso, a noção de contexto pode ser tanto relacionada às noções de tempo-espaco onde se situa a prática discursiva quanto à noção semântica intensional e extensional para o referente do texto.

Segundo van DIJK (2000), a noção de contexto é definida como construtos mentais, com natureza sociocognitiva. O contexto se define pelos papéis sociais dos participantes, suas funções e ações. Com isso, entendemos poder tratar da noção de contexto como estruturas sociais que exercem influência sobre estruturas discursivas por meio da mente das pessoas. Como prevê POTTER (*apud* OLIVEIRA, 2000), quando se relaciona contexto a cognição, o que se pretende é explicar condutas sociais a partir do contexto cognitivo interno (inferências, representações, processos, percepções, etc.) como elemento que opera junto com o contexto externo (eventos, ambientes, estruturas sociais). Os participantes no ato de interação discursiva não reagem à realidade externa diretamente, mas sim a interpretações, tipificações ou representações dessa realidade. Nesse sentido, para KERBRAT-ORECCHIONI (1996), o contexto

...não é uma coleção de fatos materiais ou sociais (...) mas um número de esquemas cognitivos sobre o que é relevante para a interação a cada ponto dado e a cada momento (...).(...) referem-se a fatos de conhecimento que devem ser revertidos das disposições cognitivas 'invisíveis' dos participantes em bases acessíveis coletivamente em que se conduz a interação.

Assim, é o contexto cognitivo interno que faz a mediação e formata as reações dos participantes e não a mensagem em si. Disso, concluímos que os contextos cognitivos são conduzidos, construídos e constituídos pelos participantes no processo de interação. Por essa razão, apresentam-se como cognitivos e sociais. Cada participante do/no processo de interação convoca modelos cognitivos que são sociais, por se tratarem de conhecimentos passíveis de serem comunicados, mas também são individuais na medida mesma das suas experiências individuais. Tanto um quanto outro aspecto são cognitivos, porque se tratam de representações. Daí, van Dijk distinguir contexto cognitivo local e contexto cognitivo global.

1.5.3 Contexto Local e o Contexto Global

Para Van DIJK (2000), o entendimento do funcionamento das estruturas discursivas e seus contextos passa pelo entendimento das representações mentais individuais e sociais. As representações individuais são as que explicam as razões de diferentes reações dos indivíduos diante de um único acontecimento. As representações sociais definem as culturas e os grupos sociais, de maneira a organizar suas crenças e suas práticas. Essa necessária cooperação entre os estudos cognitivos e sociais é que, segundo o pesquisador, permite uma melhor compreensão do discurso. Por isso, é que ele distingue os dois tipos de contextos em contexto global e contexto local.

O *contexto global* ou social é constituído por grupos e papéis sociais, conhecimento de regras e normas, organizações e instituições sociais. Nesse contexto, o papel social entre os grupos se inscreve sob condições definidas pelas categorias Poder, Controle e Acesso. O *contexto local* ou interativo define-se com relação ao tempo e lugar instaurados por participantes cujos papéis e propósitos delineiam uma dada situação atualizada. Quanto aos aspectos pessoais e sociais, os modelos mentais e, mais especificamente, os modelos de contextos não apresentam *todos os aspectos pessoais ou sociais da situação comunicativa, mas somente os aspectos que em um dado momento são relevantes para cada participante* (van DIJK, *ibidem*). Segundo o mesmo autor, o contexto varia durante a comunicação, devido a mudanças na situação social, ou, ainda, na interação do discurso, razão pela qual se caracteriza dinâmico, por se tratar do que se pode chamar de *experiência*.

1.5.4 O poder, o controle e o acesso

A estrutura de ações onde o discurso está imerso é relevante à descrição e à compreensão das relações de poder presentes na sociedade e atualizadas no discurso. A posição ocupada socialmente é que irá determinar o maior ou menor grau de poder. Da mesma forma como os discursos podem refletir padrões de crenças e realidades ideológicas de um grupo social, podem, também, mostrar-nos as relações de poder por meio dos participantes e das ações inscritas em um contexto.

Desse modo, pode-se dizer que as realizações concretas do discurso (o texto) produzidas pelas pessoas são determinadas pelas suas posições nas instituições, pelos seus lugares dentro de certos discursos e pelos seus lugares na interseção de certos grupos de discursos (KRESS, 1989). Os textos que produzimos são determinados pela história discursiva de cada um de nós. Na visão de Kress, a história discursiva de cada indivíduo é composta pela experiência de um grande número de discursos passando das relações íntimas às sociais.

Para van DIJK (1997), o discurso pode ser focalizado tanto como prática social institucionalizada quanto como evento discursivo particular. Como evento particular, se constitui em relação de alteridade com o discurso social institucionalizado de maneira que a interação simbólica se constrói por formas de fala, como conversações cotidianas e formas populares de discurso (TAVARES, 2004). Como prática social institucionalizada, sua interação simbólica se caracteriza por meio de relação hierárquica, de modo que suas ações correspondem à dinâmica de três categorias: o *poder*, o *controle* e o *acesso*.

O *poder*, nessa perspectiva, é uma categoria que se define como uma forma de *controle* da ação e da mente de um grupo sobre outro. Quanto ao *acesso*, este se define como o meio que leva um grupo a ter alguma forma de *poder* e *controle* sobre o outro grupo. Essas categorias, de acordo com van Dijk, têm como função fazer

alguém agir conforme determinação. Observadas essas categorias, é possível mostrar o que se encontra oculto no discurso, ou seja, quem fala e a partir de que posição ideológica.

Van DIJK (ibidem) define *Poder* pelo conceito explicativo *Controle*. Um grupo tem poder sobre o outro, se tem alguma forma de controle. O *Controle*, nesta perspectiva, aplica-se a alguma forma de ação: “controlamos aos outros, se podemos fazer com que atuem como desejamos (ou impedir que atuem contra nós)” (van DIJK, ibidem). De duas maneiras, podemos exercer o poder: pela força física ou pela mente. Na sociedade em grande parte o *Poder* é exercido pela mente. Os textos, escritos ou não, são os meios essenciais para influir sobre a mente das pessoas. Esta é a primeira relação entre Discurso e Poder.

O *Controle* da mente pelo discurso apresenta-se de forma complexa, às vezes, muito sutil. Ao invés de impor uma ordem, podemos persuadir acerca dos nossos objetivos e interesses. Nesse caso, o cumprimento não se baseia em uma ameaça, mas em argumentos ou outras formas de persuasão. Qualquer que seja a forma, nas relações de poder se pressupõe o controle sobre um recurso de poder material ou simbólico.

O *Poder* se manifesta por meio das representações sociais e estas são historicamente construídas e estão estritamente vinculadas aos diferentes grupos sociais que se expressam por meio de mensagens em que se refletem os diferentes atos e diversificadas práticas sociais. As representações sociais sempre refletem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, ou seja, suas condições sociais e culturais. O Poder faz parte de nossas relações sociais, em dimensão pública ou privada. Contudo, devido à interação entre ambos, os discursos se influenciam mutuamente. Da mesma forma acontece com a interação entre contexto global e contexto local. Por isso, é possível que os participantes do discurso negociem a mudança de papéis de acordo com os contextos.

1.5.5 Marco de Cognição Social

Os conhecimentos sociais armazenados na memória de longo prazo podem ser examinados pelo intragrupo, intergrupo e extragrupo social.

No intragrupo, os conhecimentos sociais decorrem de objetivos, interesses, propósitos comuns do grupo social. Assim, o ponto de vista cria um estado de coisa para o que ocorre no mundo e, por isso, é avaliativo e, sendo avaliativo, é também crença. Cada grupo social é definido por suas próprias crenças, ou seja, seus próprios valores, que se constituem como Marco de suas cognições sociais.

O fato de cada grupo social ter o seu próprio marco de cognição social cria uma diversidade de pontos de vista e isso gera conflitos intergrupais. Entretanto, devido aos discursos institucionalizados, existe uma unidade nessa diversidade, o que propicia entender que as crenças, como conhecimento avaliativo, são extrgrupais, transmitidas de geração para geração, com raízes históricas, modificadas em cada contemporaneidade. Por essa razão, os contextos globais institucionalizados podem ultrapassar os limites do intragrupo.

1.5.6 A noção de papéis relacionada à interação social na ACD

O discurso visto como prática social é um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros. É ele que estabelece as relações na sociedade de forma a determinar papéis aos indivíduos, uma vez que por meio dele são praticados atos e interações sociais situados em vários contextos.

De acordo com BLUMER (*apud* BAZILLI *et al.*, 1998), os princípios do interacionismo simbólico estão fundados em três premissas. A primeira diz que os indivíduos agem em relação com o mundo baseados no sentido dos elementos, como objetos físicos (mesa, lousa), categorias de seres humanos (amigos, inimigos),

instituições (escola, Igreja), ideais (liberdade, sucesso), entre outros, de modo que na análise do processo de interação não se pode negligenciar o sentido atribuído a eles. A segunda premissa diz que o sentido é produzido pelo processo de interação social, lugar que se caracteriza pela interação do *eu* com o *mim* mutuamente orientados, possível, em razão da cultura comum ou dos símbolos comuns. Conforme MEAD (1993), o self surge e se desenvolve no processo das experiências dos indivíduos e suas ações, portanto, no espaço das interações sociais.

Van Dijk vê o discurso uma prática sociointeracional cujo sucesso é resultado da relação dialética entre o individual e o social, ou seja, entre o evento discursivo particular e as situações discursivas sociais. O discurso atua como um esquema representativo cujas estruturas lingüísticas não são apenas séries ordenadas de palavras, mas também seqüência de atos. No que tange a esta dialética, importa dizer que sua dinâmica envolve ao mesmo tempo duas dimensões mutuamente relacionadas. Por um lado, processos de representações mentais do indivíduo. Por outro, estruturas de ações em que o discurso está imerso e onde subjazem as determinações sociais.

Como prática social, o discurso tende a separar as pessoas em termos de ocupação ou grupos de interesse. Nessa perspectiva, a linguagem, organizada em discursos, passa a moldar não só as representações do mundo como também a forma como as pessoas percebem e experimentam o mundo dinamicamente.

Como ação, o discurso deve ser compreendido como resultado de uma prática social que se define por situações sociais e condições que determinam a sua produção. Desse modo, torna-se necessário que o analista do discurso considere o contexto e os papéis representados pelos protagonistas discursivos, bem como suas identidades discursivas.

Os estudos de van DIJK (2000) interagem em alguns aspectos com o interacionismo simbólico por este tratar da relação entre as categorias *pessoa*, *sociedade* e

interação, ressaltando nesta perspectiva o problema abstrato das relações entre a pessoa, a sociedade e a interação, sendo sua proposta teórica a de que o *self* intermedeia a relação entre a sociedade e pelo menos uma boa parte do comportamento social (STRYKER & STATHAM, *apud* BAZILLI, *idem*). Não é possível conceber a constituição do *self* fora da experiência social, apartada da interação entre indivíduos. Isso equivale a dizer que o *self* apenas pode surgir, quando em comunicação com outras pessoas por símbolos. Nesse sentido, o assumir papéis é um processo fundamental na constituição do *self*.

1.5.7 A questão da identidade social

Segundo van DIJK (2000), a auto-representação que as pessoas fazem de si mesmas, ao se constituir como membros de várias categorias de grupo, está situada na memória episódica e compreende uma construção gradual que decorre de experiências pessoais, modelos, acontecimentos. Tais representações, por serem construídas em sociedade, são guiadas por conhecimentos sociais e, deste modo, a auto-representação é consequência dos modos pelos quais outros membros do grupo ou membros de outros grupos vêem, definem e tratam os indivíduos como pessoas. De outra forma, as identidades de grupo podem ser mais ou menos abstratas e desligadas do contexto, do mesmo modo como o são as representações sociais.

Os membros de grupos sociais podem partilhar várias identidades, mais ou menos estáveis, por meio dos contextos pessoais, na medida em que estão dinamicamente mudando de papéis sociais. Em situações concretas, algumas dessas identidades podem ser mais proeminentes que outras, de tal modo que, em cada situação, a proeminência, a hierarquia ou a pertinência da identificação com o grupo irão monitorar as práticas sociais reais. Os membros de classes diferentes, por exemplo, podem atuar com papéis diferentes no mesmo grupo local.

1.5.8 O discurso visto como forma de ação

O discurso como ação deve ser compreendido como resultado de uma prática social que se define por situações sociais e condições que determinam a sua produção, o que envolve representações mentais individuais e sociais. As representações individuais são as que explicam as razões de diferentes reações dos indivíduos diante de um único acontecimento. E as representações sociais definem as culturas e os grupos sociais, de maneira a organizar suas crenças e suas práticas. Por isso, embora o discurso seja social e sua análise tenha como objetivo entender o funcionamento entre as estruturas discursivas e seus contextos sociais, esse funcionamento não pode se estabelecer sem que as representações mentais individuais e sociais sejam tratadas.

A vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso entende que cognição é um conjunto de representações mentais e sociais decorrentes da interação sociocomunicativa pelo discurso. Sua constituição se dá a partir de um ponto de vista com o qual se focaliza o fato do mundo.

Todas as formas de conhecimentos sociais são construídas no e pelo discurso, que, sendo uma prática social, define-se por participantes, ações e funções. Assim, as estruturas discursivas são fundadas pelo contexto, uma construção mental do indivíduo com base social que tende a condicionar os discursos que, por sua vez, também exercem influência sobre os contextos e os constroem. Por isso é que se pode dizer que “os discursos são uma parte estrutural de seus contextos, e suas estruturas respectivas se influenciam mútua e continuamente” (van DIJK 2000, p.38). Um discurso pode ser produzido em qualquer situação, formal ou informal. Faz-se necessário apenas um contexto adequado ao tipo de discurso (podendo a própria produção do discurso já trazer em si o seu contexto). Por exemplo, um professor se expressa em um contexto que lhe permite ensinar; um juiz se expressa em um contexto que lhe permite julgar, um escritor se expressa em um contexto que lhe permite a recepção de sua escritura.

Como representações subjetivas, os modelos de contextos supervisionam diretamente a produção e a compreensão dos textos que materializam os discursos. Sem essa subjetividade os mesmos contextos sociais teriam o mesmo efeito sobre todas as pessoas envolvidas numa mesma situação, o que, sabe-se, não acontece. As pessoas pensam, julgam, escolhem como agir diante de uma situação. Por isso, como diz Van Dijk, os contextos tanto quanto os discursos não são objetivos, no sentido de que não são constituídos por fatos sociais interpretados e considerados da mesma forma por todos. Além disso, assim como o discurso, os contextos são flexíveis e suscetíveis de ser negociados, especialmente na interação conversacional. Assim, cabe estabelecer uma definição cognitiva para o contexto, que possa dar conta das suas possíveis variações pessoais; além, é claro, de explicar o modo como as estruturas sociais podem influir sobre as estruturas discursivas por meio da mente dos membros sociais. Nesse sentido, os fatos sociais objetivos como idade e profissão de um sujeito não apresentam por si só motivos para que seus interlocutores utilizem pronomes de tratamento corteses para com ele, mas são as interpretações de base social, também subjetivas, que produzem esses fatos sociais constituindo-se o real motivo do tratamento cortês. É, exatamente, neste ponto, que a cognição e o contexto se unem e se tornam mutuamente relevantes para a produção do discurso que não apenas será empregado em uma situação, mas que, sobretudo, dará sentido a ela.

1.5.9 Funções sociais e práticas discursivas

Muitos são os discursos que encontram sua racionalidade e funcionalidade última nas estruturas sociais e culturais (van DIJK, 2000). Por essa razão, tem sentido analítico fazer a distinção do *contexto local*, que é interativo, do *contexto global*, que é social. O primeiro configura-se pelos participantes (já investidos de papéis sociais), ações e funções (pertinentes a esses papéis representados). O contexto local ou interativo é produzido e interpretado como uma parte funcional do contexto global de

um determinado discurso. O contexto global trata de parâmetros, como grupos sociais, papéis, conhecimento de regras e normas, metas, organizações e instituições, ou seja, trata do papel social entre grupos, sob as condições definidas pelas categorias Poder, Controle e Acesso.

1.6 Compreensão do discurso literário

O discurso literário e a comunicação literária se ajustam aos processos e princípios de compreensão do discurso em geral. Contudo, a maneira como os procedimentos gerais se aplicam é que diferencia esse universo particular de discurso, o que se deve não apenas às estruturas específicas do texto literário, mas também às funções pragmáticas e socioculturais da literatura na interação comunicativa.

Para van Dijk, um texto literário é “um ato de fala impressionante ou ritual” e como tal negocia a atitude do ouvinte (leitor) frente à mensagem (texto) de um falante (autor). O discurso literário apresenta um contexto pragmático e sociocultural, que, por sua vez, apresenta uma base cognitiva: o leitor sabe quais são os marcos convencionais e ações que caracterizam a comunicação literária. Além da interpretação do texto, o leitor é obrigado a interpretar a situação social de leitura, com o que construirá o contexto específico (pragmático) requerido para a adequada interação literária.

Para iniciar o processo de interpretação pragmática, o leitor recebe indicações de várias fontes: título do livro, marco do contexto social específico, autor ou discurso selecionado para leitura, conhecimento acerca de escritos, etc. Com base nessas concepções, o leitor identifica como ritual o tipo de ato de fala que se realizará. Assim, alguns traços vão delineando os limites (con)textuais dessa comunicação ritual que induzem a um conjunto cognitivo particular no leitor. Será este conjunto cognitivo que determinará as maneiras como se interpreta o texto. Como a focalização do literário está, sobretudo, no texto em si, será possível, por exemplo, na poesia, não só selecionar a informação semântica, mas também a informação da

estrutura de superfície de diversos tipos (rima, aliterações, esquema métrico, etc.) ou operações sintáticas de natureza retórica ou estilística (paralelismo, inversões, agramaticalidade, etc.).

O conjunto cognitivo no texto literário induz a modos não normais de análise e interpretação. Na compreensão de textos literários, encontramos traços peculiares que diferenciam o modo de interpretação desse tipo de discurso dos demais: a interpretação de estruturas incompletas (alguns textos são fragmentados), transformações semânticas (perturbação da lógica), falta de coerência local e/ou global (ambigüidades) e transformações esquemáticas (modificação, p.ex., do esquema narrativo). Para dar conta de processar informações nesses tipos de textos fazemos uso de diversas estratégias cognitivas.

1.6.1 O discurso literário e suas condições de produção

O discurso literário é uma prática social que se define como forma de ação entre vários protagonistas que têm funções sociais distintas, identificados a partir das categorias Poder, Controle e Acesso. Entende-se como Poder o poder social, que se define como uma forma de controle da ação e da mente de um grupo. O Poder social se define a partir da categoria Controle. Tem-se Poder sobre um grupo, quando existe sobre esse grupo alguma forma de controle. Para van Dijk (1993), Poder e Controle têm como função fazer alguém agir da maneira como se deseja. Quanto ao Acesso, este se define como o meio que leva um grupo a ter Poder e Controle sobre outro grupo. Não estamos falando do poder coercitivo, aquele tipo de poder que utiliza a força física como recurso para controlar diretamente as pessoas. Falamos do poder que emana do discurso implícita ou explicitamente. Trata-se do Poder utilizado para influir sobre as pessoas, persuadi-las. Essa é uma prática muito comum entre indivíduos e entre grupos nos processos de interação social. É muito comum fazer com que outros atuem como queremos, apenas dizendo-lhes que assim o façam. Nossos pedidos, nossas ordens têm a função de *fazer saber* o que

queremos e, por conseguinte, que alguém faça o que queremos (que acredite, duvide, pense, faça, saiba, etc). Esse exercício varia em complexidade tanto quanto em sutileza, realizando-se por meio de um Controle mental, uma vez que é possível fazer com que os outros façam o que queremos pela sua própria vontade. É o caso de alguém que responde a um pedido movido pelo seu próprio interesse ou objetivos. Seja como for, o controle se realiza principalmente mediante o discurso que por essa razão se constitui no Acesso.

Para Van Dijk, as ideologias estão diretamente ligadas às representações sociais. Trata-se da representação mental dos interesses de um grupo, sociais, econômicos e/ou culturais, que objetivam a discriminação de pessoas. Para o autor, embora se faça a distinção entre discurso e ideologia, esta e outras cognições sociais estão envolvidas na produção e na compreensão do discurso. Desde que se entenda que o discurso literário é uma prática sócio-interacional, ele pode ser definido num contexto global, a saber: o Poder – Estado e Empresa; o Controle – classes críticas e conselhos editoriais; e o Acesso – as editoras e suas complicações que têm acesso ao público. No caso de Cora Coralina, o contexto local é manifestado por: Poder: Estado (Estado de Goiás); Controle (classes críticas – jovens escritores que divulgam Cora Coralina, propiciando que sua poesia tenha acesso em forma de obra literária).

1.6.2 AS duas vias paralelas e convergentes do literário

Pode-se pensar a literatura por dois caminhos ou vertentes paralelos que, ao fim, são convergentes. De um lado, vê-se a literatura como *instituição*, isto é, como fenômeno sociocultural, produto de uma sociedade, objeto de consumo, num mercado em que ocupa determinado estatuto, privilegiado ou não. Nessa dimensão institucional, criam-se academias de letras, organizam-se círculos literários, outorgam-se, por meio de concursos, prêmios e láureas, estabelecem-se critérios, rígidos ou flexíveis, de avaliação da obra literária. Como objeto de consumo, a literatura insere-se, de corpo e alma, no mercado, tornando-se uma verdadeira

mercadoria, cujo valor vincula-se estreitamente às leis do mesmo mercado, leis, ora cruéis, ora benévolas, no entanto, sempre leis. No circuito que enlaça o autor, o livro e o leitor, revela-se abertamente o caráter institucional da literatura, que se produz, que se vende, que se consome. Como qualquer ser social, a instituição da literatura estigmatiza-se com os traços da ideologia, quer dizer, marca-se profundamente pelos valores vigentes e regentes da sociedade, em que se engendra. Embora podendo articular um discurso contraideológico, o discurso da literatura não escapa ao discurso ideológico propriamente dito, confirmando, até certo ponto, o tautológico axioma marxista, segundo o qual “a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante”, por originar-se de um determinado autor, pertencente a uma determinada classe social, inserido num certo contexto sócio-histórico. Dirigindo-se a leitores, dentro de certa moldura cultural, o produto artístico, o livro, o texto, o discurso literário configuram um inegável sistema ideológico. Histórica, cultural, humana, demasiadamente humana, por conseguinte, a literatura, tomada como instituição, inclui-se no complexo mosaico da sociedade, ainda que a argamassa que a liga às demais instituições possa abrigar componentes críticos e, até mesmo, corrosivos. Nessas possíveis perspectivas, a arte e a literatura, em particular, estruturam-se como discurso antiideológico, assumindo uma postura transgressora e denunciadora, como postulado por Jean-Paul Sartre e sua contundente categoria do *engagement*. Entretanto, não se nega que a literatura, na condição de instituição ou prática social e, até mesmo, de arte da palavra, instaure uma ideologia, no momento mesmo em que funda, ou repete, uma estética e uma ética, ou como representação de mundo vista a partir do ponto de vista de quem a produz e (re)construída a partir do ponto de vista da sua recepção. Em outros termos, “escritor de prestígio” é aquele que serve ao Poder na época em que vive. Enfocada em seu extrato artístico, envia para (res)significação a palavra que passa a ser o sopro da vida dos mundos possíveis, onde se pode contemplar outra realidade representada. Representando, tornando presente, um real ausente, mas que se quer alcançar – embora o sabendo, a partir de Jacques Lacan, inatingível –, a arte da literatura recria um real, que potencializa o real, que se faz presente, como, no sonho diurno de BACHELARD (1996).

Como toda arte, a literatura possui seus códigos, traça suas leis, desenha sua história, composta de textos, obras e artistas, questões e soluções, questões sem soluções, temas e estilos. Embora presente com maior ou menor realce nas diversas fases do estudo da linguagem, a problematização da própria literatura a partir do discurso assume, a partir da modernidade, um lugar nuclear, chegando, mesmo, a caracterizar a literatura moderna como aquela em que língua se centra, sobre si mesma. “Tudo foi dito!”, exclamou um escritor moderno; com a consciência desse esgotamento dos temas, o texto moderno fala de si próprio, tematiza-se a si mesmo, volta-se sobre seus meandros e signos. A palavra é agora uma entidade *por si*. Assim, pela primeira vez surge a “Literatura”, anunciada nos fins do século XIX como a arte da palavra que vive da própria palavra, colocando-se em questão a sua força. Esta força capaz de dizer o que está nela e o que a partir dela é possível criar e (re)criar. Com o formalismo russo emerge a questão da “literariedade” (*literaturnost*), que tem feito correr tanta tinta sobre as páginas em branco (e sobre a tela iluminada do computador); questão jamais elucidada e sempre resolvida de acordo com as ondas do paradigma. Literariedade – ou aquilo que produz a marca de um texto literário, a chancela da artisticidade de um texto, a tatuagem da poeticidade de um discurso, distinguindo-o de outro texto não-literário – parece encontrar um encaminhamento plausível à medida que se considere a literatura e o discurso. Então, os dois caminhos paralelos, as duas vertentes da reflexão sobre o ser da literatura – o ser social do sistema literário e sua natureza de linguagem de arte – convergem. Uma das vias sulca o solo para estabelecer seu lugar. A outra mira o infinito na constituição dos mundos possíveis. Tal convergência é instaurada, a meu ver, pelo discurso literário que situado entre as práticas sociais se configuram num tipo interstício entre as representações reais e imaginárias, ou seja, o que acontece e o que deveria ter acontecido.

1.7 O autobiográfico e o literário

O jogo da criação de um mundo possível e sua relação com um mundo concreto. A partir do momento em que o leitor decide ler um livro, precisa de se apoiar em certos protocolos para o desenvolvimento de sua leitura. Segundo ISER (1996), o texto literário é uma figura fictícia. Isso significa em princípio, que ele carece tanto do imaginário quanto dos atributos necessários do real, para que tenha vida. COSTA LIMA (1989) ao indagar o que é próprio da literatura também passou pelo terreno da ficção literária e apontou para sua especial sujeição à tematização do imaginário. Diz este autor que, por estar a literatura submetida à instância imaginária, a mimese recusa o domínio da atividade perceptual, que regula as relações pragmáticas entre o sujeito e o modelo *real*. Trata-se de um processo criativo e como tal corresponde à produtividade do imaginário que jamais repete o modelo passivamente, pois na aparente semelhança resgata a diferença latente. Em outras palavras, não se trata de representar o modelo sob o signo da realidade percebida, mas sim sob o signo da imagem precipitada. Na obra literária, a mimese jamais pode se constituir como uma imitação do real, uma vez que o real já é uma representação, mas como uma (re) representação. São duas vezes representação, dada a mudança do sistema semiótico. É duplamente representação. Segundo as reflexões de Costa Lima, há ainda uma aliança entre a ficção literária e o imaginário, que cria um campo de tensão e de conflito entre objeto e *cópia*, pois o imaginário quando produz o duplo real ao invés de simplesmente repetir o mesmo, desdobra sempre uma diferença inquietante. Por isso, essa representabilidade mimética vem a ser basicamente criativa e leva o sujeito a um campo de "aprendizagem ativa" (1986, 304). Assim dito, entendemos, tal como o autor, que a idéia de ficcionalidade do literário opera dentro do eixo ambíguo que oscila entre a semelhança e a diferença e, por isso o espaço de tensão criado a partir da tematização imaginária conduz a um horizonte de expectativas de identificação e semelhança ao mesmo tempo em que aciona o estranhamento e diferença, de forma a construir mundos possíveis que contém a incerteza do futuro.

As cenas do mundo no discurso literário são apagadas por meio das imagens em ação no texto literário (imaginação) e por isso propõem o pleno desapego a qualquer compromisso com os critérios estabelecidos pela oposição mentira/verdade. As imagens do texto evocam o mundo apenas para retirá-lo de sua "realidade" e precipitá-lo nas brumas nebulosas do imaginário, que rasura os contornos, apaga a nitidez e retira o foco da verdade. Curiosamente, o invisível do real aí se torna perceptível e lhe dá uma aura antes não concebida.

Como forma de representação em língua o autobiográfico apresenta uma especificidade no movimento da narrativa da história. Trata-se de um retorno do eu sobre si mesmo, transportando a noção de autoconsciência para o espaço da representação, onde esse "si mesmo" não corresponde nem ao eu nem ao outro, mas à imagem que o sujeito faz, ou melhor, cria de si – uma identificação imaginária, criada em virtude de certo olhar lançado sobre um *outro*. Tal desejo de querer ser outro, liberando-se de si, apesar de aparentemente apontar para uma dispersão, acaba por agir no sentido contrário, centrando a atividade de conhecimento no próprio sujeito, sendo esta origem de sua vontade, de seu desejo. É, nesse movimento, que a criação do *herói* se dá: o deslocamento para fora do eu, no qual um *outro possível* ganha vida – por meio do *excedente de visão estética* –, reforçando o caráter único de um lugar ocupado pelo sujeito da narrativa autobiográfica, que o diferenciaria dos *outros* e de um *mundo dos outros* (ZOPPI-FONTANA, 1997). Assim, as alteridades (constitutiva ou representada) do sujeito autobiográfico se fundam pela sua singularidade e não pela diferença.

A autobiografia é, enquanto material literário, elaborada por meio de um processo metafórico de encenação e de um lugar de estranhamento (ZOPPI-FONTANA, *ibidem*). Segundo BAKHTIN (2003), no primeiro caso, as diversas máscaras mostradas pelos enunciados são apresentadas por um locutor que as organiza de tal forma a dar certa seqüência inteligível aos acontecimentos narrados; e o segundo possibilita construir um espaço no qual o olhar externo direcionado ao sujeito "permite(-o) observar-se (o eu) no acontecimento da linguagem, como efeito desse

olhar, reconhecer-se como sujeito da/na linguagem. Assim, nas narrativas autobiográficas, a relação de recorrência e de implicação entre os sujeitos internos/externos às narrativas (autor/narrador/leitor), segundo ARFUCH (2002) é um dos componentes do valor biográfico já que as relações do eu com seu outro, do eu com um outro externo à narrativa, e desse outro com o eu e o outro da narrativa determinam uma organização e ordenação da vida mesma, de todos os sujeitos envolvidos no *pacto* – e não somente de um deles. Nesse aspecto, repousa uma das mais importantes características da teoria bakhtiniana: a dimensão ética da linguagem romanesca, em que o outro também é sujeito⁵ e sua voz encontra-se presente na narrativa por meio da relação dialógica de consciências. Tal relação⁶ se configura quando somente um outro pode nos dar acabamento e, este outro, também depende de nós para dar-lhe acabamento (TEZZA, 1997). Desta forma todos são “habitados” e atravessados pelo discurso do outro. Nas palavras de Bakhtin:

“O autor da biografia é o outro possível, cujo domínio sobre mim na vida admito com a maior boa vontade, que se encontra ao meu lado quando me olho no espelho, quando sonho com a glória, quando reconstruo uma vida exterior para mim; é o outro possível que penetrou em minha consciência e que com frequência me governa a conduta, o juízo de valor e que, na visão que tenho de mim, vem colocar-se ao lado de meu eu-para-mim. (...) é o outro com quem (...) posso viver, com toda espontaneidade-ingenuidade, uma vida movimentada e feliz.” (BAKHTIN, 2003: 166-167)

A apropriação da teoria bakhtiniana da linguagem no estudo da autobiografia torna possível que esta passe ser vista como literatura e, como tal, representante da produção imaginária social. A visão tradicional que se tinha até então tinha como pressuposto que havia uma coincidência empírica entre autor e narrador. Tal equívoco não considera as narrativas vivenciais como uma posição enunciativa e, por conseguinte desconhece a impossibilidade constitutiva da existência de uma réplica fiel de *um cursus vitae*. (TEZZA, 1997). Em razão desse equívoco, esta modalidade narrativa, durante muito tempo, teve um tratamento de cunho

⁵ Diferentemente da linguagem científica, na qual o outro é um objeto de observação distanciado por uma impessoalidade necessária para o êxito da experiência, Bakhtin aponta para um cuidado com o outro, cuja importância está fundamentada na relação de implicação constitutiva e vital entre os sujeitos.

⁶ Esse tipo de relação convoca uma necessária troca enunciativa entre sujeitos, anulando a idéia de uma identidade fechada e abrindo espaço tão-somente para uma identidade relacional, na qual o *um* somente assim se denomina por ocorrência do *outro* e vice-versa – certa dependência discursiva. (Tezza, 1997).

pedagógico, por meio do qual era possível “aprender a viver a partir do exemplo de vida narrada pelo outro”.

1.7.1 O problema da referencialidade na autobiografia

Na confrontação entre o interior e o exterior - seja entre escritor e autor/narrador ou entre leitor e tais figuras da narrativa, a dimensão afetiva é acionada para determinar a aproximação que se tem do mundo possível na autobiografia e sua confrontação com o mundo *real*. Neste sentido é que as vozes são evocadas e se fazem presentes na relação dialógica das várias consciências (reais ou imaginárias). No caso do escritor, promove a confrontação entre o que “seu herói” era e o que ele se tornou na sua narrativa⁷. Trata-se da confrontação imaginária do eu com o outro de si. Nesta questão se instala o problema da referencialidade.

Na autobiografia, a referencialidade não importa quanto à relação objetiva⁸, mas como resultado contingente da narrativa, remetendo ao momento da escrita àquele “eu” atual apresentado na narrativa. Quanto ao leitor, sua participação é ativa, transfigurando a palavra em tradição estética, moral, social, política e cultural. É nessa transfiguração, que o universo movediço da narrativa toma o lugar da objetividade realista e, legítima em seu lugar um horizonte impreciso, que se modifica a cada leitura, a cada (re)atualização da obra, compondo o “mundo ‘possível’ do texto” em relação ao “mundo do leitor”. Em JAUSS (1979), esta participação ativa do leitor é categorizada como *horizonte de expectativas e emancipação*. Enquanto a primeira é um misto dos códigos vigentes e da soma de

⁷ No texto *O autor e herói na atividade estética* Bakhtin diz que ao escrever uma autobiografia, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à sua própria vida, submetendo-se a uma valoração que transceda os limites do apenas vivido (Estética da Criação verbal 1992 ver disposição bibliográfica no livro da Brait).

⁸ Este afrontamiento del narrador comunica un efecto de objetividad. La negación de un “yo” que induce a algunos lectores a creer que se ha borrado algún mecanismo que fomente una engañosa “sinceridad autobiográfica”. Como dice Jean Starobinski, “al eliminar el “yo” de la narración [el autor] está eliminando el mecanismo por el cual muchos autobiógrafos pueden esconderse y colarse dentro de una invención de ficción”(75).

experiências sociais acumuladas, a segunda entende o efeito atingido pela arte como uma liberação do destinatário das percepções usuais, conferindo-lhe uma nova visão da realidade. Esse autor entende a função da literatura como sendo a relação desta com o seu leitor. Defende a idéia de que a arte não é reprodução dos eventos sociais, mas desempenha um papel atuante, ao fazer história e participar do processo de pré- formação e motivação do comportamento social. Ele concebe a recepção como um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo com uma obra.

Na autobiografia, coloca-se em funcionamento um sistema retórico que torna possível tanto o *mundo* quanto o *outro* imaginado constituírem uma realidade de *fingimento*, que possibilita (re) representação de algo já existente, no frescor da narrativa que vai se desenrolando e que mergulhada num sistema retórico capaz de dar vida a uma nova identidade que vai se constituindo durante a sua escritura e nunca antecede a ela.

CATELLI (1991) faz uma interessante alegoria a respeito de como entende o texto literário autobiográfico. Há o ator e sua máscara. O espaço autobiográfico seria equivalente à câmara de ar que se forma entre o rosto e a máscara: não existiria completamente neste "eu" que narra sua história, nem na moldura que usa para narrá-la. A máscara que cobre o rosto estaria submetida a um regime de não correspondência, pois não mantém uma relação de semelhança com o que está oculto. A partir deste vazio deformado, impõe-se a narrativa que, no máximo, só mantém com a realidade vivida uma presunção de semelhança ou analogia.

1.7.3 Do autor do texto às instâncias enunciativas

Já foi dito (PÊCHEUX, 1990) que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Da mesma forma, todo discurso pressupõe um autor na sua materialidade. Nem mesmo o anonimato escapa a exigência de uma autoria - o que lhe falta é apenas a identificação. O discurso literário precisamente o discurso literário

autobiográfico instaura-se a partir da rememoração do universo subjetivo do autor que para articular o discurso, institui a figura do sujeito-narrador, que passa a conduzir o processo narrativo.

O que caracteriza a autobiografia é a identidade entre narrador e autor, expressada através do *pacto autobiográfico* estabelecido com o leitor. Trata-se de uma espécie de declaração do tipo "isto é autobiografia". O pacto autobiográfico se dá, quando a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita pelo autor, ao contrário do "pacto romanesco", declaração de negação daquela identidade e atestado do caráter de ficção. É por isso também que uma autobiografia nunca pode ser anônima, porquanto lhe faltaria assim o nome do autor, daquele que atualiza o pacto. E, como contraprova dessas afirmações, Lejeune aponta o fato do leitor muitas vezes procurar a *ruptura* de tais contratos: por um lado, julga encontrar, na ficção, semelhanças entre o texto (os personagens, as situações) e a vida do autor e, por outro, na autobiografia, busca deformações e "furos" que atestem a não correspondência entre autor, narrador e personagem. Entretanto, se o pacto autobiográfico confere à identidade entre autor, narrador e personagem, isso não significa, ainda segundo Lejeune, que, no nível do discurso, não haja diferenças entre as três figuras. *Dentro do texto*, narrador e personagem remetem, respectivamente, ao sujeito da enunciação e ao sujeito do enunciado: o narrador narra a história e o personagem é o sujeito sobre o qual se fala. Ambos, porém, remetem ao autor, que passa então a ser o referente, *fora do texto*. Do ponto de vista da relação entre autor e narrador, teríamos uma *identidade* clara, assumida, que se manifesta no presente da enunciação: é o autor que escreve aquelas linhas; é ele que narra, no momento presente, a história. Já entre autor e personagem, o que teríamos não constitui identidade, mas, antes, uma relação de *semelhança*, uma vez que o sujeito do enunciado (personagem), apesar de inseparável da pessoa que produz a narração (o autor/narrador está falando dele mesmo), dela está afastado, o que se compreende principalmente ao verificar a distância temporal entre o presente da enunciação e o relato de acontecimentos passados: o personagem com a idade de três anos *assemelha-se* ao autor com a idade de três anos. É, por isso que, do

ponto de vista do enunciado, o pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na *história* do personagem; possibilidades, aliás, que muitas vezes o autor mesmo - num movimento de sinceridade próprio à autobiografia - levanta: escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento. Essa espécie de "declaração de princípios", mesmo não expressa, faz parte do contrato autobiográfico com o leitor e diferencia a autobiografia dos demais textos referenciais, uma vez que a exime da semelhança estrita ao referente, afastando assim a necessidade de uma prova de verificação do que foi enunciado (Lejeune, 1975).

E assim, torna-se possível dizer que, apesar de não "concretizar" um imaginário, a autobiografia tampouco constitui "reflexo" do real, pois admite, senão um "ângulo de refração" em que o sujeito se dissipa, ao menos um certo espaço de movência desse sujeito, na medida em que a relação entre "personagem" e autor é apenas de *semelhança*, e não identidade. Como observa Costa Lima, não é que a autobiografia não se contamine com o trabalho das imagens, "apenas não pode se entregar, em sua inteireza, à sua proliferação" (1985:306). Assim, é apenas no espaço limitado da *semelhança* entre aquilo que "é" e aquilo que cria, que o escritor de autobiografia pode "imaginar-se" outro de si mesmo.

1.8 As privações da Falta e da Carência

Ao desenvolver a semiótica das paixões, J. Fontanille & C. Zilberberg (2001: 614) afirmam que qualquer atividade passional pode "ser considerada como o princípio da coerência (ou da incoerência) interna do sujeito: ela dissocia ou mobiliza, ela seleciona um papel e suspende todos os outros".

O sujeito movido pela paixão é, portanto, mobilizado pelas tensões de todos os papéis psíquicos ou sociais fundidos em um único, tensões que marcam

necessariamente seu corpo, já que este é o ponto de partida para todas as experiências. Por essa razão, pode-se dizer que, apesar de ser norteado pela lógica e pela intensidade do sensível, o discurso passional segue também a lógica da racionalidade que se especifica como um acontecimento acompanhado de uma transformação. A enunciação desse acontecimento, seguido da transformação passional, torna a paixão inteligível segundo as formas culturais do grupo social, ou seja, o sentido da paixão é revelado nas modalizações dos estados passionais conforme a cultura, o que possibilita dizer que toda paixão é vivida segundo determinada identidade ou imaginário cultural.

O exame dos fatos da infância de Cora aponta para várias privações, que podem ser reconhecidas sob dois aspectos: privação material e privação de ordem psico-emocional. Esses sentidos, sendo complexos, motivam a pressupor seu desdobramento em *falta* e *carência*, conforme pesquisa desenvolvida por E. M. Nascimento e M. T. Strongoli (2004), no campo da semiótica discursiva. Recorrendo ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), destacamos, dentre as várias explicações, as seguintes:

Privação: 2. *falta ou supressão de um bem ou de uma faculdade.*

Falta: 4. *ausência ou privação de algo; supressão de um bem ou de uma faculdade ou estado considerados normais.*

Carência: 1. *falta de algo necessário; privação; necessidade.*

Essas referências possibilitam afirmar que a *falta* consiste em ausência de algum bem, faculdade ou estado, reconhecidos como aquisição comumente possível ou natural; e a *carência* como ausência de algo valioso e necessário no plano material (como vitaminas, ar) ou no plano psico-emocional (afeto, auto-confiança), reconhecidos como aquisição que implicam situações particulares nem sempre

comuns ou naturais. Consideram Nascimento & Strongoli⁹ que a *falta* pode corresponder à

[...] ausência que implica uma necessidade possível de ser sanada porque, sendo da ordem do cognitivo ou inteligível (logos), é facilmente reconhecida, objetivada, denominada e, como faz parte da sociedade, é passível de ser objeto da vontade, articulando-se com um querer ter.

A *carência*, por sua vez, tem se mostrado uma ausência

[...] da ordem do subjetivo ou sensível (pathos) é indeterminada, dificilmente especificada e, como faz parte dos fenômenos do biologismo, psiquismo e pulsões do homem, mostra-se como uma necessidade imponderável. Ao se articular com os mistérios do mundo natural e subjetivo, manifesta-se como algo imperativo, estruturando-se com um dever ter.

Assim, se a falta é exógena ou externa e transitiva, a carência é endógena ou interna e reflexiva. Ao recorrermos à etimologia, explicitada no mesmo dicionário, encontramos definições que clareiam essa diferença. *Falta* vem da forma hipotética *fallita* e tem a mesma origem de *falsus*; impõe, portanto, uma ausência que é enganosa, do ponto de vista do mundo natural, pois não tem quantidade ou dimensão contínua e, muitas vezes, é imposta arbitrariamente pela sociedade. *Carência*, por sua vez, vem da forma do latim vulgar *carentia* que se prende ao verbo *carere*, *sentir falta de*, é uma privação no campo do sensível, de algo necessário, mas quase sempre indefinível e descontínuo conforme a subjetividade, privação que, não sendo sanada, pode levar a algum tipo de morte, biológica, funcional, social ou afetiva.

⁹ Texto apresentado no 8^{ème} Congrès de l'Association Internationale de Sémiotique, em Lyon, França, 2004, e publicado, via eletrônica, em seus anais no site <http://jgalith.univ-lyon2.fr/actes/welcome.do>

Tanto a falta como a carência são motivadas pela modalização */querer ter/* que estabelece a relação sujeito/objeto (eu → algo), mas somente a carência é sempre movida pelo */dever ter/* visto que seu objeto é da ordem do necessário.

Se a falta/desejo é modalizada por */assumir¹⁰ poder ter/*, instala-se no sujeito a crença de uma interação eufórica consigo e com a sociedade, mas se a modalidade for *Inão assumir poder ter/* manifesta-se a descrença do sujeito no valor do objeto ou em si próprio em face a essa sociedade. Na modalidade da carência/necessidade o */assumir poder ter/* aponta a condição eufórica do sujeito, mas o */assumir não poder ter/* indica a condição patêmica de carente.

Na situação de falta/desejo, quando o sujeito mostra */saber não ter/*, coloca-se no papel patêmico do “desprovido” (conhece o que lhe falta); mas na situação de carência/necessidade, a modalização é da ordem do */não saber ter/*, porque o sujeito, lidando com objeto endógeno, não tem o domínio cognitivo do que aspira (não conhece a dimensão ou a natureza do que lhe falta) e assume a atitude ou o papel patêmico de “carente”.

Na atividade exógena e social da falta/desejo, o */assumir poder ter/* manifesta o sentido de pertença do homem a seu grupo e o */saber não ter/*, a consciência de sua socialização, porque já conhece o que lhe é possível ter. Já na atividade endógena da carência/necessário o *Inão assumir poder ter/* é a interação do homem com um objeto desconhecido ou misterioso.

Se a falta/desejo caracteriza-se pelo prescindível, pois pertence ao contexto do que é quantificável na sociedade; a carência/necessidade, por sua vez, é da ordem do imprescindível, já que é imposta por grandezas incontroláveis da natureza, seja do mundo ou de seu temperamento.

¹⁰ Fontanille apresenta, no modo potencializado, duas variedades da crença, o *assumir* (implicando *introjeção*) e o *aderir* (implicando *objetivação*).

Segundo Strongoli (2005)¹¹, a carência/necessidade, privação que o sujeito conhece facilmente em sua relação com o mundo ou com o próprio corpo, pode transformar-se, em determinado momento ou contexto, em falta/desejo e passar a ser a força impulsiva motivadora de ações que, uma vez encadeadas, constituirão a história de vida do sujeito.

Nessa perspectiva, Nascimento (2007: 43), examina o estudo de Ignácio Assis Silva sobre a personagem Narciso na obra *Metamorfoses* de Ovídio e verifica como esse semioticista observa a transformação da “sede necessidade/carência” em “sede desejo/falta”:

Empurrado pela sede, Narciso, debruça-se sobre a fonte. Trata-se de “uma coerção natural (uma necessidade decorrente da macrosemiótica do mundo natural)” (Silva, 1995, p. 144). Mas, no verso “Enquanto deseja ardentemente fazer baixar uma sede, outra sede brota”, ao beber a água da fonte, Narciso é arrebatado pela forma que acaba de ver e ama uma ilusão sem corpo, pois acredita ser um corpo aquilo que é apenas água. A sedução do belo leva-o, assim a “outra” sede, a que é arrastado pelo amor, que o imobiliza.

O inverso também ocorre: a falta/desejo pode se colocar como a origem da carência/necessidade, sobretudo se o desejo tiver sido criado em sonhos, ou se habitar os devaneios e projetos do sujeito, como a vontade de ser herói, rico ou poderoso.

As modalidades do crer / querer / dever / saber e poder ter os vários objetos, endógenos ou exógenos, da cultura mobilizam todas as paixões e criam, no sujeito, cadeias passionais que se entrelaçam, se afastam ou se juntam de modo a nortear – e manifestar os significados de seus programas de vida.

O estudo dessas paixões e sua aplicação na análise de textos, sobretudo biográficos, auxilia a compreender e a analisar o movimento das paixões das

¹¹ Apontamentos durante a jornada de estudos sobre as paixões, organizada pelo Núcleo de pesquisas: *língua, imaginário e narrativa* – NUPLIN / PUC-SP, em julho de 2005.

personagens, indicando com mais clareza os objetivos, as intenções e a razão de suas ações e reações.

Capítulo II

Desvendando Cora por Cora

2.1 - A construção discursiva na auto-representação

No texto “Semente e Fruto”, a autora intenciona enfrentar o desafio de narrar sua própria história por meio de elementos selecionados e reagrupados em forma de texto poético. Os fatos são representados não com base em uma suposta veracidade, mas guiados por meio de objetivos, critérios, interesses e desejos pessoais para representar a si mesma no discurso, tendo por ponto de partida as experiências vividas. Estas, ao serem narradas, constroem para o leitor formas de conhecimentos avaliativos que, em se tratando do literário-autobiográfico, objetivam desconstruir os conhecimentos sociais que até então representavam-na. Desta forma, as representações de Cora por Cora são guiadas por suas intenções pessoais, ainda que dialeticamente perpassadas pelos valores e normas contidos nas cognições sociais do seu grupo, ou seja, os conhecimentos sociais guiam as representações mentais individuais e estas modificam as sociais. Logo, apreende-se que *“o conhecimento se refere a uma dada comunidade epistêmica”* (Van DIJK, 2003: 400), mas é também relativo, pois decorre da projeção do ponto de vista de quem fala. Assim, mesmo apresentando uma base compartilhada, o texto poético da autora destaca seu caráter particular manifestado nas suas representações de si mesma e do mundo .

Há ainda de se destacar no discurso literário autobiográfico seu caráter memorial, que coloca uma razoável distância em relação ao acontecido e ao lembrado. Daí os fatos serem reconstruídos em função de intenções criadas pelo presente do autor e que, não raro, estão implícitas, pois o tempo da lembrança é o tempo sempre presente da enunciação. Desse modo, toda informação semântica necessária para

construir sentidos para o texto estará dividida entre duas categorias semânticas: o *dado* - aquilo que, socioculturalmente, tanto autor quanto leitor compartilham e que se configura como fatos; o *novo* - aquilo que o autor reconstrói a partir do dado e que se configura como representação pessoal. Relacionar o dado ao novo requer uma visão abrangente. Nesse sentido, a reconstrução histórica realizada pela pesquisa com intertextos e interdiscursos apresenta-se como uma etapa fundamental para que se possa apreender o diálogo entre o social e o individual no âmbito da materialidade do discurso: o texto.

De forma geral, a hermenêutica poética postula que nenhuma leitura é feita sem pressupostos. Estes pressupostos só podem ser explicitados pelo (re)conhecimento dos intertextos e interdiscursos. A intertextualidade, numa concepção ampla, se faz presente em toda manifestação textual-discursiva, e configura-se como condição de existência do próprio discurso. A esta noção, pode-se equiparar a noção de interdiscursividade, sendo este o lugar em que se constitui o sentido do texto (KOCH, 1991: 530-531). A interdiscursividade, porém, configura-se como o processo de incorporação de temas e/ou figuras de um discurso em outro (BARROS & FIORIN, 2003). Assim, a intertextualidade em sentido restrito, dá-se quando há a relação de um texto com outros textos previamente e efetivamente produzidos, ou seja, *“quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido”* (KOCH, 1997: 108). Nesse sentido, a interdiscursividade é constatada pela presença de marcas explícitas que caracterizam determinadas formações discursivas.

Portanto, podemos destacar interdiscursividade, como sinônimo de intertextualidade numa perspectiva ampla e, como fenômeno inerente à constituição do discurso, numa perspectiva restrita. Neste último caso, a intertextualidade se constitui como forma de manifestação particular da interdiscursividade. Contudo, explica BARROS & FIORIN (ibidem), a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere também ao discurso que ele manifesta”. A intertextualidade, bem como a

interdiscursividade, torna possível a compreensão do texto. Este, por mais renovador que pareça, sempre apresentará pistas - marcas conhecidas ou avisos implícitos - orientando sua recepção. É nesse sentido que JAUSS (1979) declara que a obra predetermina a recepção e oferece as orientações necessárias ao seu leitor.

2.2 A demarcação do texto-base em episódios e sua expansão pelos intertextos

O texto-base “Semente e Fruto” configura-se na obra da autora como uma síntese da sua trajetória de vida. A partir da leitura linear, foram identificados três episódios, a saber : A saída de Goiás - Juventude ; Fora de Goiás - Maturidade ; A volta à Goiás -Velhice.

2.2.1 Representação dos episódios

PRIMEIRO EPISÓDIO:

- **Apresentação** – “Eu era jovem cheia de sonhos”
- **Conflito** – “Limitada e governada por oito mulheres”
- **Resolução** – “E eu parti em busca do meu destino”

SEGUNDO EPISÓDIO:

- **Apresentação** – “E me nasceram os filhos”
- **Conflito** – “E foram eles, frágeis e pequeninos/carecendo de cuidados”
- **Resolução** – “Cresceste numa escola de luta e trabalho”

TERCEIRO EPISÓDIO:

- **Apresentação** – “depois, cada qual se foi ao seu melhor destino”
- **Conflito** – “E a velha mãe sozinha”
- **Resolução** – “Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais”

A fim de compor um quadro mais abrangente das representações de Cora por ela mesma, manteremos a demarcação de conteúdos representados no texto-base expandindo os episódios por meio dos intertextos da própria obra. Tais relações intertextuais realizadas a partir do texto-base resultaram no que denominamos aqui, dada a abrangência, de macroepisódios que se especificam por meio das fases da vida da autora. São eles: A saída de Goiás – Juventude, Fora de Goiás - Maturidade; - A volta à Goiás -Velhice. Cada episódio seguirá as categorias de análise: i) formas de representação, ii) valores representados em língua e iii) as paixões da falta e da carência nas representações das privações do sujeito.

2.3 Primeiro macroepisódio: A saída de Goiás - Juventude

*Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza
que me limitava
entre oito mulheres que me governavam.
E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.*

*Despojada. Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
E fui caminhando, caminhando...*

- **Apresentação** - Eu era jovem cheia de sonhos...
 - **Conflito** - Limitada e governada por oito mulheres
 - **Resolução** - E eu parti em busca do meu destino
- **Estado do sujeito após a resolução:** despojada, apedrejada, sozinha, perdida , caminhando , caminhando

Verificamos neste fragmento do texto-base o primeiro episódio, onde o sujeito inicia a narrativa situando-se nela a partir da rememoração de um tempo afetivo. A partir daí, descreve um estado inicial onde se qualifica como jovem, cheia de sonhos, rica de imensa pobreza, limitada e governada. Este é o quadro descritivo que precede sua partida em busca de seu destino. A relação opositiva entre ser jovem cheia de sonhos e ser limitada por imensa pobreza entre oito mulheres instaura o conflito motivador da partida.

Embora, no texto-base, o início da trajetória do sujeito tenha sido representada a partir da juventude¹², tem-se pelo intertexto a distinção entre a infância e a juventude enquanto período de experiências distintas, ainda que em alguns aspectos tais períodos apresentem relações de contigüidade. Assim, por meio das relações intertextuais, buscamos reconstruir a fase da infância, que esta se encontra representada na maior parte dos poemas que compõem a obra da autora. Considerando a relação de contigüidade com a infância no que se refere a descrição das condições materiais da família, a descrição de tais aspectos está subentendida na juventude.

Assim, a reconstrução desses períodos referentes às condições materiais da família permite-nos expandir as seqüências “rica de imensa pobreza / que me limitava / entre oito mulheres que me governavam” Na expansão, verificamos que tanto infância quanto juventude foram representadas pela autora como período de muitas privações, tanto de ordem material quanto imaterial. Tais privações, em confronto com as pulsões do sujeito, instaura um conflito seguido de uma resolução “E eu parti em busca do meu destino”, que coloca o sujeito num estado final negativo “Ninguém me estendeu a mão / Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras / Despojada. Apedrejada / Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida”.

¹² A palavra “juventude”, segundo o Dicionário Houaiss (2001) designa, entre outros, “o período da vida do ser humano compreendido entre a infância e o desenvolvimento pleno do seu organismo”, “época ou condição de estar na mocidade, de ser jovem”.

2.3.1 – A dimensão material da pobreza na infância e na adolescência

Do ponto de vista material, a imagem construída da fase da infância e da adolescência é marcada pela falta de recursos financeiros da família, sempre associada ao orgulho de um passado de opulência. Essa associação caracteriza a família sempre preocupada em manter o *status* social, apesar da limitação financeira. Tal comportamento encontra respaldo na classe média goiana daquela época que, da mesma forma, vivia um momento de declínio econômico.

Apontamos, a seguir, por sublinhado, fragmentos dos intertextos onde ocorrem as representações construídas por Cora a respeito de sua família que conheceu a riqueza durante a extração do ouro em Goiás e também as privações decorrentes do processo de decadência com o “esgotamento” do ouro. O Goiás de riqueza, bem como o de decadência da infância narrada, configuram-se em dois momentos econômicos referenciais da história de sua família. O primeiro é lembrado nas histórias de sua bisavó. O segundo, é o cenário sócio-econômico do período da infância e juventude representadas na obra desta autora que. Tais representações, por meio dos intertextos, da própria obra, serão aqui expostos de forma a completar informações e avaliações do texto-base.

No intertexto 1, a cidade de Goiás onde a autora nasceu é representada como um lugar distante e de onde levaram o ouro e deixaram as pedras, ou seja, que conheceu a riqueza e a sua decadência. Trata-se de uma infância e de uma adolescência vivida dentro de um contexto situado num momento político-histórico de transição onde as transformações resultam em alterações econômicas e sociais. É um momento em que o velho insiste em permanecer no mesmo espaço em que o novo se instaura. Neste sentido, conforme é representado no intertexto 2, a classe média goiana busca se reconhecer pelo que foi no passado, mantendo as “aparências de decência, compostura e preconceito” e passa a viver, nas palavras da autora numa “pobreza disfarçada”.

INTERTEXTOS 1

(...)

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
"Longe de todos os lugares".
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram
a minha infância e adolescência.

Aos meus anseios respondiam
as escarpas agrestes.
E eu fechada dentro
da imensa serrania
que se azulava na distância
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria
o vôo nas asas impossíveis
do sonho.

Venho do século passado.
Pertenço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.

.....

(Cora Coralina quem é você? - Meu livro de Cordel)

INTERTEXTOS 2

(...)

E o lixo pobre da cidade,
extravasando dos quintais.

(...)

..., Vila Rica tem um cano horroroso.
Começa no começo.
Abre ali sua bocarra de lobo
e vai até o Rio Vermelho.
Coitado do Rio Vermelho!...
O cano é um prodígio de sabedoria,
engenharia, urbanismo colonial,
do tempo do ouro.

Conservado e confirmado.
Utilíssimo ainda hoje.
Recebe e transfere.
Às vezes caem lajes da coberta.
A gente corre os olhos sem querer.

.....
(Do Beco da Vila rica - Poemas dos Becos de Goiás e Histórias mais)

INTERTEXTO 3

(...)
As arcas desmanteladas.
Os baús amassados.
Os abastos resumidos.
A fornalha apagada.
Economizado o pau de lenha.
Pelos cantos as aranhas
diligentes, pacientes, emaranham teias.
E a casa grande se apagando,
caindo lance a lance, seus muros de taipa.
(...)

Rezava. Rezava, pedia, prometia...
O tempo foi passando,
os santos, cansados, enfatiados
economizando os milagres do passado.
No fim os compradores de antiguidades
acabaram mesmo levando os oratórios
e os santos, que fossem de madeira,
dando lugar à TV, ao Rádio RCA Victor de sete faixas

Tudo economizado, aproveitado.
Tudo ajudava a pobreza daquela classe média, coagida, forçada
A manter as aparências de decência, compostura, preconceito,
sustentáculos da pobreza disfarçada.

.....
(Moinho do tempo - Vintém de Cobre)

A família do sujeito é representada como pertencente à esta classe média e reluta em privar-se dos objetos que representam este passado. O “novo” se impõem pouco a pouco na passagem do tempo, mas os valores do passado permanecem dando apenas nova roupagem para o “velho”, conforme se apreende em “Rezava, rezava, pedia, prometia...” / (...) “No fim os compradores de antiguidade/acabaram mesmo levando os oratórios/ (...) dando lugar à TV, ao Rádio RCA Victor de sete faixas”. Neste quadro de representações, decorrem a infância e a adolescência de Cora, o

sujeito que rememora. Em sua dimensão material, a representação da pobreza da casa é realizada pela descrição da casa grande em ruínas, mas com alguns objetos modernos conseguidos pela troca de antiguidades.

Segundo MARQUESI (1996), o esquema textual da descrição, ou seja, sua surpestrutura, compreende um conjunto de blocos descritivos ancorados por um tema. O intertexto 2 está tematizado na pobreza disfarçada em classe média. Os blocos são: a) os objetos gastos da casa; b) estado da casa; c) as pessoas da casa que rezam por um milagre; d) os objetos da casa (antiguidades); e) os aparelhos modernos que substituem as antiguidades.

O intertexto 4, também, é construído pela descrição tematizada na pobreza, agora representada poeticamente por “vintém de cobre”. Os blocos descritivos compreendem: a) os sentimentos de Cora na representação da pobreza; b) os objetos da casa gastos, mas disputados. Ao aspectualizar a descrição pelo tempo, a poetiza focaliza um passado de riqueza e opulência (“orgulho e grandeza do passado”): os objetos da casa são remanescentes desse período, estabelecendo uma relação com o tempo da enunciação – *passado-riqueza x presente-pobreza*. A transição de um período para outro inscreve o processo de decadência.

INTERTEXTOS 4

Vintém de Cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado).
Azinhavrados.

Ainda o vejo,
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
na mão fechada

Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,
da minha infância,
da gente pobre, daquele tempo.

*Tudo velho, gasto, conservado,
empoeirado, pelos cantos.
Levados para o depósito do velho sobradão.*

*Colchas de retalhos desiguais e desbotados.
Panos grosseiros encardidos, remendados.
Potes e gamelas, pratos desbeijados,
velhos sapatos,
furados, acalcanhados
eram disputados,
tinha sempre alguém que os quisesse.*

*(...)
"Quarenta vintém derréis..."
Dinheiro curto, escasso.
Parco. Parcimonioso.
De se guardar.
De um tempo velho.
De gente pobre.
Da minha terra.
Da minha infância
Vintém de Cobre!...
Economia. Poupança.*

*A casa pobre.
Mandrião de saias velhas
da minha bisavó.
Recortadas, costuradas para mim.
Timão de restos de baeta.*

.....
(O cântico de Aninha – Vintém de Cobre)

A pobreza é introduzida nos intertextos 4 e 5 onde o dado, ou seja, os conhecimentos sociais do grupo de origem de Cora, representado pelos os habitantes da cidade de Goiás Velho explícito e implícito respectivamente nos intertextos 3 e 5 como “classe média”, que ressemantiza-se no intertexto 4 como “gente pobre”. O novo, portanto, decorre da introdução de novas representações que ressemantizam as cognições sociais do dado, ou seja, a classe média é uma aparência para manter a decência, a compostura e o preconceito, pois, em verdade, o que existia era a pobreza disfarçada, daí a designação “gente pobre”. Ainda no intertexto 4, o item lexical “vintém” progride semanticamente na designação “moeda” (“moeda triste, escura, pesada”) e “dinheiro” (“Dinheiro curto, escasso. / Parco.

Parcimonioso.”) que, por sua vez, progridem o conteúdo semântico da designação “pobreza”.

O intertexto 5 progride semanticamente o intertexto 4, o 3 e o 1. Ele está tematizado nos tecidos (saia, timão, colchas e panos) que são caracterizados pela pobreza (velha, feio, restos, desbotados, grosseiros encardidos, remendados).

INTERTEXTOS 5

*Eu vestia um antigo mandrião
de uma saia velha de minha bisavó.
Eu vestia um timão feio
de pedaços, de restos de baeta.*

(...)

*Mandrião de saias velhas.
Timão de restos de baeta.
Colchas de retalhos desbotados.
Panos grosseiros, encardidos, remendados.
Vida sedentária.
Velhos preconceitos.
Orgulho e grandeza do passado.*

*Pé-de-meia sempre vazio.
E o sonho de ajuntar.
Melhorar de vida, prosperar,
num esforço inútil e tardio.*

(...)

*Do antigo mandrião
de saias velhas da vovó.
De cobertas de retalho,
de panos grosseiros encardidos,
remendados.
De velhos preconceitos
-orgulho e grandeza do passado.
Opulência. Posição social.
Sesmarias. Escravatura.
Caixas de lavrado.*

.....
(Vintém de Cobre, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais)

O intertexto 5 traz, representado em língua, formas de conhecimento da memória social dos habitantes da região de Goiás Velho: um passado de opulência com a extração do ouro vs um presente de carência do orgulho do passado. Na tematização da “pobreza”, o intertexto 6 traz nova progressão semântica ao focalizar os visitantes da casa que tanto quanto a família vivem velhos hábitos dentro de um novo contexto econômico, o que caracteriza a vida de aparência a qual o narrador/personagem Aninha (poetiza representada na infância) se opõe. Para ela, esse disfarce representa um tipo de pobreza-limitação.

INTERTEXTO 6

(...)
*certos dias da semana
se fazia um bolo,
assado na panela
com um testo de borralho em cima.
Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal que muito ruim).*

(...)
*Era aquilo uma coisa de respeito.
Não pra ser comido
assim, sem mais nem menos.
Destinava-se às visitas da noite,
certas ou imprevistas.
Detestadas da meninada.*

(...)
*Era gente superenjoada.
Solene, empertigada.
De velhas conversas
que davam sono.
Antiguidades...*

(...)
*D. Joaquina Amâncio...
Dessa então me lembro bem.
Era amiga do peito de minha bisavó.
Aparecia em nossa casa
quando o relógio dos frades
tinha já marcado 9 horas
e a corneta do quartel, tocado silêncio.
E só se ia quando o galo cantava.*

.....
(Antiguidades - Poemas dos Becos de Goiás e Histórias Mais)

Considerando que toda prática social é produzida a partir de um determinado lugar e situada em um dado momento, confirma-se que o comportamento da família encontra-se respaldado pelas representações do seu grupo social para quem o passado é valorado positivamente e, por isso, apesar da transformação econômica, deve ser mantido por meio dos hábitos e costumes. Não havendo correspondência entre o momento em que vivem e o momento outrora vivido, um estado de aparência se instala como valor do grupo e é acompanhado das condutas e preconceitos que lhes são próprios. Nesse sentido, é que se pode dizer que as práticas sociais estão relacionadas à forma do homem conceber o mundo e esta, por sua vez, está relacionada ao modo de vida da sociedade. Isso implica “permanências” e “transformações” decorrentes das relações que o homem estabelece com o mundo e com outros homens.

As transformações sociais a qual o grupo está exposto ocorrem em vários níveis. No contexto nacional, trata-se do período da abolição da escravatura e da transição entre a Monarquia e a República, conforme se apreende no intertexto 1 (“Pertença a uma geração / ponte. Entre a libertação / dos escravos e o trabalhador livre. / Entre a monarquia / caída e a república / que se instalava.”) Em nível local, esgota-se o ouro extraído da cidade, ocasionando a mudança de vida das pessoas que viviam da exploração do metal (“Nasci numa rebaixa de serra / entre serras e morros. (...) Numa cidade de onde levaram / o ouro e deixaram as pedras”).

Nessa fase, tanto a família como a classe média em geral zelam pela “permanência” de práticas sociais que, diante das “transformações” política e, sobretudo, econômicas, configuram-se antagônicas: de um lado, a manutenção de costumes típicos da posição social do grupo; de outro, a atual limitação financeira. Esta nova realidade faz com que se estabeleça a necessidade da auto-afirmação do grupo que no seu discurso busca, pela diminuição do outro, diferenciar-se e demarcar sua posição superior, tal como se lê no intertexto 7:

INTERTEXTO 7

(...)

No tempo dos adágios que os velhos

Sentenciavam

enfáticos e solenes:

"- Quem nasce pra derréis não chega a vintém".

Pessimismo recalcando

aquele que pensava evoluir.

.....
(Vintém de Cobre –Freudiano- Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais)

A auto-ilusão do grupo em relação à sua nova realidade manifesta-se nas formas de avaliação por meio de metáforas e clichês (“-*Quem nasce pra derréis não chega a vintém*”). De acordo com LAKOFF & JOHNSON (2002), as metáforas não são apenas figuras “retóricas”, mas fazem parte dos sistemas de representações do indivíduo. Para os autores, nosso sistema conceitual ordinário – que serve para pensar e agir – é de natureza fundamentalmente metafórica. Assim, o grupo da “pobreza disfarçada” mantém a estratificação social por meio da representação monetária, cuja escala de valores aponta para “vintém” como grupo de maior prestígio social em comparação a “derréis”, que representa um grupo de menor prestígio. É notória a relação entre posição social e poder econômico e, nesse sentido, representar-se rico é representar-se em posição superior e, por conseguinte, “manter” o poder por meio da crença de fazer parte desse poder. Dessa forma, o comportamento da família justifica-se pela necessidade de manter os valores do grupo social que compõem a memória social local.

Para Van DIJK (1997), as representações, por serem construídas em sociedade, são guiadas por conhecimentos sociais e, desse modo, a auto-representação decorre dos modos pelos quais os outros membros do grupo ou membros de outros grupos vêem, definem e tratam os indivíduos como pessoas. Ideologicamente, mostrar-se pobre é mostrar-se sem poder, e não ter poder é mostrar-se inferior em uma estrutura hierarquicamente organizada. Portanto, “manter as aparências” reflete a

ânsia em manter o prestígio social, pertencer a uma classe que “domina”, estar na “parte de cima” da estrutura.

Não podendo haver correspondência concreta entre o passado e o presente, anseia-se por um milagre (“Rezava. Rezava, pedia, prometia.../ O tempo foi passando ,/ os santos, cansados, enfatiados / economizando os milagres do passado)“. O intertexto 8, que se refere à um possível veio de ouro baseado na crença popular local, expande as causas de se ansiar por esse milagre:

INTERTEXTO 8

(...)

Diz a crônica viva de Vila Boa
que, debaixo do cano da Vila Rica,
passa um filão de ouro.
Vem da Rua Monsenhor Azevedo.
Rico filão. Grosso filão.
Veia pura, confirmada.
Atravessa o beco - daí o nome de Vila Rica.
E vai engolido pelo Rio Vermelho.

Para defender esse veeiro
e dirimir contendas no passado
que deram causa a mortes, brigas, danos e facadas,
o Senhor Ouvidor de Vila Boa,
por bem entender e ser de sua alçada,
mandou por cima do filão de ouro
estender o cano.
Medida salomônica e salutar.

Bem por isso um ilustre causídico,
de sobrado beiradão colonial,
costuma recolher num vidro de boca larga
palhetas de ouro,
encontradas na moela das galinhas do quintal.

.....
(Do Beco da Vila rica - Poemas dos Becos de Goiás e Histórias mais)

O intertexto 9 refere-se às lembranças da bisavó de Cora ancoradas na opulência de um passado experienciado por ela. Em ambos os valores representados o passado justifica o comportamento presente.

INTERTEXTO 9

*Minha bisavó (...)
inspirada no passado
sempre tinha o que contar.*

*(...)
Estórias avoengas...
Por sinal que uma delas embalou minha infância.*

*Era a estória de um aparelho de jantar
que tinha sido encomendado de Goiás*

(...)

*Um aparelho de jantar - 92 peças.
Enorme. Pesado, lendário.
Pintado, estoriado, versegado,
de loiça azul-pombinho.
Encomenda de um senhor cônego
de Goiás
para o casamento de seu sobrinho e afillhado
com uma filha de minha bisavó.*

*(...)
As bodas marcadas
se fizeram com aparato.
Fartas comezainas.
Vinho de Espinho - Portugal –*

*(...)
Aparelhos de loiça da China.
Faqueiros e salvas de prata.
Compoteiras e copos de cristal.
Na sobremesa, minha bisavó exultava...
Figurava uma pinha de iludição.*

*Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado,
cheios de confeitos de ouro em filigrana.
Mimo aos convidados graduados:
Governador da Provincia.*

*Cônegos, Monsenhores, Padres-Mestres,
Capitão-mor.
Brigadeiros. Comendadores.
Juizes e Provedores.
Muita pompa e toda parentela.
Por amor e grandeza desse fasto
- casamento da sinhazinha Honória
com o sinhô-moço Joaquim Luis –
dois velhos escravos, já pintando,
receberam chorando
suas cartas de alforria.*

*Ficou mais, assentado e prometido
em palavra de rei testemunhado,
que o crioulinho
que viesse ao mundo
com o primogênito do casal
seria forro sem tardança na pia batismal.*

(...)

*(Na pia batismal, era, naquele tempo,
forma legal e usual de se alforriar um escravo.)
Toda essa estória
por via de um aparelho de loiça da China,
destinado a Goiás.
Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.
Embarcado num veleiro
no porto de Macau.*

.....
(Estória do Aparelho Azul-Pombinho - *Poemas dos Becos de Goiás Estórias Mais*)

A transmissão de valores de uma sociedade passa pela instituição família e se constitui na base do processo de socialização. Nesse sentido, as lembranças da bisavó convocadas nas histórias que contava transmitem a tradição do grupo com o objetivo de estruturar as formas de conhecimento de cada membro. BAKHTIN (2003), relacionando a questão da socialização com os valores transmitidos na formação do indivíduo, diz-nos que,

as influências extratextuais têm uma importância muito especial nas primeiras fases do desenvolvimento do homem. Estas influências estão revestidas de palavras (ou de outros signos) e estas pertencem a outras pessoas: antes de mais

nada, trata-se das palavras da mãe. Depois, estas “palavras alheias” se reelaboram dialogicamente em “palavras próprias alheias” com a ajuda de outras “palavras alheias” (anteriormente ouvidas) e, em seguida, já em palavras próprias (com a perda das aspas, para falar metaforicamente) que já possuem um caráter criativo.

(p. 385):

No intertexto 9 e o intertexto 10 demarcam a história da família em dois tempos: a) o passado marcado pela opulência em que vivia a família (i9) , b) o presente onde a família vive da “aparência” desse passado :

INTERTEXTO 10

(...)

*Era um prato sozinho,
último remanescente, sobrevivente,
sobra mesmo, de uma coleção,
de um aparelho antigo
de 92 peças.
Isto contava com emoção, minha bisavó,
que Deus haja.*

*Era um prato original,
muito grande, fora de tamanho,
um tanto oval.
Prato de centro, de antigas mesas senhoriais
de família numerosa.
De fastos de casamento e dias de batizado.*

(...)

*Minha bisavó
traduzia com sentimento sem igual,
a lenda oriental
estampada no fundo daquele prato.
Eu era toda ouvidos.
Ouvia com os olhos, com o nariz, com a boca,
com todos os sentidos,
aquela estória da Princesinha Lui,
lá da China - muito longe de Goiás –
que tinha fugido do palácio, um dia,
com um plebeu do seu agrado
e se refugiado num quiosque muito lindo
com aquele a quem queria,*

(...)

*Do meu tempo só foi mesmo
aquele último
que, em raros dias de cerimônia
ou festas do Divino,*

*figurava na mesa em grande pompa,
carregado de doces secos, variados,
muito finos,*

(...)

Às vezes, ia de empréstimo

(...)

*Voltava com muito-obrigados
e, melhor – cheinho
de doces e salgados.*

*Tomava a reliquia para o relicário
que no caso era um grande e velho armário,
alto e bem fechado.*

*- "Cuidado com o prato azul-pombinho" –
dizia minha bisavó,
cada vez que o punha de lado.*

Um dia, por azar,

(...)

fora de seu lugar, apareceu quebrado,

(...)

*Exclamações. Histeria coletiva.
Um deus-nos-acuda. Um rebuliço.
Quem foi, quem não foi?...*

(...)

*Minha bisavó teve "aquela coisa".
(Ela sempre tinha "aquela coisa" em casos tais).
Sobreveio o flato.
Arrotando alto, por fim, até chorou...*

*Eu (emocionada), vendo o pranto de minha bisavó,
lembrando só
da princesinha Lui –
que já tinha passado a viver no meu inconsciente
como ser presente,
comecei a chorar
- que chorona sempre fui.*

(...)

Chorei sozinha minhas mágoas de criança.

.....
(O Prato Azul Pombinho - Poemas dos Becos e Histórias Mais)

Ainda no intertexto 10, a oposição entre grupo e indivíduo ganha relevo na configuração do valor atribuído ao prato azul pombinho pelo grupo e pelo indivíduo (Aninha). Para o grupo, a perda do prato significou a perda de um objeto que representava o passado de glória vivido. Para o indivíduo, significou, dada sua experiência pessoal com o prato, a impossibilidade de ouvir as histórias que sua avó contava tematizada na gravura do prato.

De forma geral, a recorrência da tematização da pobreza no período da infância bem como da adolescência nos permite dizer que, para autora, estes dois períodos são representados do ponto de vista material como períodos de privação. Contudo, esta privação não se configura absoluta, uma vez que não se trata da ausência do essencial para subsistência do grupo, ou até mesmo, de algum excedente. A privação sofrida pelo grupo é relativizada no “passado de opulência”, ou seja, a família sente a ausência do passado de glórias e não dos bens essenciais para sua subsistência.

2.3.2 - A dimensão imaterial da pobreza na infância

Na representação de Cora a soberba, a arrogância e o preconceito regiam o comportamento da família. Ressalta a prevalência das *atitudes impostas, falsas, contrafeitas*. Os mais jovens eram submetidos aos valores dos mais dos mais velhos, que exerciam sobre aqueles poder e controle por meio da educação formal e informal. Ambas são representadas como conservadoras, autoritárias e repressoras.

INTERTEXTOS 11

(...)

*Tive uma velha mestra que já
havia ensinado uma geração
antes da minha.*

Os métodos de ensino eram
antiquados e aprendi as letras
em livros superados de que
ninguém mais fala.

.....
(Cora Coralina, quem é Você?, *Meu Livro de Cordel*)

INTERTEXTO 12

(...)

Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.
Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo.
A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência
e mandou enérgica: estende a mão.

(...)

A palmatória cresceu no meu medo, seu rodelo se fez maior,
o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante
e o bolo estralou na pequena mão obediente.
Meu berro! e a mijada incontinente, irreprimida.

(...)

Em casa ganhei umas admoestações sensatas.

(...)

Ao meu soluçar respondia a casa: "é pra o seu bem, pra ocê [aprender,
senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão".
Sei que todo castigo que me davam era para meu bem.
Eu não sabia que bem seria este representado por bolos na mão,
chineladas e reprimendas, sentada de castigo com a carta de ABC na mão.
O bem que eu entendia era a bolacha que me dava minha bisavó
e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita.
Estes, entravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma noção.

.....
(Menina mal-amada - *Vintém de cobre*)

INTERTEXTO 13

(...)

Sem a compreensão de seus responsáveis, sem defesa, e sem desculpas,
vítimas desinteressantes de uma educação errada e prepotente
que ia da casa à escola, passando por uma escala de coerções [absurdas,
a criança se debatia entre as formas anacrônicas e detestáveis
de castigos e repreensões disciplinares, do puxão de orelhas ao beliscão torcido,
o cocre que tonteava, até as chineladas de roupa levantada
em cima da pele, e não raro a palmatória.
Isso, sem falar nos piores, interessando a sua vida psicopatológica.

.....
(Criança - *Vintém de cobre*)

O recurso da violência física empregada em sala de aula está em conformidade com sua época. Não só era aceita como também praticada por outras instituições, como a família. As violências física, psicológica e moral fazem parte do marco de cognição social daquela época como recurso pedagógico compartilhado extragrupalmente. É em razão disso que a autora, apesar de ter experienciado essa conduta e se opor a ela, reconhece a importância que a “velha mestra” teve em sua formação.

INTERTEXTO 14

(...)

Eu era menina do banco das mais atrasadas.

(...)

Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.

E ela me refez, me desencantou.

Abriu pela paciência e didática da velha mestra,

cinquêtanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso.

.....

(Mestra Silvina - *Vintém de cobre*)

Os intertextos 15, 16 e 17 progridem a representação da educação formal. O acesso à educação formal não lhe foi negado. Porém, era tradição na sua família as mulheres estudarem apenas as séries iniciais. Era suficiente apenas saber ler e escrever. A deficiência no aprendizado formal foi sentida, mas superada, já que a autora acredita a ter suplantado com a experiência da vida. Seu desenvolvimento intelectual se deu basicamente de forma autodidata, sobretudo por meio das experiências de leitura:

INTERTEXTO 15

(...)

magricela a quem ninguém dava a idade certa,

tinha nesse tempo onze anos

(...)

A irmã Ursula me ajudou a ajeitar a cesta alongada

Na cabeça, equilibrou a trouxa

*Que minha mãe devia lavar, passar e engomar.
Perguntou pela minha idade e se freqüentava escola.
Eu disse que não tinha tempo, porque ajudava mãe a lavar roupa.
Ela abriu a boca, ia dizer alguma coisa, pensou,
E disse: “Depois”.*

(Imaginários de Aninha - a roda, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTO 16

(...)

*A escola da vida me suplementou
as deficiências da escola primária
que outras o Destino não me deu*

.....
(Cora Coralina, quem é Você?, *Meu Livro de Cordel*)

INTERTEXTO 17

(...)

*Meninas, não aceitavam delas senão a linguagem corriqueira
e vulgar da casa.
Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,
logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.
Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo-claro.
E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas
Leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico.
A gente era vigiada, tinha uns preceitos arrasantes de ridicularizar,
redizir e limitar as jovens personalidades,*

.....
(Normas de Educação - *Vintém de cobre*)

A representação da mulher na família está associada ao preparo desta para assumir o papéis relacionados formação e manutenção da família. O ensino formal restrito se justifica nesse grupo como recurso para inibir a mulher a questionar sua condição submissa como filha, esposa e mãe. Não havendo estímulo para o desenvolvimento intelectual, o aprendizado do trabalho doméstico era estimulado desde cedo. Desta forma é que se pode dizer que a ideologia presente no seio da família se transforma em cultura quando passa a ser transmitida de geração para geração. A submissão da mulher é um valor positivo e, por isso, reproduzida pelas figuras femininas,

principalmente pela mãe, mantenedora do grupo e, portanto representante do poder. No caso de Cora, dado sua inclinação para as letras, esta submissão é uma forma de limitação. Os intertextos 18, 19 e 20 expandem esta noção.

INTERTEXTOS 18

(...)

*Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,*

(...)

*Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.
Sempre houve na família, senão uma
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada
a essa minha tendência inata.*

.....
(Cora Coralina, Quem é você? Meu Livro de Cordel)

INTERTEXTOS 19

(...)

*Entre os adultos, antigamente, a criança não passava
de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda,
porque nem mesmo tinha o valor de incomodar.*

*Mal chegava aos quatro, cinco anos,
tinha qualquer servicinho esperando.*

*Bem diziam os mais velhos: "serviço de criança é pouco
e quem o perde é louco".*

*Era uma coisa restringida, sujeitada por todos os meios discricionários
a se enquadrar dentro de um molde certo, cujo gabarito era o adulto.*

.....
(Criança - Vintém de cobre)

INTERTEXTOS 20

(...)

Na cozinha, Siá Lizarda explorava meus préstimos.

*Me punha a escolher marinheiros do arroz, e esse era beneficiado
nos monjolos das fazendas e traziam, além da marinhagem,
pedrinhas trituradas que davam trabalho lento de separar.*

.....
(Menina mal-amada - Vintém de cobre)

Os intertextos 21, 22 e 23 expandem o tratamento dispensado à criança, ou seja, a posição que esta ocupava na casa, na sociedade. Além de não ser o foco de atenção especial, não era percebida nem ouvida. Parece ser ocultada no interior do grupo social.

INTERTEXTOS 21

(...)
*Criança, no meu tempo de criança,
não valia mesmo nada.
A gente grande da casa
usava e abusava
de pretensos direitos
de educação.*

.....
(Antiguidades, do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*)

INTERTEXTOS 22

(...)
*A criança não tinha vez,
os adultos eram sádicos
aplicavam castigos humilhantes.*

.....
(Cora Coralina quem é você?, *Meu livro de Cordel*)

INTERTEXTOS 23

(...)
*Entre os adultos, antigamente, a criança não passava
de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda,
porque nem mesmo tinha o valor de incomodar*

.....
(Criança - *Vintém de cobre*)

No Intertexto 24, a expressão “Meus vinténs perdidos”, no plural, resgata as duas dimensões: “menina mal amada”, apontando para a dimensão afetiva e “menina mal alimentada” apontando para a dimensão material. Mal alimentada, contudo, não quer dizer estritamente receber má alimentação, mas alimentar-se de acordo com o controle dos adultos, que entendiam fazer parte das normas de educação reger os

alimentos, oferecendo às crianças apenas o que entendiam como necessário. Essa noção é expandida nos intertextos 25 e 26.

INTERTEXTOS 24

(...)
*Meu vintém perdido, meu vintém de felicidade.
Capacidade maior de ser eu mesma, minha afirmação constante.*
(...)
*mal amada e mal alimentada...
Meus vinténs perdidos, tão vivos na memória...*
.....
(Meu Vintém perdido - Vintém de cobre)

INTERTEXTOS 25

(...)
*Tudo de melhor para os adultos
para as crianças, prato feito, regrado, medido*
(...)
*Comer pouco era norma de educação.
Comer de fartar era vergonha, diziam que a gente tinha fome canina,
era esfomeada, envergonhando a família.”*
.....
(Normas de educação, Vintém de Cobre)

A alimentação “apenas necessária”, entretanto, não garantia uma alimentação adequada de acordo com a necessidade individual de uma criança mais frágil, como era o caso. Nesse sentido, nos parece que as regras de educação sobrepujam-se aos cuidados com a saúde no que se refere à alimentação e cuidados.

INTERTEXTOS 26

(...)
estragava. Mãe ralhava.

Falta de cálcio, vitamina, alimentação.
leite, ovos, esclarecida depois do tempo.
Vício, dizia a casa. Filha de velho doente

.....
(Os aborrecimentos de Aninha - *Vintém de cobre*)

Essa descrição da saúde do sujeito corresponde à sua aparência física. O aspecto frágil e descuidado na infância promovia aversão entre as irmãs, tornado sua presença indesejável, chegando a ser associado à demência. Foi crescendo pelo terreiro sempre rejeitada, descuidada, incompreendida e ridicularizada pelos apelidos que a casa lhe impunha. Essa noção é expandida nos intertextos 27 a 33.

INTERTEXTOS 27

(...)

Era nesse tempo, amarela de olhos empapuçados, lábios descorados.
Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam: “Cieiro”.

Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.
Não me deixavam participar de seus brinquedos.
Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço
no ombro e segredava: “Não brinca com Aninha não. Ela tem cieiro
e pega na gente”.
Eu ia atrás, batida, enxotada.

.....
(Menina mal-amada - *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 28

(...)

Os grandes exploravam.
Irônicos, sarcásticos.
“Faz caramujo, Aninha”
Aninha, a boba,
rolava no chão,
fazia caramujão.
Riam e diziam:
“é boba mesmo.”

(O mandrião - *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 29

(...)

Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço no ombro e segredava: "Não brinca com Aninha não. Ela tem cieiro e pega na gente".

Eu ia atrás, batida, enxotada

.....
(Menina Mal amada - *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 30

(...)

*Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.*

(...)

*E a casa me cortava: "menina inzoneira!"
Companhia indesejável - sempre pronta
a sair com minhas irmãs,*

era de ver as arrelias

e as tramas que faziam

para saírem juntas

e me deixarem sozinha.

(...)

*Contenção... motivação... Comportamento estreito,
limitando, estreitando exuberâncias,*

(...)

Repreensões ferinas, humilhantes.

E o medo de falar...

.....
(Minha Infância, Freudiana - *Poemas dos Becos de Goiás e histórias Mais*)

INTERTEXTOS 31

(...)

E fui marcada: menina inzoneira.

*Sem saber o significado da palavra, acostumada ao tratamento ridicularizante,
esta palavra me doía.*

.....
(Menina mal-amada - *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 32

(...)

Tinha as pernas moles

os joelhos sempre machucados,

feridos, esfolados.

De tanto que caía.

Caía à toa.
(...)
Eu era triste, nervosa e feia.
Chorona.
Amarela de rosto empalamado,
de pernas moles, caindo à toa.
Um velho tio que assim me via
dizia:
"- Esta filha de minha sobrinha é idiota.
Melhor fora não ter nascido!"
(...)
Triste, nervosa e feia.
Amarela de rosto empapuçado.
De pernas moles, caindo à toa.
Retrato vivo de um velho doente.
Indesejável entre as irmãs.

.....
(Minha Infância - Freudiana - Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais)

INTERTEXTOS 33

(...)
...Enquanto ia crescendo, lá pelo terreiro,
suja, desnuda, sem carinho e descuidada, sempre aos trambolhões
com minhas pernas moles.
Ganhei até mesmo um apelido entre outros, perna mole, pandorga,
chorona, manhosa.

.....
(Menina mal-amada - Vintém de Cobre)

A rejeição é (res)sentida pelo sujeito que busca justificar a atitude da família reiterando nos seus atributos negativos a justificativa para tal rejeição, encontrando acolhimento apenas na bisavó, que a defende e a educa. Ainda assim, em alguns intertextos (34 e 35) a auto imagem de si é guiada pela avaliação do outro (família).

INTERTEXTOS 34

(...)
Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado,
menina abobada, rejeitada.
(...)
...minha figura molenga, fontinelas abertas em todo crânio.
Retrato vivo do velho doente, diziam todos.

(...)

No mais, eu devia ser, hoje reconheço, menina enjoada, enfadando as jovens da casa e elas se vingavam da minha presença borrecida, me pirraçando, explorando meu atraso mental, me fazendo chorar e levar queixas doloridas para a mãe que perdida no seu mundo de leitura e negócios não dava atenção.

.....
(Menina Mal Amada - *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 35

(...)

Quem punia por Aninha era mesmo minha bisavó. Me ensinava as coisas, corrigia paciente meus malfeitos de criança e exortava minhas irmãs a me aceitarem.

.....
(Menina mal-amada - *Vintém de Cobre*)

Sentindo-se rejeitada, refugiar em si mesmo e apura os sentidos nas brincadeiras solitárias no quintal de sua casa. As impressões vão se acumulando e o sujeito passa a viver em um mundo criado por sua imaginação de criança. Incompreendida, é ridicularizada pelos familiares que repudiam seu comportamento. Sua mãe acredita que tal comportamento possa ser um indício de loucura e, como medida repressora, a proíbe de ir para o quintal. Nessa fase, o sujeito é desqualificado pelos familiares por meio dos atributos negativos impostos, tais como: “boba”, “inzoneira”, “atrasada mentalmente”: Essas noções estão expandidas nos intertextos 36, 37 e 38:

INTERTEXTOS 36

(...)

Daí minha fuga para o enorme quintal onde meus sentidos foram se aguçando para as pequenas ocorrências de que não participavam minhas irmãs. Minhas impressões foram se acumulando lentamente e eu passei a viver uma vida estranha de mentiras e realidades. E fui marcada: menina inzoneira. Sem saber o significado da palavra, acostumada ao tratamento ridicularizante, esta palavra me doía. Certo foi que eu engenhava coisas, inventava convivência com cigarras, descia na casa das formigas, brincava de roda com elas, cantava "Senhora D. Sancha", trocava anelzinho.

*Eu contava essas coisas lá dentro, ninguém compreendia.
Chamavam, mãe: vem ver Aninha...
Mãe vinha, ralhava forte.
Não queria que eu fosse para o quintal, passava a chave no portão.
Tinha medo, fosse um ramo de loucura, sendo eu filha de velho doente.*

.....
(Menina mal-amada - *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 37

(...)

*Ter nos meus braços aquela boneca de loiça vinda de Paris,
de chapeuzinho, enfeite, sua flor minúscula, azul, lá da França.
Sapatinhos e meias, loira, olhos azuis e que dormia...
e que nunca foi minha.
Eu vivia aquela boneca, sonhava e ela sempre ali, inacessível,
na estática da vitrine envidraçada da loja de "Seu" Cincinato.*

.....
(Moinho do Tempo, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 38

(...)

*Aquela gente antiga explorava a minha bobice.
Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:
"Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
Três acham logo casamento, uma, não sei não, moça feia num casa fácil".
Eu me abria em lágrimas. Choro manso e soluçado...
"Essa boba... Chorona... Ninguém nem falou o nome dela..."
Minha bisavó ralhava, me consolava com palavras de ilusão:
sim, que eu casava. Que certo mesmo era menina feia, moça bonita.*

.....
(Aquela Gente Antiga II - *Vintém de Cobre*)

2.3.3 A dimensão imaterial da pobreza na juventude

A juventude, período entre a infância e a idade adulta biológica, culturalmente se apresenta como uma fase de transição. Na obra, é descrita como uma fase potencialmente temida pela família e pela sociedade, na medida em que apresenta potenciais riscos relacionados à moral e aos costumes, sobretudo, no que se refere ao indivíduo mulher e, por conseguinte, para a família e para a sociedade. Nesse

sentido, o trabalho doméstico parece servir como: a) uma forma de ocupação que distancia o sujeito das contingências relacionadas à sexualidade próprias desta fase, b) uma maneira de relativo preparo para a fase adulta onde o indivíduo mulher deverá assumir a responsabilidade de uma família; c) como potencial forma de mão de obra doméstica nos afazeres da casa. Os intertextos 39 a 42 expandem essas noções:

INTERTEXTO 39

(...)

A casa não queria namoro, menos ainda casamento,
não ajudavam, criavam trapaça.
Inventavam defeitos no pretendente, metiam em troça,
ridicularizavam, escarninhos e cruéis.
Queriam mesmo era o serviço ali no pilão, torrando, socando, peneirando
o café, mamona para o azeite das lamparinas, o sabão de cinza,
a boca do forno, a fazeção de quitandas, o almoço na mesa às nove
[horas, o taboleiro na rua às
onze .

.....
(Normas de Educação - Vintém de cobre)

INTERTEXTO 40

*A gente era moça do passado.
Namorava de longe, vigiada.
Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
em autoridade, experiência, alto saber.
"Moça para casar não precisa namorar,
o que for seu virá".*

(...)

*A igreja, refúgio e confessionário antigo.
O frade, velho e cansado. Frei Germano, piedoso,
exortando paciente e severo. "Minha filha, a virgindade
é um estado agradável aos olhos de Deus. Olha as santas virgens,
Santa Terezinha de Jesus, Santa Clara, Santa Cecília,
Santa Maria Mãe de Jesus. Deus dá uma proteção especial às virgens.
Reza três ave-marias e uma salve rainha a Nossa
Senhora e vai comungar".*

.....
(Moinho do tempo - Vintém de Cobre)

INTERTEXTOS 41

(...)

*E vamos trabalhar no pesado. Não ganhar pecha de moça romântica,
que em Goiás não achava casamento.*

Tinha medo de ficar moça velha sem casar.

.....
(Menina mal-amada - Vintém de Cobre)

INTERTEXTOS 42

(...)

*A gente era tão original
e os velhos não deixavam.*

Não davam trégua.

*Havia um gabarito estatuído decimal
e certa régua reguladora
de medidas exatas:*

*a rotina, o bom comportamento,
parecer com os velhos,
ter atitudes de ancião.*

V

Fui moça desse tempo

Tive meus muitos censores

intra e extra-lar.

Botaram-me o cerco.

Juntavam-se, revelavam-se

Incansáveis. Boa gente.

Queriam me salvar.

(Lucros e Perdas, *Meu Livro de Cordel*)

Dentre suas insatisfações vividas estava o tratamento humilhante, sobretudo, dispensado às jovens que se viam submetidas à avaliação constante das mulheres mais velhas, no que se refere ao seu desempenho nos afazeres domésticos. Estas, por sua vez, reconheciam como valoroso reconhecimento de sua administração da casa a satisfação masculina:

INTERTEXTO 43

(...)

...Cheiro de ovo, nas coisas boas que se faziam,
era defeito capital, censurado, castigado.
O ovo tinha que ser batido até ficar daquele jeito
aceito pelo paladar exigente e apurado dos homens da casa.

*Estes tinham no tempo uma forma típica de rejeição ao menor deslize:
cruzavam os talheres, deixavam o prato ou a tigela,
tomavam o chapéu e saíam sem palavra, quando não reagiam, duros.
As donas, responsáveis, sentiam a desfeita, assanhavam-se,
ralhavam, esbravejavam lá pela cozinha, em correções ásperas.*

Havia sempre uma culpada, ignorante, infeliz, humilhada:
"Já ensinei tantas vezes... Já cansei de falar, você não cria
vergonha na cara..." Que se defendesse a coitada...
Molho de chaves na cabeça, orelha torcida, murro na boca, na cara,
nariz sangrando. Indefesas...
Algumas já levavam antecipadamente as mãos à cabeça se defendendo
da penca de chaves, que vinha na certa.

A pobreza da roça e da cidade achando-se em "graças a Deus"
por terem um canto, um trapo, um restolho e os ensinios.
Estavam de caridade, aprendendo para saber
quando fossem grandes saberiam agradecer

.....
(Normas de Educação, *Vintém de Cobre*)

Todas essas repressões se configuram na falta de independência das jovens que, submetidas às mulheres mais velhas da casa, aprendiam a ter paciência e esperar cada qual seu destino que, invariavelmente, as destinavam ao casamento. Enquanto esperava-se pelo futuro marido, supria-se da imaginação na ânsia de romper com tal estado de coisas. Afeita às determinações sociais de sua época, tinha medo de ficar solteira e ver perpetuada o estado de coisas que experienciava. Todas essas noções são expandidas nos intertextos 44, 45 e 46.

INTERTEXTOS 44

(...)

*A pobreza em toda volta, a luta obscura
de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho,*

(...)

Tanta pobreza a contornar.

Tanto sonho irrealizado, tanto abandono.

Tanta água de sonho puxado do poço da imaginação...

Valiam as velhas, seus adágios de sustentação:

conter e reprimir as jovens, dar-lhes esperanças,

ensinar-lhes a paciência, a vontade de Deus.

*E a gente a querer abrir uma brecha naquela muralha
parda de pobreza e limitação.*

(...)

tantas velhas me ensinando as regras da vida...

Eu era cega, ceguinha, peticega, sem nada ver.

Mouca, surda,

surdinha, sem nada ouvir...

.....
(Moinho do Tempo, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 45

(...)

A gente saía confortada, ouvia a missa,

cumpria a penitência e comungava humildemente, ajoelhada,

vêu na cabeça em modéstia reforçada.

Depois, depois, a solidão de solteira, o sonho honesto de um noivo,

o desejo de filhos,

presença de homem, casa da gente mesma, dona ser. Um lar.

Estado de casada.

.....
(Moinho do tempo, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 46

(...)

*E vamos trabalhar no pesado. Não ganhar pecha de moça romântica,
que em Goiás não achava casamento.*

Tinha medo de ficar moça velha sem casar.

Me apegava demais com Santo Antônio, Santa Anna padroeira de Goiás.

Minha madrinha para as dificuldades da vida.

.....
(Menina Mal Amada, *Vintém de Cobre*)

Particularmente, essa limitação foi sentida, sobretudo, no que se referia à falta de apoio e estímulo da família quanto à potencialidade criativa do sujeito. A rejeição, a incompreensão e a falta de estímulo aumentavam o estado de insatisfação do sujeito que se isolava no mundo dos sonhos, no "faz de conta". Embora fosse rejeitada na sua potencialidade criativa, havia na casa o estímulo indireto à leitura, já que a mãe era dada a essa prática. Depois, vieram os escritos que foram publicados já na juventude. Essas noções são expandidas nos intertextos 47, 48 e 49.

INTERTEXTO 47

(...)

*Afinal menina moça, depois adolescente.
Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...
Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.
Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado, Juiz de Direito.
Vamos ver, agora, como faz a Coralina..
Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,
alto lá! Francesa.
Passei a ser detraquê, devo dizer, isto na família.
A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.
Somente minha bisavó e tia Nhorita.
Vou contando.*

(...)

*Tudo isso aumentava minha solidão e eu me fechava, circunscrita
no meu mundo do faz-de-conta...*

.....
(Menina Mal Amada, do livro Vintém de Cobre)

INTERTEXTO 48

(...)

*Minha mãe era assinante de "O Paiz" e para nós vinham os romances
do Gabinete Literário Goiano.
Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade,
tomava a imaginação desocupada das meninas-moças.
Acostumei a ler jornais com a leitura de "O Paiz".
Colaboravam Carlos de Laet, Arthur Azevedo, Jília Lopes de Almeida,
Carmem Dolores.
Meus primeiros escritinhos foram publicados no suplemento desse jornal.*

*Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais.
(...)
Era uma vida para aquela mocidade despreocupada,
pobre e feita de sonhos.*

(O longínquo cantar do carro, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTO 49

*(...)
O salão da frente recende a cravo.
Um grupo de gente moça
se reúne ali.
"Clube Literário Goiano".
Rosa Godinho.
Luzia de Oliveira.
Leodegária de Jesus,
a presidência.*

*Nós, gente menor.
sentadas, convencidas, formais.
Respondendo à chamada.
Ouvindo atentas a leitura da ata.
Pedindo a palavra.
Levantando idéias geniais.*

*Encerrada a sessão com seriedade,
passávamos à tertúlia.
O velho harmônio, uma flauta, um bandolim.
Músicas antigas. Recitativos.
Declamavam-se monólogos.
Dialogávamos em rimas e risos.*

.....
(Velho Sobrado, *Poemas dos Becos e Estórias mais*)

No tempo do amor, sentiu-se impelida a buscar seu par. Era este um grande sonho que ansiava ser realizado. Encontrou quem amar, mas sua condição de moça da cidade que lia e escrevia desencorajou seu pretendente. Os sonhos da jovem ganham dimensão poética. A paixão é idealizada e cantada nos versos, conforme se apreende no intertexto cujo fragmento abaixo registra o encontro com o amor. Enamorada, se entrega à paixão. O sonho de encontrar o seu par começa a se concretizar. Deixa de ser menina para ser mulher. A deliberação de se render à paixão e se entregar inteiramente ao homem por quem se apaixonou se encontra justificada apenas pelo sentimento que os une e pelo tempo que acredita ser “o

tempo certo de semear”. Sabe que está traçando seu destino e que ele está relacionado à companhia desse homem. Nessa fase, sentiu o canto do amor e do destino. Seguiu-lhes os passos. Correu ao encontro do amor:

INTERTEXTOS 50

(...)
Meu Rio Vermelho...
(...)
*onde navegavam meus sonhos;
sonhos navegantes de um barco:
pescadora, sonhadora
do peixe-homem.*
(...)
*Meu Rio Vermelho é longínqua
manhã de agosto.
Rio de uma infância mal-amada.
Meus barquinhos de papel*

VI

*Um dia caiu na rede
meu peixe-homem...
todo de escamas luzidias,
todo feito de espinhos e espinhas.*

.....
(Rio Vermelho, *Meu livro de Cordel*)

INTERTEXTOS 51

Eu era moça.
Sentia sem saber
seu cheiro de terra,
seu cheiro de mato,
seu cheiro de pastagens.

*É que havia dentro de mim,
no fundo obscuro de meu ser
vivências e atavismo ancestrais:
fazendas, latifúndios,
engenhos e currais.*

Mas... ai de mim.
Era moça da cidade.
Escrevia versos e era sofisticada.
Você teve medo

.....
(Amigo, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 52

(...)
Você passava, eu sorria
escondida na janela,
cortinas me disfarçando.
Num tempo era menina.
Num instante virei mulher.

.....
(Variação, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 53

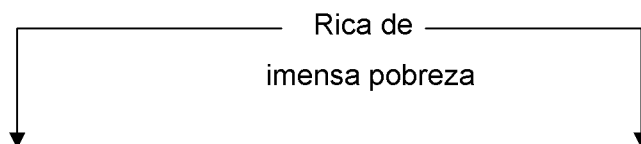
(...)
Não te procurei, não me procurastes –
íamos sozinhos por estradas diferentes.
Indiferentes, cruzamos.

Passavas com o fardo da vida...
Corri a teu encontro.

.....
(Meu Destino, *Meu livro de cordel*)

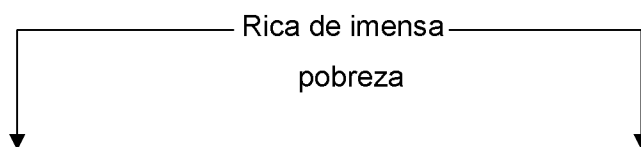
Assim, as fases da infância, não explicitada no texto base, e da adolescência são representadas em síntese nos quadros abaixo:

2.3.4 QUADRO DE REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA INFÂNCIA



Pobreza afetiva Relação sujeito x sujeito		Pobreza material Relação sujeito x objeto	
Moeda triste, escura, pesada		Dinheiro curto, escasso. / Parco. Parcimonioso	
discriminada	(...) <i>filha sem pai</i> , (i.30)	pobreza	<i>Tudo velho, gasto, conservado</i> , (i.4)
preterida	(...) <i>secundária...</i> (i.30)		<i>Colchas de retalhos desiguais e desbotados</i> . (i.4)
rejeitada	(...) <i>triste, nervosa e feia</i> (i.32)		<i>Panos grosseiros encardidos, remendados</i> . (i.4)
solitária	(...) <i>companhia indesejável</i> (i.30)		<i>Panos grosseiros encardidos, remendados</i> . (i.4)
contida	(...) <i>comportamento estreito</i> (i.30)		<i>Potes e gamelas, pratos desbeijados, velhos sapatos, / furados, acalcanhados</i> (i.4)
intimidada	<i>E o medo de falar...</i> (i.30)		<i>um bolo econômico, como tudo...</i> (i.6)
humilhada	<i>Repreensões ferinas, humilhantes / ...moleirona / pandorga / perna-mole / inzoneira</i> (i.30)	decadência	<i>orgulho e grandeza do passado</i> (i.5) <i>Os abastos resumidos</i> (i.3)
incompreendida	<i>“Chorei sozinha minhas mágoas de criança.”</i> (i.10)		<i>E a casa grande se apagando, / caindo lance a lance, seus muros de taipa.</i> (i.1)

2.3.5 QUADRO DE REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA JUVENTUDE

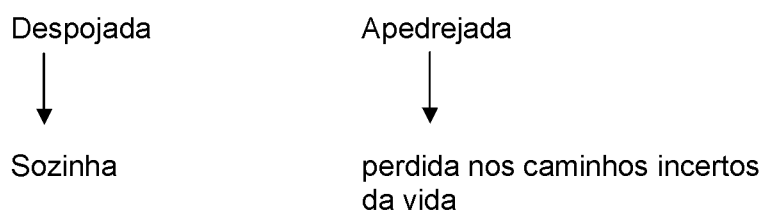


Pobreza afetiva Relação sujeito x sujeito		Pobreza material Relação sujeito x objeto	
Moeda triste, escura, pesada		Dinheiro curto, escasso. / Parco. Parcimonioso	
discriminada	<i>Não ganhar pecha de moça romântica, (i41)</i>	Pobreza	<i>E vamos trabalhar no pesado (i41)</i>
preterida	<i>Tinha medo de ficar moça velha sem casar (i41)</i>		<i>Tanta pobreza a contornar. (i44)</i>
rejeitada	<i>fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto (i47)</i>		<i>A pobreza em toda volta, a luta obscura / de todas as mulheres goianas.(...) Os abençoados vinténs, tão valedores, / indispensáveis. (i44)</i>
solitária	<i>Tanto abandono.(i44) Tudo isso aumentava minha solidão e eu me fechava, circunscrita no meu mundo do faz-de-conta...(i47)</i>		<i>Numa cidade de onde levaram / o ouro e deixaram as pedras. Junto a estas decorreram / a minha infância e adolescência. (i1)</i>
contida	<i>Namorava de longe, vigiada. (i40)</i>		<i>os santos, cansados, enfatiados / economizando os milagres do passado.(i3)</i>
intimidada	<i>Tive meus muitos censores / intra e extra-lar. / Botaram-me o cerco. (i42)</i>		
humilhada	<i>Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina... / Alguém escreve para ela... Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi</i>	Decadência	<i>orgulho e grandeza do passado (i3) Os abastos resumidos (i3)</i>

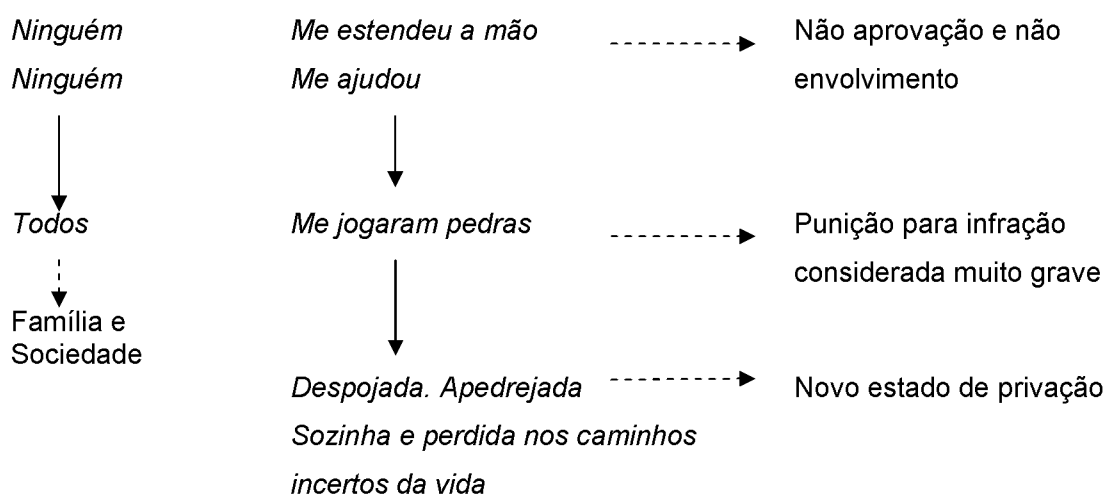
	<i>denominação maior, alto lá! Francesa. Passei a ser detraquê, (i47)</i>			
incompreendida	<i>A gente era tão original / e os velhos não deixavam (i42)</i>			<i>E a casa grande se apagando, / caindo lance a lance, seus muros de taipa. (i3)</i>

2.3.6 Do conflito à resolução

Nesse episódio, o texto-base progride alternando predicacões positivas e negativas em relação ao referente “eu”, retomado no texto por elipses, pronomes possessivos e pessoais oblíquos e adjetivações. São apresentados dois estados de coisa, um anterior à partida (jovem, cheia de sonhos, rica de imensa pobreza) e um posterior a ela (despojada, apedrejada, sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida). A progressão referencial do sujeito indicada na recorrência do pronome pessoal oblíquo “me” representa a intensidade da força coerciva do outro em relação ao sujeito, progredindo semanticamente por meio de adjetivações que indicam a qualidade das ações que sofreu: “despojada” significa estar privada de permanecer no grupo por não ser mais reconhecido no sujeito os atributos que validavam sua permanência: moça direita, honesta, virgem, religiosa; “apedrejada” indica os novos atributos do sujeito após o despojamento: moça indecente, desonesta, desonrada e pecadora. A seqüência “sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida” progride as palavras “despojada” e “apedrejada”:



Ao não serem reconhecidos os atributos que validavam sua permanência, o sujeito é excluído (“sozinha”) e passa a não contar com as prerrogativas de integrante do grupo de origem (“*perdida nos caminhos incertos da vida*”). A seqüência “sozinha e perdida...” é polifônica: representa a voz do outro, o ponto de vista do grupo de origem. Não é o sujeito que se sente sozinho e perdido, mas é o julgamento do outro que o condiciona a esse estado de coisa.



A resolução de partir causa um rompimento com um determinado acordo social, apontado pelos quantificadores “ninguém” e “todos”. O uso da forma masculina do quantificador “todos” não concorda gramaticalmente com a expressão “oito mulheres”; contudo, “todos” é uma generalização que progride o referente “oito mulheres”, ampliando-o para a dimensão de “sociedade”, explicitando o aspecto social que regula o comportamento das oito mulheres. O rompimento é caracterizado como infração de uma regra moral, dado o intertexto bíblico com “... *me jogaram pedras*”. O ato de jogar pedras, ou apedrejamento, remete a uma punição por meio da morte da não observância das leis mosaicas. A infração cometida pelo sujeito é punida com rigor, sendo caracterizada pela progressão da expressão “me jogaram pedras” em “Despojada”, “Apedrejada”, “Sozinha”, “Perdida nos caminhos incertos da vida”, que caracterizam uma espécie privação/falta (a

desagregação do grupo/família de origem) que gera a carência de unidade formada a partir de novo grupo/família. Todas essas noções são expandidas nos intertextos 54 a 59.

INTERTEXTOS 54

*Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
não sou nada, minha gente.*

.....
(Rio Vermelho, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*)

INTERTEXTOS 55

*Eu era moça.
Sentia sem saber
seu cheiro de terra,
seu cheiro de mato,
seu cheiro de pastagens.*

*É que havia dentro de mim,
no fundo obscuro de meu ser
vivências e atavismo ancestrais:
fazendas, latifúndios,
engenhos e currais.*

*Mas... ai de mim.
Era moça da cidade.
Escrevia versos e era sofisticada.
Você teve medo
O medo que todo homem sente
da mulher letrada.*

*Não pressentiu, não adivinhou
aquela que o esperava
mesmo antes de nascer.*

*Indiferente
tomaste teu caminho*

*por estrada diferente.
Longo tempo o esperei
na encruzilhada,
depois... depois...
carreguei sozinha
a pedra do meu destino.*

*Hoje, no tarde da vida,
apenas,
uma suave e perdida lembrança*

(Amigo, Meu livro de cordel)

INTERTEXTO 56

*Andei pelos caminhos da Vida.
Caminhei pelas ruas do Destino –
procurando meu signo.
Bati na porta da Fortuna,
mandou dizer que não estava.
Bati na porta da Fama,
falou que não podia atender.
Procurei a casa da Felicidade,
a vizinha da frente me informou
que ela tinha se mudado
sem deixar novo endereço.
Procurei a morada da Fortaleza.
Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
perfumou-me os cabelos,
fez-me beber de seu vinho.
Acertei o meu caminho.*

(A procura , Meu livro de Cordel)

INTERTEXTO 57

*Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.
Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe.
(...)
Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.
Escola difícil. Dificuldade de aprender.
Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente.
Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...*

.....
(Menina Mal Amada, do livro Vintém de Cobre)

INTERTEXTO 58

*Sempre caminheira.
Morro acima. Serra abaixo.
Carreando pedras.
(...) Perdida e só...
No clamor da noite
escuto a maldição das pedras.
Meus errados rumos*

(Errados Rumos, *Meu Livro de Cordel*)

INTERTEXTO 59

*(...)
Sempre a caminhar. Sozinha a procurar
o ângulo prometido,
a pedra rejeitada.*

(Estas mãos, *Meu livro de cordel*)

2.3.7 Tabela de representações do primeiro macroepisódio

Texto Base	Intertexto	Representação
<p><i>Um dia houve Eu era jovem, cheia de sonhos</i></p>	<p><i>Numa ânsia de vida eu abria / o vão nas asas impossíveis do sonho. (i.1)</i></p> <p><i>Era uma vida para aquela mocidade despreocupada / , pobre e feita de sonhos. (i.48)</i></p> <p><i>Meus barquinhos de papel / onde navegavam meus sonhos; / sonhos navegantes de um barco: / pescadora, sonhadora do peixe-homem. (i.50)</i></p> <p><i>Teci um tapete floreado e no sonho me perdi. (i.82)</i></p> <p><i>Eu avante na busca fatigante / de um mundo impreciso, / todo meu, feito de sonho incorpóreo e terra crua (i.79).</i></p>	<p>sonhadora</p>
<p><i>Rica de imensa pobreza / que me limitava / entre oito mulheres que me governavam</i></p>	<p><i>Moeda triste, escura, pesada da minha casa, da minha terra, da minha infância, da gente pobre, daquele tempo. (i4)</i></p> <p><i>Criança, no meu tempo de criança, / não valia mesmo nada. (i.21)</i></p> <p><i>Meu vintém perdido, meu vintém de felicidade. / Capacidade maior de ser eu</i></p>	<p>Pobre</p>

	<p><i>mesma, minha afirmação constante.</i> (i47)</p> <p><i>Mandrião de saias velhas / da minha bisavó. / Recortadas, costuradas para mim. / Timão de restos de baeta.</i> (i.4)</p> <p><i>Dinheiro curto, escasso. Parco. Parcimonioso de gente pobre, da minha terra, da minha casa, da minha infância</i> (i.4).</p> <p><i>Numa cidade de onde levaram / o ouro e deixaram as pedras</i> (i1)</p> <p><i>Corenta. Vintém. Derréis. Dinheiro curto, escasso. Parco. Parcimonioso de gente pobre, da minha terra, da minha casa, da minha infância.</i> (...) <i>Velhos preconceitos.</i> (i4)</p> <p><i>Pé de meia sempre vazio. Vazios os armários seus mistérios desmentidos.</i> (...)</p> <p><i>A gente ali, na estaca, amarrada, consumida / de Maria Borradeira, sem madrinha-fada, / sem sapatinho perdido, / sem arauto de príncipe-rei, a procurar / pelos reinos da cidade de Goiás.</i> (...) <i>A pobreza em toda volta, a luta obscura / de todas as mulheres</i></p>		<p>Limitada</p> <p>Consumida pelo trabalho</p>
--	---	--	--

	<p>goianas. (...) (i4)</p> <p><i>Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina. / Escola difícil. Dificuldade de aprender. / Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente. / Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada. / Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...</i> (i57)</p> <p><i>A pobreza da roça e da cidade achando-se em “graças a Deus” / por terem um canto, um trapo, um restolho e os ensinios. / Estavam de caridade, aprendendo para saber / quando fossem grandes saberiam agradecer</i> (...)</p> <p><i>Censuravam, ridicularizavam. Sadismo e masoquismo ancomunados. / Não ensinavam, determinavam, impunham, castigavam. Exigiam, enérgicas / e absolutas, donas do saber e do mundo. Acreditavam-se caridosas</i> (...)</p> <p><i>Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo-claro. / E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas / Leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico. / A gente era vigiada, tinha uns preceitos arrasantes de ridicularizar, / redizir e limitar as jovens personalidades,</i> (i.43)</p>		<p>Sozinha</p> <p>Rejeitada</p> <p>Humilhada</p> <p>ridicularizada</p>
--	--	--	--

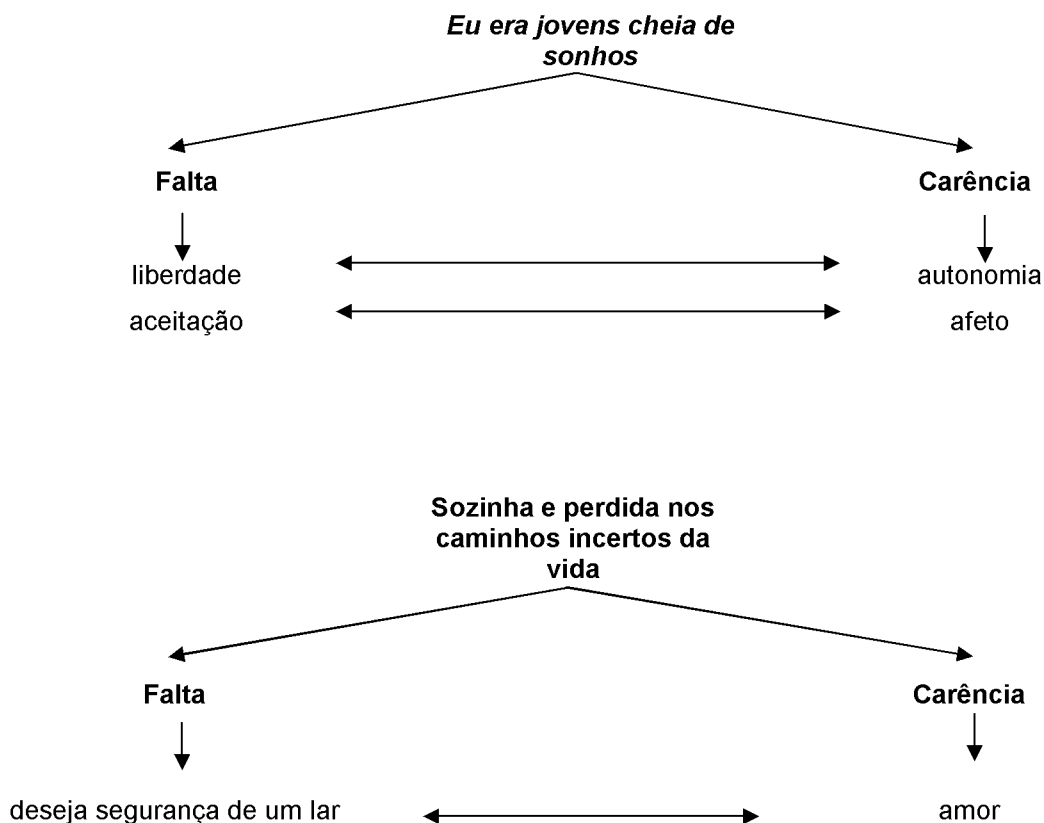
<p><i>E eu parti em busca do meu destino</i></p>	<p><i>Não te procurei, não me procurastes –íamos sozinhos por estradas diferentes. Indiferentes, cruzamos. Passavas com o fardo da vida... Corri a teu encontro. (...) E, desde então, caminhamos juntos pela vida... (i60)</i></p> <p><i>Rio Vermelho - meu rio. / Rio que atravessei um dia / (Altas horas. Mortas horas.) / há cem anos... / Em busca do meu destino. (i63)</i></p> <p><i>carreguei sozinha / a pedra do meu destino (i55)</i></p> <p><i>Andei pelos caminhos da Vida. / Caminhei pelas ruas do Destino / – procurando meu signo. / Bati na porta da Fortuna, / mandou dizer que não estava. / Bati na porta da Fama, / falou que não podia atender. / Procurei a casa da Felicidade, / a vizinha da frente me informou / que ela tinha se mudado / sem deixar novo endereço. / Procurei a morada da Fortaleza. / Ela me fez entrar: deu-me veste nova, / perfumou-me os cabelos, / fez-me beber de seu vinho. / Acertei o meu caminho. (i83)</i></p>	<p>determinada</p>
<p><i>Ninguém me estendeu a mão. Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.</i></p>	<p><i>Me achei sozinha na vida. / Desamada, indesejada desde / sempre. (i10)</i></p>	<p>sozinha</p>
<p><i>Despoja. Apedrejada. Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.</i></p> <p><i>E fui caminhando, caminhando...</i></p>	<p><i>Sempre a caminhar. / Sozinha a procurar o ângulo prometido, / a pedra rejeitada. (i45)</i></p> <p><i>Sempre caminheira. / Morro acima. Serra abaixo. / Carreando pedras (i39)</i></p>	

2.3.8 Dos valores representados no primeiro macroepisódio

Valores <i>positivos</i> atribuídos por Cora	Valores <i>negativos</i> atribuídos pelo grupo social
<ul style="list-style-type: none"> • Ser jovem e cheia de sonhos (TB); • Partir em busca do destino (TB); • Rua, atração lúdica (i9); • Fala alta, risada franca e grito espontâneo das crianças (i9) • Escola de vida (i8) • Abri vôo nas asas impossíveis do sonho (i8) • Ser pescadora, sonhadora do peixe homem (i23) • Ir em busca do destino (i28) 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser jovem, sonhadora e não aceitar a imposição social (TB); • Infringir regras imposta (TB); • Decadência (i3, i1) • Menina inzoneira (i9) • Criança não valia nada (i4) • Turbulência ativa das crianças (i9) • Filha de pai doente • Moça feia não casa fácil • tendência (literária) inata (i8) • namoro (i12) • pecha de sabichona (i12) • pecha de moça romântica, que em Goiás não achava casamento (i10) • moça velha sem casar (i10) • as mulheres não serem vistas de todo mundo (i7) • (jovem) ser original (i20) • Moça da cidade, escrever versos e ser sofisticada, mulher letrada (i24)

Valores <i>negativos</i> atribuídos por Cora	Valores <i>positivo</i> atribuídos pelo grupo social
<ul style="list-style-type: none"> • Viver entre oito mulheres que a governavam e limitavam (TB) • Ninguém estender a mão • ninguém ajudar (TB) • Despojada, apedrejada, sozinha e perdida(TB); • Infância pobre (i2, i3) • Velhos preconceitos (i3, i9) • Normas abusivas de educação (i9) • Falta de carinho de mãe e proteção de pai (i9) • Mal amada e mal alimentada (i11) • Métodos de ensino antiquado (i8) • Vigilância dos mais velhos (i12) • A família limitava, jamais um pequeno estímulo (<i>em relação à atividade literária</i>) (i10) • Estar fechada na imensa serrania (i8) 	<ul style="list-style-type: none"> • Governar e limitar a jovem (TB) • Punição por meio da rejeição e discriminação da jovem que infringiu os valores ideológicos do grupo(TB); • Orgulho e grandeza do passado (i2,i3) • Melhorar de vida, prosperar (i3) • Opulência e posição social (i3) • Manter a aparência de decência (i1) • Comer pouco (i12) • Virgindade (i1)

2.3.9 As paixões da Falta e da Carência do primeiro macroepisódio



Na juventude, Cora se auto-representa privada de liberdade. Esta não-liberdade configura-se em limitação, na medida em que sua voz não é ouvida pelo grupo nem na infância, tão pouco na adolescência. O grupo a deseja submissa e, desse modo, a inferioriza, desprestigiando sua criatividade, sua autenticidade e sua espontaneidade. A falta se configura na supressão dessa liberdade, que passa a ser objeto de desejo de Cora. Do mesmo modo, há a representação da rejeição sofrida. O grupo a ridiculariza, humilha, desestimula criando, em Cora, o desejo de aceitação que a leva a desenvolver a carência de afeto. Em razão desta, a Carência é ativada o desejo de ter uma família que se justifica pela carência de amor. Este é o quadro passional das representações de Cora na juventude.

Em síntese, Cora desvela Cora jovem, atribuindo a ela e às suas ações valores positivos na relação eu-Cora e valores negativos atribuídos a ela pelos outros. Desta forma, representa-se não-culpada ou não-infratora na sua decisão de partir e, nesse sentido, justifica-se por meio de uma força maior que o controle social - o destino.

2.4 Segundo macroepisódio: maturidade – fora de Goiás

Texto base

(...)

*E me nasceram filhos.
E foram eles, frágeis e pequeninos,
carecendo de cuidados,
crescendo devagarinho.
E foram eles a rocha onde me amparei,
anteparo à tormenta que viera sobre mim.*

*Foram eles, na sua fragilidade infante,
poste e alicerce, paredes e cobertura,
segurança de um lar
que o vento da insânia
ameaçava desabar.
Filhos, pequeninos e frágeis...
eu os carregava, eu os alimentava?
Não. Foram eles que me carregaram,
que me alimentaram.*

*Foram correntes, amarras, embasamentos.
Foram fortes demais.
Construíram a minha resistência.
Filhos, fostes pão e água no meu deserto.
Sombra na minha solidão.
Refúgio do meu nada.
Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.
Fostes, para mim, semente e fruto.
Na vossa inconsciência infantil.
Fostes unidade e agregação.*

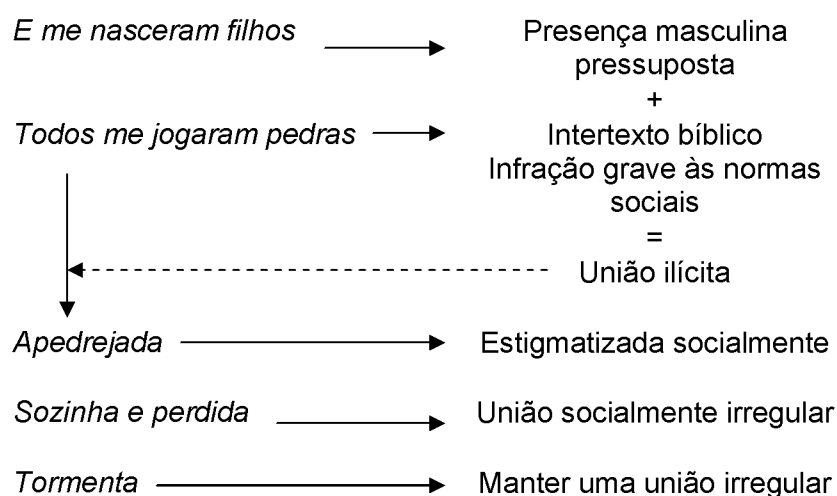
Cresceste numa escola de luta e trabalho,

.....

- **Apresentação** – “E me nasceram os filhos”
 - **Conflito** – “E foram eles, frágeis e pequeninos/carecendo de cuidados”
 - **Resolução** – “Cresceste numa escola de luta e trabalho”
- **Estado do sujeito após a resolução:** resistente

Nesse episódio, ocorre uma desfocalização que remete à mudança de tópico na progressão do texto. O sujeito focaliza os filhos como referente e sua seqüenciação é predominantemente marcada pela oposição fragilidade/resistência, que permeia a caracterização dos filhos concomitante à construção do sujeito.

A seqüência “me nasceram filhos” traz pressuposta a figura masculina, também pressuposta na seqüência “e me jogaram pedras”, onde podemos inferir, a partir do intertexto bíblico da expressão “jogar pedras” avaliada como um ato severo de punição social a respeito de alguma infração moral. Em relação à mulher, o intertexto bíblico aponta para infrações referentes à prostituição e adultério. Ao relacionarmos essas formas de conhecimento à seqüência “*e eu parti em busca do meu destino*”, podemos inferir, ainda, que o sujeito se encontrava envolvido com alguém cujo relacionamento não podia ser mantido na cidade de Goiás e, por isso, decide partir:



Ventos da insânia → Manter uma união irregular
depois de ter os filhos

A decisão de uma jovem solteira partir em companhia de alguém para buscar seu destino associada a uma desaprovação social nos faz levantar quatro hipóteses, considerando que a jovem e seu parceiro queriam permanecer juntos:

jovem solteira + homem solteiro – gravidez =	possibilidade de casamento necessidade de partir para se casar
jovem solteira + homem solteiro + gravidez =	possibilidade de casamento não necessidade de partir para se casar
jovem solteira + homem casado – gravidez =	impossibilidade de casamento não necessidade de partir para viver junto se o relacionamento for ocultado
jovem solteira + homem casado + gravidez =	impossibilidade de casamento necessidade de partir devido a impossibilidade de ocultar a relação

Considerando que a partida foi voluntária e que o intertexto caracteriza a situação de partida como ilícita (corrupção do lar – adultério, prostituição), excluem-se as três primeiras hipóteses. Na primeira, a exclusão se dá pela não associação das noções de adúltera e de prostituta, uma vez que ambos são solteiros; contudo, há a necessidade de partir devido a uma desaprovação social de outra natureza. Na segunda, pelo fato do homem ser solteiro, o casamento é o reparo pela desonra da moça, não havendo, portanto, a necessidade de partir. Na terceira, se considerarmos o ocultamento da relação, não há necessidade de partir. Portanto, é provável que a partida tenha se dado em razão da impossibilidade de se ocultar a relação, possivelmente devido à gravidez, validando a quarta hipótese. Acreditando que o sujeito parte grávida em companhia de um homem casado, a palavra “*tormenta*”, na progressão do texto, refere-se ao desencadeamento de várias sanções negativas com relação à atitude do sujeito. O item lexical “*tormenta*” é anafórico, servindo como encapsulador das expressões “*ninguém me estendeu a*

mão”, “ninguém me ajudou”, “todos me jogaram pedras”, “despojada”, “apedrejada”, “sozinha” e “perdida nos caminhos incertos da vida”. Essas noções são expandidas nos intertextos 60 a 63.

INTERTEXTOS 60

*Não te procurei, não me procurastes –
íamos sozinhos por estradas diferentes.
Indiferentes, cruzamos.
(...)
E, desde então, caminhamos
juntos pela vida...*

(Errados Rumos, *Meu Livro de Cordel*)

INTERTEXTOS 61

*(...)
Você passava, eu sorria
escondida na janela,
cortinas me disfarçando.
Num tempo era menina.
Num instante virei mulher.
Queria ver sem ser vista.
Ser vista fingindo não ver.*

*Fugi tanto que o encontrei
no relance de um olhar.
Pelos caminhos andamos
no tempo de semear.*

.....
(Variação, *Meu livro de Cordel*)

INTERTEXTOS 62

*(...)
Um dia caiu na rede
meu peixe-homem...
todo de escamas luzidias,
todo feito de espinhos e espinhas.*

.....
(Rio Vermelho, *Meu Livro de Cordel*)

INTERTEXTOS 63

(...)
*Rio Vermelho - meu rio.
Rio que atravessei um dia
(Altas horas. Mortas horas.)
há cem anos...
Em busca do meu destino.*

.....
(Rio Vermelho, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*)

Verificamos por meio de intertextos que o nascimento dos filhos se dá fora da cidade de Goiás e corresponde ao período em que o sujeito desenvolve seu aprendizado de vida. Na totalidade da obra, a autora não apresenta muitos textos descrevendo este período, embora, no texto base, tenha sido o período ao qual credita a maior parte do acúmulo de suas experiências, momento em que desenvolveu sua capacidade de superação. No contínuo da obra, o período da idade adulta encontra-se implícito nos poemas que focalizam boa parte das reflexões sobre o aprendizado de vida do sujeito, que, conforme se apreende no texto base, se dá sobretudo na convivência com os filhos.

Verificamos, ainda pelos intertextos que este período se dá fora da cidade de Goiás: encontra-se no intermeio entre a partida quando ainda era jovem “E eu parti em busca do meu destino” e o retorno já na velhice à cidade de origem “Voltei às origens da minha vida. Assim sendo, a idade adulta, situada fora de Goiás, é apenas apontada como o período do aprendizado de vida do sujeito. Esta aprendizagem é configurada nos intertextos como trabalho, luta e coragem. Essas noções são expandidas nos intertextos 64 e 65.

INTERTEXTOS 64

(...)
*Antes, lá longe, no passado, parindo filhos e criando filhos
e plantando roseiras, lírios e palmas, avencas e palmeiras,*

*em Jabuticabal, terra do meu aprendizado de viver,
terra dos meus filhos.
Minha gente de Jabuticabal. Meu Anjo da Guarda, Radarzinho,*

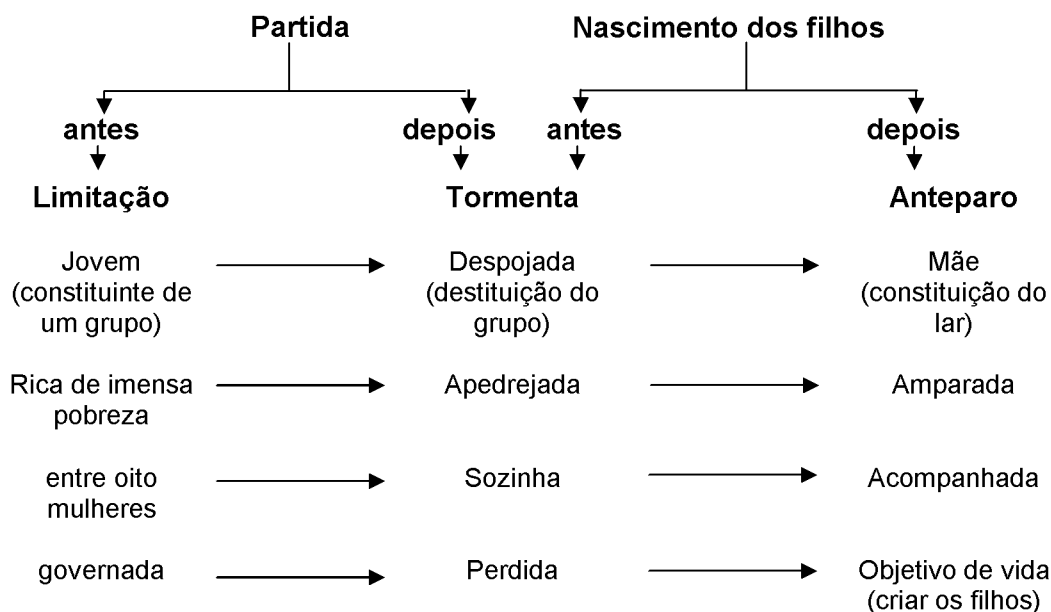
.....
(Cigarra cantadeira e formiga diligente, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTO 65

(...)
*Terra de meus filhos
onde fiz meu duro
aprendizado de vida*

.....
(Jabuticabal (II), *Meu livro de cordel*)

Antes da partida, o sujeito se encontrava limitado pela dependência e submissão do grupo de origem (oito mulheres). Com o nascimento dos filhos, um novo estado de coisa se apresenta: o sujeito gera filhos e passa a integrar um novo grupo e ser responsável por ele. O sujeito que antes se encontrava limitado pela não autonomia passa agora a ser limitado pela responsabilidade de criar filhos:



A presença dos filhos é representada por “rocha” em que o sujeito se ampara contra a tormenta que viera do local de origem e o atingia até o nascimento dos filhos. O

papel de mãe oferece ao sujeito a possibilidade de um reequilíbrio: se antes foi “*apedrejada*” por desonrar dois lares (o lar do parceiro e seu próprio lar), agora constitui um lar. A fragilidade dos filhos dá-se por serem filhos de uma mulher que promoveu tal situação. Por outro lado, é essa mesma fragilidade que permite a remissão parcial, uma vez que ser mãe não basta para a remissão social total - é preciso regularizar seu estado civil. O papel de mãe dá ao sujeito a possibilidade de aceitação social, condicionada ao seu desempenho no papel.

A presença masculina do pai pressuposta por “filhos” se confirma no intertexto:

INTERTEXTO 66

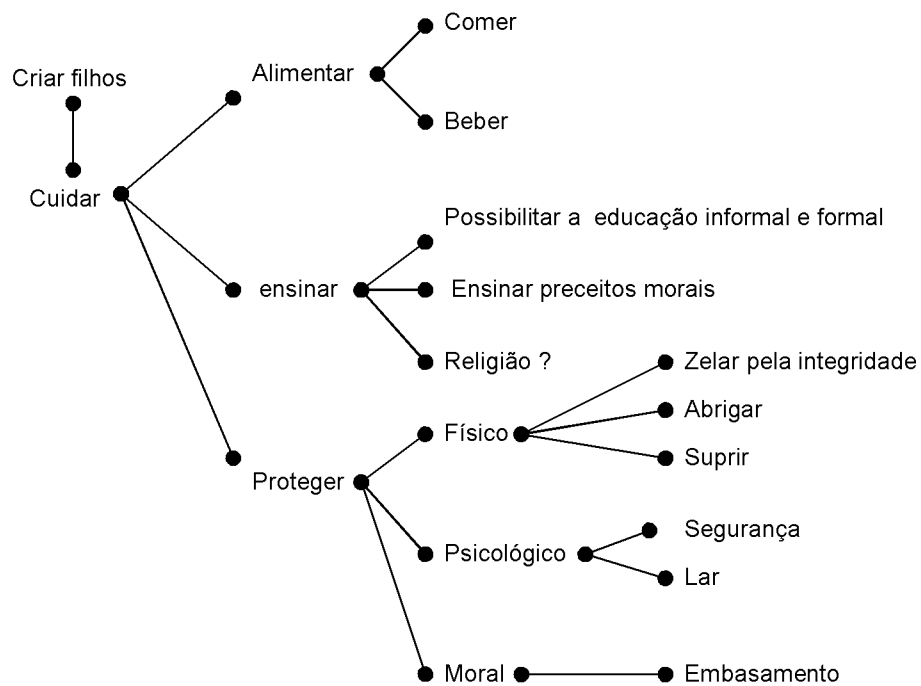
(...)
*Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.*

.....
(Das pedras, *Meu livro de cordel*)

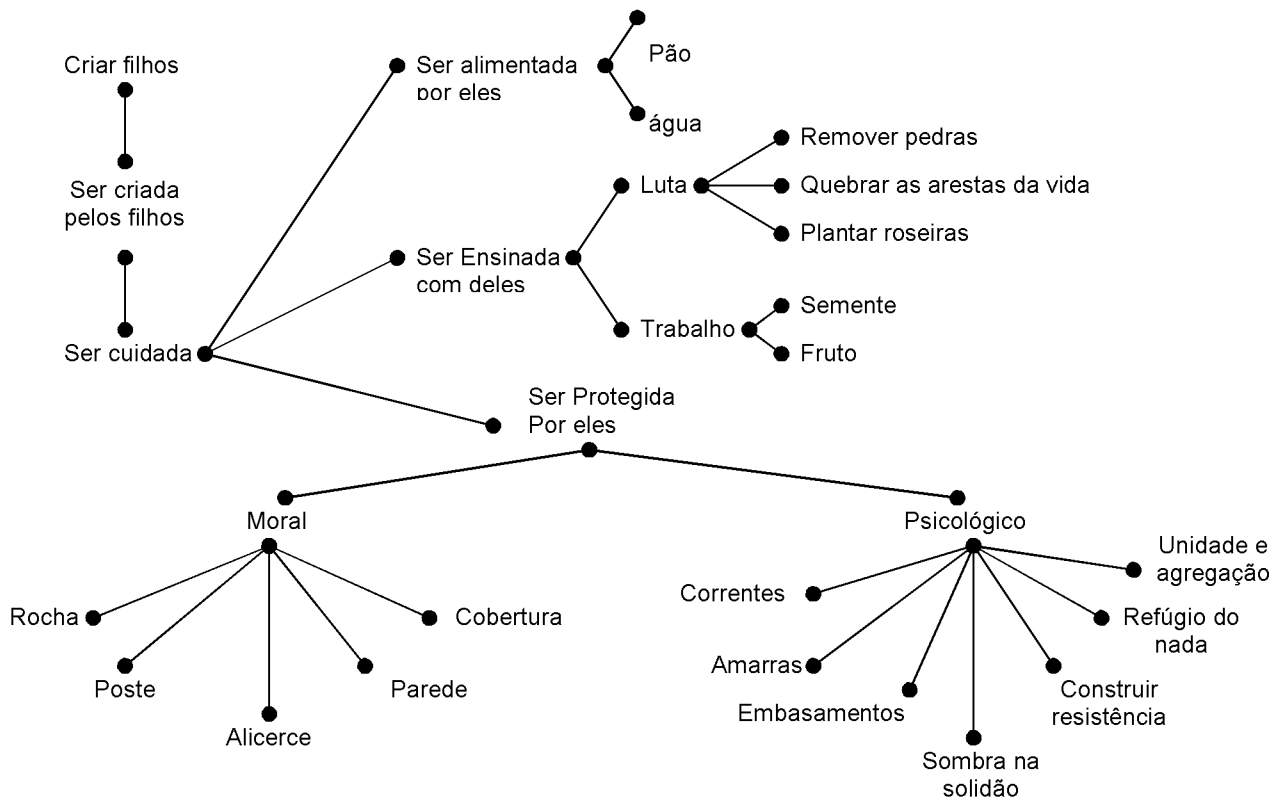
O papel de mãe passa a pressupor o papel de esposa em conformidade com as regras sociais - esposa legítima. Na prática, ser mãe não implica ser esposa, mas a dissociação desses papéis resulta em desaprovação social. Esse fato é apreendido na progressão do texto pela ocorrência “vento da insânia” que é anafórico à “tormenta”.

No texto, as expressões “frágeis e pequeninos”, “carecendo de cuidados”, “crescendo devagarinho” e “eu carregava e alimentava”, assinalam o estado de coisa que prevê a atuação de mãe. Contudo, na progressão do texto, o sentido atribuído a tais expressões é subvertido, passando a ser a mãe o alvo de cuidados dos filhos (carregaram, alimentaram) e objeto de proteção (rocha, anteparo, segurança de um lar, refúgio). Assim, o sentido é construído a partir da ativação do frame “criar filhos”, aspecto social em que se inscrevem os papéis mãe e filhos:

Frame de “criar os filhos”

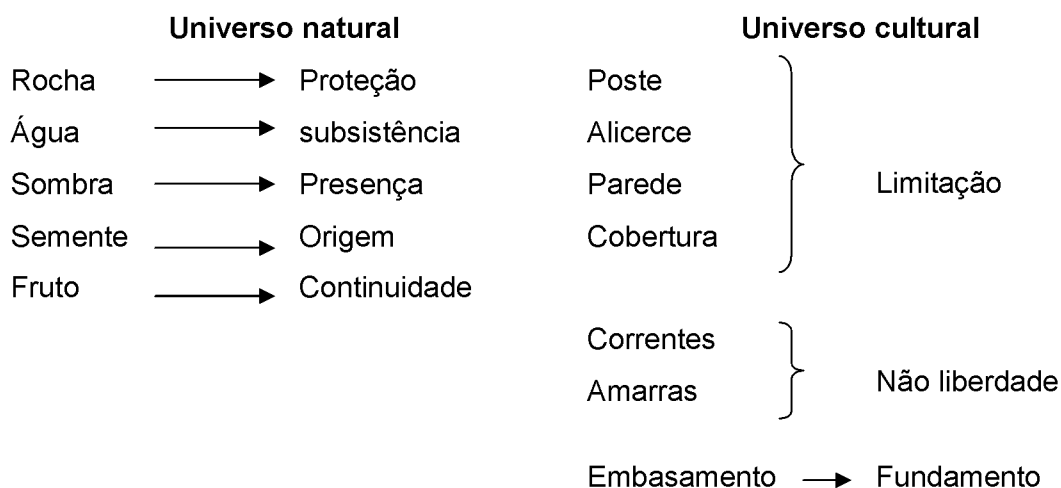


No texto, o frame “criar filhos” é a base para a produção de sentido à representação de “ser criada pelos filhos”:



No texto, essas duas representações são dialéticas e promovem, por isso, uma relação recíproca: uma explícita/existencial (filhos protegem e cuidam da mãe) e outra implícita/prática (mãe cuida e protege os filhos). No texto, o aspecto existencial ultrapassa o aspecto prático, posto que se encontra no primeiro plano da narrativa e sobrepõem o individual ao social, de maneira que é o parecer de sentido do sujeito que se apresenta imperativo: os filhos representam para o sujeito *proteção* (rocha), *alimento* (pão e água), *presença* (sombra na solidão), *embasamentos* (correntes, amarras), *família* (unidade e agregação), *segurança de um lar* (poste, parede, alicerce e cobertura), *origem e continuidade* (semente e fruto).

As ocorrências lexicais selecionadas enquanto base sobre as quais o sujeito representa “filhos” tem seu recorte ora no universo natural, ora no universo cultural: universo natural – rocha, água, sombra, semente, fruto; universo cultural - poste, alicerce, parede, cobertura, correntes, amarras.



O conjunto das ocorrências lexicais cujo recorte aponta para o mundo natural agrega o sentido de segurança, subsistência, origem e continuidade. Os recortes no mundo cultural apontam para limitação, não liberdade, fundamento. Distribuídos desta forma, verifica-se a ocorrência de aspectos positivos e negativos na representação

de filhos. Contudo, os aspectos positivos apresentam-se absolutos. No deserto, pão e água são fundamentais para a manutenção da vida, da mesma forma que a sombra associada à solidão é um sinal inquestionável de uma presença e semente e fruto carregam efetivamente em si a origem e a continuidade da vida. Quanto aos aspectos negativos, estes se apresentam relativizados, pois sendo correntes e amarras, representam a não liberdade, mas esta não liberdade confere ao sujeito embasamentos, da mesma forma, poste, alicerce, parede e cobertura trazem a noção de limitação do espaço, o confinamento, mas esta limitação espacial confere segurança ao sujeito.

Em relação aos itens lexicais “carregada” e “alimentada”, ser carregada designa ser conduzida pelo papel de mãe em razão da presença dos filhos. Ser alimentada designa ser mantida em segurança por meio dos atributos do papel de mãe que lhe possibilitou mobilizar-se socialmente para criar os filhos e (re)criar-se ao fazê-lo. Nesse sentido, o sujeito está vinculado aos filhos na seguinte forma:

Relação mãe e filhos		Relação filhos e mãe	
Carregava →	Levava consigo, conduzia, trazia junto a si	Carregaram →	Conduziram o sujeito para o exercício do papel de mãe
Alimentava →	Provia o sustento para o desenvolvimento e fortalecimento do corpo, mantinha vivo	Alimentaram →	Proveram a mobilidade social do sujeito

O sujeito, como já dissemos, está vinculado a uma presença masculina. Contudo, não há papel de esposa socialmente convencionado, apenas o de mãe, sendo o papel de esposa apenas uma ilusão proporcionada pela presença dos filhos.

Além da frágil situação social da família, verificamos, pelo intertexto, que há conflitos entre o casal:

INTERTEXTO 67

(...)
*O choque, a vida intra-uterina,
 eles, em formação, recebendo o rebate, bate que bate
 de tanta luta inglória...*
União frágil, desfeita espiritualmente, rota, rasgada, violentada.

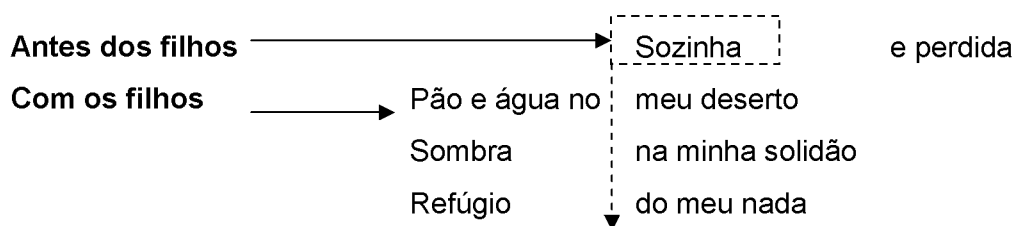
.....
 (Eles, *Vintém de cobre*)

O sujeito está preso ao indivíduo masculino pelos filhos-correntes/amarras. Os filhos são “embasamentos”, de modo que cada um deles é uma razão para a continuidade da união, elo da corrente que une os papéis mãe-pai. A não-liberdade impede o sujeito de romper/negar a relação - ameaça do sujeito à integridade do lar. Esta ameaça implícita integra-se na progressão do texto a outras formas de ameaça e apontam para suas respectivas formas de proteção/conseqüência.

Ameaça*		Proteção	
Ao sujeito	→ Jogaram pedras	→ Nenhuma proteção	→ Apedrejamento
Ao sujeito	→ Tormenta que viera	→ Rocha, anteparo	→ Amparo
Ao lar	→ Vento da insânia	→ Poste e alicerce, parede e cobertura	→ Segurança
Do sujeito	→ (Romper a integridade do lar)	→ Correntes, amarras, embasamentos	→ Resistência (construíram a resistência)

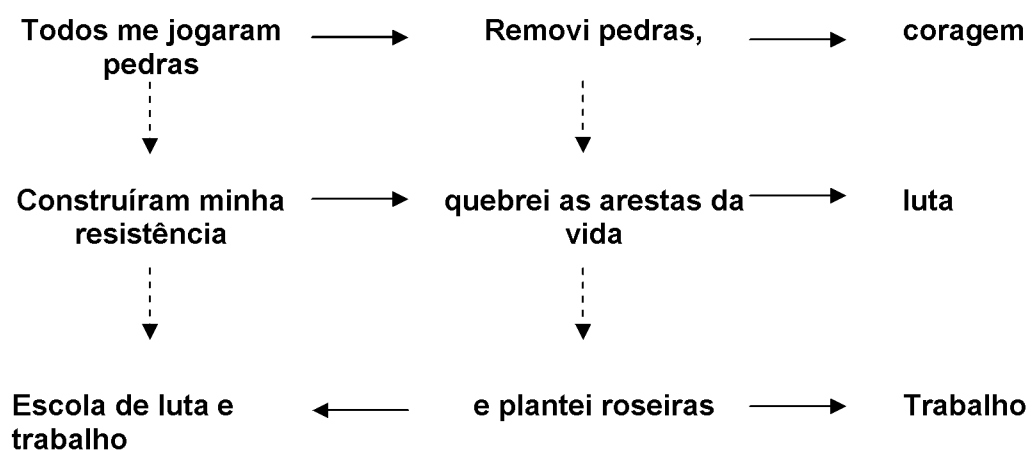
A construção da resistência do sujeito foi possível, sobretudo, porque os filhos a suprimiram (pão e água no deserto), consolaram (sombra na solidão) e protegeram (refúgio do nada) a mãe. A seleção lexical selecionada nas seqüências “*Filhos, fostes pão e água no meu deserto / Sombra na minha solidão / Refúgio do meu*

nada” remete ao intertexto bíblico. A seqüência “...*pão e água no deserto*” remete à passagem bíblica em que o povo judeu se encontra no deserto guiado por Moisés na ocasião da saída do Egito em retorno à terra dos seus antepassados: o povo guiado por Moisés adentra e permanece no deserto durante quarenta anos, sendo provido por Deus para que resistisse à dura jornada. Do mesmo modo, o sujeito parte em busca de seu destino e permanece no seu “deserto” contando apenas com os filhos. No plano da expressão este “permanecer no deserto durante um longo período” é representado no texto pela soma dos versos desde a partida do sujeito (“E eu parti em busca do meu destino”) até o momento do retorno (“*Voltei às origens da minha vida*”) somam-se quarenta versos.



Na progressão do texto, a expressão “*pão e água no meu deserto*” é retomada por “*sombra na minha solidão*” e “*refúgio do meu nada*”. *Sombra na minha solidão* remete a Jó que, sofrendo todas as adversidades possíveis ao homem, clama a Deus que faça com que sua solidão lhe sirva de companhia de modo que tenha coragem de enfrentar a si mesmo. Da mesma forma, o sujeito reconhece a importância, na sua solidão, da presença dos filhos no processo de conhecer-se a si mesmo. A seqüência “*Refúgio do meu nada*” remete também a Jó que, dando seqüência ao seu clamor a Deus, pede para que Ele faça com que se refugie em seu nada e mesmo assim possa se sentir pleno. No texto, o sujeito é despojado no início de sua caminhada, não possui nada senão a si próprio. A presença dos filhos passa a representar o centro gerador da força do sujeito.

No texto, a ocorrência da seqüência “removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras” sintetiza a trajetória do sujeito desde sua partida até o momento da partida dos. Na sua trajetória, o sujeito fundamenta sua vida em três princípios básicos: a coragem, que aponta para a seqüência “removi pedras”; a luta, que aponta para a seqüência “quebrei as arestas da vida”; o trabalho,” que aponta para “plantei roseiras”. Estes três princípios são apreendidos pelo sujeito no exercício de seu papel e, assim sendo são também exemplos de conduta para os filhos, conforme se lê na seqüência “*Cresceste numa escola de luta e trabalho*”, que traz implícito “coragem” princípio que move os outros dois: “luta” e “trabalho”. Cada um desses princípios apresenta-se no texto relacionados entre si e correspondem a uma ação que implica uma reação por parte do sujeito. Assim, respondendo a “todos me jogaram pedras”(julgaram e condenaram), o sujeito reage (re)movendo as pedras jogadas(não considera insuperáveis o mal que lhe fizeram) Ao remover as pedras apresentaram-se as arestas e, estas foram quebradas (o sujeito não torna relevante os conflitos e desentendimentos que experiência isso o torna resistente) ao contrário busca ressignificar tudo que se apresenta negativo e faz isso focalizando-se nos filhos e no trabalho como meio de superação: este é o seu embasamento (plantei roseiras):



Os itens *coragem*, *luta* e *trabalho* representam de forma geral a ousadia, os esforços e as realizações do sujeito, ou seja, o aprendizado de vida que o sujeito apresenta como exemplo para os filhos, conforme se lê em “Cresceste numa escola de luta e trabalho”. Coragem, luta e trabalho são, portanto, princípios a partir dos quais o sujeito fundamenta sua vida e, portanto acompanham-no até término da jornada. Assim, os três princípios imperativos para o sujeito convergem na construção da sua auto-representação. As noções de trabalho, luta e coragem são expandidas nos intertextos 68 a 78.

INTERTEXTOS 68

(...)
*Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.*

.....
(Das pedras, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 69

(...)
*Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,
abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.*

.....
(A gleba me transfigura, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTOS 70

*Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.*
(...)
*A dureza da vida não são carências
nem pobreza.
Sofrem aqueles que desconhecem a luta
e menosprezam o lutador.*

.....
(Oferta de Aninha (aos moços), *Vintém de cobre*)

INTERTEXTOS 71

(...)
*Ele era velho e era um mestre.
Eu era jovem e era discípula.
Ele mestreou e ela aprendeu.
E dessa escola ninguém ouviu falar.*

*Ele se foi sem saber que era um mestre.
Ela ficou, sem saber que foi discípula.
Só muito depois compreendeu
E já era tarde.*

(Fala de Aninha (várias), *Vintém de cobre*)

INTERTEXTOS 72

*Sou mulher como outra qualquer.
Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.
(...)
Nasci para escrever, mas o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros contramarcaram minha vida.*

(...)
*A escola da vida me suplementou
as deficiências da escola primária
que outras o Destino não me deu.*

(...)
*Luta, a palavra vibrante
que levanta os fracos
e determina os fortes.*

(Cora Coralina, quem é você?, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTOS 73

(...)
*Terra de meus filhos
onde fiz meu duro
aprendizado de vida*

(Jabuticabal (II), *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTO 74

(...)

*Antes, lá longe, no passado, parindo filhos e criando filhos
e plantando roseiras, lírios e palmas, avencas e palmeiras,
em Jabuticabal, terra do meu aprendizado de viver,
terra dos meus filhos.*

Minha gente de Jabuticabal. Meu Anjo da Guarda, Radarzinho,

.....
(Cigarra cantadeira e formiga diligente, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTO 75

*Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras.*

(...)

Minhas mãos doces...

Jamais ociosas.

Fecundas. Imensas e ocupadas.

Mãos laboriosas.

(...)

Mãos de semeador...

Afeitas à sementeira do trabalho.

Minhas mãos raízes

procurando a terra.

Semeando sempre.

Jamais para elas

os júbilos da colheita.

*Mãos tenazes e obtusas,
ferida na remoção de pedras e tropeços,
quebrando as arestas da vida.*

Mãos alavancas

na escava de construções inconclusas.

*Mãos pequenas e curtas de mulher
que nunca encontrou nada na vida.*

Caminheira de uma longa estrada.

Sempre a caminhar. Sozinha a procurar

o ângulo prometido,

a pedra rejeitada.

(Estas mãos, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTO 76

(...)

*Tive trabalhadores e roçados. Plantei e colhi por suas mãos calosas.
Jamais ouvi de algum: “Estou cansado”.*

.....
(Nunca estive cansada, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTO 77

(...)

*Mulher primária, roceira, operária, afeita à cozinha,
Ao curral, ao coalho, ao barreleiro, ao tacho.
Seguro sempre nas mãos cansadas a velha candeia
de azeite veletudinária e vitalícia do passado*

.....
(Sou raiz, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTO 78

*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.*

.....
(Das pedras, *Meu livro de cordel*)

2.4.1 Valores representados no segundo macroepisódio

Texto Base	Intertexto	Representação
<p><i>E me nasceram filhos. E foram eles, frágeis e pequeninos, carecendo de cuidados, crescendo devagarinho.</i></p>	<p><i>Antes, lá longe, no passado, parindo filhos e criando filhos (i64)</i></p> <p><i>Terra de meus filhos (i65)</i></p>	<p>Mãe dos filhos</p>
<p><i>E foram eles a rocha onde me amparei, anteparo à tormenta que viera sobre mim. Foram eles, na sua fragilidade infante ,poste e alicerce, paredes e cobertura, segurança de um lar que o vento da insânia ameaçava desabar. Filhos, pequeninos e frágeis... eu os carregava, eu os alimentava? Não. Foram eles que me carregaram, que me alimentaram.</i></p> <p><i>Foram correntes, amarras, embasamentos. Foram fortes demais. Construíram a minha resistência. Filhos, fostes pão e água no meu deserto. Sombra na minha solidão. Refúgio do meu nada. Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.</i></p>	<p><i>Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. levantei uma escada muito alta e no alto subi./(...) Entre pedras que me esmagavam Levantei a pedra rude dos meu versos.(i82)</i></p> <p><i>Caminhei pelas ruas do Destino – procurando meu signo (...).</i></p> <p><i>Procurei a morada da Fortaleza. Ela me fez entrar: deu-me veste nova, perfumou-me os cabelos, fez-me beber de seu vinho. Acertei o meu caminho.(i83)</i></p>	<p>Filha dos filhos</p>
<p><i>Fostes, para mim, semente e fruto. Na vossa inconsciência infantil. Fostes unidade e agregação.</i></p>	<p><i>Uma estrada, um leito, uma casa, um companheiro. Tudo de pedra. (i66)</i></p>	<p>Mãe filhos = família</p>
<p><i>Cresceste numa escola de luta e trabalho, depois, cada qual se foi ao seu melhor destino.</i></p>	<p><i>onde fiz meu duro aprendizado de vida (i65)</i></p> <p><i>Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira (i69)</i></p> <p><i>Sofrem aqueles que desconhecem a luta/ E menosprezam o lutador (i70)</i></p>	<p>Trabalhadora Lutadora</p>

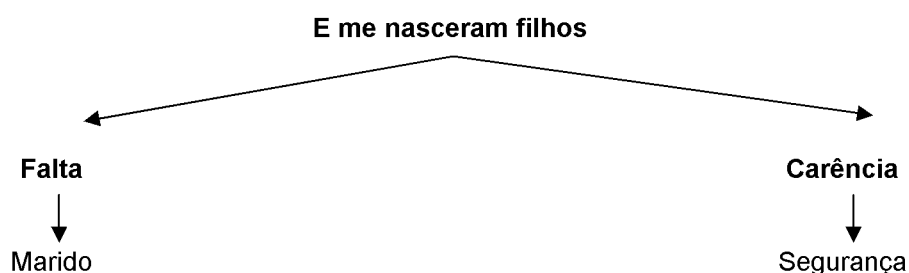
	<p><i>Luta, a palavra vibrante /que levanta os fracos / e determina os fortes. (i72)</i></p> <p><i>Olha para estas mãos / de mulher roceira, / esforçadas mãos cavouqueiras (...) Íntimas da economia, / do arroz e do feijão / da sua casa. (...) Mãos laboriosas. Abertas sempre para dar, ajudar, unir e abençoar. (i89)</i></p>	
--	---	--

2.4.2 Valores representados no segundo macroepisódio

Valores <i>positivos</i> atribuídos por Cora	Valores <i>negativos</i> atribuídos pelo grupo social
<ul style="list-style-type: none">• Criar os filhos e ser criada por eles;• Criar os filhos numa escola de luta e trabalho	<ul style="list-style-type: none">• Não ter família legitimamente constituída.

Valores <i>negativos</i> atribuídos por Cora à sociedade	Valores <i>positivo</i> atribuídos pelo grupo social à Cora
<ul style="list-style-type: none">• Sua marginalização social	<ul style="list-style-type: none">• Isolamento social de Cora e família.

2.4.3 As paixões da Falta e da Carência no segundo macroepisódio



Na maturidade, tem a tarefa de criar os filhos “sozinha”. A união irregular instaura ao tempo Falta do marido, papel que legitima socialmente a família, e gera a Carência da segurança em relação à integridade do lar. Daí, a necessidade de assegurar-se por meio do trabalho e da luta para criar seus filhos.

Em síntese, Cora desvela Cora na maturidade como uma mulher que valoriza positivamente os filhos e o fato de tê-los criado “sozinha”, embora atribua valor negativo a solidão, decorrente da avaliação negativa da sociedade em relação à sua união irregular.

2.5 Terceiro macroepisódio: velhice - a volta à Goiás

*depois, cada qual se foi ao seu melhor destino.
E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.
Minha última dívida de gratidão
aos filhos.
Fiz a caminhada de retomo às raízes ancestrais.
Voltei às origens da minha vida,
escrevi o "Cântico da Volta".*

*Assim devia ser.
Fiz um bonito nome de doceira, glória maior.*

*E nas pedras rudes do meu berço
gravei poemas.*

TERCEIRO MACROEPISÓDIO:

- **Apresentação** – “depois, cada qual se foi ao seu melhor destino”
- **Conflito** – “E a velha mãe sozinha”
- **Resolução** – “Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais”

→ **Estado do sujeito após a resolução:** sujeito realizado

Nesse episódio, inscreve-se o estado final da narrativa do sujeito, momento marcado pela partida dos filhos e a instalação do conflito “e a velha mãe sozinha”, cuja resolução é e o retorno do sujeito “às origens ancestrais”. Neste sentido o destino que uniu o sujeito a seus filhos (“*E eu parti em busca do meu destino*”, “*E fui caminhando, caminhando...*”, “*E me nasceram filhos*”) é o mesmo que os separam (“*depois, cada qual se foi o seu melhor destino*”). Estar sozinho após a partida dos filhos retoma o estar sozinho após a partida do próprio sujeito:

*Ninguém me estendeu a mão / Ninguém
me ajudou e todos me jogaram pedras*



*Sozinha e perdida nos caminhos
incertos da vida*

*Depois, cada qual se foi ao seu
melhor destino*

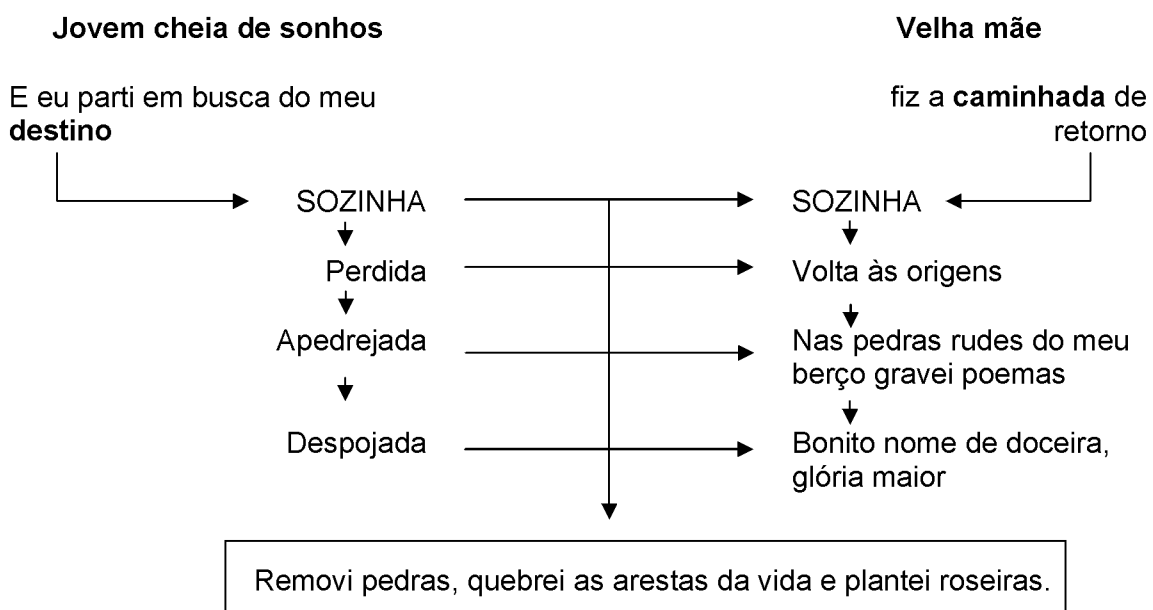


E a velha mãe sozinha

O sujeito manifesta, nesse episódio, sua gratidão pelos filhos que representaram a motivação principal para mantê-la fiel aos princípios básicos que regeram sua vida: a coragem a luta, o trabalho. Nesta fase tais princípios estão representados em língua pelas palavras trabalho e pela coragem. O terceiro princípio “a luta” está implícito dado que se trata de um esforço para superar as adversidades que englobam tanto o trabalho quanto a coragem. A volta “sozinha” é apontada como o último exemplo de vida guiado por estes princípios.

A palavra “sozinha” designa, em sua primeira ocorrência, uma solidão causada pela falta de compreensão seguida de um rompimento familiar (despojada). Na segunda

ocorrência, “sozinha” designa o estado resultante da aceitação das escolhas dos filhos. O sujeito não oferece resistência ao movimento natural da vida configurado na deliberação dos filhos de partir “*cada qual a seu melhor destino*”. Esse posicionamento do sujeito, prescrito pelo papel de mãe, delimita dois tempos: o tempo de estar junto (dependência dos filhos) e o tempo de se separar (independência dos filhos):

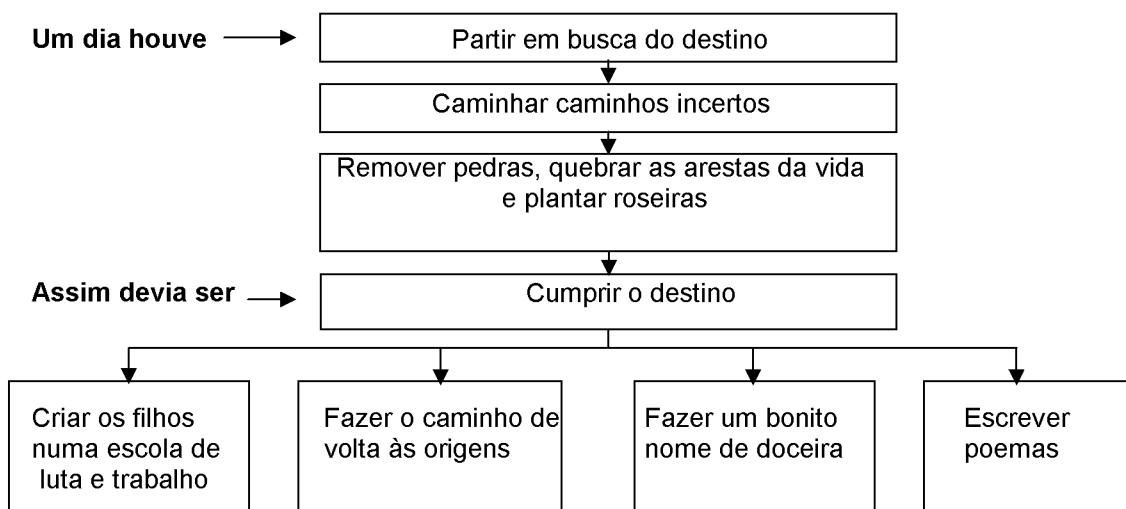


Do mesmo modo, é previsto socialmente a inversão dos deveres: na velhice dos pais (no caso, na velhice da mãe) os filhos devem prestar-lhes auxílio. É neste ponto que o sujeito subverte as determinações sociais e declara a isenção dos filhos dessa obrigação social: “...a velha mãe sozinha/devia ainda um exemplo /de trabalho e coragem”. O sujeito, após a partida dos filhos, representa a importância desses por meio desta inversão: não são os filhos quem devem se sentir agradecidos, mas é o sujeito quem agradece e se coloca em débito com eles (“*minha última dívida de gratidão / aos filhos*”). A liquidação da dívida se condiciona a “um exemplo de trabalho e de coragem”: a volta ao seu local de origem, sua atividade de doceira e sua atividade literária (“*fiz o caminho de retorno às raízes ancestrais*”, “*fiz um bonito*”).

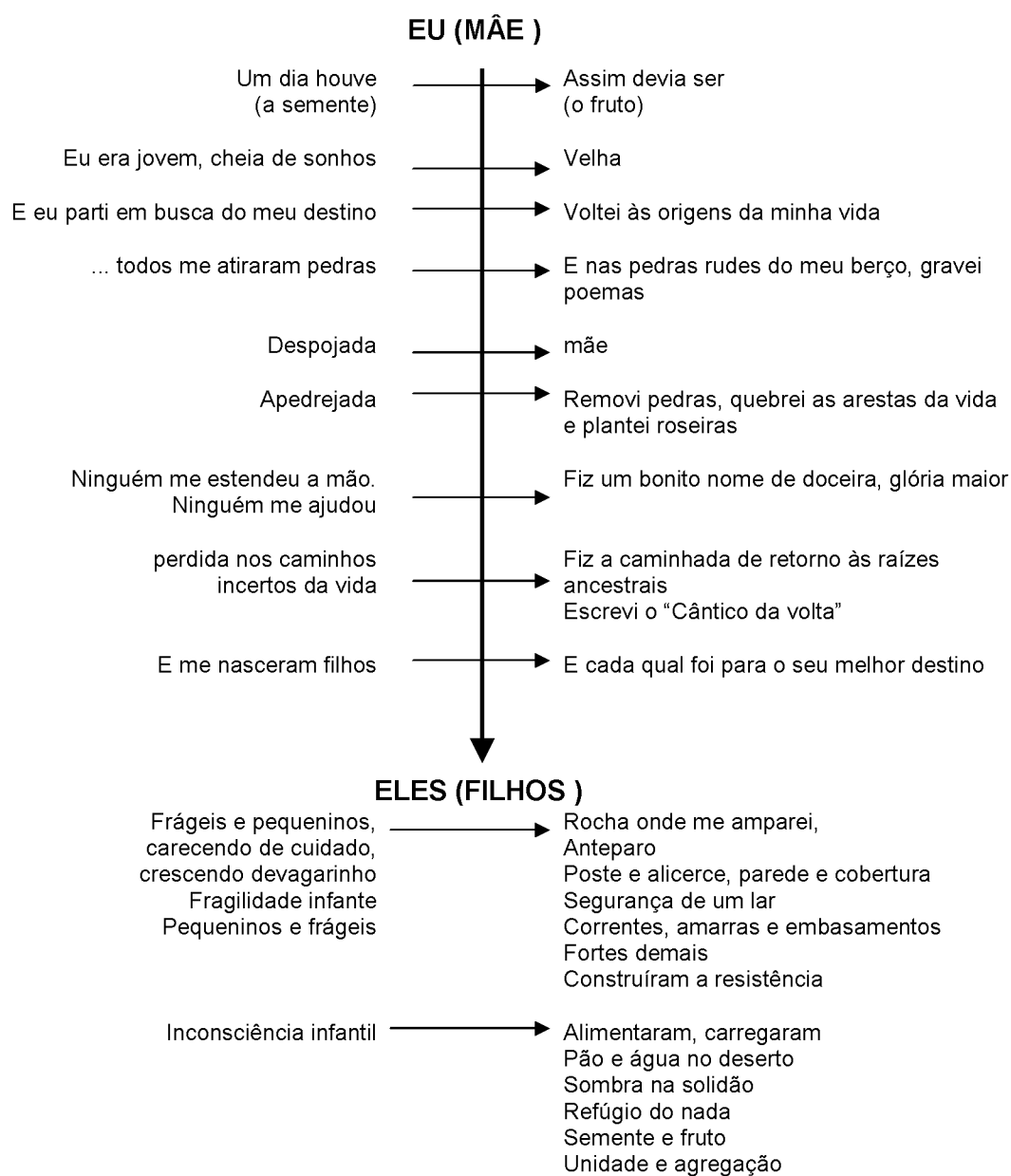
nome de doceira...”, “gravei poemas”). Nesse momento, instauram-se as oposições que remetem à trajetória da vida do sujeito:

Partida	X	Retorno
<i>Um dia houve</i>	X	<i>Assim devia ser</i>
<i>jovem</i>	X	<i>velha</i>
<i>E eu parti em busca do meu destino</i>	X	<i>fiz a caminhada de retorno...</i>
<i>Ninguém me estendeu a mão</i> <i>Ninguém me ajudou</i>	X	<i>fiz um bonito nome de doceira, glória maior.</i>
<i>Rica de imensa pobreza /</i> <i>que me limitava / entre oito mulheres</i> <i>que me governavam</i>	X	<i>E nas pedras rudes do meu berço,</i> <i>gravei poemas.</i>

O destino do sujeito investido no papel de mãe que se cumpriu com a partida dos filhos dá início ao cumprimento do destino de doceira e poetisa. A expressão encapsuladora “Assim devia ser” retoma a expressão catafórica “Um dia, houve” e representa a trajetória do destino, o ponto de partida e o ponto de chegada. Entre os dois extremos inscreve-se o desenvolvimento do indivíduo, sujeito do seu destino que investido do seu papel de mãe (daí a importância dos filhos) enfrentou as dificuldades ressignificando-as em experiências que colocaram à prova sua capacidade de resistência e superação, o que resultou no seu crescimento interior, conforme se lê em “Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras”:



De forma geral, o poema aponta para dois grandes referentes mais hierarquizados que vão progredindo semanticamente no texto delineando a trajetória de vida do sujeito narrador. Embora a narrativa represente um resumo da trajetória do sujeito, o texto aborda a importância dos filhos na construção da sua identidade. São eles, na progressão do texto, representados como *mediação* entre o estado inicial e o estado final da trajetória.



Os poemas que descrevem a fase da velhice apontam para o acúmulo das experiências concretas do “mundo-da-vida”. O foco está na trajetória configurada como “difícil caminhada”, resultante do rumo que deu à sua vida. Essa noção é expandida no intertexto 79.

INTERTEXTO 79

*A caminhada...
Amassando a terra.
Carreando pedras.
Construindo com as mãos
sangrando
a minha vida.
(...) A estrada está deserta.
Alguma sombra escassa.
Buscando o pássaro perdido
morro acima, serra abaixo.
Ninho vazio de pedras.
Eu avante na busca fatigante
de um mundo impreciso,
todo meu,
feito de sonho incorpóreo
e terra crua.
Bandeiras rotas.
Desfraldadas.
Despedaçadas.
Quebrado o mastro
na luta desigual.
Sozinha...
Nua. Espoliada. Assexuada.
Sempre caminheira.
Morro acima. Serra abaixo.
Carreando pedras.
(...) Perdida e só...
No clamor da noite
escuto a maldição das pedras.
Meus errados rumos*

(Errados Rumos, *Meu Livro de Cordel*)

Nessa trajetória, o ponto de “partida” e de “chegada” é a cidade de Goiás. Nesse sentido, a cidade representa “a origem” para onde se retorna. No intertexto, reconhecemos que o sujeito só reconhece a si mesmo no retorno à sua cidade de

origem, sendo o (re)encontro com a cidade o mesmo que o encontro consigo mesma. A imagem de si mesma e da cidade não se distinguem; antes, se constituem num privilegiado espaço da memória do sujeito. Cidade e indivíduo se misturam. Ambas estão velhas, esquecidas. Contudo, resistiram ao tempo testemunharam o passado e o descrevem no presente. Essas noções são expandidas nos intertextos 80 e 81.

INTERTEXTOS 80

*Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
não sou nada, minha gente.*

.....
(Rio Vermelho, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*)

INTERTEXTOS 81

*Goiás, minha cidade...
(...)*

*Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.*

*Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.*

*Eu sou aquele teu velho
muro verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.*

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados,
lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

(Minha cidade, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais)

A resistência e a superação são a tônica na difícil caminhada do sujeito. Nesse sentido, a palavra pedra e suas formas parassinônimas percorrem toda obra: ora como objeto de resistência, ora como objeto de superação. Na velhice, todas essas experiências se consubstanciam em valor e são transformadas poeticamente: o

sujeito não podendo evitar os obstáculos, as dificuldades, o sofrimento trata de sublimá-los, sendo esta, sobretudo, uma forma de resistência e superação. A cidade, por sua vez, também é identificada pela resistência e superação, pois, mesmo espoliada, permaneceu no tempo e virou patrimônio cultural. Essas noções são expandidas nos intertextos 82 a 85.

INTERTEXTOS 82

*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.*

*Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.*

*Entre pedras
cresceu a minha poesia
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.*

*Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.*

(Das pedras, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 83

*Andei pelos caminhos da Vida.
Caminhei pelas ruas do Destino –
procurando meu signo.
Bati na porta da Fortuna,
mandou dizer que não estava.
Bati na porta da Fama,
falou que não podia atender.
Procurei a casa da Felicidade,*

*a vizinha da frente me informou
que ela tinha se mudado
sem deixar novo endereço.
Procurei a morada da Fortaleza.
Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
perfumou-me os cabelos,
fez-me beber de seu vinho.
Acertei o meu caminho.*

(A procura , *Meu livro de Cordel*)

INTERTEXTOS 84

*Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
"Longe de todos os lugares".
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.*

.....
(Cora Coralina , Quem é você?, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 85

*Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saíndo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.*

*Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.*

.....
(Minha cidade, *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*)

Há ainda, na representação de si mesma, o predomínio do concreto sobre o abstrato. As urgências da vida cotidiana, que representam este concreto, não são negligenciadas, pelo contrário são abstraídas e integram a essencialidade da vida e da poesia da autora. Na verdade, segundo a representação da autora, a poesia é a própria essencialidade das coisas, por isso, para ela, não é pensada, racionalizada. Ela é natural, faz parte do seu ser. Daí sua autenticidade. Essa noção é expandida no intertexto 86.

INTERTEXTO 86

(...)

*Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim
impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
consciência de ser autêntica.*

*Nasci para escrever, mas o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros contramarcaram minha vida.*

*Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana.*

.....

(Cora Coralina, Quem é você?, *Meu Livro de Cordel*)

O retorno na velhice à cidade de origem é cantada nos versos da autora. Na tentativa de se reconhecer o passado no presente, o sujeito busca (re)viver sua juventude nos espaços físicos da escola primária da sua infância.

A descrição da velha escola ressalta, na lembrança, a imagem da velha mestra e o valor agregado a sua imagem: *aquela que iniciou o sujeito no mundo das palavras*. Este sentido, as histórias de Carochinha e o dicionário corroboram na ilustração desse mundo apresentando duas dimensões da palavra: criativo (Histórias de Carochinha) e o institucionalizado (dicionário). A palavra é valorizada como algo vivo e corrente na boca do povo. É para o sujeito o uso da palavra que atribui a ela o seu valor. Essa noção é expandida no intertexto 87.

INTERTEXTO 87

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém.
Quarenta e cinco anos decorridos.
Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.
Minha escola primária. A sombra da velha Mestra.
A casa, tal como antes. Sua pedra escorando a pesada porta.
Quanto daria por um daqueles duros bancos onde me sentava,
nas mãos a carta de "ABC", a cartilha de soletrar,
separar vogais e consoantes. Repassar folha por folha,
gaguejando lições num aprendizado demorado e tardo.
Afinal, vencer e mudar de livro.
Reconheço a paciência infinita da mestra Silvina,
sua memória sagrada e venerada, para ela a oferta deste livro,
todas as páginas, todas as ofertas e referências
Tão pouco para aquela que me esclareceu a luz da inteligência.
A vida foi passando e o melhor livro que me foi dado
foi Estórias da Carochinha, edição antiga, capa cinzenta,
papel amarelado, barato, desenho pobre, preto e branco, miúdo.

O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens,
um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre.
Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege.
Dá origem da gramática e o antigo das palavras.
A pronúncia correta, a vulgar e a gíria.
Incorporou ao vocabulário todos os galicismos antes condenados.
Absolveu o erro e ressalvou o uso.

(...) *Só o povo a faz renovada e corrente*
sem por isso escrever mal.

(Voltei, Vintém de Cobre)

O retorno à cidade de Goiás se configura como o começo de um novo momento em sua vida. É um momento em que o sujeito se sente produtor. Seu olhar está apurado na substância das coisas e dos seres da cidade. Há o uso abundante de substantivos, resultado do realce das coisas e dos seres que integram sua vida, sua poesia. Essa noção é expandida no intertexto 88.

INTERTEXTO 88

Meti o peito em Goiás
e canto como ninguém .
Canto as pedras,
canto as águas,
as lavadeiras, também.
Cantei um velho quintal
com murada de pedra;
Cantei um portão alto
com escada caída.

(...)

II

Cantei ouro enterrado
querendo desenterrá.
Cantei cidade largada.
Cantei burro de cangalha
com lenha despejada.
Cantei vacas pastando
no largo tombado.

Agora vai se acabando
Esta minha versejada.
Boto escoras nos secados
Por aqui vou ficando.

(Cantoria, *Meu livro de cordel*)

Tudo é sentido concretamente. Daí, a experiência do vivido representado pelas “mãos”:

INTERTEXTO 89

*Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras.*

*Pesadas, de falanges curtas,
sem trato e sem carinho.
Ossudas e grosseiras.*

*Mãos que jamais calçaram luvas.
Nunca para elas o brilho dos anéis.
Minha pequenina aliança.
Um dia o chamado heróico emocionante:
- Dei Ouro para o Bem de São Paulo.*

*Mãos que varreram e cozinham.
Lavaram e estenderam
roupas nos varais.
Poupavam e remendaram.
Mãos domésticas e remendonas.*

*Íntimas da economia,
do arroz e do feijão
da sua casa.
Do tacho de cobre.
Da panela de barro.
Da acha de lenha.
Da cinza da fomalha.
Que encestavam o velho barreleiro
e faziam sabão.*

*Minhas mãos doceiras...
Jamais ociosas.
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.*

*Mãos de semeador...
Afeitas à sementeira do trabalho.
Minhas mãos raízes
procurando a terra.
Semeando sempre.
Jamais para elas
os júbilos da colheita.*

*Mãos tenazes e obtusas,
ferida na remoção de pedras e tropeços,*

*quebrando as arestas da vida.
Mãos alavancas
na escava de construções inconclusas.*

*Mãos pequenas e curtas de mulher
que nunca encontrou nada na vida.
Caminheira de uma longa estrada.
Sempre a caminhar. Sozinha a procurar
o ângulo prometido,
a pedra rejeitada.*

(Estas mãos, *Meu livro de cordel*)

O fechamento do ciclo da vida se aproxima e a vitalidade do sujeito diminui

INTERTEXTOS 90

*Tudo em mim vai se apagando.
Cede minha força de mulher de luta em dizer:
estou cansada.*

*A claridade se faz em névoa e bruma.
O livro amado: o negro das letras se embaralham,
entortam as linhas paralelas.
Dançam as palavras,
a distância se faz em quebra-luz.*

*Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.
Um véu tênue vai se incorporando no campo da retina.
Passam lentamente como ovelhas mansas os vultos conhecidos
que já não reconheço.*

É a catarata amortalhando a visão que se faz sombra.

*Sinto que cede meu valor de mulher de luta,
e eu me confesso:
estou cansada.*

(Sombras, do livro *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 91

*Eu sou a velha
mais bonita de Goiás.
Namoro a lua.*

*Namoro as estrelas.
Me dou bem
com o rio Vermelho.
Tenho segredo
com os morros
que não é de adivinhá.
(...)
Fui velha quando era moça.
Tenho a idade de meus versos.
Acho que assim fica bem.
Sou velha namoradeira.
Lancei a rede na lua,
ando catando as estrelas.*

.....
(Não conte pra ninguém, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 92

*Fiz doce durante quatorze anos seguidos.
Ganhei o dinheiro necessário.
Tinha compromissos e não tinha recursos.
Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior.*

*Fiz amigos e fregueses. Escrevi livros e contei histórias
Verdades e mentiras. Foi o melhor tempo da minha vida.
Foi tão cheio e tão fértil que me fez esquecer a palavra,
“estou cansada”.*

.....
(Nunca estive cansada, *Vintém de cobre*)

INTERTEXTOS 93

*(...)
Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana.*

(...)

.....
(Cora Coralina, quem é você?, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 94

*(...)
Que tenho sido, senão cigarra cantadeira e formiga diligente*

*desse longo estio que se chama Vida...
Meus doces, meus tachos de cobre...
Meus Anjos da guarda, valedores e certos.
Radarzinho...
Meus fantasmas familiares, meus romanceados
de permeio à venda dos doces.*

.....
(Cigarra cantadeira e formiga diligente, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 95

(...)
*Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras
e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.
Sou a espiga e o grão que retomam à terra.
Minha pena (esfêrográfica) é a enxada que vai cavando,
é o arado milenário que sulca.
Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e peso de machado.
Cheiro de currais e gosto de terra.*

.....
(A gleba me transfigura, *Vintém de Cobre*)

INTERTEXTOS 96

*Tudo deserto.
Alguém sozinha
na noite
no frio
procurando os berços
que já não cabem os meninos.
Eles cresceram tanto
que já não cabem nos berços.*

.....
(A outra face, *Poemas dos becos de Goiás e histórias mais*)

INTERTEXTOS 97

*Morta... serei árvore,
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.*

*Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo*

*num simbolismo
de vida vegetal.*

*Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.*

(Meu epitáfio, *Meu livro de cordel*)

INTERTEXTOS 98

*Dai, no fim da minha vida,
esta cinza que me cobre...*
*Este desejo obscuro, amargo, anárquico
de me esconder,
mudar o ser, não ser,
sumir, desaparecer,
e reaparecer
numa anônima criatura
sem compromisso de classe, de família.*

.....

(Minha Infância, Freudiana - *Poemas dos Becos de Goiás e histórias Mais*)

INTERTEXTOS 99

*“Tanta coisa me faltou.
Tanta coisa desejei sem alcançar.
Hoje, nada me falta,
me faltando sempre o que não tive.*

(Menina Mal Amada - *Vintém de Cobre*)

2.5.1 Tabela de representação do terceiro macroepisódio

Texto Base	Intertexto	Representação
<p><i>E a velha mãe sozinha devia ainda um exemplo de trabalho e de coragem. Minha última dívida de gratidão aos filhos. Fiz a caminhada de retomo às raízes ancestrais. Voltei às origens da minha vida, escrevi o "Cântico da Volta".</i></p>	<p><i>Perdida e só... No clamor da noite escuto a maldição das pedras. Meus errados rumos (i58)</i></p> <p><i>Eu sou aquela mulher que ficou velha, esquecida, nos teus larguinhos e nos teus becos tristes, (i81)</i></p> <p><i>Bandeiras rotas. Desfraldadas. Despedaçadas. Quebrado o mastro na luta desigual. (i79)</i></p> <p><i>Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém. Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente(i87)</i></p> <p><i>Eu sou a dureza desses morros, revestidos, enflorados, lascados a machado, lanhados, lacerados. Queimados pelo fogo. Pastados. Calcinados e renascidos.(i81).</i></p> <p><i>Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe, nascidas na frincha das pedras: Bravias. Renitentes. Indomáveis. Cortadas. Maltratadas. Pisadas.</i></p>	<p>Sozinha</p> <p>incompreendida</p> <p>resistente</p>

	<p><i>E renascendo.(i81)</i></p> <p><i>Eu sou aquele teu velho muro verde de avencas onde se debruça um antigo jasmineiro, cheiroso na ruinha pobre e suja.(i81)</i></p> <p><i>Eu sou a velha mais bonita de Goiás.. /</i></p> <p><i>Sou velha namorada. Lancei a rede na lua, ando catando as estrelas.(i91)</i></p> <p><i>Meti o peito em Goiás e canto como ninguém (i88)</i></p>	<p>resistente</p> <p>irreverente</p>
<p><i>Assim devia ser.</i></p>	<p><i>Longe do Rio Vermelho. Fora da Serra Dourada. Distante desta cidade, não sou nada, minha gente(i54).</i></p>	<p>Identificada com a cidade</p>
<p><i>Fiz um bonito nome de doceira, glória maior.</i></p>	<p><i>Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata a que está ligada à vida e à saúde humana.(i86)</i></p> <p><i>Que tenho sido, senão cigarra cantadeira e formiga diligente / desse longo estio que se chama Vida... / Meus doces, meus tachos de cobre... (i94)</i></p> <p><i>Meu Anjo da Guarda, Radarzinho, / atento ao tacho, tangendo as abelhas que se danavam nos meus doces, (i.64)</i></p> <p><i>Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira, / abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira. / A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra. (i69)</i></p> <p><i>Minhas mãos doces...</i></p>	

	<p><i>Jamais ociosas. Fecundas. Imensas e ocupadas. (i75)</i></p>	
<p><i>E nas pedras rudes do meu berço gravei poemas</i></p>	<p><i>Nasci para escrever, mas o meio,/ o tempo, as criaturas e fatores / outros contramarcaram minha vida. (...) Sou mais doceira e cozinheira do que escritora (i.72)</i></p> <p><i>Entre pedras que me esmagavam Levantei a pedra rude dos meu versos.(i.82)</i></p> <p><i>Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e peso de machado. (i.95)</i></p> <p><i>Fui velha quando era moça. Tenho a idade de meus versos. Acho que assim fica bem. (i.92)</i></p>	<p>Destinada</p>

2.5.2 Valores representados no terceiro macroepisódio

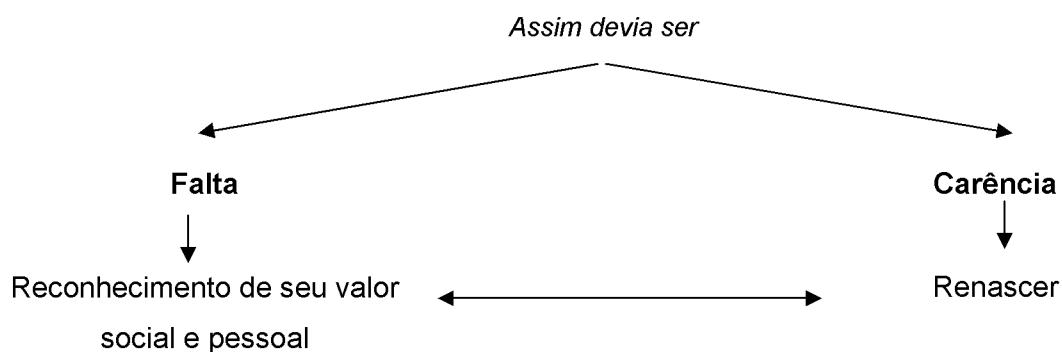
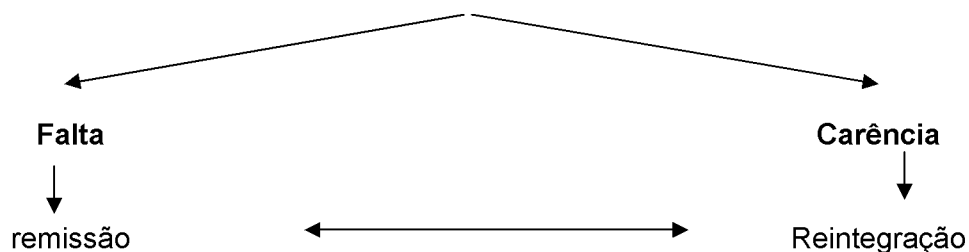
Valores <i>positivos</i> atribuídos por Cora	Valores <i>negativos</i> atribuídos pelo grupo social
<ul style="list-style-type: none"> • Ajustar todas as pedras que viera (...) entre as pedras, crescer a poesia (32) • Velha mais bonita de Goiás (i42) • Velha namorada (i42) • Vir do século passado e trazer todas as idades (i8) • Ser mais doceira e cozinheira do que escritora (i8) • Ter consciência de ser autêntica (i8) • Nascer para escrever (i8) • Cantar a cidade de Goiás (i44) • Dar a pequenina aliança de ouro para o bem de São Paulo (i45) • A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo. Os castigos corporais. Nas casas. Nas escolas. Nos quartéis e nas roças (i8) • Valores de inovações e mudanças 	<ul style="list-style-type: none"> • Levar o ouro e deixar as pedras da cidade de Goiás (i8)

Valores <i>negativos</i> atribuídos por Cora	Valores <i>positivo</i> atribuídos pelo grupo social
<ul style="list-style-type: none"> • Construir sangrando a vida (i39) • Estrada deserta (i39) • Ninho vazio de pedras (i39) 	<ul style="list-style-type: none"> • O conservadorismo • O olhar fixo no passado • Restaurar o poder do passado

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Estrada, leito, casa, companheiro, tudo de pedra (i32)• Pássaro perdido (i39)• Luta desigual (i39)• Errados rumos (i39)• Menina feia da ponte da Lapa (i40)• Velha e esquecida (i40)• Não reconhecer e não ser reconhecida (i43)• Ceder a força de mulher (i47) | |
|--|--|

2.5.3 Paixões da Falta e da Carência no terceiro macroepisódio

*E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.*



Na velhice, Cora se auto-representa como alguém determinada pelo destino. Foi o destino que a seduziu a sair da cidade (“E eu parti em busca do meu destino”) e, posteriormente, a regressar (“E assim devia ser”). Contudo, a volta representa o enfrentamento do passado e, neste sentido, configura-se no desejo/Falta de ser perdoada/perdoar gerando, com isso, a necessidade/Carência de reintegração, uma vez que houve um rompimento no plano social que incidiu sobre o individual. Durante o período que esteve fora de Goiás, sentiu falta de seu local de origem. Apesar de todas as faltas e carências sentidas na juventude decorrentes das determinações sociais, não se sente um ser integral, (“*Distante desta cidade, não sou nada, minha gente (i28)*”) e, por isso, sua volta passa a representar a

oportunidade da reintegração. Sua Carência de reconciliação instaura o desejo de se (re)conhecer e ser (re)conhecida. Tal desejo aponta para a necessidade/Carência de renascer. Daí seu renascimento por meio do “trabalho” de doceira e da “coragem” de publicar seus livros (“... última dívida de gratidão” / “devia ainda um exemplo / de trabalho e coragem”).

Nesse episódio, Cora desvela Cora na velhice, atribuindo valor positivo ao trabalho, à coragem, à luta e ao retorno a Goiás, embora atribua valor negativo ao comportamento da sociedade goiana conservadora.

Em síntese, os resultados obtidos nas análises dos macroepisódios que serviram de guia para a organização da narrativa autobiográfica de Cora Coralina indicam que:

- 1) todas representações que desvelam Cora foram construídas por Cora;
- 2) há uma relação dupla: Cora e sua história e Cora e o grupo social;
- 3) Há momentos em que Cora dá adesão aos valores do grupo social; e, há momentos que ela se opõe. Nesse sentido, social guia o individual este modifica aquele.

Capítulo III

Desvendando Cora por Outros-autores

A análise focaliza a representação da poetisa feita por Outros-autores por meio de textos biográficos e de opinião. Buscamos, por meio desses intertextos, reconstruir a trajetória de vida de Cora. Para tanto, mantém-se o mesmo texto-base que é expandido por outros intertextos, de forma a manter três macroepisódios: Saída de Goiás - Juventude, Fora de Goiás - Maturidade - Volta à Goiás - Velhice.

Os autores, selecionados por representarem a voz da família e da sociedade acadêmica, evidenciaram, nos intertextos, suas representações de Cora, as quais possibilitaram a criação de quadros-síntese, configurando os valores sociais e individuais subjacentes às privações representadas nos três percursos de vida da autora. Tais percursos estão inter-relacionados com seus nomes próprios: Infância / Juventude-Aninha / Cora; maturidade-Cora / Cora Coralina; velhice – Cora Coralina / Dona Cora. Os nomes Cora e Cora Coralina são instaurados pela subjetividade da autora; os nomes Aninha e Dona Cora, pelos Outros.

Cora Coralina nasceu Ana Lins dos Guimarães Peixoto, em Vila Boa de Goiás, no ano de 1889. Seu nome de batismo homenageia a santa padroeira de Vila Boa de Goiás, antigo Arraial de Sant'ana e, como tantas Anas nascida na cidade, traz no nome um paradoxo: maldição e dádiva. Sant'ana, esposa de Joaquim, foi mãe da Virgem Maria. Das histórias bíblicas extrai-se que, por ser estéril, vê-se amaldiçoada e impedida de entrar no Templo. Separada de Joaquim, após muitas orações, o anjo exorta-os a se encontrarem na Porta Dourada de Jerusalém onde Maria seria concebida pelo abraço dos dois, daí a dádiva. O papel de Sant'ana na genealogia messiânica, associa-se à família como “gloriosa matriarca”, que manteve com sua filha Maria uma exemplar relação de afeto. É ainda conhecida como a educadora da bem aventura Virgem.

Diferente do simbolismo evocado pelo seu nome, Ana Lins, também Aninha é a filha mal-amada pela mãe, “menina feia da ponte da Lapa”, cresce sem proteção de pai e rejeitada pelas irmãs, descuidada e sozinha vive pelo quintal inventando historinhas com as formigas. Aninha personifica a infância da autora e se perfaz, em grande parte dos poemas, como personagem de uma infância narrada representada sempre pobre e limitada.

Já moça, utiliza o pseudônimo Cora, derivativo de coração, para assinar seus primeiros escritinhos. Vive uma adolescência tal como a infância, em meio à incompreensão e falta de estímulo à sua vocação inata de escritora. Cora é o nome utilizado também na maturidade, período dedicado à criação dos filhos por meio do trabalho, onde a coragem e a luta foram imperativas para a realização dessa tarefa. Nessa fase, é empreendedora e se dedica a causas sociais por meio de trabalhos voluntários e publicação de artigos em jornais. Aos 50 anos, decide assumir-se definitivamente como Cora, e a esse nome agrega Coralina (designativo da cor vermelha), passando, desde então, a ser conhecida por todos como Cora Coralina (coração vermelho). Sozinha, retorna a Goiás. Firma-se como reconhecida doceira. Nessa fase, também é conhecida como Dona Cora, famosa doceira de Goiás Velho. É, ainda nesse período, engajada em causas sociais, se integra ao grupo Gen (Grupo de Escritores Novos), publica seus livros e eterniza-se como Cora Coralina.

Aninha, Cora , Cora Coralina e Dona Cora são várias faces (e fases) de uma mesma mulher, que guia, por meio da sua subjetividade, as representações dos Outros-autores em outras contemporaneidades e outras espacialidades.

3.1 Primeiro macroepisódio: a saída de Goiás - Juventude

*Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza
que me limitava
entre oito mulheres que me governavam.
E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.*

*Despojada. Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
E fui caminhando, caminhando...*

Os intertextos dos Outros-autores expandem a fase da infância e juventude representada no texto-base. No percurso dessa expansão, seguem-se os seguintes intertextos:

INTERTEXTOS 100

O decênio de 1880 é terrivelmente difícil. Os abolicionistas e os republicanos, em plena campanha, atrapalhando, intranquilizando e pondo em sobressalto os senhores de terras e escravos. (...)

Conseqüência ou não, perde o Imperador, que se vê obrigado a capitular em frente aos republicanos e a voltar para Portugal, deixando o país pobre, com uma agricultura primitiva e limitada (p.11)

As grandes secas de 1888 e 1889 contribuem ainda mais para a quebra econômica.

(...)

Ninguém tem ambição. Estão todos immanados na mesma pobreza (p.12)

A mãe a repetir, quando saem às compras: - 'Quem compra o supérfluo vê-se obrigado a vender o necessário'. Ana e Ada sabem do adágio, já estão acostumadas – Senhora é um livro deles, nunca deixa de enunciá-los quando tem oportunidade. Por isso, vão às compras com comedimento – só o necessário, o que não podem prescindir ou empurrar pra frente (.p. 44)

Ana vai voltando a seus livros, sua poesia. O tempo que dedicou aos trabalhos da casa, com tanta responsabilidade pelo bem-estar da mãe e da tia, administrando os poucos recursos com os quais subsistem, fica para trás. (p. 51)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

INTERTEXTO 101

Eram tempos difíceis. Depois da libertação dos escravos e da proclamação da República, o país, acostumado à mão-de-obra gratuita, teve de encontrar, a duras penas, outros caminhos. A classe média empobrecida, a que pertencia Aninha, tornou-se mais pobre ainda. Cora Coralina fala em fome. E, talvez por isso mesmo, tenha construído, em parte de sua obra, um canto solidário aos despossuídos e se engajado (p. 339)

De Aninha a Cora Coralina: traços biográficos. DENÓFRIO, D. F.
In: CORALINA, C. Coleção melhores poemas: Cora Coralina.

INTERTEXTO 102

Diante deste contexto a classe média se via empobrecendo. A família de Ana Lins encontrava-se entre estes.

Dissertação de Mestrado, BRITO, C. C.

A pobreza manifesta-se como privações de recursos materiais de toda ordem, decorrentes da privação de dinheiro. Tais privações regulam as atitudes do grupo familiar na restrição alimentar e de comportamento das crianças e adolescentes. O controle dos gastos e excessos se redimensiona para comedimento de atitudes, ameaças, castigo e apregoamento da culpa. Este redimensionamento das privações as configuram como privações/Carência para a Jovem/Cora. Tais privações são representadas em vários intertextos a seguir, recebendo particularidades que alimentam a carência da Jovem.

- Falta do pai, mas não de presença masculina.

INTERTEXTO 103

Dona Jacyntha casou-se três vezes: do primeiro casamento nasceu Vicência, do segundo nasceu Helena e Ana, do último casamento nasceu Adda. Nesta época a sociedade goiana se caracterizava pelos valores ditados pela “boa sociedade”, pelo apego às convenções sociais e a cidade. (...) Da família, Anna Lins herdou o capital intelectual, além da mãe, segundo Marlene Vellasco, havia ainda os parentes: João José do Couto Brandão e o poeta Luís Ramos de Oliveira Couto, iniciador da terceira fase da literatura goiana com os seguintes livros publicados: Violetas (1904), Lilases (1913) e o poema Moema (1924).

Sou Paranaíba pra cá – Literatura e Sociedade em Cora Coralina
Dissertação de Mestrado, BRITO, C. C.

- Falta do amor da mãe, mas não da presença afetiva de outras mulheres da família:

INTERTEXTO 104

Sobre sua infância, Cora Coralina (...) fala fartamente dessa quadra dolorosa de sua vida em que sofreu a indiferença da mãe (viúva por três vezes e sempre fechada no universo da leitura de jornais e romance ou dos negócios); a discriminação das irmãs e a insensibilidade dos adultos da família. O oásis de sua vida: sua bisavó (mãe laiá), tia Nhorita e, em sua mais recuada “puerícia”, mãe Didi, ex-escrava que a alimentou em seus seios fecundos (...) Amava, também profundamente, o seu avô meio filósofo (...) Da mãe, afirma poeticamente: “venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe”. (p. 339)

DENÓFRIO, Darcy França, *Cora Coralina*

- Falta de brinquedos, mas não de objetos lúdicos, capazes de despertar criatividade e desenvolver sociabilidade.

INTERTEXTO 105

Seus brinquedos eram coquilhos de palmeira, caquinhos de louça, bonecas de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá reparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica.

Carlos Drummond de Andrade. *Jornal do Brasil*, cad. B, 27-12-1980.

Na juventude, as restrições ganham nova dimensão quando a referência passa a ser as experiências que a devem situar em seu grupo social, implicando crítica a comportamentos por meio da representação de diversas vozes.

- Voz da mãe – repreensão à atividade intelectual

INTERTEXTO 105

Sua mãe não perde a oportunidade de um sermão:

- Está vendo? De que adianta ficar lendo, fazendo versinhos? Isso não enche a barriga de ninguém e marido nenhum precisa de mulher literata. Vê se aprende! Que lhe sirva de lição: saber ler e escrever é bom, mas o mais importante é ser boa dona-de-casa. Versos... Você tem muito a aprender. Versos... Bah!

- Voz do outro – desaprovação e depreciação de sua criatividade

INTERTEXTO 106

O pessoal da casa não aprova de maneira alguma as atividades da menina.

- Menina sonsa. Onde já se viu mulher querer escrever? Ainda mais esses versinhos tontos...

“Quem nasce pra derréis não chega a vintém”, está sempre ouvindo.

- Coitadinha da Anica, tão desenxabida e estabanada! Essa não vai casar tão cedo.

- Cabelo?

Escorrido, até o grampinho escapa... tão fino...

- O rosto? Uns olhos grandes sobressaindo e se tornando campo único da face. (...) Não dá nem pra dizer que tem rosto redondo – só olhos!

- As pernas? Muito compridas e magrinhas (...) Realmente, sua figura não é lá essas coisas. Tem razão sua mãe.

- Deus nos livre dessa sonsa! Não sabe fazer nada! Quero só ver se versejar funciona na hora de governar uma casa, de criar filhos, de cozinhar.

- Vive com a cabeça no mundo da lua!

- Pau que nasce torto não tem jeito, morre torto!

Tais vozes são responsáveis pelo posicionamento individual de Cora, que se insurge contra as determinações do grupo a seu respeito e mostra sua determinação para conservar suas inclinações e lutar por elas.

- Voz representativa de Cora no discurso biográfico da filha – autodeterminação ao reconhecer seu próprio valor

INTERTEXTO 107

-Vou escrever poesias sim; vou escrever por todas as desgraças e aflições que terei na minha vida. É isso que eu quero, é para isso que nasci. Não quero me casar e ter filhos para criar e nem marido para me governar. Eu sou assim e não vou mudar nem que o mundo desabe na minha cabeça.

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

- Voz referencial da biógrafa-neta – reconhecimento da identidade como poetisa e feminista.

INTERTEXTO 108

Virou Cora aos 15 anos, o pseudônimo uma exigência para disfarçar a escritora, que moça prendada e casadoira não perdia tempo com manuscritos. Cora, derivativo de coração, identidade que a diferenciava de tantas Anas da cidade, batizadas todas em homenagem à santa padroeira. Coralina ainda demorou algum tempo, surgiu depois, soma perfeita de sonoridade e tradução literária. Cora Coralina, coração vermelho, gostava de contar. "Lindo, não é?"

Aventureira e libertária. TAHAN, A. M

- Voz da crítica literária – reconhecimento do valor literário e da personalidade livre que busca a autenticidade fiel aos seus princípios.

INTERTEXTO 109

Seu pensamento independente pode ser aferido outras tantas vezes... Embora fosse cristã e leitora da Bíblia, como se infere nos seus poemas, alguns de

seus versos também revelam que não aceitava passivamente a doutrina. Contesta, por exemplo, a idéia da salvação pelo sofrimento, uma clara herança cristã. (...) Num paralelismo por oposição, entre a doutrina cristã e o pensamento científico, a poetisa fala como um autêntico sociólogo e cita Malthus (...) Libertária por temperamento, sua poesia só poderia mesmo assumir este rosto. Jamais tolerou a métrica e, se chegou a usar a rima, não o fez de modo convencional, uma vez que sua alma reclamava mais esta liberdade (...)

DENÓFRIO, Darcy França, *Cora Coralina*

Nas representações dos intertextos 107 à 109, é estabelecida a oposição entre o indivíduo e o grupo gerando conflito intra-grupal na medida em que o ponto de vista da jovem-Cora direciona-se para valores contrários aos do grupo .

Nos intertextos 110 e 111 a escolarização da mulher é abordada e se caracteriza restrita , pois quando permitida, reduzia-se aos primeiros anos , posto representar para o grupo ameaça às determinações estabelecidas socialmente onde a mulher era educada para submeter-se aos padrões masculinos de domínio. Qualquer ameaça de mudança destes padrões eram cerceadas. De modo que, dependendo da classe social a que pertenciam, ou eram mantidas ignorantes e analfabetas ou recebiam um *verniz social*, aprendendo um pouco de piano, francês, bordado e etiqueta. Essa noção é expandida nos intertextos.

INTERTEXTOS 110

Na época em que ela nasceu (20 de julho de 1889), as mulheres não tinham o hábito de ler muito nem tampouco estudar.

Josiane Giacomini Alves, Cosmo On Line

INTERTEXTOS 111

A ausência de ensino formal não prejudicou a autora no sentido de impedi-la de desenvolver-se intelectualmente, de certa forma, possibilitou que não houvessem censores para suas leituras e os seus textos fossem livres da rigidez formal

DENÓFRIO, Darcy França, *Cora Coralina*

Seguindo as determinações sociais, era atribuída grande importância à virgindade das solteiras e castidade das casadas, observada tanto no cotidiano como na legislação, que possibilitava, mesmo, anular o casamento, caso o noivo descobrisse que sua noiva não era virgem (FREYRE, 1978). Justificava-se essa preocupação, porque julgava-se que, sem a virgindade, o homem poderia rejeitar a mulher e esta perderia a oportunidade de constituir família, além, é claro, de expor a família à discriminação por não conservar os valores do grupo social. Tal obsessão não era menor nas classes trabalhadoras. É amplamente comprovado pelo grande número de processos movidos até meados do século XX por pais contra os sedutores de suas filhas. Procuravam obrigar o sedutor a casar ou, no mínimo, pagar uma compensação financeira à família da moça - dinheiro que devia teoricamente ser empregado num dote suficiente para a moça fazer um bom casamento, apesar de suas falhas (ESTEVES, 1989).

Para minimizar qualquer suspeita de má conduta sexual, os pais procuravam colocar suas filhas em situações pouco propícias ao desvio da conduta moral. Trabalhavam como domésticas "portas adentro" (GRAHAM, 1992), evitando, tanto quanto possível, seu deslocamento em espaços públicos. Mesmo depois de casada, uma mulher trabalhadora cultivava sua reputação de "honesta", restringindo suas atividades àquelas condizentes à condição feminina (doméstica, fosse lavadeira, engomadeira ou cozinheira), trabalhando em "casa de família".

O bom comportamento feminino refletia sempre na reputação da família. Tal tradição vai ser quebrada por Cora ao tomar a decisão de assumir sua liberdade pessoal e sua vocação literária e criativa, gerando o desprezo da família.

Nas contemporaneidades da filha e da neta, o processo avaliativo se inverte: ambas julgam o desprezo da família como a fonte do valor positivo da vida e obra de Cora, visto que sua mãe/avó teve a força de levantar-se contra as imposições sociais que, hoje, são compreendidas como representações negativas. A inversão do processo avaliativo ocorreu também fora do contexto familiar e afetivo, pois várias obras ou

trabalhos de pesquisa centrados na produção literária de Cora representam-na como mulher não somente talentosa desde a juventude, mas também com potencial inovador para seu tempo.

No intertexto 112 apreende-se que ainda que sofrendo a rejeição da família , sobretudo, quanto a sua vocação literária, não deixou de cumprir seus deveres para com a família.

INTERTEXTO 112

O tempo que dedicou aos trabalhos da casa, com tanta responsabilidade pelo bem-estar da mãe e da tia, administrando os poucos recursos com os quais subsistem, fica para trás. (p. 51)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

Como qualquer moça sonhava em se casar, contudo o encontro com o amor precedia o desejo de casamento, de modo que o que esperava de fato era um homem pelo qual se apaixonasse e, não apenas, um homem com quem pudesse se casar. Justifica-se com isso o fato de ser representada pelo grupo como “solteirona”, o que já era uma forma de reprovação social. Nos intertextos 113 a 116, está representado o quadro em que se desenvolveu o encontro da jovem Cora com o amor a que tanto esperava, bem como a sua conduta e as representações do grupo social frente a esta.

INTERTEXTO 113

Conheceu Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, recém-nomeado chefe de Polícia de Villa Boa, durante uma tertúlia literária. Tinha 20 anos, já era uma "solteirona". Entre poemas, récitas e acirrados debates culturais se apaixonaram.

Aventureira e libertária. TAHAN, A. M

INTERTEXTO 114

[Cantídio é apresentado a Cora e a sua família]

As apresentações se seguem:

- Senhora Jacinta, Dr. Cantídio.

[...]

Doutor Cantídio, as jovens Ana e Helena.

- Doutor Cantídio é o novo Chefe de Polícia, nomeado pelo nosso governador, recentemente.

- Ah! Sim? Já ouvimos falar de sua nomeação

Nos dias que seguem aninha e Cantídio encontram-se algumas vezes. Conversam rapidamente. O decoro não permite encontros prolongados estando na rua. Outras vezes vai Cantídio à casa de Senhora. Numa delas (...) tem uma conversa franca com Senhora.

-Creio não ter escapado à Senhora meu interesse pela jovem Ana. Quero pedir-lhe consentimento para cortejá-la.

(...)

- Muito me apraz seu pedido. Não tenho nada contra o senhor ou seu comportamento, sempre muito agradável e respeitoso. Venha quantas vezes quiser.

E Cantídio passa a visitar com freqüência o casarão, fazendo a corte a Aninha, sob os olhos vigilantes de Senhora.

(...)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

Assim, num primeiro momento, a mãe atribui ao Dr. Cantídio valor positivo, por ser chefe de polícia. Porém, quando sabe pelo Dr. Cassiano da vida pregressa de Cantídio, posiciona-se contrária ao relacionamento, evidenciando com isso.

INTERTEXTO 115

Certa noite, Cantídio vai à casa do Dr. Acácio e (...) se abre, expõe seus problemas.

Estou com quarenta e quatro anos. Já fui casado. Do meu casamento tenho três filhos e minha esposa mora com eles em São Paulo. Quando vim para este Estado, fui morar no norte, querendo colocar algumas centenas de léguas entre mim e o passado. Amasiei-me a uma descendente dos índios Gajajaras, com quem vivi até seis meses atrás e com quem tenho uma filha. (p. 64)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

INTERTEXTO 116

(...)

-Soube que o doutor Cantídio não é um homem livre. É casado.

[mãe de Cora]

-Mas...

[Cora]

-É. Eu também me enganei com aquela aparência toda, com as atenções e gentilezas.

[mãe de Cora]

- (...) o que temos a fazer é cortar imediatamente este relacionamento, antes que a verdade se espalhe. Não quero saber da minha família andando pela boca do povo.

[mãe de Cora]

-Mas não é possível !

[Cora]

-(...)esqueça. Não é homem para você. Toma propósito! (p.67)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

Os valores sociais tradicionais guiam a representação negativa que a mãe de Cora passa a ter de Cantídio. Cora, ao contrário, representa Cantídio com valores positivos. Para ela, trata-se do homem amado. Para ela o que conta e o que sente. Entrega-se a este amor e na certeza de estar grávida decide partir (intertextos 117 à 120).

INTERTEXTO 117

(...) muitas vezes Ana retorna à casa do amado. A intimidade cresce entre ambos...Aninha sente-se cada vez mais envolvida...

(...)Tem certeza da gravidez.

Tem certeza de querer unir-se a Cantídio, seja onde for, desde que longe da cidade. Seu amor dará forças para levar avante o plano de fuga, a enfrentar o que escolher com o homem que gosta ao seu lado.

Há saída da cidade, volta-se para a última despedida. Sua terra, sua gente, suas ruas estreitas tantas vezes cruzadas (p.92)

- Adeus terras de Goiás. – pensa Aninha, olhando para trás. Toca pra frente, sempre pra frente. (p. 109)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

INTERTEXTO 118

Fugiu com ele para Jaboticabal, interior de São Paulo. Cantídio era homem separado, tinha filhos na capital paulista. E uma outra filha, fruto de romance com uma índia, durante passagem pelo Norte de Goiás. Essa, Cora criou.

Aventureira e libertária. TAHAN, A. M

INTERTEXTO 119

Quebrando as regras da família e da sociedade de então, fugiu de Goiás grávida e veio para S.Paulo, casando-se oficialmente anos depois.

*Dulce Helena Rizzardo Briza,
XIV Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil*

INTERTEXTO 120

A poetisa viveu 45 anos fora de Goiás. Apaixonou-se por um advogado, formado pela renomada Escola do Largo de São Francisco de São Paulo, que havia assumido o cargo de chefe de polícia na cidade de Goiás, dr. Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, e fascinou a jovem goiana. Quando soube que ele vinha de um primeiro casamento, o que, à época, era um dos maiores tabus, dona Jacyntha, que antes apoiava, passou a fazer forte oposição ao namoro. A jovem engravida-se e a mãe planeja levá-la para a fazenda Paraíso, fazendo gestões para que o advogado desapareça do lugar. Cora Coralina, sem dizer nada a ninguém, praticamente arquiteta um plano de fuga e ambos deixam Goiás. (...) Se ela acompanhou o homem que amava, dando a impressão de estar rompendo violentamente os padrões da época, foi porque não lhe deixaram alternativa e somente o fez para salvar o amor em que acreditava. Não quis fazer acintosa oposição à moral de ferro então vigente nem escandalizar à sociedade extremamente preconceituosa de seu tempo

DENÓFRIO, Darcy França, Cora Coralina

A resolução de partir na companhia de um homem casado e grávida determina o rompimento com o grupo e resulta em discriminação por parte da família e de toda sociedade.

As representações da Juventude de Cora realizada pelos Outros-autores nesse primeiro macroepisódio foram sintetizadas no quadro abaixo:

3.1.1 Tabela de representações do primeiro macroepisódio

Texto base	Intertexto	Representação
<p>Cora</p> <p><i>Um dia houve Eu era jovem, cheia de sonhos</i></p>	<p>Outros autores</p> <p><i>Cora, derivativo de coração, identidade que a diferenciava de tantas outras da cidade (i. 108)</i></p> <p><i>Libertária por temperamento, sua poesia só poderia mesmo assumir este rosto. Jamais tolerou a métrica e, se chegou a usar a rima, não o fez de modo convencional, uma vez que sua alma reclamava mais esta liberdade (...) (i.109)</i></p> <p><i>Da família, Anna Lins herdou o capital intelectual (i.103)</i></p>	<p>análise</p> <p>Autêntica</p> <p>Libertária</p> <p>Inteligente</p>
<p><i>Rica de imensa pobreza / que me limitava / entre oito mulheres que me governavam</i></p>	<p><i>Virou Cora aos 15 anos, o pseudônimo uma exigência para disfarçar a escritora, que moça prendada e casadoira não perdia tempo com manuscritos. (i. 108)</i></p> <p><i>Não era compreendida. Tinha medo de falar (i. 105)</i></p> <p><i>A mãe a repetir, quando saem às compras: - 'Quem compra o supérfluo vê-se obrigado a vender o necessário'. Ana e Ada sabem do adágio, já estão acostumadas (...) (i. 104)</i></p> <p><i>A ausência de ensino formal não prejudicou a autora no sentido de impedi-la de desenvolver-se intelectual- mente, de certa forma, possibilitou que não houvessem censores para suas leituras e os seus textos fossem livres da rigidez formal (i. 111)</i></p> <p><i>Na época em que ela nasceu</i></p>	<p>Reprimida</p> <p>Incompreendida</p> <p>Controlada</p> <p>Autodidata</p>

	<p><i>(20 de julho de 1889), as mulheres não tinham o hábito de ler muito nem tampouco estudar. (i. 110)</i></p> <p><i>O tempo que dedicou aos trabalhos da casa, com tanta responsabilidade pelo bem-estar da mãe e da tia (...)</i> (i. 100)</p> <p><i>(...) administrando os parcos recursos com os quais subsistem, fica para trás.</i> (i. 100)</p> <p><i>Eram tempos difíceis. Depois da libertação dos escravos e da proclamação da República (...) teve de encontrar, a duras penas, outros caminhos. A classe média empobrecida, a que pertencia Aninha, tornou-se mais pobre ainda (i. 101)</i></p> <p><i>Diante deste contexto a classe média se via empobrecendo. A família de Ana Lins encontrava-se entre estes (i. 102)</i></p> <p><i>sofreu a indiferença da mãe (viúva por três vezes e sempre fechada no universo da leitura de jornais e romance ou dos negócios); a discriminação das irmãs e a insensibilidade dos adultos da família (i. 105)</i></p> <p><i>De que adianta ficar lendo, fazendo versinhos? Isso não enche a barriga de ninguém e marido nenhum precisa de mulher literata (105)</i></p> <p><i>O pessoal da casa não aprova de maneira alguma as atividades da menina. (106)</i></p>	<p>Responsável</p> <p>Pobre</p> <p>Marginalizada</p> <p>Rejeitada</p> <p>Desmotivada</p>
--	---	--

	<p><i>“Quem nasce pra derréis não chega a vintém”, está sempre ouvindo. (i.106)</i></p> <p><i>Deus nos livre dessa sonsa! Não sabe fazer nada! Quero só ver se versejar funciona na hora de governar uma casa, de criar filhos, de cozinhar. (i. 106)</i></p> <p><i>Vou escrever poesias sim; vou escrever por todas as desgraças e aflições que terei na minha vida. É isso que eu quero, é para isso que nasci. (107)</i></p>	<p>Desvalorizada / Humilhada</p> <p>Determinada</p>
<p><i>E eu parti em busca do meu destino</i></p>	<p><i>(...) esqueça não é homem para você. Toma propósito! (i. 116)</i></p> <p><i>Tem certeza de quer unir-se a Cantídio, seja onde for, desde que longe da cidade. Seu amor dará forças para levar avante o plano de fuga, a enfrentar o que escolher com o homem que gosta ao seu lado. (i.117)</i></p> <p><i>Apaixonou-se por um advogado, formado pela renomada Escola do Largo de São Francisco de São Paulo, que havia assumido o cargo de chefe de polícia na cidade de Goiás, dr. Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretãs, e fascinou a jovem goiana (i. 120)</i></p> <p><i>Quando soube que ele vinha de um primeiro casamento, o que, à época, era um dos maiores tabus, dona Jacyntha, que antes apoiava, passou a fazer forte oposição ao namoro. A jovem engravida-se e a mãe planeja levá-la para a fazenda Paraíso, fazendo gestões para que o advogado desapareça do lugar (120)</i></p>	<p>Repreendida</p> <p>Apaixonada</p>

		<p><i>Há saída da cidade, volta-se para a última despedida. Sua terra, sua gente, suas ruas estreitas tantas vezes cruzadas (i. 117)</i></p> <p><i>Quebrando as regras da família e da sociedade de então, fugiu de Goiás grávida e veio para S.Paulo, casando-se oficialmente anos depois. (i. 119)</i></p>	Fugitiva
<p><i>Ninguém me estendeu a mão. Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.</i></p>			
<p><i>Despoja. Apedrejada. Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.</i></p>		<p><i>Se ela acompanhou o homem que amava, dando a impressão de estar rompendo violentamente os padrões da época, foi porque não lhe deixaram alternativa e somente o fez para salvar o amor em que acreditava. Não quis fazer acintosa oposição à moral de ferro então vigente nem escandalizar à sociedade extremamente preconceituosa de seu tempo (i. 120)</i></p>	abnegada
<p><i>E fui caminhando, caminhando...</i></p>		<p><i>- Tenho certeza que seremos muito felizes nessa Jaboticabal. (117)</i></p>	Otimista

3.1.2 Valores representados pelos Outros-autores no primeiro episódio

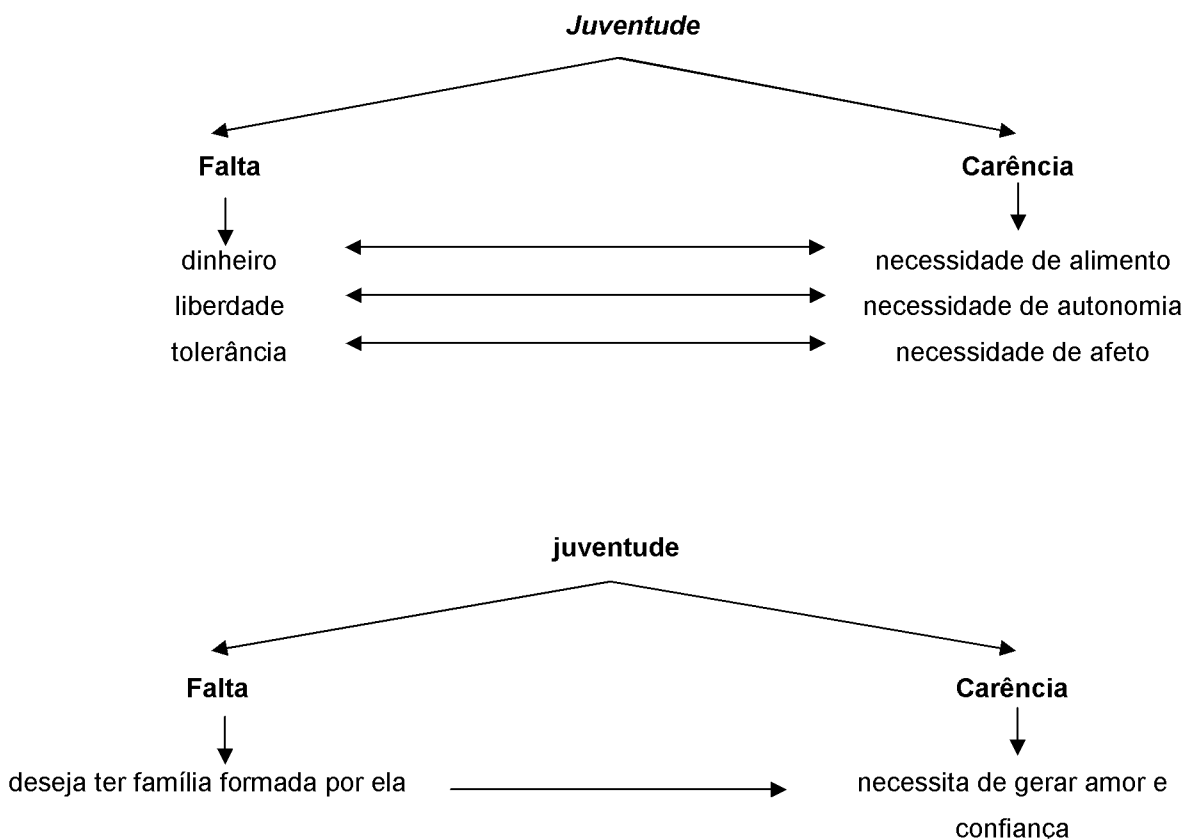
As representações de valores positivos e negativos resultantes do olhar de Outros-autores sobre Cora Coralina, bem como sobre o grupo social em face do comportamento da autora, estão representados nos quadros a seguir, a fim de que seja possível confrontar os valores do indivíduo e do grupo.

Valores <i>positivos</i> resultante do olhar do Outro sobre Cora	Valores <i>negativos</i> resultante do olhar do Outro sobre o grupo social em face do comportamento de Cora
<ul style="list-style-type: none"> • responsável (cuidava da família); • corajosa (afronta a tradição) • apaixonada (dominada pelo amor) • autêntica (escolhe seu destino); 	<ul style="list-style-type: none"> • discriminador • intolerante • conservador

Valores <i>negativos</i> resultante do olhar do Outro sobre Cora	Valores <i>positivos</i> resultante do olhar do Outro sobre o grupo social em face do comportamento de Cora
∅	∅

No que se refere às privações representadas nessa fase, o esquema abaixo evidencia as paixões da falta e da carência desvendadas a partir do olhar dos Outros-autores:

3.1.3 As paixões da falta e da carência no primeiro macroepisódio



A Falta se manifesta, inicialmente, nas representações de Outros-autores como privação de dinheiro, apontando para a necessidade/Carência de alimento (“*Cora Coralina fala em fome*”). Tal privação regula as atitudes do grupo familiar em relação ao comportamento das crianças e adolescentes. O controle dos gastos e excessos se redimensiona para: comedimento de atitudes, ameaças, castigo e apregoamento da culpa. Esse redimensionamento da privação insere outras Faltas (Autonomia e tolerância) e suas respectivas necessidades/Carências (autonomia e afeto). A Falta de liberdade é representada como impedimento do desenvolvimento da vocação de Cora (amor às letras), impedimento de falar e se relacionar espontaneamente e fazer escolhas. Tudo isso, segundo as representações dos Outros-autores,

concorreu para Cora fugir com Cantídio, pois viu, nessa fuga, a possibilidade de construir sua própria família e liquidar suas privações.

Em síntese, os Outros-autores desvendam Cora na juventude, atribuindo valor negativo ao comportamento social desse período e valor positivo às ações de Cora.

3.2 Segundo macroepisódio: idade adulta – fora de Goiás

Texto-base

[...]

*E me nasceram filhos.
E foram eles, frágeis e pequeninos,
carecendo de cuidados,
crescendo devagarinho.
E foram eles a rocha onde me amparei,
anteparo à tormenta que viera sobre mim.*

*Foram eles, na sua fragilidade infante,
poste e alicerce, paredes e cobertura,
segurança de um lar
que o vento da insânia
ameaçava desabar.*

*Filhos, pequeninos e frágeis...
eu os carregava, eu os alimentava?
Não. Foram eles que me carregaram,
que me alimentaram.*

*Foram correntes, amarras, embasamentos.
Foram fortes demais.
Construíram a minha resistência.
Filhos, fostes pão e água no meu deserto.
Sombra na minha solidão.
Refúgio do meu nada.
Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.
Fostes, para mim, semente e fruto.
Na vossa inconsciência infantil.
Fostes unidade e agregação.*

Cresceste numa escola de luta e trabalho,

Nas representações da mulher adulta, os autores focalizam seu temperamento excepcionalmente empreendedor, descrevem seu engajamento político-social de forma muito presente, atuante e diversificada, sua participação na Revolução Constitucionalista como enfermeira e costureira; a determinação ideológica, organização pragmática, carisma e espírito de luta para a criação de um partido feminista, assim como para implantar uma Escola de Agronomia em Jaboticabal ou filiar-se à Associação Brasileira de imprensa e muitas outras atividades que exigiram dedicação, muito trabalho e comprometimento de todo o tipo.

INTERTEXTO 121

São referências sobre a autora nessa fase: ingresso na Associação das Irmãs de Caridade de Jaboticabal (1912); venda de mudas de jacarandá para a arborização de cidades no interior paulista (1917); cultivo de rosas e luta para a implantação de uma escola de Agronomia em Jaboticabal (1918); filiação a Associação Brasileira de Imprensa (1922); viagens ao Rio de Janeiro (1919 e 1926); presença na entrada de Getúlio Dorneles Vargas, chefe político da Revolução, na esquina da Rua Direita com a Praça Patriarca (1930); participação na Revolução Constitucionalista como enfermeira e costureira, doação da aliança para o Governo de São Paulo na campanha “Ouro para o bem de São Paulo” e luta para a criação de um partido feminino, escrevendo o manifesto da agremiação (1932); abertura de uma pensão para estudantes na capital, ingresso na Associação de Amigos de Pinheiros e venda de livros para a Editora José Olympio (1934); ingresso na Ordem Terceira da Penitência de São Francisco com o nome de Irmã Conceição e direção de um Asilo (1937); abertura da loja Casa dos Retalhos (1938); abertura da loja de tecidos Casa Borboleta, compra de terras e montagem de um sítio na cidade de Alfredo de Castilho (1939); cultivo de hortaliças e participação em comícios pela União Democrática Nacional candidatando-se a vereadora (1941)

Sou Paranaíba pra cá – Literatura e Sociedade em Cora Coralina
Dissertação de Mestrado, BRITO, C. C.

E também dona de casa capaz de conciliar todas as suas escolhas:

INTERTEXTO 122

Teve em São Paulo uma vida “mais doméstica do que intelectual”. Nos intervalos, entre seu cotidiano com os filhos e o marido e quando não estava desenvolvendo

trabalhos assistenciais. Escrevendo poemas e contos e, viúva, a escritora ainda residiria mais vinte anos no interior paulista. (p. 44)

Sou Paranaíba pra cá – Literatura e Sociedade em Cora Coralina
Dissertação de Mestrado, BRITO, C. C

É focalizada, também nos intertextos, a incompreensão do marido com relação à atuação social de Cora. O trabalho remunerado, em relação à mulher do início do século, em grande parte, estava associado às mulheres que, por justificativas econômicas, precisavam ajudar a manter a economia doméstica ou eram abandonadas pelos maridos e precisavam subsistir. O trabalho fora do lar foi uma das grandes evoluções do século XX (Prost, 1992) e o trabalho doméstico das mulheres passou a ser considerado como alienação, uma sujeição ao homem. As leituras dos intertextos mostram o desvendar de uma mulher não apenas madura, mas com atividade muito acima do padrão da metade de seu século e com uma energia e necessidade de comprovar eficiência fora do comum. Dessa forma, sua representação por diferentes autores é positiva, mesmo porque esses autores são de outra região geográfica e de outra contemporaneidade.

INTERTEXTO 123

Em seus artigos para o semanário, Aninha volta a assinar Cora Coralina. Em pouco tempo, todos já sabem de quem se trata. Cresce no conceito da população.

Recomeça a escrever seus versos. Sua nova vida, as filhas, a cidade são assuntos constantes. Mostra-os a Cantídio. Ele aprecia, mas não quer que os mostre a ninguém mais. Difícil entender! (p.124)

Nunca deixa de denunciar as atitudes e problemas que prejudicam a cidade. Nem o prefeito é poupado quando encaminha mal os problemas da cidade.

(...)

Esta posição de destaque de Aninha em movimentos reivindicatórios cresce a cada dia, começa a incomodar Cantídio. Com isso, as discussões entre eles vai aumentando na mesma proporção. O doutor não aceita ver Aninha sobressaindo da média das mulheres da cidade, senhoras pacatas, levando suas vidinhas sem altos e baixos, preocupadas apenas com a casa, marido, filhos quando muito participando dos trabalhos da igreja. (p.131)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

As ações de Cora são representadas com valor negativo por Cantídio, o conservador. Mas, com valor positivo pelos escritores que atribuem o valor negativo às atividades de Cantídio.

INTERTEXTO 124

Teve seis filhos. Durante quase meio século morou nesse Estado, na capital e nas cidades de Jaboticabal, Penápolis e Andradina. Retornou à sua cidade natal em 1956. Apesar de ter sido sempre tolhida, inclusive pelo marido, foi em S.Paulo que editou seu primeiro livro Foi esta cidade a primeira a acreditar em seu valor e a lhe conferir prêmios.

BRIZA, Dulce Helena Rizzardo.
XIV Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil

Briza representa Cantídio com valor negativo por ser machista e não aceitar Cora como poetisa. A cidade de São Paulo com suas classes críticas atribui valor positivo à poetisa Cora.

INTERTEXTO 125

Na cidade, muita gente já sabe sobre a situação do casal. É muito difícil ficar em segredo o fato que não são casados, que Guajajá é filha só do doutor, que está havendo bastante discussões entre eles. Porém, a capacidade profissional no causídico, sua atuação em O Democrata, a simpatia e trabalho em prol da comunidade de Aninha, são fatores ponderáveis para que ninguém se afaste, para que ninguém comente abertamente. (p.133)

A cada dia Cantídio mais implica com seus artigos no jornal, com sua personalidade marcante de mulher que sabe o que quer, que tem argumentos seguros e irrefutáveis.

(...)

Seu tempo fora do escritório, recebendo clientes ou estudando é passado com os amigos, na redação de O Democrata. Passa a beber mais (...)

(...)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

A mudança de atitude de Cantídio é representada com valor negativo, da mesma forma que as causas apresentadas para essa mudança: diferença de idade e excesso de bebida.

INTERTEXTO 126

Adeus aos tempos em que elogiava Aninha, que incentivava os poemas, que apoiava seu trabalho cristão. Quando sóbrio, é companheiro ideal... No fundo, há muita incompatibilidade entre eles, e a diferença de idade pesa, com o passar dos anos. (p.137)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

Os valores sociais guiam o comportamento dos membros:

INTERTEXTO 127

Só quando já está no grupo escolar é que o jovem Bretinhas fica sabendo que seus pais não são casados. Acontece durante uma briga com companheiros, ao chegar às vias de fato e quando rolam pela terra, durante o recreio.

(...)

Quando estão reunidos na sala de jantar, Aninha, à cabeceira da mesa, fala pausadamente:

- Eu e seu pai estamos juntos há trezes anos. É como se fôssemos casados. Agimos e pensamos como tal. Isso nunca afetou nosso relacionamento. Só não casamos porque ele foi casado com outra mulher e ela ainda vive.

(p.134)

Decidem que Cantídio continuará com seu escritório em Salto Grande, onde está muito bem, mesmo tendo que viajar bastante para ver a família. (p. 151).

Mas Cantídio não reage, seu estado se agrava e ele acaba falecendo (p. 162).

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

INTERTEXTO 128

(...), Cantídio nada gostava do pendor da mulher. A Cora ousada, que deixou para trás preconceitos sociais, pouco ligava.

Aventureira e Libertária - Ana Maria Tahan

INTERTEXTO 129

Esse fato marcou profundamente a vida literária da autora, já que a mudança para São Paulo, em 1911, contribuiu ao recebimento das influências que posteriormente refletiria em suas obras. No acervo, além de algumas produções nos jornais O Estado de São Paulo, no Informativo de Jaboticabal, no jornal O Andradina e na revista A Informação Goyana, existem poucas referências sobre os quarenta e cinco anos em que Cora morou em São Paulo. (...)

Em 1919, iniciou o envio de artigos para a revista A Informação Goyana, escrita por goianos e publicada no Rio de Janeiro sob a direção de Henrique Silva. Mudanças em seu estilo e temáticas se observam (começa a escrever em versos e insere nas obras temas de cunho político e social) e nos jornais paulistas e revistas cariocas poderiam ser encontradas publicações de sua autoria como: Doces..., Rio Vermelho, Ipê Florido e Um milagre: lenda de Goyaz (A Informação Goyana, 1919); Idéias e Comemorações (O Estado de São Paulo, 1921); Árvores (Jaboticabal, 1922); Dominicais (A Informação Goyana, 1924); O Homem e a terra e Terra (O Andradina, 1944) e A hora presente e Búzio novo (O Andradina, 1946). No Estado de São Paulo, em 3 de outubro de 1921, publicou um artigo intitulado Idéias e Comemorações de autoria de Cora Coralina, dedicado "ao dr. Monteiro Lobato". No artigo, sugeria a exibição de filmes retratando a cultura de todos os estados da Federação, o que atrairia turistas e divulgaria as belezas do país. Um dia após a publicação, o escritor Monteiro Lobato respondeu.

*Sou Paranaíba pra cá – Literatura e Sociedade em Cora Coralina
Dissertação de Mestrado, BRITO, C. C.*

Sua relação com o trabalho é flagrada em muitos intertextos e sua intensidade é notável pontuando a carência com aprofundamentos que se desdobram ou se multiplicam. Sua atividade é reconhecida e o sentido de proteção é referido à ação de dar proteção e não de receber. O que lhe faltou na infância surge, na carência, como doação ao outro, e não busca de proveito próprio, inverte, pois, a situação infantil. Nesse período de sua vida, o trabalho feminino fora de casa tornava-se gradualmente aceitável na sociedade, entretanto, para Cora a inaceitação de seu trabalho não é questionada, pois este é revestido do sentido de eficiência, coragem e luta. Do mesmo modo, a carência de proteção não se esgota, pois ela não espera proteção, mas doa: parte da ajuda dada a vizinhos, para desdobrar para pobres, bairros, cidades e o estado de São Paulo. As carências se desenvolvem no dois sentidos: usa sua autonomia (faz o que quer e crê dever fazer) e possibilita o inverso: dá autonomia aos filhos (fica só na velhice); sente-se acolhida em vários e diversificados grupos sociais, mas principalmente luta para acolher várias pessoas (monta pensão para estudantes, cria asilo, funda escolas); recebe a

proteção da figura e posição social de Cantídio e da condição de mãe de seis filhos e dá proteção aos desafortunados. As carências, portanto, não se esgotam, buscam suas profundezas.

INTERTEXTO 130

Sempre que pode, Aninha está firme no seu trabalho junto à Associação de Caridade. Agora, resolve aproveitar o barracão do fundo do quintal para depositar donativos que arrecadam entre a população, entre os fazendeiros, comerciantes. Isso depois de convencer os membros da Associação de que devem distribuir alimentos para os carentes durante o ano todo e não só por ocasião das festas natalinas. (p. 129)

- Na chácara, estou pensando em cultivar roseiras, para vender mudas e a própria flor. Tudo enxertado. (p. 136)

Contrata o serviço de seu Santino, um velho italiano, homem que passou toda sua vida na lida da terra. (p.137)

A chácara, de há muito organizada, rende muito dinheiro para Aninha. (p.138)

Cora, à máquina de costura, faz bibis, dezenas deles; as vizinhas, braçadeiras, uniformes, todo bairro se une, se agita. São Paulo inteira está tomada do espírito constitucionalista (...) (p. 157)

Vai à editora, conversa com um vendedor que encontra. Entusiasma-se. Adora ler, assim, cada livro que carrega já foi lido e quando o oferece, discorre sobre o assunto de maneira eloqüente, despertando interesse no futuro comprador (...) percorre bairros de porta em porta.(p. 164)

Depois de pesar pós e contras, opta por abrir uma pensão com hospedagem e comida. Muita gente de Jaboticabal, com quem sempre manteve amizade, tem seus filhos estudando na capital (...) Conta com esse pessoal para sua pensão. (p. 162)

(...) Em Penápolis, Jacintha encontra uma casa adequada (...) Comunica a mãe por telefone. Cora só está esperando por isso, pois tem tudo pronto para a mudança. (...) Ainda fica uns dias em São Paulo, dando tempo para que as coisas cheguem primeiro. (p.168)

Não descuida do jardim e volta a ter suas roseiras. (...) – A cidade é muito quente. Se for arborizada, além do visual bonito, ficará mais agradável. Tenho mudas de árvores próprias para rua, suficientes para as quadras principais.

O prefeito reluta um pouco. Ouve as opiniões de auxiliares e resolve comprar para arborizar apenas a rua principal.

(...)

Negócio fechado. Mesmo assim, tem árvores demais. Escreve para as prefeituras de Araçatuba e Promissão, e logo aparecem representantes das duas cidades e levam as restantes (...)

Seu negócio iniciado ao acaso progride. Fornece mudas para mais ruas de Penápolis. (p.. 171)

Em Andradina, monta sua loja. Não irá vender só retalhos. Mescla, brim, algodão cru são tecidos resistentes ao trabalho árduo daqueles modernos bandeirantes que povoam a cidade. (p.179)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B.

INTERTEXTO 131

Publicava artigos nos jornais de Jaboticabal, construía poesias e costurava contos, depois, ao mudar para São Paulo. Flagrada na cidade pela Revolução Constitucionalista de 1932, alistou-se como enfermeira – (...) Costurava bibis (bonés) para soldados, uniformes, aventais para enfermeiras. Depois, os revoltosos derrotados pelas Forças de Getúlio Vargas, encontrou outra causa. Bradou pela formação de um partido feminino, escreveu até o manifesto da agremiação.

Aventureira e Libertária - Ana Maria Tahan

De forma geral, os autores representam Cora Coralina com valores positivos tanto por ser poetisa quanto por ser atuante para ajudar e/ou denunciar as misérias sociais.

3.2.1 Tabela de representação do primeiro macroepisódio

Texto-Base	Intertexto	Representação
<p><i>E me nasceram filhos. E foram eles, frágeis e pequeninos, carecendo de cuidados, crescendo devagarinho.</i></p>	<p><i>Só quando já está no grupo escolar é que o jovem Bretinhas fica sabendo que seus pais não são casados. Acontece durante uma briga com companheiros, ao chegar às vias de fato e quando rolam pela terra, durante o recreio. (...) Quando estão reunidos na sala de jantar, Aninha, à cabeceira da mesa, fala pausadamente: - Eu e seu pai estamos juntos há trezes anos. É como se fôssemos casados. Agimos e pensamos como tal. Isso nunca afetou nosso relacionamento. Só não casamos porque ele foi casado com outra mulher e ela ainda vive. (i.127)</i></p>	<p>Inovadora</p>
<p><i>E foram eles a rocha onde me amparei, anteparo à tormenta que viera sobre mim. Foram eles, na sua fragilidade infante, poste e alicerce, paredes e cobertura, segurança de um lar que o vento da insânia ameaçava desabar. Filhos, pequeninos e frágeis... eu os carregava, eu os alimentava? Não. Foram eles que me carregaram, que me alimentaram.</i></p>	<p><i>Recomeça a escrever seus versos. (...) Mostra-os a Cantídio. Ele aprecia, mas não quer que os mostre a ninguém mais. Difícil entender! (i.123)</i></p> <p><i>Na cidade, muita gente já sabe sobre a situação do casal. É muito difícil ficar em segredo o fato que não são casados, que Guajajá é filha só do doutor, que está havendo bastante discussões entre eles. Porém, a capacidade profissional no causídico, sua atuação em "O Democrata", a simpatia e trabalho em prol da comunidade de Aninha, são fatores ponderáveis para que ninguém se afaste, para que ninguém comente abertamente. (i. 128)</i></p>	<p>limitada</p> <p>Tolerada pela sociedade</p>

<p><i>Foram correntes, amarras, embasamentos. Foram fortes demais. Construíram a minha resistência. Filhos, fostes pão e água no meu deserto. Sombra na minha solidão. Refúgio do meu nada.</i></p> <p><i>Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.</i></p>	<p><i>A cada dia Cantídio mais implica com seus artigos no jornal, com sua personalidade marcante de mulher que sabe o que quer, que tem argumentos seguros e irrefutáveis. (i.125)</i></p> <p><i>Cantídio nada gostava do pendor da mulher. A Cora ousada, que deixou para trás preconceitos sociais, pouco ligava. (i.128)</i></p> <p><i>Seu tempo fora do escritório, recebendo clientes ou estudando é passado com os amigos, na redação de O Democrata. Passa a beber mais (...) (i.125)</i></p> <p><i>Adeus aos tempos em que elogiava Aninha, que incentivava os poemas, que apoiava seu trabalho cristão. Quando sóbrio, é companheiro ideal... No fundo, há muita incompatibilidade entre eles, e a diferença de idade pesa, com o passar dos anos. (i.126)</i></p> <p><i>Mas Cantídio não reage, seu estado se agrava e ele acaba falecendo. (VTB)</i></p>	<p>Discriminada</p> <p>Abandonada</p> <p>Infeliz na relação conjugal</p> <p>viúva</p>
<p><i>Fostes, para mim, semente e fruto. Na vossa inconsciência infantil. Fostes unidade e agregação.</i></p>	<p><i>Esta posição de destaque de Aninha em movimentos reivindicatórios cresce a cada dia, começa a incomodar Cantídio. Com isso, as discussões entre eles vai aumentando na mesma proporção. O doutor não aceita ver Aninha sobressaindo da média das mulheres da cidade, senhoras pacatas, levando suas vidinhas sem altos e baixos, preocupadas apenas com a casa, marido, filhos quando muito participando dos trabalhos da igreja. (i.123)</i></p>	<p>incompreendida</p>
<p><i>Cresceste numa escola de luta e trabalho,</i></p>	<p><i>(...) venda de mudas de jacarandá para a arborização de cidades no interior paulista; cultivo de rosas e luta para a implantação de uma escola de Agronomia em Jaboticabal; abertura de uma pensão para estudantes na capital, venda de</i></p>	<p>Trabalhadora</p>

	<p><i>livros para a Editora José Olympio; abertura da loja Casa dos Retalhos; abertura da loja de tecidos Casa Borboleta, montagem de um sítio na cidade de Alfredo de Castilho; cultivo de (i. 121)</i></p> <p><i>(...) ingresso na Associação das Irmãs de Caridade de Jaboticabal; filiação a Associação Brasileira de Imprensa; presença na entrada de Getúlio Dorneles Vargas, chefe político da Revolução, na esquina da Rua Direita com a Praça Patriarca; participação na Revolução Constitucionalista como enfermeira e costureira, doação da aliança para o Governo de São Paulo na campanha “Ouro para o bem de São Paulo” e luta para a criação de um partido feminino, escrevendo o manifesto da agremiação; ingresso na Associação de Amigos de Pinheiros; ingresso na Ordem Terceira da Penitência de São Francisco com o nome de Irmã Conceição e direção de um Asilo; participação em comícios pela União Democrática Nacional candidatando-se a vereadora (i.121)</i></p> <p><i>No acervo, além de algumas produções nos jornais O Estado de São Paulo, no Informativo de Jaboticabal, no jornal O Andradina e na revista A Informação Goyana, existem poucas referências sobre os quarenta e cinco anos em que Cora morou em São Paulo. (...)</i></p> <p><i>Em 1919, iniciou o envio de artigos para a revista A Informação Goyana, (...)nos jornais paulistas e revistas cariocas poderiam ser encontradas publicações de sua autoria(...). No Estado de São Paulo, em 3 de outubro de 1921, publicou um artigo intitulado Idéias e Comemorações de</i></p>	<p>Engajada e participante</p> <p>Escritora</p>
--	---	---

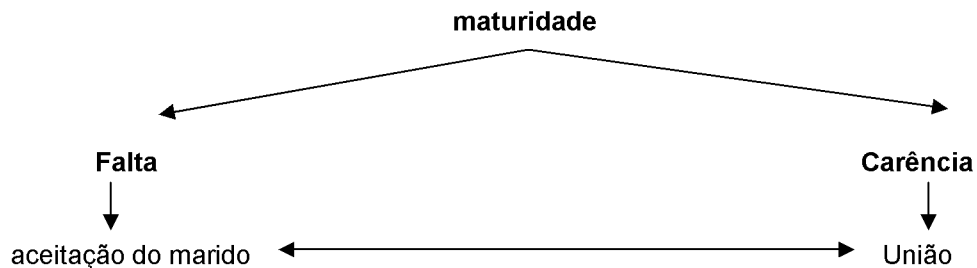
	<p><i>autoria de Cora Coralina, dedicado “ao dr. Monteiro Lobato”. No artigo, sugeria a exibição de filmes retratando a cultura de todos os estados da Federação, o que atrairia turistas e divulgaria as belezas do país. Um dia após a publicação, o escritor Monteiro Lobato respondeu. (i. 129)</i></p> <p><i>Nunca deixa de denunciar as atitudes e problemas que prejudicam a cidade. Nem o prefeito é poupado quando encaminha mal os problemas da cidade.(i.123)</i></p> <p><i>Publicava artigos nos jornais de Jaboticabal, construía poesias e costurava contos, depois, ao mudar para São Paulo. Flagrada na cidade pela Revolução Constitucionalista de 1932, alistou-se como enfermeira – (...) Costurava bibis (bonés) para soldados, uniformes, aventais para enfermeiras. Depois, os revoltosos derrotados pelas Forças de Getúlio Vargas, encontrou outra causa. Bradou pela formação de um partido feminino, escreveu até o manifesto da agremiação. (i.131)</i></p>	<p>Denunciadora</p> <p>Escritora e poetisa</p>
--	--	--

3.2.2 Valores representados no segundo macroepisódio

Valores <i>positivos</i> resultante do olhar do Outro sobre Cora	Valores <i>negativos</i> resultante do olhar do Outro sobre o grupo social em face do comportamento de Cora
<ul style="list-style-type: none"> • Amor ao trabalho como principal valor • Luta e defesa de ideais pessoais, políticos e sociais • Coragem para afrontar a tradição social 	<ul style="list-style-type: none"> • Rejeição à iniciativa feminina de manter economicamente a família • Rejeição à participação feminina em atos político-sociais • Rejeição da união estável do casal

Valores <i>positivos</i> resultante do olhar do Outro sobre as ações de Cora – autores de outra contemporaneidade	Valores <i>negativos</i> resultante do olhar do Outro sobre o marido em face do comportamento de Cora
<ul style="list-style-type: none"> • Engajada • Participante • Jornalista • poetisa 	<ul style="list-style-type: none"> • conservador, mais velhos, excesso de bebida
Valores <i>negativos</i> resultante do olhar do Outro sobre Cora	Valores <i>positivos</i> resultante do olhar do Outro sobre o grupo social em face do comportamento de Cora
∅	<ul style="list-style-type: none"> • Tolerância do grupo social para com o casal devido às atividades profissionais do marido e ao trabalho social de ambos

3.2.3 As paixões da falta e da carência no segundo macroepisódio



A Falta se manifesta, inicialmente, nas representações de Outros-autores como não aceitação do marido ao engajamento social de Cora. Esta falta de adesão/aceitação por parte do marido decorre fato de Cora ter sido uma mulher dinâmica, engajada aos problema sociais de seu tempo e não limitar-se aos problemas domésticos. A necessidade/Carência de União, decorrente da Falta de aceitação do marido, termina por impulsionar ainda mais seu temperamento libertário A Falta de aceitação também se refere à sociedade, uma vez que vive maritalmente com um homem com o qual não é casada legalmente. Tal situação é tolerada pela sociedade em razão de Cora e Cantídio serem pessoas úteis a ela.

Em síntese, os Outros-autores representam Cora na maturidade, atribuindo valor positivo ao seu engajamento social e à sua conduta com mãe e atribuem valor negativo à conduta do marido em relação à Cora e ao comportamento da sociedade.

3.3 Terceiro macroepisódio: velhice - a volta à Goiás

*depois, cada qual se foi ao seu melhor destino.
E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.
Minha última dívida de gratidão
aos filhos.
Fiz a caminhada de retomo às raízes ancestrais.
Voltei às origens da minha vida,
escrevi o "Cântico da Volta".*

*Assim devia ser.
Fiz um bonito nome de doceira, glória maior.
E nas pedras rudes do meu berço
gravei poemas.*

Após criar os filhos e estes cada qual seguir um rumo, sozinha novamente, necessita voltar a Goiás. Segundo a filha Vicência, já havia se passado vinte anos da morte de Senhora Jacyntha. Era preciso ir, caso contrário, perderia a casa onde nascera, conforme texto de carta inédita¹³. Alguns intertextos relatam esse período:

INTERTEXTO 132

A era de Juscelino Kubitschek começa, e já se passam vinte anos da morte da Senhora Jacintha. Cora tem que ir, de qualquer jeito, para Goiás, caso contrário perderá a casa onde nasceu – que na verdade, são duas, germinadas – que pertence a ela, Peixotinha e aos filhos de Ada e Sinhá. Se não for tomar posse, a Lei de Usucapião será aplicada e seu cunhado, que ali mora, terá direito a ela. (p. 204)

Começa a se preparar para compra das partes (...) Ao ver seu dinheiro diminuindo, começa a fazer doces – passa de caju – que a cidade tem tanto pelos campos, nativos, e que ninguém liga, pois são mais ácidos que os cultivados nos quintais. Tem freguesia certa que são os turistas que vem a Goiás. (p. 206)

Quando visitantes interessados, que dão valor à literatura, chegam à sua casa, não se faz de rogada e lê suas poesias que a todos encanta. (p.207)

Cora Coragem, Cora Poesia. TAHAN, V. B

¹³ Sai desta cidade [Vila Boa de Goiás] em 25 de novembro de 1911 e voltei em 22 de março de 1956. Deixei filhos, nora, genros, netos e bisnetos. A força da terra, das raízes que me chamavam eram mais fortes e sobrepôs a todos esses afetos familiares. Quando eu voltei, não tinha intenção de permanecer, tinha a intenção de matar saudades velhas e carregar saudades novas (TVE, programa: Especial Literatura, 1985).

INTERTEXTOS 133

Por esta época a poetisa afluou lembranças de uma mulher que havia rompido com os padrões de sua época e que, agora, regressava apresentando costumes externos aos cultivados em Goiás. Em seu retorno, Cora publicou algumas poesias e contos em jornais e lançou a crônica O Cântico da Volta.

BRITO, Clovis Carvalho, idem.

INTERTEXTOS 134

Tinha motivo - lutar pela posse da velha casa da ponte antes que, por usucapião, se transferisse para um sobrinho. Instalou-se com "seu" Vicente, um nordestino faz-tudo e analfabeto que a acompanhava desde o sítio em Castilho. "Seu" Vicente, figura doce, simplório, dedicado, embebedava-se até com guaraná.

Aventureira e Libertária - Ana Maria Tahan

Todavia já não conhecia quase ninguém. Seu estilo resistente afeita ao trabalho tornou possível a superação para sua reintegração à cidade, conforme se apreende nos intertextos:

INTERTEXTOS 135

Por muitos anos a autora permaneceria no anonimato, publicando esporadicamente em jornais algumas de suas criações. A publicação de seu primeiro livro, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, ocorreu somente em 1965, quando a poetisa estava com 75 anos. Até essa data, encontrou um campo fechado e preconceituoso contribuindo para que desenvolvesse textos de rico conteúdo sociológico. De uma forma consciente escrevia para "dar que falar às bocas de Goiás". O estilo resistente é uma das estratégias de subversão que ocasionam lutas e promovem mudanças. A autora refletia em suas produções as mazelas, comportamentos, compromissos e descompromissos da sociedade a que pertencia, assumindo o encargo de apresentar vozes tradicionalmente silenciadas. (...) Ao retornar a Goiás, entre escritos e afazeres, a poetisa durante quatorze anos se sustentaria com a venda de doces cristalizados. A venda dos doces foi uma forma de superar os obstáculos para a inserção(...)*

BRITO, Clovis Carvalho, idem.

INTERTEXTO 136

“A partir de 1960, durante quatorze anos, a poetisa sobreviveu vendendo doces de frutas cristalizadas. Fazia doces, e todos os doces açucarados. Vendia em caixinhas: doces de laranja, doce de figo, doce de mamão maduro, de mamão verde, doce de goiaba no tempo, doce de caju no tempo, doce de banana todo tempo, doce de mangaba no tempo e doce de cidra quando aparecia. Fora doce de abóbora com coco e doce de batata com leite de coco de buriti e doce de leite também com coco ralado”.

Cora Doce Coralina. Filme documentário. Vicente Fonseca e Armando Lacerda. 1985.

INTERTEXTO 137

Entre móveis antigos e sob o calor do velho fogão de lenha, Cora escreveu, escreveu, escreveu. Aprendeu a datilografar aos 70 anos, publicou o primeiro livro - Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais - aos 75. Meu pai, Rúbio, minha mãe, Vicência, meus três irmãos e eu passamos uma temporada com Cora nesse tempo. Meu pai datilografa os manuscritos numa antiga Olivetti. Ela, ao lado, ainda remendava os textos, processo contínuo de criação.

Aventureira e Libertária - Ana Maria Tahan

Concomitante ao trabalho de doceira, escrevia versos e os divulgava entre os compradores dos seus doces:

INTERTEXTO 138

“A voz era apaixonada, vibrante. Transbordava do coração, atravessava as cordas vocais, ganhava emoção ao ritmo das mãos, os olhos vivazes acompanhavam o tom. Histórias, poemas, contos, causos, opiniões fluíam ao ritmo entoado por Cora, mestre na arte de declamar e interpretar, capaz de confundir desavisados sobre o que era realidade, o que era fantasia.” (...) “Vó Cora falava pouco de si, muito contavam dela os quatro filhos...”

Aventureira e Libertária - Ana Maria Tahan

A publicação de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, em 1965, constituiu fato que propiciou sua inserção no campo literário brasileiro. Nesse aspecto, os

principais articuladores para o início do reconhecimento foram os integrantes do Grupo de Escritores Novos – GEN. Este Grupo exerceu a função de divulgador da obra de Cora Coralina, colocando-a numa aparente contradição, já que a autora possuía quase 75 anos quando aderiu ao grupo composto por jovens. Contudo, a publicação do seu segundo livro só aconteceu treze anos depois, de acordo com o intertexto:

INTERTEXTO 139

Apesar do apoio da Academia Feminina e do Grupo de Escritores Novos, Cora Coralina ficou exatos treze anos esquecida até a publicação de seu segundo livro, Meu Livro de Cordel, em 1976. Continuava escrevendo nos cadernos/diários, mas os originais ficavam “abandonados”. A publicação da segunda edição de Poemas dos Becos de Goiás, em 1978, pela Editora da Universidade Federal de Goiás, contribuiu para que a obra de Cora ganhasse repercussão nacional.

BRITO, Clovis Carvalho, idem.

INTERTEXTO 140

Contraditoriamente ou não, à época de sua estréia como poetisa, Cora foi muito mais apoiada, em Goiás, pelos jovens que se enveredavam pelas vias de experimentação, ou seja, pela vanguarda goiana daquela época do que por aqueles que se encontravam na sua faixa de vigência. (p. 22)

DENÓFRIO, Darcy França, *Cora Coralina*

Um dos exemplares do seu primeiro livro foi encaminhado ao poeta Carlos Drummond de Andrade que, não possuindo referências sobre a poetisa, enviou uma carta à universidade.

INTERTEXTO 141

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1979. Cora Coralina. Não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a

*força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do seu Carlos Drummond de Andrade*¹⁴.

Foi a partir daí que a autora ganhou projeção. Contudo, perante a crítica e o público este reconhecimento só aconteceu depois que o poeta publicou no Jornal do Brasil, em 1980 a crônica Cora Coralina, de Goiás. A partir daí, foi reconhecida sua singularidade e sua valorização artística como autora.

INTERTEXTO 142

Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios. Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesmo se define: "Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo". Opõe à morte "aleluias festivas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária". Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza, como no verso de Bandeira.

Carlos Drummond de Andrade. Jornal do Brasil, cad. B, 27-12-1980.

Cora, Aninha, Anica, Anita era todas numa só, pequenina, franzina, eternamente atarefada, permanentemente escritora. Erram os que tentam reduzi-la à condição de poeta, ou poetisa. Era contista, cronista de tempos passados e presentes. Jornalista também, observadora distante e crítica, fiel redatora de fatos e acontecidos.

Aventureira e Libertária - Ana Maria Tahan

¹⁴ A autora respondeu: "Carlos Drummond de Andrade. Meu amigo, meu Mestre. Com alguma demora no recebimento de sua Mensagem e maior da minha parte, vai aqui na pobreza deste papel de que só vale o branco, meu agradecimento àquele que de longe e do alto atentou para a pequena escriba, sem lauréis e sem louros, sem referências a mencionar. Sua palavra, espontânea e amiga, fraterna veio como uma vertente de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa e dura caminhada ao longo da vida. Abençoado seja o homem culto que entrega ao vento palavras novas que tão bem ressoam no coração de quem tão pouco as tem ouvido. Despojada de prêmios e de láureas caminha na vida como o trabalhador que bem fez rude tarefa, sozinho, sem estímulos e no fim contempla tranqüilo e ainda confiante a tulha vazia. Meu Mestre. Meu Irmão. Que mais acrescentar? Eu sou aquela menina despenteada e descalça da Ponte da Lapa. Eu sou Aninha. Cora Coralina. Cidade de Goiás, 2/9/79" (Inédito). BRITO, Clovis Carvalho, idem.

Seu terceiro livro publicado *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, foi publicado em 1983 pela Editora da Universidade Federal de Goiás.

INTERTEXTO 143

A autora, por esta época já contava com 92 anos. Os setenta e cinco poemas deste livro estão dispostos em três partes: a)- Meias confissões de Aninha, onde a rememoração se detém nos aspectos relativos ao cotidiano, família, a situação da mulher e da criança, e ao aspecto telúrico de sua subjetividade; b)- Ainda Aninha..., onde faz observações sobre problemas, inovações e sugestões com ênfase à educação e a internalização de mudanças (nesta seção os títulos dos poemas explicitam falas, premonições, confissões, reflexões, recados, mensagens, considerações, conclusões e lembranças); c)- Nos Reinos de Goiás onde a temática está relacionada à cidade e ao fazer poético.

BRITO, Clovis Carvalho, idem.

Nas três obras predominam os poemas autobiográficos cujas significações compreendem as relações do sujeito com sua história.

3.3.1 Tabela de representações do terceiro macroepisódio

Texto Base	Intertexto	Representação
<p><i>E a velha mãe sozinha devia ainda um exemplo de trabalho e de coragem. Minha última dívida de gratidão aos filhos. Fiz a caminhada de retomo às raízes ancestrais. Voltei às origens da minha vida, escrevi o "Cântico da Volta".</i></p>	<p><i>A era de Juscelino Kubitschek começa, e já se passam vinte anos da morte da Senhora Jacintha. Cora tem que ir, de qualquer jeito, para Goiás, caso contrário perderá a casa onde nasceu – que na verdade, são duas, germinadas – que pertence a ela, Peixotinha e aos filhos de Ada e Sinhá. Se não for tomar posse, a Lei de Usucapião será aplicada e seu cunhado, que ali mora, terá direito a ela. (i.132)</i></p> <p><i>Tinha motivo - lutar pela posse da velha casa da ponte antes que, por usucapião, se transferisse para um sobrinho. Instalou-se com "seu" Vicente, um nordestino faz-tudo e analfabeto que a acompanhava desde o sítio em Castilho. "Seu" Vicente, figura doce, simplório, dedicado, embebedava-se até com guaraná. (i.134)</i></p> <p><i>Por esta época a poetisa aflorou lembranças de uma mulher que havia rompido com os padrões de sua época e que, agora, regressava apresentando costumes externos aos cultivados em Goiás. Em seu retorno, Cora publicou algumas poesias e contos em jornais e lançou a crônica O Cântico da Volta. (i. 133)</i></p>	<p>Vivaz</p> <p>Responsável pela herança</p> <p>Renovadora</p>
<p><i>Assim devia ser.</i></p>	<p>∅</p>	
<p><i>Fiz um bonito nome de doceira, glória maior.</i></p>	<p><i>Começa a se preparar para compra das partes (...) Ao ver seu dinheiro diminuindo, começa a fazer doces – passa de caju – que a cidade tem tanto pelos campos, nativos, e que ninguém liga, pois são mais ácidos que os cultivados nos quintais. Tem freguesia certa que são os turistas que vem a</i></p>	<p>Obstinada Vitoriosa</p>

	<p>Goiás (i.141)</p> <p><i>A partir de 1960, durante quatorze anos, a poetisa sobreviveu vendendo doces de frutas cristalizadas. Fazia doces, e todos os doces açucarados. Vendia em caixinhas: doces de laranja, doce de figo, doce de mamão maduro, de mamão verde, doce de goiaba no tempo, doce de caju no tempo, doce de banana todo tempo, doce de mangaba no tempo e doce de cidra quando aparecia. Fora doce de abóbora com coco e doce de batata com leite de coco de buriti e doce de leite também com coco ralado. (i.136)</i></p> <p><i>Ao retornar a Goiás, entre escritos e afazeres, a poetisa durante quatorze anos se sustentaria com a venda de doces cristalizados. A venda dos doces foi uma forma de superar os obstáculos para a inserção (i.135)</i></p>	<p>Doceira</p> <p>Reconhecida socialmente</p> <p>autônoma</p>
<p><i>E nas pedras rudes do meu berço gravei poemas</i></p>	<p><i>Quando visitantes interessados, que dão valor à literatura, chegam à sua casa, não se faz de rogada e lê suas poesias que a todos encanta (i.132)</i></p> <p><i>Contraditoriamente ou não, à época de sua estréia como poetisa, Cora foi muito mais apoiada, em Goiás, pelos jovens que se enveredavam pelas vias de experimentação, ou seja, pela vanguarda goiana daquela época do que por aqueles que se encontravam na sua faixa de vigência. (140)</i></p> <p><i>Por muitos anos a autora permaneceria no anonimato, publicando esporadicamente em jornais algumas de suas criações. A publicação de seu primeiro livro, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, ocorreu somente em 1965, quando a poetisa estava com 75 anos. Até essa data, encontrou um campo fechado e preconceituoso contribuindo para</i></p>	<p>Reconhecida socialmente como escritora</p>

	<p><i>que desenvolvesse textos de rico conteúdo sociológico. (i.135)</i></p> <p><i>Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. (i.142)</i></p> <p><i>Apesar do apoio da Academia Feminina e do Grupo de Escritores Novos, Cora Coralina ficou exatos treze anos esquecida até a publicação de seu segundo livro, Meu Livro de Cordel, em 1976. Continuava escrevendo nos cadernos/diários, mas os originais ficavam “abandonados”. A publicação da segunda edição de Poemas dos Becos de Goiás, em 1978, pela Editora da Universidade Federal de Goiás, contribuiu para que a obra de Cora ganhasse repercussão nacional. (i.139)</i></p> <p><i>Entre móveis antigos e sob o calor do velho fogão de lenha, Cora escreveu, escreveu, escreveu. Aprendeu a datilografar aos 70 anos, publicou o primeiro livro - Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais - aos 75. Meu pai, Rúbio, minha mãe, Vicência, meus três irmãos e eu passamos uma temporada com Cora nesse tempo. Meu pai datilografa os manuscritos numa antiga Olivetti. Ela, ao lado, ainda remendava os textos, processo contínuo de criação.(137)</i></p> <p><i>Cora, Aninha, Anica, Anita era todas numa só, pequenina, franzina, eternamente atarefada, permanentemente escritora. Erram os que tentam reduzi-la à condição de poeta, ou poetisa. Era contista, cronista de tempos passados e presentes. Jornalista também, observadora distante e crítica, fiel redatora de fatos e acontecidos. (143)</i></p>	
--	---	--

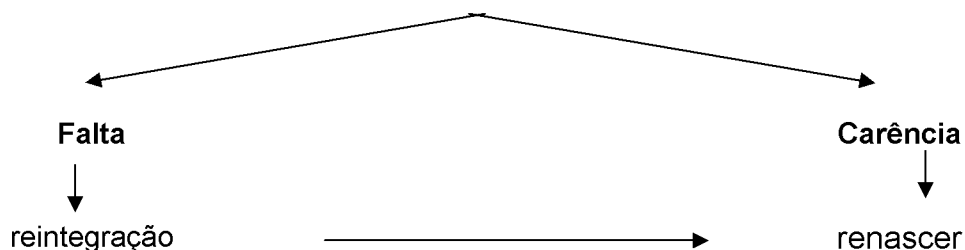
3.3.2 Valores representados pelos Outros e pelo grupo no terceiro episódio

Valores <i>positivos</i> atribuídos à Cora	Valores <i>negativos</i> atribuídos ao grupo social
<ul style="list-style-type: none">• produtividade• trabalho• disposição	<ul style="list-style-type: none">• preconceituoso• conservador• olhos no passado

Valores <i>negativos</i> atribuídos a Cora	Valores <i>positivo</i> atribuídos a grupo social de escritores que divulgaram Cora
<p style="text-align: center;">∅</p>	<ul style="list-style-type: none">• poetas jovens (grupo GEN)• Monteiro Lobato• Carlos Drummond de Andrade

3.3.3 Paixões da falta e da carência no terceiro episódio

*E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.*



Na velhice, Cora precisou voltar a Goiás. Isso despertou suas lembranças de uma mulher que havia rompido com os padrões de sua época e que regressava com hábitos e costumes estranhos à sociedade goiana. A necessidade da volta se configura em desejo de reintegração social (retorno ao lar). Este desejo de reintegração coincide com a necessidade de renascer, tão presente em sua personalidade. Renasce como doceira, poetisa.

Em síntese, os Outros-autores representam Cora na velhice, atribuindo valor positivo ao seu retorno a Goiás, ao seu próprio sustento por meio da produção e venda de doces, ao seu engajamento social e ao seu fazer literário. Em relação à sociedade goiana, é atribuído valor negativo ao conservadorismo ainda presente e valor positivo ao GEN (Grupo de Escritores Novos), responsável pela divulgação de sua literatura.

Em síntese, os resultados obtidos nas análises dos macroepisódios que serviram de guia para a organização da narrativa biográfica de Cora Coralina indicam que:

- a) todas as representações de Cora por Outros-autores foram construídas por membros da família, escritores e estudiosos sobre a biografia de Cora;
- b) os Outros-autores, em razão de suas diferentes contemporaneidades e espacialidades em relação ao período representado, avaliam positivamente as ações de Cora e negativamente o comportamento da sociedade em relação a ela;
- c) as representações se modificam de acordo com o tempo e o espaço, em razão de ações de indivíduos que se opõem às determinações sociais; nesse sentido, o social guia o individual e este altera aquele.

Considerações Finais

Ao encerrar esta dissertação, apresentamos considerações a respeito dos objetivos e hipóteses que a orientaram, além de novas perspectivas para a continuidade da investigação que inter-relaciona a linguagem poética, como evento discursivo particular, com as representações sociais de forma a construir uma dialogia do Eu com o Social.

Acreditamos que o objetivo geral: contribuir com os estudos culturais brasileiros, a partir de autores regionais à luz da Análise do Discurso, tenha sido atingido, abrindo novas perspectivas para o tratamento da cultura brasileira e, em especial, goiana.

O vivido e o experienciado em Goiás pode ser apresentado em uma narrativa de dois tempos: Tempo 1 - O ouro em Goiás, a vida suntuosa com o apogeu da elite mineradora; Tempo 2 - Levaram o ouro e deixaram as pedras, a vida na pobreza, tentando manter a aparência de riqueza.

Esses dois tempos relacionam as raízes históricas de Goiás Velho com o tempo da vida de Cora Coralina nessa localidade, caracterizando culturalmente os extragrupos sociais pelo conservadorismo, moralidade religiosa inflexível e olhos voltados para o passado. O traço cultural representado na obra de Cora Coralina é a esperança do milagre de descobrir novos veios de ouro na região de Goiás Velho para a manutenção do poder da elite mineradora goiana.

As diferentes fases da vida de Cora Coralina poderiam ser consideradas outras contemporaneidades. Fora de Goiás, a escritora experiencia a vida paulista, cuja elite socioeconômica é cafeicultora e que, na época em que lá viveu, encontrava-se

no centro do poder econômico. Com a queda da cultura cafeeira, novos grupos econômicos assumem o poder e mantêm São Paulo como importante centro financeiro do país.

A contemporaneidade do retorno a Goiás é vivida e experienciada por Cora doceira e poetisa, ainda que, como libertária, tenha sido jornalista, cronista, contista e participante ativa de movimentos sociais, destacando-se dos traços culturais dos grupos goianos tradicionalistas. Enquanto Cora apresenta uma dinâmica cultural, a tradição conservadora mantém-se como característica cultural de Goiás.

Acreditamos, também, que os objetivos específicos foram cumpridos:

1 desvendar a biografia de Cora Coralina nas expressões lingüísticas construídas pela própria autora em suas poesias.

Nesse sentido, as representações em língua de Cora Coralina propiciaram desvendá-la por meio de três macroepisódios: A saída de Goiás – Juventude; Fora de Goiás – Maturidade; A volta a Goiás –Velhice.

No primeiro macroepisódio, A saída de Goiás – Juventude, Cora Coralina representa-se pobre, sonhadora, limitada e sozinha, sentindo-se rejeitada, humilhada e ridicularizada pelos membros da família, encontrando apenas na bisavó acolhimento e compreensão. Já moça, vê-se consumida pelo trabalho doméstico, mas encontra nos livros o acolhimento e inspiração para os sonhos de libertar-se da limitação que a envolve, propiciada pelas mulheres da família que reproduzem, no seu comportamento, as determinações sociais de sua época e espaço. Dessa forma, a falta de liberdade e aceitação dimensionam-se para a carência de autonomia e afeto.

Nesse sentido, Cora Coralina representa-se:sonhadora e inovadora em oposição à repressão e conservadorismo goiano. Movida pelo desejo de liberdade, parte de Goiás em condições adversas aos padrões sociais de sua época. Por essa razão,

sofre discriminação, é estigmatizada por sua conduta, de modo que sua saída se configura, para ela, um despojamento que a acompanha durante sua permanência fora da cidade.

No segundo macroepisódio: fora de Goiás – Maturidade, esta é representada, sobretudo, por criar sozinha os filhos, motivação principal para o desenvolvimento dos princípios básicos que regem sua vida, como os que guiaram os bandeirantes na conquista da terra e na descoberta do ouro. A coragem, a luta e o trabalho configuram-se como a certeza de sucesso.

O trabalho, a luta e a coragem nortearam seu duro aprendizado de vida que durante a criação dos filhos, como se vê na explicitação poética:

*Filhos, pequeninos e frágeis...
eu os carregava, eu os alimentava?
Não. Foram eles que me carregaram,
que me alimentaram.*

Nesse sentido, há uma neutralização dos papéis sociais, pois a família representa o sucesso na sobrevivência pela luta: criar filhos vs ser criada por eles. Dessa forma, remover pedras, quebrar arestas da vida e plantar roseiras sintetizam a realização com êxito do papel de mãe sem a presença masculina e o apoio social. Daí, representar-se, nesse período, ao lado dos filhos que lhe serviram como amparo, refúgio, sombra na solidão. Tais representações se configuram no valor positivo que atribui à família como unidade e agregação.

Também a partida dos filhos é representada por Cora com valor positivo, na medida em que eles seguem seus destinos, assim como ela o fez; embora atribua valor negativo ao fato de estar sozinha, sem a família.

No terceiro macroepisódio: A volta a Goiás –Velhice, Cora representa sozinha-se, mas resistente. Assim, resolve voltar às suas raízes culturais e ideológicas. Culturalmente, os valores atribuídos por ela à volta estão associados aos

antecedentes familiares, mantendo-se nas tradições (= retorno à casa paterna). Neste tempo, o valor positivo é atribuído à genealogia familiar e ao seu lugar de origem. É à saída e à solidão que atribui valor negativo. Logo, paradoxalmente, Cora mantém-se nos valores conservadores.

Por outro lado, torna-se autônoma para sua subsistência financeira, rompendo com os valores culturais de que os mais velhos devem ser mantidos pela família. A sua subsistência autônoma se dá por meio das atividades de doceira e escritora.

Assim, as raízes históricas portuguesas presentes no bandeirantismo de Goiás justificam os valores positivos atribuídos à busca da felicidade presentes na autobiografia de Cora. Entretanto, causam conflito intragrupal os valores positivos atribuídos à mulher livre e autônoma, capaz de auxiliar os outros e realizar-se a si mesma, presente em sua auto-representação bibliográfica.

2 buscar intertextos poéticos de Cora Coralina, em suas diferentes obras, que permitam a progressão semântica de um texto inicial, considerado texto-base.

A busca selecionou as obras poéticas de Cora Coralina: *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, *Meu Livro de Cordel* e *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*.

O texto-base “Semente e Fruto” está inserido na obra *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. A seleção do texto-base decorre da construção em língua dos três macroepisódios analisados, que traz representado em língua as saliências:

Primeiro macroepisódio:

*era jovem, cheia de sonhos
rica de imensa pobreza
que me limitava entre oito mulheres que me governavam
E eu parti em busca do meu destino,*

As expressões lingüísticas enunciadas na apresentação manifestam o paradoxo entre ser rica por ser jovem e cheia de sonhos e ser imensamente pobre e limitada. A causa da pobreza é atribuída à autoridade de oito mulheres que impedem que Cora Coralina realize seus sonhos. O conflito se estabelece entre este paradoxo e leva à resolução de partir.

Segundo macroepisódio:

*E me nasceram filhos
(...)
Filhos, pequeninos e frágeis...
eu os carregava, eu os alimentava?
Não. Foram eles que me carregaram,
que me alimentaram.*

Na apresentação, as expressões lingüísticas enunciadas manifestam o paradoxo entre criar os filhos e ser criada por eles. Os valores positivos são atribuídos à constituição da família que Cora Coralina representa na relação mãe e filhos. Há o cancelamento do papel do pai e da representação em língua do grupo social. O conflito de criar os filhos sozinha leva à resolução de criá-los por meio da luta e do trabalho.

Terceiro macroepisódio:

*depois, cada qual se foi ao seu melhor destino.
E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.*

As expressões lingüísticas enunciadas na apresentação manifestam o paradoxo entre avaliar positivamente a partida dos filhos e avaliar negativamente a velha mãe que fica sozinha, instaurando o conflito: o que fazer/para onde ir? A resolução é o retorno a Goiás, mantendo as raízes históricas, culturais dos bandeirantes: desbravamento, coragem, objetivos fixos, autonomia. No seu retorno, busca subsistir por si própria, daí a atribuição de valores positivos a “ser doceira” e “ser poetisa”.

Assim, os valores culturais são hierarquicamente sobrepostos aos valores ideológicos: embora discriminada por ter saído de Goiás acompanhando um homem casado, realiza-se positivamente em uma família onde mãe é filha e os filhos são mãe. Privilegiando sua autonomia, busca, como valor positivo, a sua auto-subsistência como reconhecida doceira e escritora.

3 analisar as expressões lingüísticas de outros autores a fim de verificar como representam a sua biografia;

Os Outros-autores são diferenciados em: familiares, escritores e estudiosos em outra contemporaneidade e/ou espacialidade da obra de Cora Coralina.

Os Outros-neta e filha representam Cora Coralina com valor positivo: libertária, em busca da realização de seus sonhos: ser autônoma socialmente e reconhecida como escritora, além de participante dos diferentes movimentos sociais contra a discriminação social. Por serem mantidos os mesmos macroepisódios da representação de Cora por Cora, o tempo e o lugar foram critérios analíticos.

Os Outros-autores representam Cora, verbalmente, em outras contemporaneidades e espacialidades, sem terem convivido com a autora.

Cora Coralina é representada com valor positivo durante os três macroepisódios: em Goiás, por ser uma criança e adolescente frágil, porém, extremamente capaz de tomar decisões para realizar os seus sonhos.

Os macroepisódios da maturidade e velhice são privilegiados nas representações dos Outros-autores. No macroepisódio da maturidade, são projetados valores positivos à mulher, mãe de família, escritora, participante da realidade social, a fim de tornar grupos marginalizados em grupos centralizados. Na velhice, os valores positivos são atribuídos às suas decisões de autonomia financeira (doceira e escritora) e membro reconhecido pela produção literária e crítica de Goiás. Nesse

sentido, na representação de Cora Coralina pelos Outros-autores lhe são atribuídos valores positivos, mantendo nas raízes históricas os “fazeres” dos desbravadores que estenderam os limites territoriais brasileiros para o interior:

Assim, o confronto entre a representação autobiográfica de Cora Coralina e a representação biográfica de Outros-autores mantêm o paradoxo do que Cora viveu, ou seja, tradição e inovação. Em outros termos, o social guia o individual, o individual altera o social.

4 resgatar intertextos de vários autores que propiciem a progressão narrativa das etapas da vida de Cora Coralina, a fim de reconstruir historicamente o contexto de sua produção poética.

A seleção propiciou que os Outros-autores fossem de outra contemporaneidade. As representações culturais são dinâmicas em cada contemporaneidade, conforme SILVEIRA (2000). Para a autora (2004), diferencia-se cultura de ideologia, embora ambas sejam apresentadas por representações avaliativas: cultura são representações avaliativas de pai para filho, a partir do vivido e do experienciado e que todos, em cada contemporaneidade do grupo social, mantêm como avaliação. Ideologia são representações avaliativas, só que impostas pelas classes dominantes, a fim de discriminar pessoas.

Nesse sentido, os intertextos selecionados apresentam avaliações ideológicas positivas e negativas. As avaliações negativas estão presentes na voz do Outro (sociedade conservadora), discriminando Cora Coralina pelo fato de constituir família fora do casamento. As avaliações positivas estão presentes no fato de Cora Coralina atuar socialmente a favor das classes menos favorecidas.

A hipótese orientadora da pesquisa mostrou-se adequada: se há uma dialética entre o social e o individual, a obra poética de Cora Coralina é guiada por valores culturais da memória social das pessoas que conviveram com ela tanto em Goiás quanto fora

dele; porém, o vivido e o experienciado por Cora Coralina modificam os valores sociais para sua própria representação autobiográfica.

Representando sua autobiografia, Cora mantém os valores culturais de família (pai, mãe, filhos), preservados oficialmente pelo Estado e pela Igreja. Nesse sentido, o que guia a autora a representar poeticamente a sua autobiografia são os valores sociais negativamente atribuídos a ela pela não observância das determinações sociais, decorrentes de seus “sonhos”.

O individual de Cora Coralina é a sua liberdade como feminista e a sua auto-manutenção, além do reconhecimento social para os seus “fazer”: participante social, escritora (jornalista, poetisa, contista e cronista). A inter-relação dialética entre o individual e o social leva Cora Coralina a representar-se autobiograficamente como “não-sujeito” de suas decisões, pois “segue o seu destino”, mas como sujeito na criação dos filhos, na subsistência individual e na liberdade de participar socialmente como auxiliadora e denunciadora dos fazeres políticos.

Nesse sentido, nossa hipótese mostra-se adequada e abre perspectivas para a realização do nosso objetivo geral, na medida em que tratar das representações pessoais e dos Outros manifesta valores que se confrontam: moral conservadora x sonhos pessoais.

Em relação à proposta desta dissertação, desvendar Cora Coralina, a pesquisa realizada confirma os fundamentos teóricos da Análise Crítica do Discurso, com vertente sociocognitiva: o social guia o individual e este muda o social. Podemos perguntar: Cora Coralina, quem é você?

Na representação de Cora por Cora, os valores positivos são atribuídos a uma mulher mãe de família, mantendo tradicionalmente os valores culturais sociais, ou seja, ter filhos e relacionar-se com eles com sucesso. O cancelamento da figura

masculina na representação autobiográfica de Cora não interfere na construção literária dos mundos possíveis, pois é possível um mundo onde a mulher se realize na relação mãe e filhos. Em sua auto-representação, a expressão lingüística “pedras” é ressemantizada, a fim de, hierarquicamente, representar nos macroepisódios a luta pela sobrevivência autobiográfica no que se refere ao foco dado à família.

Na representação dos Outros-autores, Cora Coralina, em outra contemporaneidade, recebe valor positivo pelo seu conflito intragrupal, onde se quer liberdade e feminismo e onde há oposição à mulher obediente conservadora.

Confrontando os valores atribuídos pelo desvendar Cora por Cora e os valores atribuídos a Cora pelos Outros-autores, Cora é representada como a inovação dinâmica que se opõe à ideologia, mas mantém as tradições culturais dos bandeirantes.

Esta dissertação, que não se quer conclusiva, abre perspectivas para novas investigações, não só a respeito da cultura de grupos sociais goianos, como de extragrupos de bandeirantes na dimensão nacional. Faz-se necessária a continuidade da pesquisa, a fim de que, pela Análise do Discurso, possamos resgatar nossas raízes históricas e sua dinâmica em cada contemporaneidade. Nunca somos o que queremos, mas sempre queremos pelo que somos guiados socialmente, ainda que tenhamos a possibilidade de modificar valores, comportamentos e atitudes.

Bibliografia

- ARFUCH, L. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2002.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. de Pfeiffer, C.R. e outros. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.
- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BAZILLI, C. *Interacionismo simbólico e teoria dos papéis: uma aproximação para a psicologia social*. São Paulo: EDUC, 1998.
- BEAUVOIR, S. *A velhice: a realidade incômoda*. Trad. Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Trads. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BRAIT, B. *Imagens do Brasil: 500 anos*. Org. BRAIT, B e BASTOS, N. São Paulo: Educ, 2000.

- BRANDÃO, H. N. H. Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobras. São Paulo: UNESP, 1998.
- BRITO, C. C. *Sou Paranaíba pra cá – Literatura e sociedade em Cora Coralina*. Dissertação de Mestrado, FCHF – UFG, 2006.
- BÜHLER, K. *Theory of language: the representational function of language*. Trad. Donald Fraser Goodwin. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1990.
- CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CASTORÍADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynauld. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CATELLI, N. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lumen, 1991.
- COSTA LIMA, L. *O controle do imaginário*, 2 ed., Rio de Janeiro, Forense, 1989.
- COURTINE, J-J. Définition d'orientations analyse du discours. In: *Philosophiques*, vol. IX, nº 2, Outubro, 1982.
- Da MATTA, R. *Canaviais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DELAS, D. e FILLIOLET, J. *Linguística e poética*. Trad. Carlos Alberto Vogt. São Paulo: Cultrix, 1975.
- DENÓFRIO, D. F. *Cora Coralina: Melhores Poemas*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- DOLEŽEL, L. *A poética ocidental: tradição e inovação*. Trad. Viviana de Campos Figueiredo. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- D'ONOFRIO, S. *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- HABERMAS, J. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FONSECA, Claudia. Aliados e inimigos em família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila portalegrense. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 4, vol.2: 88 -104, 1987.

- FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- GRAHAM, A. L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ISER, W. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. Trans. Izidoro Blikstein, Jose Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1999.
- JAUSS, H. R. *et al. A literatura e o leitor*. Coord. e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JODELET, Denise. "La Representación Social: Fenómeno, Concepto e Teoria". In: MOSCOVICI, Serge (Org). *Psicología Social*. Buenos Aires: Paidós, 1986.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La teoría de la enunciación: de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Ed. Hachette, 1986.
- _____. *La conversation*. Paris: Editions du Seuil, 1996
- KINTSCH, W & van DIJK, T. A. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.
- KOCH, I. G. V. O texto e a (inevitável) presença do outro. In: *Letras - Revista do mestrado em Letras da UFSM (RS)*, janeiro/junho: 107-124, 1997.
- _____. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? In: *D.E.L.T.A.* vol.7 No 2: 529-541. São Paulo: EDUC, 1991.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KRESS, G. *Linguistic Processes in Sociocultural Practices*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988.

- LAKOFF, G e JAHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trads. Grupo de estudos da indeterminação e da Metáfora, Mara Sophia Zanotto, Vera Maluf. São Paulo: Educ Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural dois*. Trad. Maria do Carmo Pandolfo et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- MACHADO, M.C.T. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: São Paulo, Edusp, 2002.
- MARQUESI, S. C. *A organização do Texto Descritivo em Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MEAD, G. H. *Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. México: Paidós, 1993.
- OLIVEIRA, M. S. *A relação escrita/oralidade/leitura/cultura na construção do saber lingüístico*. In: III Conferência de pesquisa sócio-cultural, julho, Campinas, 2000.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed da Unicamp, 1988.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1998.
- _____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- PESAVENTO, S. J. *O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social*. São Paulo: Vozes, 1995.
- PRADA, C. *Vozes Silenciadas: A sofrida participação feminina no mundo das letras*. Revista Problemas Brasileiros. Março/Abril. 2004. 32 –37 pg.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Porto: Rés Editora, 1983.
- RIFATERRE, M. *Estilística estrutural*. Trads. Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. A significância do poema: In: *Sémiotique de la poésie*. Paris: Editions du Seuil, 1983.

RODRIGUES, M. A. C. S. *A modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia: UFG, 1982.

SARTRE, J. P. *Que é literatura?* trad. Carlos Felipe Moises. São Paulo: Ática, 1993.

SILVEIRA, R. C. P. Formas de solicitação, afirmações e respostas dialógicas do português brasileiro: convergências e divergências com o espanhol rioplatense, 2000.

_____. Implícitos culturais: ideologia e cultura em expressões do português brasileiro. In: *Língua Portuguesa em caleidoscópio*. Org. BASTOS, N. B, São Paulo: Educ/ Fapesp, 2004.

NASCIMENTO, E. & STRONGOLI, M.T. (2004) *L'imaginaire de la faim: du discours politique à la publicité*. Comunicação apresentada no 8ème Congrès de l'Association Internationale de Sémiotique. Univ. de Lyon, França (no prelo)

TAVARES, M.L.G. *Um novo horizonte na leitura do texto poético: o resgate da identidade, da cultura e da ideologia no pernambucano, diálogo possível com o poema "Cão sem plumas", de João Cabral de Melo Neto*. Tese de doutorado. PUC-SP, 2004.

TEZZA, C. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

Van DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. Org. e trad. Ingedore G. V. Koch, 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. El discurso como interaccion en la sociedad. In: Van DIJK *et al. El discurso como interaccion social. Estudios del discurso: introducción multidisciplinaria*. Vol. 2. Barcelona: Gedisa, 2000.

_____. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Trad. Montserrat Baste Kraan. Buenos Aires: Paidós, 1997.

_____. La pragmática de la comunicación literária. Trad. de Fernando Alba y José Antonio Mayoral. In: Van DIJK, T. A. *Studies in the Pragmatics of Discourse*. La Haya, Mouton, págs. 243-263, 1977.

_____. El procesamiento cognoscitivo del discurso literário. In: *Acta poetica*. Universidad Nacional Autónoma de México), fev., pp. 3 – 26, 1980.

VELHO, G. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo. In: Revista Linguagem em (Dis)curso, vol. 4, número especial. Tubarão: Editora Unisul, 2004.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

Sites:

ALVES, J. G. *Cora Coralina, de coração e de vermelho*. Acessado em 16 dez. 2007, disponível em http://www.cosmo.com.br/crianca/materias/010127_poesia.shtm

BRIZA, D. H. R. *Cora-Coragem*. Acessado em 16 dez. 2007, disponível em <http://www.ijpr.org.br/doc/artigos/Cora-Coragem.doc>

Obras:

CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20ª ed. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, C. *Meu livro de cordel*. 10ª ed. São Paulo: Global, 2002.

CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 6ª ed. São Paulo: Global, 1997.

TAHAN, V. B. *Cora coragem, cora poesia*. 4ª ed. São Paulo: Global, 2002.

Periódicos:

ANDRADE, C. D. *Cora Coralina, de Goiás*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 dez. de 1980. Cad. B.

CORALINA, C. *Cora Coralina: depoimento e antologia*. Revista Goiana de Artes, UFG, v. 2, n.º 2, jul/dez 1981. p. 139-177.

SCHMALTZ, Yêda. *Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretãs ou simplesmente, Coralina*. Diário da Manhã. Goiânia, 17 jan.1982, p. 28. DM Cultura.

TAHAN, A. M. Aventureira e Libertária. In: *Idéias*, Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12/01/2002.

ANEXOS

TEXTO-BASE AUTOBIOGRÁFICO

SEMENTE E FRUTO

1. Um dia, houve.
2. Eu era jovem, cheia de sonhos.
3. Rica de imensa pobreza
4. que me limitava
5. entre oito mulheres que me governavam.
6. E eu parti em busca do meu destino.
7. Ninguém me estendeu a mão.
8. Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.

9. Despojada. Apedrejada.
10. Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
11. E fui caminhando, caminhando...
12. E me nasceram filhos.
13. E foram eles, frágeis e pequeninos,
14. carecendo de cuidados,
15. crescendo devagarinho.
16. E foram eles a rocha onde me amparei,
17. anteparo à tormenta que viera sobre mim.

18. Foram eles, na sua fragilidade infante,
19. poste e alicerce, paredes e cobertura,
20. segurança de um lar
21. que o vento da insânia
22. ameaçava desabar.
23. Filhos, pequeninos e frágeis...
24. eu os carregava, eu os alimentava?

25. Não. Foram eles que me carregaram,
26. que me alimentaram.

27. Foram correntes, amarras, embasamentos.
28. Foram fortes demais.
29. Construíram a minha resistência.
30. Filhos, fostes pão e água no meu deserto.
31. Sombra na minha solidão.
32. Refúgio do meu nada.
33. Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.
34. Fostes, para mim, semente e fruto.
35. Na vossa inconsciência infantil.
36. Fostes unidade e agregação.

37. Cresceste numa escola de luta e trabalho,
38. depois, cada qual se foi ao seu melhor destino.
39. E a velha mãe sozinha
40. devia ainda um exemplo
41. de trabalho e de coragem.
42. Minha última dívida de gratidão
43. aos filhos.
44. Fiz a caminhada de retomo às raízes ancestrais.
45. Voltei às origens da minha vida,
46. escrevi o "Cântico da Volta".

47. Assim devia ser.
48. Fiz um bonito nome de doceira, glória maior.
49. E nas pedras rudes do meu berço
50. gravei poemas.

Obra: *Vintém de Cobre*, p.84 à p. 85, 6.ª Edição, 1997

INTERTEXTOS AUTOBIOGRÁFICOS

1. O CÂNTICO DE ANINHA

1. Vintém de Cobre...
2. Antigos vinténs escuros.
3. (De cobre preto foi batizado).
4. Azinhavrados.

5. Ainda o vejo,
6. Ainda o sinto,
7. Ainda o tenho,
8. na mão fechada

9. Moeda triste, escura, pesada,
10. da minha casa,
11. da minha terra,
12. da minha infância,
13. da gente pobre, daquele tempo.

14. Tudo velho, gasto, conservado,
15. empoeirado, pelos cantos.
16. Levados para o depósito do velho sobradão.

17. Colchas de retalhos desiguais e desbotados.
18. Panos grosseiros encardidos, remendados.
19. Potes e gamelas, pratos desbeijados,
20. velhos sapatos,
21. furados, acalcanhados
22. eram disputados,
23. tinha sempre alguém que os quisesse.

24. Pilões lavrados a machado,
25. cavados em cepos de aroeira.
26. Mão de pilão, aleijada, redonda, sem dedos.
27. Mão pesada de bater, socar, esmoer, quebrar,
[pulverizar

28. Mãos antigas, de menina moça, agarradas, em
[movimentos ritmados,
29. alternados, batidas contínuas, compassadas.
30. Engenho doméstico de pilar.

31. "Quarenta vintém derréis..."
32. Dinheiro curto, escasso.
33. Parco. Parcimonioso.
34. De se guardar.
35. De um tempo vellio.
36. De gente pobre.
37. Da minha terra.
38. Da minha infância
39. Vintém de Cobre!...
40. Economia. Poupança.

41. A casa pobre.
42. Mandrião de saias velhas
43. da minha bisavó.
44. Recortadas, costuradas para mim.
45. Timão de restos de baeta.
46. Vida sedentária.
47. Orgulho e grandeza do passado.

48. Nesse tempo me criei.
49. Daí, este livro - Vintém de Cobre,
50. numa longa gestação,
51. inconsciente ou não,
52. que vem da Infância longínqua
53. à ancianidade presente.

Vintém de Cobre, p. 45 à 46, 6.ª Edição, 1997

2. VINTÉM DE COBRE (*Freudiano*)

1. Eu vestia um antigo mandrião
2. de uma saia velha de minha bisavó.
3. Eu vestia um timão feio
4. de pedaços, de restos de baeta.
5. Vintém de cobre:
6. ainda o vejo
7. ainda o sinto
8. ainda o tenho
9. na mão fechada.
10. Vintém de cobre:
11. dinheiro antigo.
12. Moeda escura,
13. recolhida, desusada.
14. Feia, triste, pesada.
15. Corenta. Vintém. Derréis.
16. Dinheiro curto, escasso.
17. Parco. Parcimonioso
18. de gente pobre,
19. da minha terra,
20. da minha casa,
21. da minha infância.
22. Vintém de cobre:
23. Economia. Poupança.
24. A casa pobre.
25. Mandrião de saias velhas.
26. Timão de restos de baeta.
27. Colchas de retalho desbotados.
28. Panos grosseiros, encardidos, remendados.
29. Vida sedentária.
30. Velhos preconceitos.
31. Orgulho e grandeza do passado.
32. Pé-de-meia sempre vazio.
33. E o sonho de ajuntar.
34. Melhorar de vida, prosperar,
35. num esforço inútil e tardio.
36. Corenta, vintém, derréis...
37. Eu ajuntando.
38. Mudando de caixinha, mudando de lugar.
39. Diziam, caçoando, as meninas da escola:
40. "- Muda de lugar que ele aumenta..."
41. Eu acreditava.
42. Guardava cinquinho a cinquinho
43. na esperança irrealizada
44. de inteirar quinhentos réis.
45. Fui criança do tempo do cinquinho,
46. do tempo do vintém.
47. Do antigo mandrião
48. de saias velhas da vovó.
49. De cobertas de retalho,
50. de panos grosseiros encardidos,
51. remendados.
52. De velhos preconceitos
53. -orgulho e grandeza do passado.
54. Opulência. Posição social.
55. Sesmarias. Escravatura.
56. Caixas de lavado.
57. Parentes emproados.
58. Brigadeiros. Comendadores,
59. visitando a Corte,
60. recebidos no Paço.
61. Decadência...
62. Tempos anacrônicos, superados.
63. Fui menina do tempo do vintém.
64. Do timão de restos de baeta.
65. Fiquei sempre no tempo do cinquinho.
66. No tempo dos adágios que os velhos
67. Sentenciavam
68. enfáticos e solenes:
69. "- Quem nasce pra derréis não chega a vintém".
70. Pessimismo recalçando
71. aquele que pensava evoluir.
72. "Vintém poupado, vintém ganhado."
73. Estatuto econômico. Mote gravado
74. no corpo de algumas emissões.
75. "Na pataca da miséria o diabo tem sempre um vintém."
76. Isto se dizia, quando moça pobre se perdia.
77. "Quem compra o extraordinário vê-se obrigado a vender o necessário."
78. Doía... impressionava.
79. Era a Sabedoria que falava.
80. E a gente sentia até uma lagrimazinha de remorso
81. no canto do olho.
82. E se via mesmo de trouxinha na cabeça,
83. andando de déu em déu,
84. perseguida dos credores.
85. A casinha penhorada.
86. Os trenzinhos dados à praça.
87. Tudo irrecuperado, perdido,
88. porque tinha comprado o extraordinário:
89. um vestido de chita cor-de-rosa
90. pintadinho de azul.
91. O tempo foi passando, foi levando:
92. minha bisavó, meu avô, minha mãe, minhas irmãs.
93. A velha casa.
94. Os velhos preconceitos

95. de cor, de classe, de família.
96. O tempo, velho tempo que passou,
97. nivelou muros e monturos.
98. Remarcou dentro de mim
99. a menina magricela, amarela,
100. inassimilada,
101. do tempo do cinquinho.

102. Eu tinha um timão de restos de baeta.
103. Eu tinha um mandrião de uma saia velha
104. de minha bisavó.
105. Vintém de cobre:

106. Ainda o vejo
107. ainda o sinto
108. ainda o tenho
109. na mão fechada.
110. Moeda triste,
111. escura, pesada,
112. da minha infância,
113. da casa pobre.

*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais,
p. 44 à 48, 21ª Edição, 2003*

3. ELES

1. Eles... vigilantes, censores.
2. Estranhos não ajudam, carregam pedras
3. Eles... sei de seu respeito filial.
4. Juízes mudos, singulares, severos,
5. no seu foro íntimo.
6. Impenetráveis. Os autos...
7. O julgamento constante em assembleias, reunidos ou não.
8. A falta de afinidades...
9. O choque, a vida intra-uterina,
10. eles, em formação, recebendo o rebato, bate que bate
11. de tanta luta inglória...
12. União frágil, desfeita espiritualmente, rota, rasgada, violentada

4. MOINHO DO TEMPO

1. Pé de meia sempre vazio.
2. Vazios os armários
3. seus mistérios desmentidos.

4. Fechaduras arrebitadas, arrancadas.
5. Velhas gavetas de antigas
6. mesas de austeras salas vazias.
7. Os lavrados que guardavam,
8. vendidos, empenhados
9. sem retorno.
10. As velhas gavetas
11. guardam sempre um refúgio de coisas
12. que se agarram às casas velhas e acabam mesmo nos monturos.
13. As velhas gavetas
14. têm um cheiro nojento de barata.

15. As arcas desmanteladas.
16. Os baús amassados.
17. Os abastos resumidos.
18. A fornalha apagada.
19. Economizado o pau de lenha.
20. Pelos cantos as aranhas
21. diligentes, pacientes, emaranham teias.
22. E a casa grande se apagando,
23. caindo lance a lance, seus muros de taipa.
24. E um gato miau, fedendo pelos cantos.
25. E a gente se apegava aos santos,
26. tão distantes...

27. Rezava. Rezava, pedia, prometia...
28. O tempo foi passando,
29. os santos, cansados, enfatiados
30. economizando os milagres do passado.
31. No fim os compradores de antiguidades
32. acabaram mesmo levando os oratórios
33. e os santos, que fossem de madeira,
34. dando lugar à TV, ao Rádio RCA Victor de sete faixas.

35. A gente era moça do passado.
36. Namorava de longe, vigiada.
37. Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
38. em autoridade, experiência, alto saber.
39. "Moça para casar não precisa namorar,
40. o que for seu virá".
41. Ai, meu Deus! e como custava chegar...
42. Virá! Virá!... Virá virá... quando?
43. E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,
44. E a roda-da-vida rodando... Virá-virá!
45. A gente ali, na estaca, amarrada, consumida
46. de Maria Borradeira, sem madrinha-fada,

47. sem sapatinho perdido,
48. sem arauto de príncipe-rei, a procurar
49. pelos reinos da cidade de Goiás
50. o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,
51. caído na correria da volta.

52. A igreja, refúgio e confessionário antigo.
53. O frade, velho e cansado. Frei Germano, piedoso,
54. exortando paciente e severo. "Minha filha, a virgindade
55. é um estado agradável aos olhos de Deus. Olha as santas virgens,
56. Santa Terezinha de Jesus, Santa Clara, Santa Cecília,
57. Santa Maria Mãe de Jesus. Deus dá uma proteção especial às virgens.
58. Reza três ave-marias e uma salve rainha a Nossa
59. Senhora e vai comungar".

60. A gente saía confortada, ouvia a missa,
61. cumpria a penitência e comungava humildemente, ajoelhada,
62. véu na cabeça em modéstia reforçada.
63. Depois,depois, a solidão de solteira, o sonho honesto [de um noivo,

64. o desejo de filhos,
65. presença de homem, casa da gente mesma, dona ser. [Um lar.

66. Estado de casada.

67. A pobreza em toda volta, a luta obscura
68. de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho,
69. fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de [engomar.

70. Aceso sempre o forno de barro.
71. As quitandas de salvação, carreando pelos taboleiros
72. Os abençoados vinténs, tão valedores, [indispensáveis.

73. Eram as costuras trabalhadas,
74. os desfiados, os crivos pacientes.
75. A reforma do velho, o aproveitamento dos retalhos.
76. Os bordados caprichados, os remendos instituídos,
77. os cerzidos pacientes...
78. Tudo economizado, aproveitado.
79. Tudo ajudava a pobreza daquela classe média, [coagida, forçada

80. a manter as aparências de decência, compostura, [preconceito,

81. sustentáculos da pobreza disfarçada.
82. Classe média do após treze de maio.
83. Geração ponte, eu fui, posso contar.

84. O poço d'água, a maravilhosa servidão da casa.

85. O poço d'água, a maravilhosa servidão da casa.
86. Toda a família na dependência do poço, da corda,
[do balde.
87. A água lá no fundo, cisterna, também chamada.
88. Um dia, dia incerto e já previsto o desastre, o
[transtorno.
89. Todos atingidos, impressionados, participantes,
90. da porta da rua ao fundo do quintal. Arreventou a
[corda do poço...
91. gasta e cansada, exausta da sua resistência.
92. Corda vigente, corda de arrocho, corda de enforcar,
93. lá se foi com seu pedaço, agarrada ao balde,
[descansar
94. no fundo profundo do poço.
95. A casa toda assanhada, informa: arreventou a corda
[do poço.
96. Vamos tentar a retirada de salvação geral.
97. Todos participantes, impressionados, coniventes na
[salvação
98. do balde, o resto da corda.
99. A vizinha de lado comparece por cima do muro,
[oferece seu balde,
100. dá palpites, solidária.
101. Uma longa vara, um gancho na ponta a vasculhar
102. o fundo escuro, um passeio lento e paciente.
[Assistência,
103. a torcida geral. Afinal, ponta e gancho enlaçam o
[que desceu
104. e sobe triunfante. Faz-se a emenda com perícia,
105. gente antiga, afeita a essa e outras emergências.
106. Cada qual aos seus interesses e, volta a casa
107. à rotina da vida do passado.
108. Tanta pobreza a contornar.
109. Tanto sonho irrealizado, tanto abandono.
110. Tanta água de sonho puxado do poço da
imaginação...
111. Valiam as velhas, seus adágios de sustentação:
112. conter e reprimir as jovens, dar-lhes esperanças,
113. ensinar-lhes a paciência, a vontade de Deus.
114. E a gente a querer abrir uma brecha naquela
[muralha
115. parda de pobreza e limitação.
116. Hoje sobrar para todos mil cruzeiros.
117. Me faltando sempre o vintém da infância. Bem por
[isso
118. mandei fazer um broche de um vintém de cobre
119.
120. e preguei no meu vestido do lado do coração.
121. Sentir a presença daquele vintém
122. pobre da minha infância, tão procurado, tão
[escasso!...
123. Sentir a metade daquela bolacha que repartia
[comigo
124. o carinho da minha bisavó, na sua pobreza mansa.
125. Estender de novo minhas pequenas mãos de
[criança
126. para as quitandas, broinhas, brevidades
127. e biscoitos que me dava tia Nhorita,
128. ela, se findando numa velhice tão bonita
129. como outra igual não vi.
130. Seu sorriso de Mona Lisa,
131. seu mistério de Gioconda.
132. Ter nos meus braços aquela boneca de loiça vinda
[de Paris,
133. de chapeuzinho, enfeite, sua flor minúscula, azul,
[lá da França.
134. Sapatinhos e meias, loira, olhos azuis e que
[dormia...
135. e que nunca foi minha.
136. Eu vivia aquela boneca, sonhava e ela sempre ali,
[inacessível,
137. na estática da vitrine envidraçada da loja de "Seu"
[Cincinnati.
138. Voltar à infância... Voltar ao paraíso perdido
139. de uma infância pobre que pedia tão pouco!
140. Menino Jesus, sorridente no oratório.
141. Uma bolinha azul nas mãos poderosas sustentando
[o mundo.
142. Ele, tão pequenino e frágil.
143. Tantos santinhos pobres me protegendo,
144. tantas velhas me ensinando as regras da vida...
145. Eu era cega, ceguinha, peticega, sem nada ver.
146. Mouca, surda,
147. surdinha, sem nada ouvir...
148. Chegar hoje a essa evocação dolorida e rude...

5. ANTIGUIDADES

1. Quando eu era menina
2. bem pequena,
3. em nossa casa,
4. certos dias da semana
5. se fazia um bolo,
6. assado na panela
7. com um testo de borrvalho em cima.

8. Era um bolo econômico,
9. como tudo, antigamente.
10. Pesado, grosso, pastoso.
11. (Por sinal que muito ruim).

12. Eu era menina em crescimento.
13. Gulosa,
14. abria os olhos para aquele bolo
15. que me parecia tão bom
16. e tão gostoso.

17. A gente mandona lá de casa
18. cortava aquele bolo
19. com importância.
20. Com atenção.
21. Seriamente.
22. Eu presente.
23. Com vontade de comer o bolo todo.
24. Era só olhos e boca e desejo
25. daquele bolo inteiro.

26. Minha irmã mais velha
27. governava. Regrava.
28. Me dava uma fatia,
29. tão fina, tão delgada...
30. E fatias iguais às outras manas.
31. E que ninguém pedisse mais!
32. E o bolo inteiro,
33. quase intangível,
34. se guardava bem guardado,
35. com cuidado,
36. num armário, alto, fechado,
37. impossível.

38. Era aquilo uma coisa de respeito.
39. Não pra ser comido
40. assim, sem mais nem menos.
41. Destinava-se às visitas da noite,
42. certas ou imprevistas.
43. Detestadas da meninada.

44. Criança, no meu tempo de criança,
45. não valia mesmo nada.

46. A gente grande da casa
47. usava e abusava
48. de pretensos direitos
49. de educação.

50. Por dá-cá-aquela-palha,
51. ralhos e beliscão.
52. Palmatória e chineladas
53. não faltavam.
54. Quando não,
55. sentada no canto de castigo
56. fazendo trancinhas,
57. amarrando abrolhos.
58. "Tomando propósito".
59. Expressão muito corrente e pedagógica.

60. Aquela gente antiga,
61. passada, era assim:
62. severa, ralhadeira.

63. Não poupava as crianças.
64. Mas, as visitas...
65. - Valha-me Deus!...
66. As visitas...
67. Como eram queridas,
68. recebidas, estimadas,
69. conceituadas, agradadas!

70. Era gente superenjoada.
71. Solene, empertigada.
72. De velhas conversas
73. que davam sono.
74. Antiguidades...

75. Até os nomes, que não se percam:
76. D. Alinha com Seu Quinquim.
77. D. Milécia, sempre às voltas
78. com receitas de bolo, assuntos
79. de licores e pudins.
80. D. Benedita com sua filha Lili.
81. D. Benedita - alta, magrinha.
82. Lili - baixota, gordinha.
83. Puxava de uma perna e fazia crochê.
84. E, diziam dela línguas viperinas:
85. "- Lili é a bengala de D. Benedita".
86. Mestra Quina, D. Luisalves,
87. Saninha de Bili, Sá Mônica.
88. Gente do Cônego Padre Pio.
89. D. Joaquina Amâncio...
90. Dessa então me lembro bem.
91. Era amiga do peito de minha bisavó.
92. Aparecia em nossa casa

93. quando o relógio dos frades
94. tinha já marcado 9 horas
95. e a corneta do quartel, tocado silêncio.
96. E só se ia quando o galo cantava.
97. O pessoal da casa,
98. como era de bom-tom,
99. se revezava fazendo sala.
100. Rendidos de sono,
101. davam o fora.
102. No fim, só ficava mesmo, firme,
103. minha bisavó.
104. D. Joaquina era uma velha
105. grossa, rombuda, aparatosa.
106. Esquisita.
107. Demorona.
108. Cega de um olho.
109. Gostava de flores e de vestido novo.
110. Tinha seu dinheiro de contado.
111. Grossas contas de ouro
112. no pescoço.
113. Anéis de dedos.
114. Bichas nas orelhas.
115. Pitava na palha.
116. Cheirava rapé.
117. E era de Paracatu.
118. O sobrinho que o acompanhava,
119. enquanto a tia conversava
120. dormia estirado
121. no banco da varanda.
122. Eu fazia força de ficar acordada
123. esperando a descida certa
124. do bolo
125. encerrado no armário alto.
126. E quando este aparecia
127. vencida pelo sono já dormia.
128. E sonhava com o imenso armário
129. cheio de grandes bolos
130. ao meu alcance.
131. De manhã cedo
132. quando acordava,
133. estremunhada,
134. com a boca amarga,
135. - ai de mim –
136. via com tristeza,
137. sobre a mesa:
138. xícaras sujas de café,
139. pontas queimadas de cigarro.
140. O prato vazio, onde esteve o bolo,
141. e um cheiro enjoado de rapé.

*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, p. 38 à
43, 21ª Edição, 2003*

6. ESTÓRIA DO APARELHO AZUL-POMBINHO

1. Minha bisavó - que Deus a tenha em bom lugar –
2. inspirada no passado
3. sempre tinha o que contar.
4. Velhas tradições. Casos de assombração.
5. Costumes antigos. Usanças de outros tempos.
6. Cenas da escravidão.
7. Cronologia superada
8. onde havia bangüês.
9. Mucamas e cadeirinhas.
10. Rodas e teares. Ouro em profusão,
11. posto a secar em couro de boi.
12. Crioulinho vigiando de vara na mão
13. pra galinha não ciscar.
14. Romanceiro. Estórias avoengas...
15. Por sinal que uma delas embalou minha infância.
16. Era a estória de um aparelho de jantar
17. que tinha sido encomendado de Goiás
18. através de uma rede de correspondentes
19. como era de norma, naquele tempo.
20. Encomenda levada numa carta
21. em nobre estilo amistoso-comercial.
22. Bem notada. Fechada com obreia preta.
23. Carta que foi entregue de mão própria
24. ao correspondente na Corte,
25. que tinha morada e loja de ferragem
26. na Rua do Sabão.
27. O considerado lusitano - metódico e pontual -,
28. a passou para Lisboa.
29. Lisboa passou para Luanda.
30. Luanda no usual
31. passou para Macau.
32. Macau se entendeu com mercadores chineses.
33. E um fabricante-loiceiro,
34. artesão de Cantão,
35. laborou o prodígio (no dizer de minha bisavó).
36. Um aparelho de jantar - 92 peças.
37. Enorme. Pesado, lendário.
38. Pintado, estoriado, versegado,
39. de loiça azul-pombinho.
40. Encomenda de um senhor cônego
41. de Goiás
42. para o casamento de seu sobrinho e afilhado
43. com uma filha de minha bisavó.
44. O cônego-tio e padrinho
45. pelo visto, relatado,
46. fazia gosto naquele matrimônio.
47. E o aparelho era para as bodas contratadas.
48. Um carro de boi –
49. 15 juntas, 30 bois –
50. bem fornido e rejuntado
51. para viagem longa,
52. partiu de Goiás, no século passado,
53. do meado, pouco mais.
54. Levava seis escravos escolhidos
55. e um feitor de confiança.
56. Mantimentos para a viagem.
57. E mais, oitavas de ouro,
58. disfarçadas no fundo de um berrante,
59. para os imprevistos da delonga.
60. E o antigo carro
61. por ano e meio quase
62. rodou, sulcou, cantou e levantou poeira
63. rechinando
64. por caminhos e atalhos,
65. vilas e cidades, campos, sarobais.
66. Atravessou rios em balsas.
67. Vadeou lameiros, tremedais.
68. Varou Goiás - fim de mundo.
69. Cortou o sertão de Minas.
70. O planalto de São Paulo.
71. Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes-da-índia
72. em Caçapava –
73. ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –
74. ali por volta de 1860 e tantos.
75. Durou essa viagem, ir e voltar,
76. dezesseis meses e vinte e dois dias.
77. As bodas em suspenso.
78. Enquanto se esperava, escravas de dentro
79. fiavam na roda e urdiam no tear.
80. Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,
81. sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,
82. desfiavam, bordavam, crivavam,
83. repolegavam
84. o bragal de minha avó.
85. Sinhazinha de catorze anos - fermosura.
86. Prendada. Faceira.
87. Muito certa na Doutrina.
88. Entendida do governo de uma casa
89. e analfabeta.
90. Diziam os antigos educadores: “- Mulher saber ler e
[escrever não é virtude”.

91. Afinal, muito esperado,
92. chegou a Goiás, sem novidades ou peça [quebrada,
93. o aparelho encomendado
94. através de uma rede de correspondentes.
95. Embarcado num veleiro,
96. no porto de Macau.
97. As bodas marcadas
98. se fizeram com aparato.
99. Fartas comezainas.
100. Vinho de Espinho - Portugal –
101. da parte do correspondente.
102. Aparelhos de loiça da China.
103. Faqueiros e salvas de prata.
104. Compoteiras e copos de cristal.
105. Na sobremesa, minha bisavó exultava...
106. Figurava uma pinha de ilusão.
107. Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado,
108. cheios de confeitos de ouro em filigrana.
109. Mímo aos convidados graduados:
110. Governador da Província.
111. Cônegos, Monsenhores, Padres-Mestres,
112. Capitão-mor.
113. Brigadeiros. Comendadores.
114. Juízes e Provedores.
115. Muita pompa e toda parentela.
116. Por amor e grandeza desse fasto
117. - casamento da sinhazinha Honória
118. com o sinhô-moço Joaquim Luís –
119. dois velhos escravos, já pintando,
120. receberam chorando
121. suas cartas de alforria.
122. Ficou mais, assentado e prometido
123. em palavra de rei testemunhado,
124. que o crioulinho
125. que viesse ao mundo
126. com o primogênito do casal
127. seria forro sem tardança na pia batismal.
128. E se criaria em regalia
129. com o senhorzinho,
130. nato fosse ele, em hora e dia.
131. Um rebento do casal veio ao mundo
132. no fim de nove meses.
133. E na senzala do quintal
134. nascia de uma escrava
135. um crioulinho.
136. Conforme o prometido – libertado
137. alforriado
138. na pia batismal. (Na pia batismal, era, naquele tempo,
139. forma legal e usual de se alforriar um escravo.)
140. Toda essa estória
141. por via de um aparelho de loiça da China,
142. destinado a Goiás.
143. Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.
144. Embarcado num veleiro
145. no porto de Macau.
146. Cartas com obreias.
147. Correspondentes antigos.
148. Cartuchos de confeitos de ouro.
149. Alforria de escravos.
150. Bodas de meu avô.
151. Bragal de minha avó.
152. Roda e tear, marafundas e repolegos.
153. Coisas do passado...
154. E - dizia minha bisavó –
155. tudo se deu como o contado.

7. O PRATO AZUL-POMBINHO

1. Minha bisavó - que Deus a tenha em glória –
2. sempre contava e recontava
3. em sentidas recordações
4. de outros tempos
5. a estória de saudade
6. daquele prato azul-pombinho.

7. Era uma estória minuciosa.
8. Comprida, detalhada.
9. Sentimental.
10. Puxada em suspiros saudosistas
11. e ais presentes.
12. E terminava, invariavelmente,
13. depois do caso esmiuçado:
14. “- Nem gosto de lembrar disso...”
15. É que a estória se prendia
16. aos tempos idos em que vivia
17. minha bisavó
18. que fizera deles seu presente e seu futuro.

19. Voltando ao prato azul-pombinho
20. que conheci quando menina
21. e que deixou em mim
22. lembrança imperecível.
23. Era um prato sozinho,
24. último remanescente, sobrevivente,
25. sobra mesmo, de uma coleção,
26. de um aparelho antigo
27. de 92 peças.
28. Isto contava com emoção, minha bisavó,
29. que Deus haja.

30. Era um prato original,
31. muito grande, fora de tamanho,
32. um tanto oval.
33. Prato de centro, de antigas mesas senhoriais
34. de família numerosa.
35. De fastos de casamento e dias de batizado.

36. Pesado. Com duas asas por onde segurar.
37. Prato de bom-bocado e de mãos-bentas.
38. De fios de ovos.
39. De receita dobrada de grandes pudins,
40. recendendo a cravo, nadando em calda.
41. Era, na verdade, um enlevo.
42. Tinha seus desenhos

43. em miniaturas delicadas.
44. Todo azul-forte,
45. em fundo claro
46. num meio-relevo.
47. Galhadas de árvores e flores,
48. estilizadas.
49. Um templo enfeitado de lanternas.
50. Figuras rotundas de entremez.
51. Uma ilha. Um quiosque rendilhado.
52. Um braço de mar.
53. Um pagode e um palácio chinês.
54. Uma ponte.
55. Um barco com sua coberta de seda.
56. Pombos sobrevoando.

57. Minha bisavó
58. traduzia com sentimento sem igual,
59. a lenda oriental
60. estampada no fundo daquele prato.
61. Eu era toda ouvidos.
62. Ouvia com os olhos, com o nariz, com a boca,
63. com todos os sentidos,
64. aquela estória da Princesinha Lui,
65. lá da China - muito longe de Goiás –
66. que tinha fugido do palácio, um dia,
67. com um plebeu do seu agrado
68. e se refugiado num quiosque muito lindo
69. com aquele a quem queria,
70. enquanto o velho mandarim -seu pai –
71. concertava, com outro mandarim de nobre casta,
72. detalhes complicados e cerimoniosos
73. do seu casamento com um príncipe todo-
74. poderoso,
75. chamado Li.

75. Então, o velho mandarim,
76. que aparecia também no prato,
77. de rabicho e de quimono,
78. com gestos de espavento e cercado de aparato,
79. decretou que os criados do palácio
80. incendiassem o quiosque
81. onde se encontravam os fugitivos namorados.

82. E lá estavam no fundo do prato
83. - oh, encanto da minha meninice! -
84. pintadinhos de azul,
85. uns atrás dos outros - atravessando a ponte,

86. com seus chapeuzinhos de bateia
87. e suas japoninhas largas,
88. cinco miniaturas de chinês.
89. Cada qual com sua tocha acesa
90. - na pintura –
91. para pôr fogo no quiosque
92. - da pintura.
93. Mas ao largo do mar alto
94. balouçava um barco altivo
95. com sua coberta de prata,
96. levando longe o casal fugitivo.
97. Havia, como já disse,
98. pombos esvoaçando.
99. E um deles levava, numa argolinha do pé,
100. mensagem da boa ama,
101. dando aviso a sua princesa e dama,
102. da vingança do velho mandarim.
103. Os namorados então,
104. na calada da noite,
105. passaram sorrateiros para o barco
106. driblando o velho, como se diz hoje.
107. E era aquele barco que balouçava
108. no mar alto da velha China,
109. no fundo do prato.
110. Eu era curiosa para saber o final da estória.
111. Mas o resto, por muito que pedisse,
112. não contava minha bisavó.
113. Dali para a frente a estória era omissa.
114. Dizia ela - que o resto não estava no prato
115. nem constava do relato.
116. Do resto, ela não sabia.
117. E dava o ponto final recomendado.
118. “- Cuidado com esse prato!
119. É o último de 92”.
120. Devo dizer - esclarecendo,
121. esses 92 não foram do meu tempo.
122. Explicava minha bisavó
123. que os outros - quebrados, sumidos,
124. talvez roubados –
125. traziam outros recados, outras legendas,
126. prebendas de um tal Confúcio
127. e baladas de um vate
128. chamado Hipeng.
129. Do meu tempo só foi mesmo
130. aquele último
131. que, em raros dias de cerimônia
132. ou festas do Divino,
133. figurava na mesa em grande pompa,
134. carregado de doces secos, variados,
135. muito finos,
136. encimados por uma coroa
137. alvacentas e macias
138. de cocadas-de-fita.
139. Às vezes, ia de empréstimo
140. à casa da boa tia Nhorita.
141. E era certo no centro da mesa
142. de aniversário, com sua montanha
143. de empadas, bem tostadas.
144. No dia seguinte, voltava,
145. conduzido por um portador
146. que era sempre o Abdênago, preto de valor,
147. de alta e mútua confiança.
148. Voltava com muito-obrigados
149. e, melhor – cheinho
150. de doces e salgados.
151. Tomava a relíquia para o relicário
152. que no caso era um grande e velho armário,
153. alto e bem fechado.
154. -"Cuidado com o prato azul-pombinho" –
155. dizia minha bisavó,
156. cada vez que o punha de lado.
157. Um dia, por azar,
158. sem se saber, sem se esperar,
159. artes do salta-caminho,
160. partes do capeta,
161. fora de seu lugar, apareceu quebrado,
162. feito em pedaços - sim senhor –
163. o prato azul-pombinho.
164. Foi um espanto. Um torvelinho.
165. Exclamações. Histeria coletiva.
166. Um deus-nos-acuda. Um rebuliço.
167. Quem foi, quem não foi?...
168. O pessoal da casa se assanhava.
169. Cada qual jurava por si.

170. Achava seus bons álibis.
 171. Punia pelos outros.
 172. Se defendia com energia.
 173. Minha bisavó teve "aquela coisa".
 174. (Ela sempre tinha "aquela coisa" em casos tais).
 175. Sobreveio o flato.
 176. Arrotando alto, por fim, até chorou...
177. Eu (emocionada), vendo o pranto de minha
 bisavó,
 178. lembrando só
 179. da princesinha Lui –
 180. que já tinha passado a viver no meu inconsciente
 181. como ser presente,
 182. comecei a chorar
 183. - que chorona sempre fui.
184. Foi o bastante para ser apontada e acusada
 185. de ter quebrado o prato.
 186. Chorei mais alto, na maior tristeza,
 187. comprometendo qualquer tentativa de defesa.
 188. De nada valeu minha fraca negativa.
 189. Fez-se o levantamento de minha vida pregressa
 190. de menina
 191. e a revisão de uns tantos processos arquivados.
 192. Tinha já quebrado -em tempos alternados,
 193. três pratos, uma compoteira de estimação,
 194. uma tigela, vários pires e a tampa de uma
 [terrina.
195. Meus antecedentes, até,
 196. não eram muito bons.
 197. Com relação a coisas quebradas
 198. nada me abonava.
 199. E o processo se fez, pois, à revelia da ré,
 200. e com esta agravante:
 201. tinha colado no meu ser magricela, de
 [menina,
202. vários vocativos
 203. adesivos, pejorativos:
 204. inzoneira, buliçosa e malina.
 205. Por indução e conclusão,
206. era eu mesma que tinha quebrado o prato azul-
 [pombinho.
207. Reuniu-se o conselho de família
 208. e veio a condenação à moda do tempo:
 209. uma boa tunda de chineladas.
 210.
 211. Aí ponderou minha bisavó
 212. umas tantas atenuantes a meu favor.
 213. E o castigo foi comutado
 214. para outro, bem lembrado, que melhor servisse a
 [todos
215. de escarmento e de lição:
 216. trazer no pescoço por tempo indeterminado,
 217. amarrado de um cordão,
 218. um caco do prato quebrado.
219. O dito, melhor feito.
 220. Logo se torceu no fuso
 221. um cordão de novelão.
 222. Encerado foi. Amarrou-se a ele um caco, de bom
 [jeito,
223. em forma de meia-lua.
 224. E a modo de colar, foi posto em seu lugar,
 225. isto é, no meu pescoço.
 226. Ainda mais
 227. agravada a penalidade:
 228. proibição de chegar na porta da rua.
 229. Era assim, antigamente.
230. Dizia-se aquele, um castigo atinente,
 231. de ótima procedência. Boa coerência.
 232. Exemplar e de alta moral.
233. Chorei sozinha minhas mágoas de criança.
 234. Depois, me acostumei com aquilo.
 235. No fim, até brincava com o caco pendurado.
 236. E foi assim que guardei
 237. no armarinho da memória, bem guardado,
 238. e posso contar aos meus leitores,
 239. diretinho,
 240. a estória, tão singela,
 241. do prato azul-pombinho.

8. DO BECO DA VILA RICA

1. No beco da Vila Rica
2. tem sempre uma galinha morta.
3. Preta, amarela, pintada ou carijó.
4. Que importa?
5. Tem sempre uma galinha morta, de verdade.
6. Espetacular, fedorenta.
7. Apodrecendo ao deus-dará.

8. No beco da Vila Rica,
9. ontem, hoje, amanhã,
10. no século que vem,
11. no milênio que vai chegar,
12. terá sempre uma galinha morta, de verdade.
13. Escandalosa, malcheirosa.
14. Às vezes, subsidiariamente, também tem
15. - um gato morto.

16. No beco da Vila Rica tem
17. velhos monturos,
18. coletivos, consolidados,
19. onde crescem boninas perfumadas.
20. Beco da Vila Rica...
21. Baliza da cidade,
22. do tempo do ouro.
23. Da era dos "polistas",
24. de botas, trabuco, gibão de couro.

25. Dos escravos de sunga de tear, camisa de baeta,
26. pulando o muro dos quintais,
27. correndo pra o jeguedê e o batuque.

28. A estória da Vila Rica
29. é a estória da cidade mal contada,
30. em regras mal traçadas.
31. Vem do século dezoito,
32. vai para o ano dois mil.
33. Vila Rica não é sonho, inventação,
34. imaginária, retórica, abstrata, convencional.

35. É real, positiva, concreta e simbólica.
36. Involuída, estática.
37. Conservada, conservadora.
38. E catinguda.

39. Velhos portões fechados.
40. Muros sem regra, sem prumo nem aprumo.
41. (Reentra, salienta, cai, não cai,
42. entorta, endireita,
43. embarriga, reboja, corcoveia...
44. Cai não.
45. Tem sapatas de pedras garantindo.)

46. Vivem perrengando
47. de velhas velhices crônicas.
48. Pertencem a velhas donas
49. que não se esquecem de retelhar
50. de vez em quando.
51. E esconjuram quando se fala
52. em vender o fundo do quintal,
53. fazer casa nova, melhorar.
54. E quando as velhas donas morrem centenárias
55. os descendentes também já são velhinhos.
56. Herdeiros da tradição
57. - muros retelhados. Portões fechados.

58. Na velhice dos muros de Goiás
59. o tempo planta avencas.

60. Monturo:
61. Espólio da economia da cidade.
62. Badulaques:
63. Sapatos velhos. Velhas bacias.
64. Velhos potes, panelas, balaies, gamelas,
65. e outras furadas serventias
66. vêm dar ali.

67. Não há nada que dure mais do que um sapato
[velho
68. jogado fora.
69. Fica sempre carcomido,
70. ressecado, embodocado,
71. saliente por cima dos monturos.
72. Quanto tempo!
73. Que de chuva, que de sol,
74. que de esforço, constante, invisível,
75. material, atuante,
76. silencioso, dia e noite,
77. precisará de um calçado, no lixo,
78. para se decompor absolutamente,
79. se desintegrar quimicamente
80. em transformações de humo criador?...

81. Às vezes, um vadio,
82. malvado ou caridoso,
83. põe fogo no monturo.
84. Fogo vagaroso, rastejante.
85. Marcado pela fumaceira conhecida.
86. Fumaça de monturo:
87. Agressiva. Ardida.
88. Cheiro de alergia.
89. Nervosia, dor de cabeça.
90. Enjôo de estômago.
91. Monturo:

92. tem coisa impossível de queimar,
93. vai ardendo devagar,
94. no rasto da cinza, na mortalha da fumaça.
95. Monturo...
96. Faz lembrar a Bíblia:
97. Jó, raspando suas úlceras.
98. Jó, ouvindo a exortação dos amigos.
99. Jó, clamando e reclamando do seu Deus.
100. As mulheres de Jó,
101. as filhas de Jó,
102. gandaiam coisinhas, pobrezas,
103. nos monturos do beco da Vila Rica.
104. Eu era menina pobrezinha,
105. como tantas do meu tempo.
106. Me enfeitava de colares,
107. de grinaldas,
108. de pulseiras,
109. das boninas dos monturos.
110. Vila Rica da minha infância,
111. Do fundo dos quintais...
112. Sentinelas imutáveis dos becos, os portões.
113. Rígidos. Velhíssimos. Carunchados.
114. Trancados a chave.
115. Escorados por dentro.
116. Chavões enormes (turistas morrem por eles).
117. Fechaduras de broca, pesadas, quadradas.
118. Lingüeta desconforme, desusada.
119. Portões que se abriam,
120. antigamente,
121. em tardes de folga,
122. com licença dos mais velhos.
123. Aonde a gente ia - combinada com a vizinha,
124. conversar, espairar... passar a tarde...
125. Tarde divertida, de primeiro, em Goiás,
126. passada no beco da Vila Rica,
127. - a dos monturos bíblicos.
128. Dos portões fechados.
129. De mosquitos mil. Muriçocas. Borrachudos.
130. E o lixo pobre da cidade,
131. extravasando dos quintais.
132. E aquela cheiração ardida.
133. E a ervinha anônima,
134. sempre a mesma,
135. estendendo seu tapete
136. por toda a Vila Rica.
137. Coisinha rasteirinha, sem valia.
138. Pisada, cativa, maltratada.
139. Vigorosa.
140. Casco de burro de lenha.
141. Pisadas de quem sobe e desce.
142. Daninheza de menino vadio
143. nunca dão atraso a fedegoso,
144. federação, manjirôba, caruru-de-espinho,
145. guanxuma, são-caetano.
146. Resistência vegetal... Plantas que vieram donde?
147. Do princípio de todos os princípios.
148. Nascem à toa. Vingam conviventes.
149. Enfloram, sem amparo nem reparo de niunguém.
150. E só morrem depois de cumprida a obrigação:
151. amadurecer... sementear,
152. garantir sobrevivência.
153. E flores... migalhas de pétalas, de cores.
154. Amarelas, brancas, roxas, solferinas.
155. Umás tais de andaca... boninas...
156. Flor de brinquedo de menina antiga.
157. Flor de beco, flor de pouco caso.
158. Vagabundas, desprezadas.
159. Becos da minha terra...
160. Válvulas coronárias da minha velha cidade.
161. Além do mais, Vila Rica tem um cano horroroso.
162. Começa no começo.
163. Abre ali sua bocarra de lobo
164. e vai até o Rio Vermelho.
165. Coitado do Rio Vermelho!...
166. O cano é um prodígio de sabedoria,
167. engenharia, urbanismo colonial,
168. do tempo do ouro.
169. Conservado e confirmado.
170. Utilíssimo ainda hoje.
171. Recebe e transfere.
172. Às vezes caem lajes da coberta.
173. A gente corre os olhos sem querer.
174. Meninos debruçam para ver melhor
175. o que há lá dentro.
176. É horroroso o cano no seu arrastar de espurcícias,
177. vagaroso.
178. Deus afinal se amerceia de Vila Rica
179. e um dia manda chuvas.
180. Chuvas pesadas, grossas, poderosas.
181. Dilúvio delas. Chuvas goianas.
182. A enxurrada da Rua da Abadia lava o cano.
183. O fiscal manda repor as lajes.
184. E a vida da cidade continua,
185. tão tranqüila, sem transtornos.
186. Diz a crônica viva de Vila Boa
187. que, debaixo do cano da Vila Rica,
188. passa um filão de ouro.
189. Vem da Rua Monsenhor Azevedo.
190. Rico filão. Grosso filão.
191. Veia pura, confirmada.
192. Atravessa o beco - daí o nome de Vila Rica.

193. E vai engolido pelo Rio Vermelho.
194. Para defender esse veciro
195. e dirimir contendas no passado
196. que deram causa a mortes, brigas, danos e
[facadas,
197. o Senhor Ouvidor de Vila Boa,
198. por bem entender e ser de sua alçada,
199. mandou por cima do filão de ouro
200. estender o cano.
201. Medida salomônica e salutar.
202. Bem por isso um ilustre causídico,
203. de sobrado beiradão colonial,
204. costuma recolher num vidro de boca larga
205. palhetas de ouro,
206. encontradas na moela das galinhas do quintal.
207. Além de tudo,
208. Goiás tinha seus costumes familiares.
209. Normas sociais interessantes
210. conservadas através de gerações.
211. Hábitos familiares que se diluíram com o tempo,
212. ligados aos becos e aos portões.
213. Família amiga de alta consideração
214. e pouca intimidade.
215. De grande conceito e rígida etiqueta,
216. certo dia,
217. mandava na casa amiga portador de confiança:
218. Sá Liduvina, negra forra.
219. Gente da casa, integrada na família.
220. Viu nascer Ioiô.
221. Viu nascer Iaiá.
222. Viu nascer filhos de Ioiô.
223. Viu nascer filhos de Iaiá...
224. Madrinha, de carregar, de um bando de meninos
225. Contas redondas de ouro no pescoço.
226. Brinco de cabacinha nas orelhas.
227. Conceição maciça, pendurada.
228. Bentinhos escondidos no seio.
229. Saia escura, rodada, se arrastando.
230. Paletó branco de morim, muito engomado.
231. Chinelas cara-de-gato, nos pés,
232. largos, pranchados, reumáticos.
233. Bate na porta do meio...
234. - "Dá licença, Nhãnhã?... " - "Vai entrando..."
235. - "Suscrito..." - "Entrega as flores.
236. - "Nhã, D. Breginata mandou essas fulô
237. do quintar dela,
238. mandou fala
239. se vassuncê cunsente qui Nhanhá Sinhaninha
240. vai passá o dia santo damenhã
241. cum Sinhá Lili..."
242. - "Que vassuncê num sincomode.
243. Que au de noite, au depois da purcissão
244. ela vem trazê..."
245. - "É pra passá o dia inteirinho....
246. Inhá Lili mandou pidi ".
247. Lá dentro, consultas demoradas,
248. Depois: - "Sim... Pois não...
249. Sinhazinha vai com muito gosto.
250. Fala pra D. Breginata pra abri o portão
251. que Sinhazinha vai ao depois da missa da
[madrugada".
252. Estas e outras visitas se faziam
253. passando pelo portão.
254. Andar pelas ruas. Atravessar pontes e largos,
255. as moças daquele tempo eram muito acanhadas.
256. Tinham vergonha de ser vistas de "todo o
[mundo"...
257. "Todo o mundo..."
258. Expressão pejorativa muito expressiva.
259. Muito goiana. Muito Brasil
260. colonial, imperial, republicano.
261. Era comum portador com este recado:
262. - "Vai lá na prima Iaiá, fala pra ela
263. mandar abrir o portão, depois do almoço,
264. que vou fazer visita pra ela..."
265. Costume estabelecido:
266. Levar buquê de flores.
267. Dar lembrança, dar recado.
268. Visitas com aviso prévio.
269. Mulheres entrarem pelo portão.
270. Saírem pelo portão.
271. Darem voltas, passarem por detrás.
272. Evitarem as ruas do centro,
273. serem vistas de todo o mundo.
274. Em colaboração com tais hábitos havia o xaile.
275. Indumentária lusitana,
276. incorporada ao estatuto da família.
277. Xaile escuro, de preferência.
278. Liso, florado, barrado, de listras.
279. Quadrado. Franjas torcidas. Tecido fofo de lã.
280. De casimira, de sarja, baetilha, seda,
281. lã e seda, alpaca, baeta.
282. Dobrado em triângulo. Passado pela cabeça.
283. Bico puxado na testa.
284. Pontas certas, caídas na cacunda.
285. Pontas cruzadas na frente,
286. enrolando, dissimulando o busto, as formas,

287. a idade, a mulher.
288. Durante um século prevaleceu o xaile.
289. Substituíu o mantéu e o bioco.
290. Contava minha bisavó, do primeiro xaile
291. - novidade - aparecido em Goiás e bem aceito.
292. Depois, não havia loja que não tivesse xaile.
293. Xaile preto. Xaile branco.
294. Azul-escuro, avinhado, havana, cinzento.
295. Xaile verde.
296. Era ótimo presente de aniversário.
297. Muito estimado e de longa duração.
298. Ajudava o velho estatuto
299. das mulheres se resguardarem,
300. embuçadas, disfarçadas.
301. Olharem na tabuleta.
302. Entrarem pelo portão.
303. Passarem por detrás.
304. Justificando o antigo brocardo português:
305. "Mulheres, querem-nas resguardadas e a sete
[chaves...]"
306. A moça, quando casava, já sabia:
307. levava no enxoval um xaile,
308. de preferência escuro.
309. E quando a cegonha dava sinal,
310. era de decência e compostura
311. - bata ancha. Anágua de baeta.
312. Saia comprida se arrastando,
313. e ritual - o xaile,
314. embonando tudo.
315. E o primeiro agasalho do nascituro
316. era um xaile encarnado de baeta.
317. Felpas vermelhas de baeta, arrancadas do couro,
318. molhadas no cuspo, coladas na testa,
319. era porrete pra soluço.
320. Não havia espasmo de criança
321. que resistisse à velha pajelança.

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, p. 96 à 107, 21ª Edição, 2003

9. CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ?

1. Sou mulher como outra qualquer.
2. Venho do século passado
3. e trago comigo todas as idades.

4. Nasci numa rebaixa de serra
5. entre serras e morros.
6. "Longe de todos os lugares".
7. Numa cidade de onde levaram
8. o ouro e deixaram as pedras.

9. Junto a estas decorreram
10. a minha infância e adolescência.

11. Aos meus anseios respondiam
12. as escarpas agrestes.
13. E eu fechada dentro
14. da imensa serra
15. que se azulava na distância
16. longínqua.

17. Numa ânsia de vida eu abria
18. o vôo nas asas impossíveis
19. do sonho.

20. Venho do século passado.
21. Pertencço a uma geração
22. ponte, entre a libertação
23. dos escravos e o trabalhador livre.
24. Entre a monarquia
25. caída e a república
26. que se instalava.

27. Todo o ranço do passado era
28. presente.
29. A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.
30. Os castigos corporais.
31. Nas casas. Nas escolas.
32. Nos quartéis e nas roças.
33. A criança não tinha vez,
34. os adultos eram sádicos
35. aplicavam castigos humilhantes.

36. Tive uma velha mestra que já
37. havia ensinado uma geração
38. antes da minha.
39. Os métodos de ensino eram
40. antiquados e aprendi as letras
41. em livros superados de que
42. ninguém mais fala.

43. Nunca os Algarismos me
44. entraram no entendimento.
45. De certo pela pobreza que marcaria
46. para sempre minha vida.
47. Precisei pouco dos números.

48. Sendo eu mais doméstica do
49. que intelectual,
50. não escrevo jamais de forma
51. consciente e raciocinada, e sim
52. impelida por um impulso incontrolável.
53. Sendo assim, tenho a
54. consciência de ser autêntica.

55. Nasci para escrever, mas o meio,
56. o tempo, as criaturas e fatores
57. outros contramarcaram minha vida.

58. Sou mais doceira e cozinheira
59. do que escritora, sendo a culinária
60. a mais nobre de todas as Artes:
61. objetiva, concreta, jamais abstrata
62. a que está ligada à vida e
63. à saúde humana.

64. Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.
65. Sempre houve na família, senão uma
66. hostilidade, pelo menos uma reserva determinada
67. a essa minha tendência inata.
68. Talvez, por tudo isso e muito mais,
69. sinta dentro de mim, no fundo dos meus
70. reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.
71. Sobrevivi, me recompondo aos
72. bocados, à dura compreensão dos
73. rígidos preconceitos do passado.

74. Preconceitos de classe.
75. Preconceitos de cor e de família.
76. Preconceitos econômicos.
77. Férreos preconceitos sociais.

78. A escola da vida me suplementou
79. as deficiências da escola primária
80. que outras o Destino não me deu.

81. Foi assim que cheguei a este livro
82. sem referências a mencionar.

83. Nenhum primeiro prêmio.
84. Nenhum segundo lugar.

85. Nem Menção Honrosa.

86. Nenhuma Láurea.
87. Apenas a autenticidade da minha
88. poesia arrancada aos pedaços
89. do fundo da minha sensibilidade,
90. e este anseio:
91. procuro superar todos os dias.
92. Minha própria personalidade
93. renovada,
94. despedaçando dentro de mim

95. tudo que é velho e morto.
96. Luta, a palavra vibrante
97. que levanta os fracos
98. e determina os fortes.
99. Quem sentirá a Vida
100. destas páginas...
101. Gerações que hão de vir
102. de gerações que vão nascer.

Meu livro de cordel, p.81 à p. 85, 10.ª Edição, 2002

10. MINHA INFANCIA (Freudiana)

1. Éramos quatro as filhas de minha mãe.
2. Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
3. Duas me precederam - eram lindas, mimadas.
4. Devia ser a última, no entanto,
5. veio outra que ficou sendo a caçula.

6. Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
7. logo após morria.
8. Cresci filha sem pai,
9. secundária na turma das irmãs.

10. Eu era triste, nervosa e feia.
11. Amarela, de rosto empalamado.
12. De pernas moles, caindo à toa.
13. Os que assim me viam - diziam:
14. "- Essa menina é o retrato vivo
15. do velho pai doente".

16. Tinha medo das estórias
17. que ouvia, então, contar:
18. assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.
19. Almas penadas do outro mundo e do capeta.
20. Tinha as pernas moles
21. os joelhos sempre machucados,
22. feridos, esfolados.
23. De tanto que caía.
24. Caía à toa.

25. Caía nos degraus.
26. Caía no lajedo do terreiro.
27. Chorava, importunava.
28. De dentro a casa comandava:
29. "- Levanta, moleirona".

30. Minhas pernas moles desajudavam.
31. Gritava, gemia.
32. De dentro a casa respondia:
33. "- Levanta, pandorga".

34. Caía à toa...
35. nos degraus da escada,
36. no lajedo do terreiro.
37. Chorava. Chamava. Reclamava.
38. De dentro a casa se impacientava:
39. "- Levanta, perna-mole..."

40. E a moleirona, pandorga, perna-mole
41. se levantava com seu próprio esforço.
42. Meus brinquedos...
43. Coquilhos de palmeira.
44. Bonecas de pano.
45. Caquinhos de louça.

46. Cavalinhos de forquilha.
47. Viagens infundáveis...
48. Meu mundo imaginário
49. mesclado à realidade.

50. E a casa me cortava: "menina inzoneira!"
51. Companhia indesejável - sempre pronta
52. a sair com minhas irmãs,
53. era de ver as arrelias
54. e as tramas que faziam
55. para saírem juntas
56. e me deixarem sozinha,
57. sempre em casa.

58. A rua... a rua!...
59. (Atração lúdica, anseio vivo da criança,
60. mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)
61. - proibida às meninas do meu tempo.
62. Rígidos preconceitos familiares,
63. normas abusivas de educação
64. - emparedavam.

65. A rua. A ponte. Gente que passava,
66. o rio mesmo, correndo debaixo da janela,
67. eu via por um vidro quebrado, da vidraça
68. empanada.

69. Na quietude sepulcral da casa,
70. era proibida, incomodava, a fala alta,
71. a risada franca, o grito espontâneo,
72. a turbulência ativa das crianças.

73. Contenção... motivação... Comportamento estreito,
74. limitando, estreitando exuberâncias,
75. pisando sensibilidades.
76. A gesta dentro de mim...
77. Um mundo heróico, sublimado,
78. superposto, insuspeitado,
79. misturado à realidade.

80. E a casa alheada; sem pressentir a gestação,
81. acrimoniosa repisava:
82. "- Menina inzoneira!"
83. O sinapismo do ablativo
84. queimava.

85. Intimidada, diminuída. Incompreendida.
86. Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
87. Repercussões ferinas, humilhantes.
88. E o medo de falar...
89. E a certeza de estar sempre errando...
90. Aprender a ficar calada.

91. Menina abobada, ouvindo sem responder.
92. Daí, no fim da minha vida,
93. esta cinza que me cobre...
94. Este desejo obscuro, amargo, anárquico
95. de me esconder,
96. mudar o ser, não ser,
97. sumir, desaparecer,
98. e reaparecer
99. numa anônima criatura
100. sem compromisso de classe, de família.
101. Eu era triste, nervosa e feia.
102. Chorona.
103. Amarela de rosto empalamado,
104. de pernas moles, caindo à toa.
105. Um velho tio que assim me via
106. dizia:
107. "- Esta filha de minha sobrinha é idiota.
108. Melhor fora não ter nascido!"
109. Melhor fora não ter nascido...
110. Feia, medrosa e triste.
111. Criada à moda antiga,
112. - ralhos e castigos.
113. Espezinha, domada.
114. Que trabalho imenso dei à casa
115. para me torcer, retorcer,
116. medir e desmedir.
117. E me fazer tão outra,
118. diferente,
119. do que eu deveria ser.
120. Triste, nervosa e feia.
121. Amarela de rosto empapuçado.
122. De pernas moles, caindo à toa.
123. Retrato vivo de um velho doente.
124. Indesejável entre as irmãs.
125. Sem carinho de Mãe.
126. Sem proteção de Pai...
127. - melhor fora não ter nascido.
128. E nunca realizei nada na vida.
129. Sempre a inferioridade me tolheu.
130. E foi assim, sem luta, que me acomodei
131. na mediocridade de meu destino.

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, p. 168 à 173, 21ª Edição, 2003

11. MENINA MAL-AMADA

1. Fui levada à escola mal completados cinco anos.
2. Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado,
3. menina abobada, rejeitada.
4. Ao nascer frustrei as esperanças de minha mãe.
5. Ela tinha já duas filhas, do primeiro e do segundo casamento com meu Pai.
6. Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu Pai.
7. Desenganado pelos médicos.
8. Era justo seu desejo de um filho homem
9. e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada
10. com minha figura molenga, fontinelas abertas em todo crânio.
11. Retrato vivo do velho doente, diziam todos.
12. Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.
13. Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe.
14. Valeu e muito minha madrinha de carregar - Mãe Didi.
15. Minha vida ao me arrastar pelo chão depois de vários trambolhões
16. na escada, galo na testa, gritaria e algumas palmadas, da bica d ' água
17. passava para a cozinha em volta da Lizarda, criada da casa, como se dizia.
18. Cozinha, dona dos torresmos que ela me dava e que me causavam
19. constantes diarreias e vômitos. Enquanto ia crescendo, lá pelo terreiro,
20. suja, desnuda, sem carinho e descuidada, sempre aos trambolhões
21. com minhas pernas moles.
22. Ganhei até mesmo um apelido entre outros, perna mole, pandorga,
23. chorona, manhosa.
24. Na cozinha, Siá Lizarda explorava meus préstimos.
25. Me punha a escolher marinhoiros do arroz, e esse era beneficiado
26. nos monjolos das fazendas e traziam, além da marinhagem,
27. pedrinhas trituradas que davam trabalho lento de separar.
28. Também o feijão, embora mais fácil.
29. Eram meus préstimos em promessas de torresmos com farinha.
30. Mãe, lá em cima, não tomava conhecimento desses detalhes.

32. Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.
33. Escola difícil. Dificuldade de aprender.
34. Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente.
35. Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
36. Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...
37. Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.
38. Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
39. para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
40. Ele nomeado, Juiz de Direito.
41. Vamos ver, agora, como faz a Coralina...
42. Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,
43. alto lá! Francesa.
44. Passei a ser detraquê, devo dizer, isto na família.
45. A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.
46. Somente minha bisavó e tia Nhorita.
47. Vou contando.

48. Minha mãe, muito viúva, isolava-se no seu mundo de frustrações,
49. ligada matematicamente à caçula do seu terceiro casamento.

50. Eu, perna mole, pandorga, moleirona, vencendo sozinha as etapas
51. destes primeiros tempos. Afinal, paramos no détraqué.
52. Tudo isso aumentava minha solidão e eu me fechava, circunscrita
53. no meu mundo do faz-de-conta...
54. E vamos trabalhar no pesado. Não ganhar pecha de moça romântica,
55. que em Goiás não achava casamento.
56. Tinha medo de ficar moça velha sem casar.
57. Me apegava demais com Santo Antônio, Santa Anna padroeira de Goiás.
58. Minha madrinha para as dificuldades da vida.
59. Muito me valeu a escola.
60. Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.
61. Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo.
62. A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência
63. e mandou enérgica: estende a mão.
64. Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.
65. Mandou de novo: estende a mão.
66. Eu de medo encolhia o braço.
67. Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!
68. A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,
69. nem respirava, intimidada.
70. Tensa, espectante, repassada.
71. Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.
72. Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.
73. A palmatória cresceu no meu medo, seu rodélo se fez maior,
74. o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante
75. e o bolo estralou na pequena mão obediente.
76. Meu berro! e a mijada incontinente, irreprimida.
77. Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.
78. -Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...
79. A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,
80. e, receosa de piores conseqüências, me mandou pra casa, toda mijada,
81. sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo.
82. Em casa ganhei umas admoestações sensatas.
83. A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,
84. e me valeu a biquinha d'água, o alívio à minha mão escaldada.
85. Ao meu soluçar respondia a casa: "é pra o seu bem, pra ocê aprender,
86. senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão".
87. Sei que todo castigo que me davam era para meu bem.
88. Eu não sabia que bem seria este representado por bolos na mão,
89. chineladas e reprimendas, sentada de castigo com a carta de ABC na mão.
90. O bem que eu entendia era a bolacha que me dava minha bisavó
91. e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita.
92. Estes, entravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma noção.
93. Fui menina chorona, enjoada, moleirona.
94. Depois, inzoneira, malina.
95. Depois, exibida. Detraqué.
96. Até em francês eu fui marcada.
97. Sim, que aquela gente do passado,
98. tinha sempre à mão o seu francês.

99. Se souberes viver, no fim te sentirás feliz.
100. Envelhecer é entrar no reino da grande Paz.
101. Serenidade maior.
102. Olhar para frente e para trás,
103. e dizer: dever cumprido.

104. O que mais se pode na vida desejar?...
105. Sentada na margem do caminho percorrido,
106. ver os que passam, ansiosos, correndo, tropeçando.
107. E dizer baixinho:
108. corri tanto quanto você.
109. E você se quedará, um dia, como eu.

110. A certeza de ter vivido e vencido
111. a maratona da vida.

i. No Passado

112. Tanta coisa me faltou.
113. Tanta coisa desejei sem alcançar.
114. Hoje, nada me falta,
115. me faltando sempre o que não tive.

116. Eu era uma pobre menina mal-amada.
117. Frustré as esperanças de minha mãe, desde o meu nascimento.
118. Ela esperava e desejava um filho homem, vendo meu pai doente
119. irreversível.
120. Em vez, nasceu aquela que se chamaria Aninha.
121. Duas criaturas idosas me deram seus carinhos:
122. minha bisavó e minha tia Nhorita.
123. Minha bisavó me acudia quando das chineladas cruéis da minha mãe.
124. No mais, eu devia ser, hoje reconheço, menina enjoada, enfadando
125. as jovens da casa e elas se vingavam da minha presença aborrecida,
126. me pirraçando, explorando meu atraso mental, me fazendo chorar
127. e levar queixas doloridas para a mãe
128. que perdida no seu mundo de leitura e negócios não dava atenção.
129. Quem punia por Aninha era mesmo minha bisavó.
130. Me ensinava as coisas, corrigia paciente meus malfeitos de criança
131. e exortava minhas irmãs a me aceitarem.
132. Daí minha fuga para o enorme quintal onde meus sentidos foram se aguçando
133. para as pequenas ocorrências de que não participavam minhas irmãs.
134. Minhas impressões foram se acumulando lentamente
135. e eu passei a viver uma vida estranha de mentiras e realidades.
136. E fui marcada: menina inzoneira.
137. Sem saber o significado da palavra, acostumada ao tratamento ridicularizante,
138. esta palavra me doía.
139. Certo foi que eu engenhava coisas, inventava convivência com cigarras,
140. descia na casa das formigas, brincava de roda com elas,
141. cantava "Senhora D. Sancha", trocava anelzinho.
142. Eu contava essas coisas lá dentro, ninguém compreendia.
143. Chamavam, mãe: vem ver Aninha...
144. Mãe vinha, ralhava forte.
145. Não queria que eu fosse para o quintal, passava a chave no portão.
146. Tinha medo, fosse um ramo de loucura, sendo eu filha de velho doente.
147. Era nesse tempo, amarela de olhos empapuçados, lábios descorados.

148. Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam: "cieiro".
149. Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.
150. Não me deixavam participar de seus brinquedos.
151. Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço
152. no ombro e segredava: "Não brinca com Aninha não. Ela tem cieiro
153. e pega na gente".
154. Eu ia atrás, batida, enxotada.
155. Infância... Daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...
156. Infância... Hoje, será.

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 113 à 117, 6.ª Edição, 1997

12. MEU VINTÉM PERDIDO

1. Que procura você, Aninha?
2. Que força a fez despedaçar correntes de afetos
3. e trazê-la de volta às pedras lapidares do passado?
4. Sozinha, sem medo, vinte e sete anos já passados...
5. Meu vintém perdido, meu vintém de felicidade.
6. Capacidade maior de ser eu mesma, minha afirmação constante.
7. Caminheira, caminhando sempre.
8. Nos meus pés pequenos,
9. meus chinelinhos furados.
10. Tão escura a noite da minha vida...
11. Indiferentes ou vigilantes.
12. Tanto tropeço.
13. Na frente, marcando o caminho a candeia apagada.

14. Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra,
15. com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua arte de ensinar.

16. Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde me sentava,
17. a cartilha de "ABC" nas minhas mãos de cinco anos, quanto daria
18. por um daqueles velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas
19. e aquelas Máximas de Marquês de Maricá,
20. aquela enfadonha taboada de Trajano,
21. custosa demais para meu entendimento de menina.
22. mal amada e mal alimentada...
23. Meus vinténs perdidos, tão vivos na memória...

24. Quando eu morrer, não morrerei de tudo.
25. Estarei sempre nas páginas deste livro, criação mais viva
26. da minha vida interior em parto solitário.

27. Tirei-os da minha solidão sem ajuda e sem esperança,
28. no fundo, o relâmpago longínquo de uma certeza.
29. Recusada tantas vezes, até o encontro com a José Olímpio em 1965.
30. Depois, treze anos de esquecimento.
31. Solidão, esperando se fazer a geração adolescente
32. que só o conheceu na sua segunda edição,
33. que ao final sensibilizou a geração adulta, que o recebeu na primeira
34. em escassos cumprimentos.
35. Depois, o que tem acontecido a tantos: a vitória final.

36. Leitores e promoção.
37. Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.
38. Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo
39. que me promoveram a primeira noite de autógrafos
40. na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer.
41. Miguel Jorge, nos seus dezessete anos, namorado firme
42. de Helena Cheim, também escritora e amiga de sempre.
43. Luís Valladares e tantos outros a quem devo
44. tanta manifestação carinhosa e generosidade.
45. Hecival de Castro, dezessete anos lá se vão corridos.

46. Detesto os que escrevem mal e publicam livros.
47. A linguagem escrita, simples e correta, deve dar a impressão
48. de alguém que sabe escrever.
49. A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.
50. A minha maior angústia foi superar a ignorância.
51. Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.
52. Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,
53. é o meu apoio e uma legitimação do que sou realmente.

54. A linguagem errada dos humildes tem para mim um gosto de terra
55. e chão molhado e lenha partida.
56. Jamais procurei corrigi-los como jamais tolerei o bem falante, exibido.
57. Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente,
58. fácil e floreada, encenada nos arcaísmos do idioma.
59. Tive uma empregada que só dizia "meicado".
60. Outra que teimou sempre em me dizer "Dona Coria".
61. Não criei obstáculos nem propus conserto. No fim,
62. quando me dirigia à primeira eu dizia: vai ao "meicado",
63. com medo de que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso,
64. como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples.
65. Tão fácil, espontânea e pitoresca nos seus errados.

Obra: *Vintém de Cobre*, p.68 à p.69, 6.ª Edição, 1997

13. NORMAS DE EDUCAÇÃO

1. Tinha sido o aniversário daquela senhora.
2. Uma sua amiga tinha lhe mandado, à moda do tempo, bandeja de doces.
3. Dois pratos: manjar e pudim. Duas compoteiras.
4. Doces em calda: figo e caju.
5. A mãe separou as compoteiras e franqueou para as filhas os perecíveis.
6. Ávidas, insaciáveis, logo deram conta da parte franqueada.
7. Passaram a gozer o reservado que ficara esquecido
8. por inapetência, por descuido.
9. Certo foi que a mais espevitada e audaciosa pediu
10. se podia comer aqueles da reserva.
11. A mãe levantou-se num impulso frenético, tomou das compoteiras,
12. desceu a escada e despejou o conteúdo na lama do terreiro
13. onde as galinhas ciscavam vermes.
14. As meninas, olhando abobadas, sem entender a lição.
15. A dona sumiu-se lá para dentro a retomar suas leituras infundáveis,
16. enquanto as crianças baixavam no lameiro e passavam a catar e comer
17. os doces, antes que chegassem as galinhas.
18. Era assim antigamente.

19. Criança não valia mesmo nada. Entendia por acaso dessas normas de Educação?
20. Nada era natural e os menores não tinham direitos.
21. E olha lá, que num passado que não foi meu, tinha sido bem pior.
22. Contavam os antigos.

23. Tudo de melhor para os adultos,
24. para as crianças, prato feito, regado, medido.
25. Coisas boas, guardadas, defendidas no alto dos armários,
26. fechados a chave e estas dependuradas no cós da saia das que mandavam.

27. Às vezes emboloravam, jogava-se no cano, rio abaixo.
28. Mania de gente antiga, esconder das escravas sempre famintas,
29. sua ração restrita, falta de açúcar, frutas.
30. Comiam mesmo os embolorados azedados. Estes eram distribuídos.
31. "inda serve sinhá" e comiam famintas.
32. Já não havendo escravas, permaneceu o hábito de guardar
33. fora do alcance das crianças, incapazes de atingir os escondidos
34. tirar às ocultas, limitadas e medrosas que eram das duras chineladas
35. que faziam a parte pedagógica da formação doméstica.

36. Lembro da minha insatisfação com o que me davam
37. em racionamento constante: chocolate.
38. Coisa mais gostosa do meu mundo, feito com tabletes de chocolate Beringh,
39. raspado e batido com gema e açúcar,
40. até perder o cheiro característico do ovo.
41. Faziam nas casas pela manhã, me davam uma tigelinha minúscula,
42. tigela grande, tigelona enorme para os adultos.
43. Eu ali gozerando sem mais.
44. Meu desejo de criança, escondido, reservado, dissimulado, de crescer,
45. virar gente grande e me fartar de chocolate com cacau Beringh
46. e gema batida. Cheiro de ovo, nas coisas boas que se faziam,
47. era defeito capital, censurado, castigado.
48. O ovo tinha que ser batido até ficar daquele jeito

49. accito pelo paladar exigente e apurado dos homens da casa.
50. Estes tinham no tempo uma forma típica de rejeição ao menor deslize:
51. cruzavam os talheres, deixavam o prato ou a tigela,
52. tomavam o chapéu e saíam sem palavra, quando não reagiam, duros.
53. As donas, responsáveis, sentiam a desfeita, assanhavam-se,
54. ralhavam, esbravejavam lá pela cozinha, em correções ásperas.
55. Havia sempre uma culpada, ignorante, infeliz, humilhada:
56. "Já ensinei tantas vezes... Já cansei de falar, você não cria
57. vergonha na cara..." Que se defendesse a coitada...
58. Molho de chaves na cabeça, orelha torcida, murro na boca, na cara,
59. nariz sangrando. Indefesas...
60. Algumas já levavam antecipadamente as mãos à cabeça se defendendo
61. da penca de chaves, que vinha na certa.
62. A pobreza da roça e da cidade achando-se em "graças a Deus"
63. por terem um canto, um trapo, um restolho e os ensinios.
64. Estavam de caridade, aprendendo para saber
65. quando fossem grandes saberiam agradecer
66. A casa não queria namoro, menos ainda casamento,
67. não ajudavam, criavam trapaça.
68. Inventavam defeitos no pretendente, metiam em troça,
69. ridicularizavam, escarninhos e cruéis.
70. Queriam mesmo era o serviço ali no pilão, torrando, socando, peneirando
71. o café, mamona para o azeite das lamparinas, o sabão de cinza,
72. a boca do forno, a fazeção de quitandas, o almoço na mesa às nove horas,
73. o taboleiro na rua às onze.
74. Sempre ficava para elas, alguns queimados, as rapas, os lambidos, as lambidelas.
75. Tudo poupado, guardado, tudo arrasto de barato no comércio.
76. Comer pouco era norma de educação.
77. Comer de fartar era vergonha, diziam que a gente tinha fome canina,
78. era esfomeada, envergonhando a família.
79. Nenhuma palavra de apoio, de estímulo, nenhum elogio.
80. Censuravam, ridicularizavam. Sadismo e masoquismo mancomunados.
81. Não ensinavam, determinavam, impunham, castigavam. Exigiam, enérgicas
82. e absolutas, donas do saber e do mundo. Acreditavam-se caridosas.
83. Quando algum pretendente conseguia, por milagre de Santo Antônio,
84. varar o cerco e penetrar na fortaleza para o noivado,
85. quem o recebia e fazia "sala" era uma das vigilantes da casa, mana ou tia,
86. jamais chamar a pretendente.
87. Esta ficava enfiada na despensa, no quarto, olhando pelo buraco da fechadura,
88. palpitante e risonha, abobalhada e, até mesmo, feliz.
89. Meninas, não aceitavam delas senão a linguagem corriqueira
90. e vulgar da casa.
91. Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,
92. logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.
93. Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo-claro.
94. E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas
95. Leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico.
96. A gente era vigiada, tinha uns preceitos arrasantes de ridicularizar,
97. redizir e limitar as jovens personalidades,

98. as pencas de chaves ali enganchadas no cóis das saias.
99. Graças a Deus que os armários e gavetas tiveram seus fechos arreventados
100. e toda gente anda farta nestes tempos de carestia,
101. arrotando alto, poderia dizer.

102. Não existe mais o arrote constante do passado nem o mau hálito,
103. Nem crianças comendo de ração, nem percevejo nas camas, nem disputa
104. Na mesa pelo osso do frango, nem briga entre irmãs
105. pelos restos que os velhos deixavam nos pratos...

106. Digo sempre: "Jovens, agradeçam a Deus todos os dias
107. terem nascido nestes tempos novos..."

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 119 à 122, 6.ª Edição, 1997

14. OS ABORRECIMENTOS DE ANINHA

1. Meus vestidos de menina...
2. pregados - saia e corpo.
3. Abotoados na cacunda.
4. Pala rodeada de babados
5. que eu mordiscava, mascava,
6. estragava. Mãe ralhava.
7. Falta de cálcio, vitamina, alimentação,
8. leite, ovos, esclarecida depois do tempo.
9. Vício, dizia a casa. Filha de velho doente.

10. Meus vestidos... corpo pregado.
11. Um cinto estreito de permeio.
12. Gola no pescoço, mangas compridas,
13. saia franzida,
14. barra redobrada.
15. Aninha podia crescer e perder o vestido,
16. ficar curto, coisa assim, de grande perigo.
17. Também o borzeguim, um ponto acima.
18. Meu pequenino pé de folga, perdido no espaço largo.
19. Podia crescer e perder o borzeguim.
20. Borzeguim... quem fala ou escreve mais esta palavra...
21. sabe a menina do presente o que seja calçar um borzeguim?
22. Meia listrada na horizontal, amarrada com tiras de pano,
23. caídas, de boba que eu era, filha de velho doente.

24. Os panos de meus vestidos... Toale de Vichi.
25. Preto noir, dizia colorida estampa colada na peça.
26. Preto e branco, outros azulentos, empastados, feiosos.
27. Eu queria pano ramado, florido, não podia.
28. Isto era para gente moça, sempre a mesma repetição.
29. Pala, babado, rodeando para ser alcançado,
30. babado, mascado de Aninha, feiosa, seus vestidos iguais,
31. enjoados.
32. Pano reforçado, barra redobrada, duráveis.

33. "Vestido de escola"... Chegar em casa, trocar.
34. Vestidinho caseiro de riscado, costurado de minha
35. bisavó.
36. Mandrião folgado de não acabar, chinelinha nos pés.
37. Borzeguim... sempre o borzeguim guardado debaixo da cama.
38. Debaixo da cama... quanta coisa se guardava e se escondia.
39. Debaixo da cama...
40. Debaixo do colchão... Dinheiro, principalmente,
41. alguma notinha de 1.000 réis, 2.000 réis.
42. A gente ter ali, no escondido.
43. "De repente acontece alguma coisa"...
44. E a notinha dobrada, escondida, pronta a acudir a precisão.
45. Meu Deus! debaixo da cama tinha um mundo de guardados esquecidos.
46. Imprestáveis, intocáveis, eternizados.
47. Era um depósito, e que ninguém bulisse naquilo.

48. Meu vestido branco de damacê... desenhos lavrados no tecido,

49. flores, figuras geométricas, até passarinho.
50. Pala, babado de bordado.
51. Fita azul no ombro, vestido pregado, refogado,
52. pra descer quando crescer. Laçarote na cintura,
53. borzeguim novo chiante de amarrar.
54. Sofia Martins, costureira por intuição, recém-casada,
55. vizinha, praticou o primor.

56. Era o Crisma, o último cerimonial pelo bispo, Dom Eduardo Duarte da Silva.
57. Saía de Goiás, aborrecido, para não mais retornar.
58. Minha madrinha - Mestra Silvina.
59. Eu, faceira, cabelo solto, amarrado com fita azul,
60. repuxado para trás.
61. Queria penteado diferente, coisa linda.
62. Via com as outras. Não podia. Meu cabelo não dava.
63. Pouco, liso e fino - herança de meu pai.
64. Tudo que não alcancei na vida, devo ao meu cabelo...
65. liso, pouco, fino, nunca deu penteado de moda.
66. Daí meus fracassos e derrotas.
67. Pouco, liso e fino - herança de meu pai.
68. Carreguei sempre esta herança paterna.
69. Vida de criança...
70. Vidinha de Aninha, a mal-amada, a mal-aceita,
71. retrato vivo de um velho doente.

72. Minha irmã Germana, vestido todo fitas e rendas,
73. oferecido pela madrinha - Anoca Santa Cruz.
74. Anoca Santa Cruz... elegante, viva, alegre, de comunicação
75. (diriam hoje).
76. Naquele tempo, dada, desembaraçada, espirituosa.
77. Liderava a sociedade goiana, era ouvida em organização de festas.
78. O Palácio nada fazia, no sentido social, sem ouvi-la.
79. Entregava-lhe a direção.
80. Inventava, figurinava. Figurinou moda:
81. penteado alto, barrete frígio, símbolo republicano recém-implantado.
82. Um dia, lançou novidade, nunca vista, sonhada sequer:
83. ramo de pimenta malagueta no penteado.

84. Sei que as pimenteiras foram desganhadas.
85. Não sobrou moça na cidade que não tivesse no cabelo,
86. seu ramo de pimenta.
87. Anoca Santa Cruz, foi madrinha de minha irmã.
88. Eu, Mestra Silvina, tendo sido mestra de minha mãe,
89. estimada, respeitada por ela.
90. Minha irmã caçula, sua madrinha - uma velha gorducha,
91. redonda, conversadeira, gente de São Pedro, de apelido Taíca,
92. povo do lado do Pai.
93. Deu o vestido pronto e uma boneca de "loiça", no dizer de minha bisavó.

94. Era de praxe o presente da madrinha.
95. A gente esperava, enfeitava, antecipava o ganho, o presente.
96. Imaginava, acrescentava.
97. Tão raro criança ganhar presente
98. naquele longínquo fim de 1894.
99. Saía de Goiás, Dom Eduardo Duarte da Silva.

100. Aquele Crisma - sua última cerimônia litúrgica
101. na Capela do Seminário.
102. Eu, menina boba, medrosa, filha de velho doente, com medo do Crisma.

103. Impreparada para o cerimonial.
104. O bispo alto, robusto, sua veste episcopal,
105. ampla, vermelha, fulgurante.
106. Aquela imponência litúrgica, impondo crisma - Santos Óleos
107. na testa dos neófitos, um latim arcaico confirmando o batismo.
108. No silêncio da capela, um choro convulso de crianças intimidadas.

Vintém de Cobre, p. 135 à 138, 6.ª Edição, 1997

15. AQUELA GENTE ANTIGA –II

1. Aquela gente antiga explorava a minha bobice.
2. Diziam assim, virando a cara como se eu
[estivesse distante:
3. “Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
4. Três acham logo casamento, uma, não sei não,
[moça feia num casa fácil”.
5. Eu me abria em lágrimas. Choro manso e
[soluçado...
6. “Essa boba... Chorona... Ninguém nem falou o
[nome dela...”
7. Minha bisavó ralhava, me consolava com
[palavras de ilusão:
8. sim, que eu casava. Que certo mesmo era menina
[feia, moça bonita.
9. E me dava a metade de uma bolacha.
10. Eu me consolava e me apegava à minha bisavó.
11. Cresci com os meus medos e com o chá de raiz de
[fedegoso,
12. prescrito pelo saber de minha bisavó.
13. Certo que perdi a aparência bisonha. Fiquei
[corada
14. E achei quem me quisesse.
15. Sim, que esse não estava contaminado dos
[princípios goianos,
16. de que moça que lia romance e declamava
[Almeida Garrett
17. não dava boa dona de casa.

Vintém de Cobre, p. 61, 6.ª Edição, 1997

16. O MANDRIÃO

1. Eu vestia um mandrião
2. recortado e costurado para mim
3. de uma saia velha da minha bisavó.
4. E como aquele mandrião
5. me fazia feliz!...
6. Eu tinha um mandrião...
7. Eu vestia um antigo mandrião
8. recortado e costurado para mim
9. de uma saia velha
10. da minha bisavó.
11. Eu brincava, rodava, virava roda,
12. e o antigo mandrião se enchia
13. de vento balão.
14. Aninha cantava, desentoadada, desarmada,
15. boba que era.
16. Meu mandrião, vento balão,
17. roda pião, vintém na mão.
18. Os grandes exploravam.
19. Irônicos, sarcásticos.
20. "Faz caramujo, Aninha."
21. Aninha, a boba,
22. rolava no chão,
23. fazia caramuja:o.
24. Riam e diziam:
25. "é boba mesmo."

Vintém de Cobre, p.193, 6.ª Edição, 1997

17. CRIANÇA

1. Entre os adultos, antigamente, a criança não passava
2. de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda,
3. porque nem mesmo tinha o valor de incomodar.
4. Mal chegava aos quatro, cinco anos,
5. tinha qualquer servicinho esperando.
6. Bem diziam os mais velhos: "serviço de criança é pouco
7. e quem o perde é louco".
8. Era uma coisa restringida, sujeitada por todos os meios discricionários
9. a se enquadrar dentro de um molde certo, cujo gabarito era o adulto.
10. "Olha a filha de fulano, olha a sua prima, elas não fazem isso...
11. Por que você não há de ser como elas?"
12. Aprende com sua parenta, vê que educação bonita ela tem...
13. Olha a filha da vizinha, que moça bem-educada!..."
14. "Toma propósito, menina", era este o estribilho da casa.
15. A criança tinha só cinco, seis anos e devia se comportar
16. como tias e primas, as enjoadas filhas da vizinha, os moldes apontados.
17. Sem a compreensão de seus responsáveis, sem defesa, e sem desculpas,
18. vítimas desinteressantes de uma educação errada e prepotente
19. que ia da casa à escola, passando por uma escala de coerções absurdas,
20. a criança se debatia entre as formas anacrônicas e detestáveis
21. de castigos e repreensões disciplinares, do puxão de orelhas ao beliscão torcido,
22. o cocre que tonteava, até as chineladas de roupa levantada
23. em cima da pele, e não raro a palmatória.
24. Isso, sem falar nos piores, interessando a sua vida psicopatológica.

25. Havia, ainda, disciplinas mais suaves e não menos impiedosas,
26. como seja, ficar a menina sentada no canto de castigo,
27. sua tarefa de trancinha ou abrolhos para amarrar, carta de "ABC" na mão,
28. amarrados no pescoço, tempo esquecido, cacos de louça, acaso quebrada.
29. O menino peralta, artilheiro, inquieto, era contido na sua vivacidade
30. e daninheza, como se dizia, amarrado no pé da mesa.
31. A palavra dos velhos era ouvida com respeito, estribada nos calços
32. da experiência e seus estímulos se faziam consideráveis.

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 106 à 107, 6.ª Edição, 1997

18. MESTRA SILVINA

1. Vesti a memória com meu mandrião balão.
2. Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
3. Oferta de uma infância pobre, inconsciente, ingênua,
4. revivida nestas páginas.

5. Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
6. dei voltas ao mundo.
7. Criei meus mundos...
8. Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra.
9. Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais
10. e livros, está sempre presente minha escola primária.
11. Eu era menina do banco das mais atrasadas.

12. Minha escola primária...
13. Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.
14. E ela me refez, me desencantou.
15. Abriu pela paciência e didática da velha mestra,
16. cinquentanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso.

17. A escola da Mestra Silvina...
18. Tão pobre ela. Tão pobre a escola...
19. Sua pobreza encerrava uma luz que ninguém via.
20. Tantos anos já corridos...
21. Tantas voltas deu-me a vida...

22. No brilho de minhas noites de autógrafos,
23. luzes, mocidade e flores à minha volta, bruscamente a mutação se faz.
24. Cala o microfone, a voz da saudação.

25. Peça a peça se decompõe a cena,
26. retirados os painéis, o quadro se refaz,
27. tão pungente, diferente.

28. Toda pobreza da minha velha escola
29. se impõe e a mestra é iluminada de uma nova dimensão.

30. Estão presentes nos seus bancos
31. seus livros desusados, suas lousas que ninguém mais vê,
32. meus colegas lembrados.
33. Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas.
34. E volto a ser Aninha,
35. aquela em que ninguém
36. acreditava.

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 123 à 124, 6.^a Edição, 1997

19. Imaginários de Aninha (A roda)

As meninas do colégio no recreio brincavam do velho
e jamais esqueci do brinquedo de roda.
E eu, ali parada, olhando.
Esquecida no chão a cesta com sua roupa de volta para mãe lavar.
Tinha nos olhos e na atitude tal expressão
tanto desejo de participar daquele brinquedo
que chamei a atenção da Irmã Úrsula que era vigilante.
Ela veio para o meu lado,
me empurrou carinhosamente para o meio da roda,
antes que o grupo quintasse nova coleguinha.
O couro infantil entoou a cópia sempre repetida:

“A menina está na roda
Sozinha para cantar.
Se a menina não souber,
Prisioneira vai ficar...”

Com surpresa de todos levantei alto minha voz,
que minha mãe gostava de ouvir nas minhas cantorias infantis,
ajudando a ensaboar a roupa:

“Estou presa nessa roda
Sozinha pra cantar.
Sou filha de lavadeira,
Não nasci pra brincar.
Minha mãe é lavadeira,
lava roupa o dia inteiro.
Busco roupa e levo roupa
Para casa vou voltar.”

Era o fim do recreio.
Irmã Úrsula sacudiu a campainha
visivelmente emocionada.

Pelas janelas que abriam para o pátio,
tinham aparecido algumas cabeças de religiosas.
Professoras e alunas maiores, atraídas pelo timbre cristalino
de minha voz adolescente,
magricela a quem ninguém dava a idade certa,
tinha nesse tempo onze anos
A roda se desfez em correrias
A irmã Ursula me ajudou a ajeitar a cesta alongada
Na cabeça, equilibrou a trouxa
Que minha mãe devia lavar, passar e engomar.
Perguntou pela minha idade e se frequentava escola.
Eu disse que não tinha tempo, porque ajudava mãe a lavar roupa.
Ela abriu a boca, ia dizer alguma coisa, pensou,
E disse: “Depois”.

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 133 à 134, 6ª Edição, 1997

20. LUCROS E PERDAS

I

1. Eu nasci num tempo antigo,
2. muito velho,
3. muito velhinho, velhíssimo.

II

4. Fui menina de cabelos compridos
5. trançados, repuxados, amarrados com tiras de pano.
6. Minha mãe não podia comprar fita.
7. Tinha vestidos compridos
8. de babado e barra redobrada
9. (não fosse eu crescer e o vestido ficar perdido).
10. Minha bisavó, setenta anos mais velha
11. do que eu, costurava meus vestidos.
12. Vestido "pregado".
13. Sabe lá o que era isso?
14. A humilhação da menina
15. botando seios, vestindo
16. vestido pregado...
17. Tinha outros: os mandriões,
18. figurinos da minha bisavó.

III

19. Fui menina do tempo antigo.
20. Comandado pelos velhos:
21. barbados, bigodudos, dogmáticos –
22. botavam cerco na mocidade.
23. Vigilantes fiscalizavam,
24. louvavam, censuravam.
25. Censores acatados. Ouvidos.

26. Conspícuos.
27. Felizmente, palavra morta.

IV

28. A gente era tão original
29. e os velhos não deixavam.
30. Não davam trégua.
31. Havia um gabarito estatuído decimal
32. e certa régua reguladora
33. de medidas exatas:
34. a rotina, o bom comportamento,
35. parecer com os velhos,
36. ter atitudes de ancião.

V

37. Fui moça desse tempo
38. Tive meus muitos censores
39. intra e extra-lar.
40. Botaram-me o cerco.
41. Juntavam-se, revelavam-se
42. Incansáveis. Boa gente.
43. Queriam me salvar.

VI

44. Revendo o passado,
45. balanceando a vida...
46. No acervo do perdido,
47. no tanto do ganhado
48. está escriturado:
49. "- Perdas e danos, meus acertos
50. -Lucros, meus erros.
51. Daí a falta de sinceridade nos meus versos".

21. VELHO SOBRADO

1. Um montão disforme. Taipas e pedras,
2. abraçadas a grossas aroeiras,
3. toscamente esquadriadas.
4. Folhas de janelas.
5. Pedços de batentes.
6. Almofadados de portas.
7. Vidraças estilhaçadas.
8. Ferragens retorcidas.

9. Abandono. Silêncio. Desordem.
10. Ausência, sobretudo.
11. O avanço vegetal acoberta o quadro.
12. Carrapateiras cacheadas.
13. São-caetano com seu verde planejamento,
14. pendurado de frutinhas ouro-rosa.
15. Uma bucha de cordoalha enfolhada,
16. berrante de flores amarelas
17. cingindo tudo.
18. Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-macho.
19. No alto, instala-se, dominadora,
20. uma jovem gameleira, dona do futuro.
21. Cortina vulgar de decência urbana
22. defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado
23. - um muro.

24. Fechado. Largado.
25. O velho sobrado colonial
26. de cinco sacadas,
27. de ferro forjado,
28. cede.

29. Bem que podia ser conservado,
30. bem que devia ser retocado,
31. tão alto, tão nobre-senhorial.
32. O sobradão dos Vieiras
33. cai aos pedaços,
34. abandonado.
35. Parede hoje. Parede amanhã.
36. Caliça, telhas e pedras
37. se amontoando com estrondo.
38. Famílias alarmadas se mudando.
39. Assustados - passantes e vizinhos.
40. Aos poucos, a "fortaleza" desabando.

41. Quem se lembra?
42. Quem se esquece?

43. Padre Vicente José Vieira.
44. D. Irena Manso Serradourada.
45. D. Virgínia Vieira
46. -grande dama de outros tempos.
47. Flor de distinção e nobreza

48. na heráldica da cidade.
49. Benjamim Vieira,
50. Rodolfo Luz Vieira,
51. Ludugero,
52. Ângela,
53. Débora, Maria...
54. tão distante a gente do sobrado...

55. Bailes e saraus antigos.
56. Cortesia. Sociedade goiana.
57. Senhoras e cavalheiros...
58. - tão desusados...

59. O Passado...

60. A escadaria de patamares
61. vai subindo... subindo...
62. Portas no alto.
63. À direita. À esquerda.
64. Se abrindo, familiares.

65. Salas. Antigos canapés.
66. Cadeiras em ordem.
67. Pelas paredes forradas de papel,
68. desenho de querubins, segurando
69. cornucópia e laços.
70. Retratos de antepassados,
71. solenes, empertigados.
72. Gente de dantes.

73. Grandes espelhos de cristal,
74. emoldurados de veludo negro.
75. Velhas credências torneadas
76. sustentando
77. jarrões pesados.
78. Antigas flores
79. de que ninguém mais fala!
80. Rosa cheirosa de Alexandria.
81. Sempre-viva. Cravinas.
82. Damas-entre-verdes.
83. Jasmim-do-cabo. Resedá.
84. Um aroma esquecido
85. - manjerona.

86. O Passado...

87. O salão da frente recende a cravo.
88. Um grupo de gente moça
89. se reúne ali.
90. "Clube Literário Goiano".
91. Rosa Godinho.
92. Luzia de Oliveira.

93. Leodegária de Jesus,
94. a presidência.
95. Nós, gente menor,
96. sentadas, convencidas, formais.
97. Respondendo à chamada.
98. Ouvindo atentas a leitura da ata.
99. Pedindo a palavra.
100. Levantando idéias geniais.
101. Encerrada a sessão com seriedade,
102. passávamos à tertúlia.
103. O velho harmônio, uma flauta, um bandolim.
104. Músicas antigas. Recitativos.
105. Declamavam-se monólogos.
106. Dialogávamos em rimas e risos.
107. D. Virgínia. Benjamim.
108. Rodolfo. Ludugero.
109. Veros anfitriões.
110. Sangrias. Doces. Licor de rosa.
111. Distinção. Agrado.
112. O Passado...
113. Homens sem pressa,
114. talvez cansados,
115. descem com leva
116. madeirões pesados,
117. lavrados por escravos
118. em rudes simetrias,
119. do tempo das acutas.
120. Inclemência.
121. Caem pedaços na calçada.
122. Passantes cautelosos
123. desviam-se com prudência.
124. Que importa a eles o sobrado?
125. Gente que passa indiferente,
126. olha de longe,
127. na dobra das esquinas,
128. as traves que despencam.
129. - Que vale para eles o sobrado?
130. Quem vê nas velhas sacadas
131. de ferro forjado
132. as sombras debruçadas?
133. Quem é que está ouvindo
134. o clamor, o adeus, o chamado? ...
135. Que importa a marca dos retratos na parede?
136. Que importam as salas destelhadas,
137. e o pudor das alcovas devassadas...
138. Que importam?
139. E vão fugindo do sobrado,
140. aos poucos,
141. os quadros do Passado.

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, p. 84 à 89, 21ª Edição, 2003

22. RIO VERMELHO

I

1. Tenho um rio que fala em murmúrios.
2. Tenho um rio poluído.
3. Tenho um rio debaixo das janelas
4. da Casa Velha da Ponte.
5. Meu Rio Vermelho.

II

6. Águas da minha sede...
7. Meus longos anos de ausência
8. identificados no retorno:
9. Rio Vermelho - Aninha.
10. Meus sapos cantantes...
11. Eróticos, chamando, apelando,
12. cobrindo suas gias.
13. Seus girinos - pretinhos, pequeninos,
14. inquietos no tempo do amor.
15. Sinfonia, coral, cantoria.
16. Meu Rio Vermelho.

III

17. Debaixo das janelas tenho um rio
18. correndo desde quando?...
19. Lavando pedras, levando areias.
20. Desde quando?...
21. Aninha nascia, crescia, sonhava.

IV

22. Água - pedra.
23. Eternidades irmanadas.
24. Tumulto - torrente.
25. Estática - silenciosa.
26. O paciente deslizar,
27. o chorinho a lacrimejar

28. sutil, dúctil
29. na pedra, na terra.
30. Duas perenidades –
- 31.
32. Sobreviventes
33. no tempo.
34. Lado a lado - conviventes,
35. diferentes, juntas, separadas.
36. Coniventes.

36. Meu Rio Vermelho.

V

37. Meu Rio Vermelho é longínqua
38. manhã de agosto.
39. Rio de uma infância mal-amada.
40. Meus barquinhos de papel
41. onde navegavam meus sonhos;
42. sonhos navegantes de um barco:
43. pescadora, sonhadora
44. do peixe-homem.

VI

45. Um dia caiu na rede
46. meu peixe-homem...
47. todo de escamas luzidias,
48. todo feito de espinhos e espinhas.
49. Vil Rio Vermelho, líquido amniótico
50. onde cresceu da minha poesia, o feto,
51. feita de pedras e cascalhos.
52. Água lustral que batizou de novo meus
53. cabelos brancos.

23. AMIGO

13. Vamos conversar
14. Como dois velhos que se encontram
15. no fim da caminhada.
16. Foi o mesmo nosso marco de partida.
17. Palmilhamos juntos a mesma estrada.

18. Eu era moça.
19. Sentia sem saber
20. seu cheiro de terra,
21. seu cheiro de mato,
22. seu cheiro de pastagens.

23. É que havia dentro de mim,
24. no fundo obscuro de meu ser
25. vivências e atavismo ancestrais:
26. fazendas, latifúndios,
27. engenhos e currais.

28. Mas... ai de mim.
29. Era moça da cidade.

30. Escrevia versos e era sofisticada.
31. Você teve medo
32. O medo que todo homem sente
33. da mulher letrada.

34. Não pressentiu, não adivinhou
35. aquela que o esperava
36. mesmo antes de nascer.

37. Indiferente
38. tomaste teu caminho
39. por estrada diferente.
40. Longo tempo o esperei
41. na encruzilhada,
42. depois... depois...
43. carreguei sozinha
44. a pedra do meu destino.

45. Hoje, no tarde da vida,
46. apenas
47. uma suave e perdida lembrança

Meu livro de cordel, p. 76 à p.77, 10.ª Edição, 2002

24. VARIAÇÃO

1. Paráfrase
2. O mar rolou uma onda.
3. Na onda veio uma alga.
4. Na alga achei uma concha.
5. Dentro da concha teu nome.
6. Pisei descalça na areia
7. toda vestida de algas.
8. Tomei o mar entre os dedos.
9. Ondas peguei com as mãos.
10. O mar me levou com ele.
11. Palácio vi das sereias.
12. Cavalo-marinho montei,
13. crinas brancas de seda,
14. cascos ferrados de prata,
15. escumas de maresia.
16. Na garupa do meu cavalo,
17. levo meu peixe de ouro.
18. Comando a rosa-dos-ventos
19. e não me chamo Maria.
20. Na serenata do sonho
21. ouvi um somido de estrelas.
22. Discos de ouro rolando
23. trazendo impresso teu nome.
24. Você passava, eu sorria
25. escondida na janela,
26. cortinas me disfarçando.
27. Num tempo era menina.
28. Num instante virei mulher.
29. Queria ver sem ser vista.
30. Ser vista fingindo não ver.
31. Fugi tanto que o encontrei
32. no relance de um olhar.
33. Pelos caminhos andamos
34. no tempo de semear.
35. A vida é uma flor dourada
36. tem raiz na minha mão.
37. Quando semeio meus versos,
38. não sinto o mundo rolando
39. perdida no meu sonhar
40. nos caminhos que tracei.
41. Meus riscos verdes de luz,
42. caminhos dentro de mim.
43. Estradas verdes do mar,
44. abertas largas sem fim.
45. Por esses caminhos
46. levando feixes nas mãos.
47. Trigo, joio - não pergunto
48. o fim do meu caminhar.
49. Cirandinha vou cirandando,
50. Marinheiro de marinhar,
51. o mar é longo sem fim.
52. Meu barqueiro, meu amor,
53. bandeiras do meu roteiro.
54. Meu barco de espuma do mar.
55. Onda verde leva e traz,
56. cantigas de marinhagem.
57. Vou rodando. Vou dançando,
58. tecendo meu pau-de-fita.
59. Sementes vou semeando
60. nos campos da fantasia.
61. Vou girando. Vou cantando
62. e... não me chamo Maria.

25. MEU DESTINO

1. Nas palmas de tuas mãos
2. leio as linhas da minha vida.
3. Linhas cruzadas, sinuosas,
4. interferindo no teu destino.
5. Não te procurei, não me procurastes –
6. íamos sozinhos por estradas diferentes.
7. Indiferentes, cruzamos.
8. Passavas com o fardo da vida...
9. Corri a teu encontro.
10. Sorri. Falamos.
11. Esse dia foi marcado
12. com a pedra branca
13. da cabeça de um peixe.
14. E, desde então, caminhamos
15. juntos pela vida...

Meu livro de cordel, p. 87, 10.ª Edição, 2002

26. RIO VERMELHO

1. Longe do Rio Vermelho.
2. Fora da Serra Dourada.
3. Distante desta cidade,
4. não sou nada, minha gente.

5. Sem rebuço, falo sim.
6. Publico para quem quiser.
7. Arrogante digo a todos.
8. Sou Paranaíba pra cá.
9. E isto chega pra mim.

10. Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte.:
11. Rio que se afunda debaixo das pontes.
12. Que se reparte nas pedras
13. Que se alarga nos remansos.
14. Esteira de lambaris.
15. Peixe cascudo nas locas.

16. Rio, vidraça do céu.
17. Das nuvens e das estrelas.
18. Tira retrato da Lua.
19. Da Lua quarto-crescente
20. que mora detrás do morro.
21. Lua que veste a cidade de branco
22. e tece rendado de marafunda
23. na sombra das cajazeiras.

24. Rio de águas velhas.
25. Roladas das enxurradas.
26. Crescidas das grandes chuvas.
27. Chovendo nas cabeceiras.
28. Rio do princípio do mundo.
29. Rio da contagem das eras.

30. Rio - mestre de Química.
31. Na retorta das corredeiras,
32. corrige canos, esgotos, bueiros,
33. das casas, das ruas, dos becos
34. da minha terra.

35. Rio, santo milagroso.
36. Padroeiro que guarda e zela
37. a saúde da minha gente,
38. da minha antiga cidade largada.
39. Rio de lavadeiras lavando roupa.
40. De meninos lavando o corpo.
41. De potes se enchendo d'água.
42. E quem já ficou doente da água do rio?
43. Quem já teve ferida braba, febre malina,
44. pereba, sarna ou coceira?
45. Rio, meu pobre Jó...
46. Cumprindo sua dura sina.

47. Raspando sua lazeira
48. nos cacos dos seus monturos.
49. Rio, Jó que se alimpa,
50. pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
51. nas cheias de suas enchentes
52. que carregam seus monturos.

53. Ponte da Lapa da minha infância...
54. Da escola da Mestra Silvina,
55. do tempo em que eu era Aninha...

56. Ponte do Carmo, querida,
57. dos namorados de longe.
58. Por onde passava enterro,
59. dos anjinhos de Goiás,
60. que iam pro cemitério,
61. pintadinhos de carmim.
62. Caixãozinho descoberto.
63. E a música tocando atrás
64. A Valsa da Despedida.
65. Ponte nova do Mercado
66. - foi pinguela do Antônio Manuel,
67. banheiro da meninada.
68. Ponte do Padre Pio dos potes d'água.
69. Carioca de nós todos.
70. Pinguelona dos destemidos,
71. contando a estória de um sino.

72. Sino grande, imprensado,
73. nas locas da cachoeira.
74. Sino da Igreja da Lapa,
75. que rodou na grande enchente
76. tocando pro rio abaixo.
77. Até que parou imprensado
78. nas pedras da Pinguelona.

79. Gente que passa ali perto
80. conta estória do sino:
81. lnda toca à meia-noite
82. quando a cidade se aquieta,
83. e as águas ficam dormindo.

84. Tange, pedindo uma graça:
85. Que algum cristão caridoso,
86. o salve daquele poço,
87. o tire debaixo d'água.
88. Pois seu destino de sino
89. é no alto de uma torre
90. abençoando a cidade.
91. Dando aviso para o povo
92. - louvar a Deus poderoso.

93. Poço da Mandobeira...
94. Poço do Bispo...
95. Sombras de velhos banhistas dos velhos tempos.
96. Sabão do Reino no bolso.
97. Toalha passada ao ombro.
98. Cigarro de palha no bico.
99. A vitamina do banho.
100. Banho da Carioca,
101. Águas vitaminadas...
102. Rio Vermelho - meu rio.
103. Rio que atravessei um dia
104. (Altas horas. Mortas horas.)
105. há cem anos...
106. Em busca do meu destino.
107. Da janela da casa velha
108. todo dia, de manhã,
109. tomo a bênção do rio:
110. - "Rio Vermelho, meu avozinho,
111. dá sua bença pra mim..."

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais,
p. 79 à 83, 21ª Edição, 2003

27. A OUTRA FACE

1. Tudo deserto.
2. Alguém sozinha
3. na noite
4. no frio
5. procurando os berços
6. que já não cabem os meninos.
7. Eles cresceram tanto
8. que já não cabem nos berços.
9. Outras crianças virão?
10. Já não se precisa de berços?
11. Onde estão as criancinhas?
12. Indesejáveis, por aí...
13. nas creches.

14. Há um guerreiro caído.
15. Há cem guerreiros caídos.
16. Milhares de guerreiros em fuga.
17. A terra dura contaminada.
18. Os trigais perdidos.
19. O pão queimado,
20. esquecido no forno.
21. A erva está envenenada.
22. As fontes poluídas.

23. Não há mais verdes,
24. nem heróis nem nada.
25. Os ventres estão infecundos.
26. Os lares abandonados.
27. As trompas foram silenciadas.
28. Filhos... pílulas.
29. Terror. Terroristas.
30. Violência. Violentos.
31. Assaltos .Assaltantes.
32. Seqüestros, Seqüestradores.
33. Drogados...
34. Onde estão eles?

35. Um estrondo abala a terra.
36. A última bomba?
37. Não, a explosão demográfica.
38. Faz medo na vastidão
39. rarefeita
40. de oito milhões de quilômetros quadrados.
41. Talvez na manhã do amanhã
42. um óbice à rapinagem.

43. ...e disse o Criador:
44. Crescei e multiplicai-vos.

45. Enchei a terra
46. até os seus confins.

47. Veio Malthus:
48. Limitai os filhos.
49. Planejai a família
50. como qualquer empresa.
51. Haverá mais bocas
52. para comer
53. do que abastos para ser comido.

54. A retaguarda é grande
55. e os condutores incertos
56. dentro de oito milhões
57. de quilômetros vazios.

58. O vale da vida
59. está ressecado...
60. As trompas obstruídas.
61. A semente infértil
62. no campo árido.
63. O lar superado.
64. As mulheres desligadas.

65. Filhos por acaso, clandestinos
66. forçarão barreiras,
67. múltiplos obstáculos.
68. Toda gestação será de risco.
69. Limitações sofisticadas.
70. A mulher, não mãe, maternidade.
71. Operária. Funcionária.
72. Gerente gerenciando,
73. computando perdas e ganhos
74. alheios,
75. igualando, superando,
76. vitoriosas, tumultuadas.
77. A neurose que vai se alargando.

78. Mestres mestream as mães
79. a se negarem aos filhos.
80. Esterilizam as fontes geratrizes.
81. Estimulam o Eros.
82. Sofismam. Virgindade,
83. família - anacronismos.
84. Os antigos valores descartados.
85. O medo coletivo de ser quadrado.
86. O vale da vida
87. será ressecado.

88. Subdesenvolvidos.
89. Subnutridos.
90. Subalimentados.

91. Submissos.
92. Subversivos.

93. Sub. Sub. Sub.
94. Um estrondo abala a terra.
95. A última bomba?
96. Ainda não.
97. A explosão demográfica.

Poemas dos becos de Goiás e outras histórias mais,
p.222 à p.225, 21.^a Edição, 2003

28. JABUTICABAL (II)

1. Cafezal.
2. Canavial.
3. Algodal.
4. Laranjal.
5. Rosal. Roseiral.
6. Cidade das Rosas.
7. Terra de meus filhos
8. onde fiz meu duro
9. aprendizado de vida
10. e relembro sempre
11. amigos e vizinhos
12. incomparáveis.

13. Para eles esta página
14. de humilde gratidão.

Meu livro de cordel, p. 40, 10.^a Edição, 2002

29. CIGARRA CANTADEIRA E FORMIGA DILIGENTE

1. Que tenho sido, senão cigarra cantadeira e formiga diligente
2. desse longo estio que se chama Vida...
3. Meus doces, meus tachos de cobre...
4. Meus Anjos da guarde, valedores e certos.
5. Radarzinho...
6. Meus fantasmas familiares, meus romanceados
7. de permeio à venda dos doces.
8. Antes, lá longe, no passado, parindo filhos e criando filhos
9. e plantando roseiras, lírios e palmas, avencas e palmeiras,
10. em Jabuticabal, terra do meu aprendizado de viver,
11. terra dos meus filhos.
12. Minha gente de Jabuticabal. Meu Anjo da Guarda, Radarzinho,
13. atento ao tacho, tangendo as abelhas que se danavam nos meus doces,
14. dando aviso certo na hora certa. De outras me apagando o fogo,
15. um modo de ajudar que só Radarzinho sabia. Em outros tempos e muito antes.
16. Tinha já plantado um vintém de cobre que regava com amor
17. na esperança de haver crias. Porção de vinténs
18. correndo para Aninha.

19. Meus fantasmas familiares do porão da Casa Velha da Ponte.
20. A todos, tantos, agradeço nesse livro de vintém o auxílio, a alegria
21. que me deram o prazer daqueles que me ouviam contar estas estorinhas,
22. romances de uma menininha que plantou num canteiro sombreado,
23. milho, arroz, feijão e alpiste.
24. E o irmão pequeno tinha um caminhãozinho de brinquedo,
25. e enquanto a roça crescia, menino crescia
26. e ele enchia o caminhão daquela lavoura crescida no sonho da menina
27. que ia descarregar na máquina de seu Pinho, ali mesmo,
28. e voltava cheio de moedas e notas de cinco mil réis.
29. Aonde anda menina Célia, minha neta, que gostava de ouvir contar estórias
30. repetidas em repetição sem fim?
31. Célia, vida, você no passado, no presente e no futuro,
32. será sempre para mim aquela que um dia me ofereceu suas economias de criança
33. para me ajudar na publicação de um livro.

Vintém de cobre, p. 64 à 65, 6.ª Edição, 1997

30. DAS PEDRAS

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Ajuntei todas as pedras | 11. um companheiro. |
| 2. que vieram sobre mim. | 12. Tudo de pedra. |
| 3. levantei uma escada muito alta | 13. Entre pedras |
| 4. e no alto subi. | 14. cresceu a minha poesia |
| 5. Tecí um tapete floreado | 15. Minha vida... |
| 6. e no sonho me perdi. | 16. Quebrando pedras |
| | 17. e plantando flores. |
| 7. Uma estrada, | |
| 8. um leito, | 18. Entre pedras que me esmagavam |
| 9. uma casa, | 19. Levantei a pedra rude |
| 10. | 20. dos meu versos. |

Meu livro de cordel, p.11 , 10.ª Edição, 2002

31. A GLEBA ME TRANSFIGURA

1. Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
2. Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
3. Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
4. Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal sublimado,
5. procriador e fecundo.
6. Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,
7. suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.
8. Plantei e colhi pelas suas mãos calosas
9. e tão mal remuneradas.
10. Participamos receosos do sol e da chuva em desencontro,
11. nas lavouras carecidas.
12. Acompanhamos atentos, trovões longínquos e o rascar
13. de relâmpagos no escuro da noite, irmanados no regozijo
14. das formações escuras e peçadas no espaço
15. e o refrigério da chuva nas roças plantadas, nos pastos maduros
16. e nas cabeceiras das aguadas.
17. Minha identificação profunda e amorosa
18. com a terra e com os que nela trabalham.

19. A gleba me transfigura. Dentro da gleba,
20. ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
21. o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,
22. o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães,
23. eu me identifico.
24. Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,
25. sou graveto, sou mato, sou paiol
26. e sou a velha tulha de barro.
27. Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras
28. e coaxam as rãs, magem todas as boiadas que vão pelas estradas.
29. Sou a espiga e o grão que retomam à terra.
30. Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,
31. é o arado milenário que sulca.
32. Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e peso de machado.
33. Cheiro de currais e gosto de terra.

34. Eu me procuro no passado.
35. Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.
36. Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as formigas,
37. e seu comadrio com o ninho das rolinhas.
38. Onde está Aninha, a inzoneira,
39. menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestra Silvina...
40. Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?
41. Minha mestra... Minha mestra... beijo-lhe as mãos,
42. tão pobre!...
43. Meus velhos colegas, um a um foram partindo, raleando a fileira...
44. Aninha, a sobrevivente, sua escrita pesada, assentada
45. nas pedras da nossa cidade...

46. Amo a terra de um velho amor consagrado
47. através de gerações de avós rústicos, encartados
48. nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.
49. A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.

50. Identificada com seus homens rudes e obscuros,
51. enxadeiros, machadeiros e boiadeiros, peões e moradores.
52. Seus trabalhos rotineiros, suas limitadas aspirações.
53. Partilhei com eles de esperança e desenganos.

54. Juntos, rezamos pela chuva e pelo sol.
55. Assuntamos de um trovão longínquo, de um fuzilar
56. de relâmpagos, de um sol fulgurante e desesperador,
57. abatendo as lavouras carecidas.
58. Festejamos a formação no espaço de grandes nuvens escuras
59. e peçadas para a salvação das lavouras a se perderem.
60. Plantei pelas suas enxadas e suas mãos calosas.
61. Colhi pelo seu esforço e constância.

62. Minha identificação com a gleba e com a sua gente.
63. Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,
64. abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.
65. A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.
66. Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.
67. Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.
68. Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus abastos.
69. Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.
70. Sou a espiga e o grão fecundo que retomam à terra.
71. Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que va sulcando
72. para a colheita das gerações.
73. Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.
74. Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.
75. Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada
76. no ventre escuro da terra.

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 108 à 110, 6.ª Edição, 1997

32. Sou raiz

1. Sou raiz, e vou caminhando
2. sobre as minhas raízes tribais.

3. Velhas jardineiras do passado...
4. Condutores e cobradores, vós me levastes de mistura
5. com os pequenos e iletrados, pobres e remendados....
6. Destes-me o nível dos humildes em tantas lições de vida.
7. Passaste das estradas rodageiras, boiadeiros e comissários,
8. aqui fala a velha rapsoda.
9. Escuto na distância o somido augusto do berrante que marca
10. o compasso das manadas que vão pelas estradas.
11. O mugido, o berro, o chamado da querência, a aguada,
12. o barreiro salitrado, a solta, o curral, a porteira,
13. a tronqueira, o cocho, o moirão, a salga, o ferro de marcar,
14. rubro e esbraseado. A castração impiedosa
15. Eu sou gleba e nada mais pretendo ser.
16. Mulher primária, roceira, operária, afeita à cozinha,
17. Ao curral, ao coalho, ao barreiro, ao tacho.
18. Seguro sempre nas mãos cansadas a velha candeia
19. de azeite veletudinária e vitalícia do passado

20. Viajei nas velhas e valentes jardineiras
21. Do interior roceiro, suas estradas de terra,
22. lameiros e atoleiros, seus heróicos e anônimos condutores
23. E cobradores, práticos, sabidos daqueles motores desgastados,
24. Molas e lataria ragentes.
25. Santos malagreiros eram eles. Onde estarão?
26. Viajei de par com humildes que tanto me ensinaram.
27. Viajantes das velhas jardineiras, meus vizinhos
28. das estradas viajeiras...
29. Meus trabalhadores: Manoel Rosa, José Dias, Paulo, Manoel,
30. João, Mato Grosso, plantadores e enxadeiros, meus vizinhos sitiantes
31. onde andaram eles?
32. Andradina, Castilho, Jaboticabal, comissários e boiadeiros, tangerinos,
33. esta página é toda de vocês.
34. Fala de longe a velha rapsoda.

Obra: *Vintém de Cobre*, p. 111 à 112, 6.^a Edição, 1997

33. OFERTAS DE ANINHA (AOS MOÇOS)

1. Eu sou aquela mulher
2. a quem o tempo
3. muito ensinou.
4. Ensinou a amar a vida.
5. Não desistir da luta.
6. Recomeçar na derrota.
7. Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
8. Acreditar nos valores humanos.
9. Ser otimista.

10. Creio numa força imanente
11. que vai ligando a família humana
12. numa corrente luminosa
13. de fraternidade universal.

14. Creio na solidariedade humana.
15. Creio na superação dos erros
16. e angústias do presente.
17. Acredito nos moços.
18. Exalto sua confiança,
19. generosidade e idealismo.
20. Creio nos milagres da ciência
21. e na descoberta de uma profilaxia
22. futura dos erros e violências
23. do presente.

24. Aprendi que mais vale lutar
25. do que recolher dinheiro fácil.
26. Antes acreditar do que duvidar.

Vintém de Cobre, p.145, 6.ª Edição, 1997

34. A FALA DE ANINHA (VÁRIAS...)

1. A dureza da vida não são carências
2. nem pobreza.
3. Sofrem aqueles que desconhecem a luta
4. e menosprezam o lutador.

5. Tanto tempo perdido
6. sem semear e sem plantar.
7. No fim, a tulha vazia.
8. Vazio o coração que não soube dar.

9. Ele era velho e era um mestre.
10. Eu era jovem e era discípula.
11. Ele mestreu e ela aprendeu.
12. E dessa escola ninguém ouviu falar.

13. Ele se foi sem saber que era um mestre.
14. Ela ficou, sem saber que foi discípula.
15. Só muito depois compreendeu
16. E já era tarde.
17. Minha mocidade, perdida no passado...
18. Tantos mestres à minha volta...
19. Tantos serões inaproveitados...
20. E eu? Sem saber de nada.

21. Ninguém me esclareceu:
22. Ouve e aprende.
23. É a vida que está ensinando.
24. Quando veio o entendimento,
25. os túmulos estavam calados.

Vintém de Cobre, p. 162, 6.ª Edição, 1997

35. ERRADOS RUMOS

1. A caminhada...
2. Amassando a terra.
3. Carreando pedras.
4. Construindo com as mãos
5. sangrando a minha vida.

6. Deserta a longa estrada.
7. Mortas as mãos viris
8. que se estendiam às minhas.
9. Dentro da mata bruta
10. leiteando imensos vegetais,
11. cavalgando o negro corcel da febre,
12. desmontado para sempre.

13. Passa a falange dos mortos...
14. Silêncio! Os namorados dormem.
15. Os poetas cobriram as liras.
16. Flutuam véus roxos no espaço.

17. Na esquina do tempo morto,
18. a sombra dos velhos seresteiros.
19. A flauta. O violão. O bandolim.
20. Alertas as vigilantes
21. barroando portas e janelas
22. serradas.
23. Cantava de amor a mocidade.

24. A estrada está deserta.
25. Alguma sombra escassa.
26. Buscando o pássaro perdido
27. morro acima, serra abaixo.
28. Ninho vazio de pedras.
29. Eu avante na busca fatigante
30. de um mundo impreciso,
31. todo meu,
32. feito de sonho incorpóreo
33. e terra crua.

34. Bandeiras rotas.
35. Desfraldadas.
- 36.

37. Despedaçadas.
38. Quebrado o mastro
39. na luta desigual.
40. Sozinha...
41. Nua. Espoliada. Assexuada.
42. Sempre caminheira.
43. Morro acima. Serra abaixo.
44. Carreando pedras.

45. Longa procura
46. de uma furna escura
47. fugitiva me esconder,
48. escondida no meu mundo.
49. Longe... longe...
50. Indefinido longe.
51. Nem sei onde.

52. O tardio encontro...
53. passado o tempo
54. de semear o vale
55. de colher o fruto.
56. O desencontro.
57. Da que veio cedo e do que veio tarde.

58. A candeia está apagada.
59. E na noite gélida
60. eu me vesti de cinzas.
61. Restos. Restolhos.
62. Renegados os mitos.
63. Quebrados os Ícones.
64. Desfeitos os altares.
65. Meus olhos estão cansados.
66. Meus olhos estão cegos.
67. Os caminhos estão fechados.

68. Perdida e só...
69. No clamor da noite
70. escuto a maldição das pedras.
71. Meus errados rumos.
72. Apagada a lâmpada votiva,
73. tão inútil.

36. MINHA CIDADE

1. Goiás, minha cidade...
2. Eu sou aquela amorosa
3. de tuas ruas estreitas,
4. curtas,
5. indecisas,
6. entrando,
7. saindo
8. uma das outras.
9. Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
10. Eu sou Aninha.

11. Eu sou aquela mulher
12. que ficou velha,
13. esquecida,
14. nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
15. contando estórias,
16. fazendo adivinhação.
17. Cantando teu passado.
18. Cantando teu futuro.

19. Eu vivo nas tuas igrejas
20. e sobrados
21. e telhados
22. e paredes.

23. Eu sou aquele teu velho
24. muro verde de avencas
25. onde se debruça
26. um antigo jasmineiro,
27. cheiroso
28. na ruinha pobre e suja.

29. Eu sou estas casas
30. encostadas
31. cochichando umas com as outras.

32. Eu sou a ramada
33. dessas árvores,
34. sem nome e sem valia,
35. sem flores e sem frutos,
36. de que gostam
37. a gente cansada e os pássaros vadios.
- 38.
39. Eu sou o caule
40. dessas trepadeiras sem classe,
41. nascidas na frincha das pedras:
42. Bravias.
43. Renitentes.
44. Indomáveis.
45. Cortadas.
46. Maltratadas.
47. Pisadas.
48. E renascendo.

49. Eu sou a dureza desses morros,
50. revestidos,
51. enflorados,
52. lascados a machado,
53. lanhados,
54. lacerados.
55. Queimados pelo fogo.
56. Pastados.
57. Calcinados
58. e renascidos.
59. Minha vida,
60. meus sentidos,
61. minha estética,
62. todas as vibrações
63. de minha sensibilidade de mulher,
64. têm, aqui, suas raízes.

65. Eu sou a menina feia da ponte da Lapa.
66. Eu sou Aninha.

*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais,
p. 34 à 36, 21ª Edição, 2003*

37. A PROCURA

1. Andei pelos caminhos da Vida.
2. Caminhei pelas ruas do Destino –
3. procurando meu signo.
4. Bati na porta da Fortuna,
5. mandou dizer que não estava.
6. Bati na porta da Fama,
7. falou que não podia atender.
8. Procurei a casa da Felicidade,

9. a vizinha da frente me informou
10. que ela tinha se mudado
11. sem deixar novo endereço.
12. Procurei a morada da Fortaleza.
13. Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
14. perfumou-me os cabelos,
15. fez-me beber de seu vinho.
16. Acertei o meu caminho.

Meu livro de cordel, p.91, 10.ª Edição, 2002

38. NÃO CONTE PRA NINGUÉM

1. Eu sou a velha
2. mais bonita de Goiás.
3. Namoro a lua.
4. Namoro as estrelas.
5. Me dou bem
6. com o rio Vermelho.
7. Tenho segredo
8. com os morros
9. que não é de adivinhá.

10. Sou do beco do Mingu,
11. sou do larguinho
12. do Rintintim.

13. Tenho um amor
14. que me espera
15. na rua da Machorra,
16. outro no Campo da Força.
17. Gosto dessa rua
18. desde o tempo do bioco
19. e do batuque.

20. Já andei no Chupa Osso.
21. Saí lá no Zé Mole.
22. Procuro enterro de ouro.
23. Vou subir o Canta Galo
24. com dez roteiros na mão.
25. Se você quiser, moço,
26. vem comigo:
27. Vamos caçar esse ouro,
28. vamos fazer água – loucos
29. no Poço da Carioca,
30. sair debaixo das pontes,
31. dar que falar
32. às bocas de Goiás.

33. Já bebi água do rio
34. na concha da minha mão.
35. Fui velha quando era moça.
36. Tenho a idade de meus versos.
37. Acho que assim fica bem.
38. Sou velha namoradeira.
39. Lancei a rede na lua,
40. ando catando as estrelas.

Meu livro de cordel, p. 101 à p. 102, 10.ª Edição, 2002

39. VOLTEI

1. Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém.
2. Quarenta e cinco anos decorridos.
3. Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.
4. Minha escola primária. A sombra da velha Mestreira.
5. A casa, tal como antes. Sua pedra escorando a pesada porta.
6. Quanto daria por um daqueles duros bancos onde me sentava,
7. nas mãos a carta de " ABC", a cartilha de soletrar,
8. separar vogais e consoantes. Repassar folha por folha,
9. gaguejando lições num aprendizado demorado e tardo.
10. Afinal, vencer e mudar de livro.
11. Reconheço a paciência infinita da mestra Silvina,
12. sua memória sagrada e venerada, para ela a oferta deste livro,
13. todas as páginas, todas as ofertas e referências
14. Tão pouco para aquela que me esclareceu a luz da inteligência.
15. A vida foi passando e o melhor livro que me foi dado
16. foi Estórias da Carochinha, edição antiga, capa cinzenta,
17. papel amarelado, barato, desenho pobre, preto e branco, miúdo.

18. O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens,
19. um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre.
20. Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege.
21. Dá origem da gramática e o antigo das palavras.
22. A pronúncia correta, a vulgar e a gíria.
23. Incorporou ao vocabulário todos os galicismos antes condenados.
24. Absolveu o erro e ressaltou o uso.
25. Assimilou a afirmação de um grande escritor: é o povo que faz a língua.
26. Outro escritor: a língua é viva e móvel. Os gramáticos a querem estática,
27. solene, rígida. Só o povo a faz renovada e corrente
28. sem por isso escrever mal.

Obra: *Vintém de Cobre*, p.68 à p.69, 6.ª Edição, 1997

40. CANTORIA

I

1. Meti o peito em Goiás
2. e canto como ninguém .
3. Canto as pedras,
4. canto as águas,
5. as lavadeiras, também.
6. Cantei um velho quintal
7. com murada de pedra;
8. Cantei um portão alto
9. com escada caída.

10. Cantei a casinha velha
11. de velha pobrezinha.
12. Cantei colcha furada
13. estendida no lajedo;
14. muito sentida,
15. pedi remendos pra ela.

16. Cantei mulher da vida
17. conformando a vida dela.

II

18. Cantei ouro enterrado
19. querendo desenterrá.
20. Cantei cidade largada.
21. Cantei burro de cangalha
22. com lenha despejada.
23. Cantei vacas pastando
24. no largo tombado.

25. Agora vai se acabando
26. Esta minha versejada.
27. Boto escoras nos secados
28. Por aqui vou ficando.

Meu livro de cordel, p. 9 à p. 10, 10.ª Edição, 2002

41. ESTAS MÃOS

1. Olha para estas mãos
2. de mulher roceira,
3. esforçadas mãos cavouqueiras.

4. Pesadas, de falanges curtas,
5. sem trato e sem carinho.
6. Ossudas e grosseiras.

7. Mãos que jamais calçaram luvas.
8. Nunca para elas o brilho dos anéis.
9. Minha pequenina aliança.
10. Um dia o chamado heróico emocionante:
11. - Dei Ouro para o Bem de São Paulo.

12. Mãos que varreram e cozinham.
13. Lavaram e estenderam
14. roupas nos varais.
15. Pouparam e remendaram.
16. Mãos domésticas e remendonas.

17. Íntimas da economia,
18. do arroz e do feijão
19. da sua casa.
20. Do tacho de cobre.
21. Da panela de barro.
22. Da acha de lenha.
23. Da cinza da fornalha.
- 24.

25. Que encestavam o velho barreleiro
26. e faziam sabão.
27. Minhas mãos doces...
28. Jamais ociosas.
29. Fecundas. Imensas e ocupadas.
30. Mãos laboriosas.
31. Abertas sempre para dar,
32. ajudar, unir e abençoar.
33. Mãos de semeador...
34. Afeitas à sementeira do trabalho.
35. Minhas mãos raízes
36. procurando a terra.
37. Semeando sempre.
38. Jamais para elas
39. os júbilos da colheita.

40. Mãos tenazes e obtusas,
41. ferida na remoção de pedras e tropeços,
42. quebrando as arestas da vida.
43. Mãos alavancas
44. na escava de construções inconclusas.

45. Mãos pequenas e curtas de mulher
46. que nunca encontrou nada na vida.
47. Caminheira de uma longa estrada.
48. Sempre a caminhar. Sozinha a procurar
49. o ângulo prometido,
50. a pedra rejeitada.

Meu livro de cordel, p.62 à p. 64, 10.ª Edição, 2002

42. SOMBRAS

1. Tudo em mim vai se apagando.
2. Cede minha força de mulher de luta em dizer:
3. estou cansada.

4. A claridade se faz em névoa e bruma.
5. O livro amado: o negro das letras se embaralham,
6. entortam as linhas paralelas.
7. Dançam as palavras,
8. a distância se faz em quebra-luz.

9. Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.
- 10.

11. Um véu tênue vai se incorporando no campo da
[retina.
12. Passam lentamente como ovelhas mansas os vultos
[conhecidos
13. que já não reconheço.
14. É a catarata amortalhando a visão que se faz
[sombra.

15. Sinto que cede meu valor de mulher de luta,
16. e eu me confesso:
17. estou cansada.

Vintém de Cobre, p.206, 6.ª Edição, 1997

43. MEU EPITÁFIO

1. Morta... serei árvore,
2. serei tronco, serei fronde
3. e minhas raízes
4. enlaçadas às pedras de meu berço
5. são as cordas que brotam de uma lira.

6. Enfeitei de folhas verdes
7. a pedra de meu túmulo

8. num simbolismo
9. de vida vegetal.

10. Não morre aquele
11. que deixou na terra
12. a melodia de seu cântico
13. na música de seus versos.

Meu livro de cordel, p.106, 10.ª Edição, 2002

44. NUNCA ESTIVE CANSADA

1. Fiz doce durante quatorze anos seguidos.
2. Ganhei o dinheiro necessário.
3. Tinha compromissos e não tinha recursos.
4. Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior.

5. Fiz amigos e fregueses. Escrevi livros e contei estórias
6. Verdades e mentiras. Foi o melhor tempo da minha vida.
7. Foi tão cheio e tão fértil que me fez esquecer a palavra,
8. “estou cansada”.
9. Cansada talvez a lavadeira do rio Vermelho da minha cidade.
10. Talvez a mulher da roça de São Paulo, nem mesmo ela.
11. Nunca ouvi da lavadeira a expressão “estou cansada”.
12. Sim, seu medo: faltar a faltar a freguesa e a trouxa de roupa para lavar e passar.
13. Suas constantes, quando na folga: “Graças à Deus!”
14. Seu dia começava com a aurora e continuava com a noite.
- 15.
16. Tive trabalhadores e roçados. Plantei e colhi por suas mãos calosas.
17. Jamais ouvi de algum: “Estou cansado”.
18. Fagueiros pela tarde, corriam para o ribeirão.
19. Trocavam suas camisas e sentavam para jantar.
20. Sempre identificados com a lavoura, interessados,
21. preocupados com o tempo bom ou mau.
22. Acompanhavam os progressos das lavouras e a festa das colheitas.
23. Viam com prazer o paiol cheio e a tulha derramando,
24. embora não tivessem parte naqueles lucros.
25. Sentiam o bem estar obscuro e desprezado
26. de todo “peão” que, trabalhando a dia, ajudados pelo tempo,
27. vêem o lucro da colheita e a vantagem do patrão.
28. Ponha sempre nas mãos do trabalhador, mesmo fraco, uma ferramenta forte.
29. Observe o resultado. A boa ferramenta estimula o trabalhador.
30. O trabalhador sente-se forte e seu trabalho se faz leve e ele se esperta
31. e até mesmo canta, abrindo o eito, estimula os companheiros,
32. joga pilhéria, graceja e alegra seus parceiros.

33. Essas coisas lá longe,
34. nos reinos da cidade de Andradina.

TEXTOS BIOGRÁFICOS

INTERTEXTO 45

AVENTUREIRA E LIBERTÁRIA

Ana Maria Tahan

“Flagrada em São Paulo pela Revolução Constitucionalista de 1932, alistou-se como enfermeira, costurou bibicos (bonés), uniformes, aventais. Depois encontrou outra causa. Bradou pela formação de um partido feminino, criou até o manifesto da agremiação”

A voz era apaixonada, vibrante. Transbordava do coração, atravessava as cordas vocais, ganhava emoção ao ritmo das mãos, os olhos vivazes acompanhavam o tom. Histórias, poemas, contos, causos, opiniões fluíam ao ritmo entoado por Cora, mestre na arte de declamar e interpretar, capaz de confundir desavisados sobre o que era realidade, o que era fantasia.

Cora, Aninha, Anica, Anita era todas numa só, pequenina, franzina, eternamente atarefada, permanentemente escritora. Erram os que tentam reduzi-la à condição de poeta, ou poetisa. Era contista, cronista de tempos passados e presentes. Jornalista também, observadora distante e crítica, fiel redatora de fatos e acontecidos.

Escrevia com afã, no impulso, sobre qualquer papel que lhe caísse às mãos. Escrevia em bordas de jornais, em meio a cartões postais, em envelopes de cartas, em rústicos papéis de embrulhar pão. Se a inspiração transbordasse, desprezava os limites, ia desenhando letras pelos cantos, nas entrelinhas, subia e descia até que se extinguisse o desejo de expressão. Se tivesse tempo, passava a limpo, em cadernos caprichados ou em blocos de carta. Caso contrário, ficavam por ali, esquecidos em meio a livros, recortes, folhetos. Perdidos nos guardados.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto nasceu e cresceu na casa velha da ponte, construção maciça, erguida por escravos, nos idos de 1770 para abrigar o capitão-mor de Villa Boa de Goyaz, Antonio Souza Telles de Menezes. Conta-se que o capitão foi um inconfidente, desgarrado da turma de Minas e perdido no interior de Goiás. Morreu, ou foi mandado morrer, em 1804. Entre os bens seqüestrados pela Coroa portuguesa, estava a casa, comprada em leilão pelo cônego Couto Guimarães. Meio século depois, em 1889, ali Ana foi gerada.

Virou Cora aos 15 anos, o pseudônimo uma exigência para disfarçar a escritora, que moça prendada e casadoira não perdia tempo com manuscritos. Cora, derivativo de coração, identidade que a diferenciava de tantas Anas da cidade, batizadas todas em homenagem à santa padroeira. Coralina ainda demorou algum tempo, surgiu depois, soma perfeita de sonoridade e tradução literária. Cora Coralina, coração vermelho, gostava de contar. "Lindo, não é?"

Vó Cora falava pouco de si, muito contavam dela os quatro filhos, um homem, três mulheres. Conheceu Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, recém-nomeado chefe de Polícia de Villa Boa, durante uma tertúlia literária. Tinha 20 anos, já era uma "solteirona". Entre poemas, récitas e acirrados debates culturais se apaixonaram. Fugiu com ele para Jaboticabal, interior de São Paulo. Cantídio era homem separado, tinha filhos na capital paulista. E uma outra filha, fruto de romance com uma índia, durante passagem pelo Norte de Goiás. Essa, Cora criou.

Saraus literários ou não, Cantídio nada gostava do pendor da mulher. A Cora ousada, que deixou para trás preconceitos sociais, pouco ligava. Publicava artigos nos jornais de Jaboticabal, construía poesias e costurava contos, depois, ao mudar para São Paulo. Flagrada na cidade pela Revolução Constitucionalista de 1932, alistou-se como enfermeira - a filha mais nova, Vicência, encontrou a ficha de inscrição recentemente, perdida entre centenas de textos inéditos. Costurava bibis (bonés) para soldados, uniformes, aventais para enfermeiras. Depois, os revoltosos derrotados pelas Forças de Getúlio Vargas, encontrou outra causa. Bradou pela formação de um partido feminino, escreveu até o manifesto da agremiação.

Enviuvou, vendeu livros editados pela José Olympio de porta em porta. Aventurou-se por Penápolis, no interior paulista, montou uma pensão, depois um pequeno comércio, a Casa de Retalhos. Desembarcou em Andradina no início da década de 50, a cidade se erguia. Abriu a Casa da Borboleta, vendia um pouco de tudo para mulheres. Montou sítio na vizinha Alfredo de Castilho. Subiu em palanques para apregoar o voto na UDN. Em 1956, filhos criados, netos embalados, voltou à "origem ancestral".

Tinha motivo - lutar pela posse da velha casa da ponte antes que, por usucapião, se transferisse para um sobrinho. Instalou-se com "seu" Vicente, um nordestino faz-tudo e analfabeto que a acompanhava desde o sítio em Castilho. "Seu" Vicente, figura doce, simplório, dedicado, embebedava-se até com guaraná.

Entre móveis antigos e sob o calor do velho fogão de lenha, Cora escreveu, escreveu, escreveu. Aprendeu a datilografar aos 70 anos, publicou o primeiro livro - *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* - aos 75. Meu pai, Rúbio, minha mãe, Vicência, meus três irmãos e eu passamos uma temporada com Cora nesse tempo. Meu pai datilografa os manuscritos numa antiga Olivetti. Ela, ao lado, ainda remendava os textos, processo contínuo de criação.

Sou neta de Cora, herdeira de seu nome de batismo, orgulhosa dessa descendência. Cresci escavando o porão da casa velha da ponte atrás do ouro do capitão-mor - que ela contava ter sido escondido por um escravo de confiança do inconfidente. Cheguei à adolescência ouvindo-a declamar, com cativante êxtase, poemas recém-terminados. Acreditei em histórias inventadas. Empanturrei-me de seus doces, apurados dias e dias em tachos de cobre, caprichosamente arrumados em caixas de papelão, dinheiro da venda depositado na poupança. Economias que permitiram a compra, em leilão, da velha casa.

A cada dia, hoje adulta, ela de volta à terra, eternamente ligada à cidade que tanto amou, descubro um pouco mais sobre Cora. Há tanto material ainda inédito além dos apresentados nessa edição de *Idéias*. Há tanta vida ainda a publicar. Até livro de receitas, selecionadas ao longo da existência - maneira antiga de cozinhar, que exige tempo e capricho - espera hora e interesse para chegar ao prelo. Cora deixou um mundo a desvendar. Sua herança, minha herança.

INTERTEXTO 46

CORA CORALINA, DE CORAÇÃO E DE VERMELHO

Josiane Giacomini Alves

Cora Coralina foi uma senhorinha muito sensível, que desde sempre gostou de escrever. Sobretudo da terra onde nasceu, Vila Boa de Goiás, no Estado de Goiás. Apesar disso, de fazer versos como poucos, ela só conseguiu publicar seu primeiro livro em 1965, quando tinha mais de 70 anos. De cara, isso já vale como lição: não se pode nunca desistir dos sonhos, não é não?

Mas Cora Coralina não nasceu com esse nome. Esse é um pseudônimo. O nome de batismo dela era enorme: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Na época em que ela nasceu (20 de julho de 1889) as mulheres não tinham o hábito de ler muito nem tampouco estudar. Era mais comum elas serem donas-de-casa. Cora Coralina se dedicava às prendas domésticas também (dizem que era uma excelente cozinheira). Mas também lia muito e escrevia. Tanto que aos 14 anos já publicava seus versos em um jornal local.

Para não fugir à regra, Cora Coralina foi criada para casar e o fez, em 1910. Casou-se com um advogado e mudou-se para o Estado de São Paulo, onde viveu por 45 anos, ora no interior, ora na capital. Com a morte do marido e mãe de três filhos, depois de muito batalhar – chegou a vender lingüiça caseira e banha, que ela mesma preparava – voltou à Goiás.

Aos 50 anos, Cora Coralina teve uma profunda transformação interior. Foi quando decidiu não mais ser Ana. "Em Goiás existiam muitas Anas por causa da padroeira da cidade", chegou a declarar. "E eu não queria ser xará. Cora vem de coração, e coralina é a cor vermelha", disse, para explicar a escolha de seu pseudônimo.

O primeiro livro publicado por Cora Coralina foi *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. E como ela conseguiu a façanha é curioso. "Um dia eu passava na Rua dos Gusmões, em São Paulo, e olhei para a vitrine de uma livraria editora. Uma vitrine mal-arrumada, com os livros jogados de qualquer jeito. Era um prédio antigo. Cheguei na porta e vi uma escada com um corrimão convidativo para subir. Subi, e na porta dizia: 'Entre sem bater'. Por trás da mesa encontrei um senhor a quem entreguei os originais das minhas poesias, e a resposta foi igual a todas que já tinha recebido de outras editoras: 'Venha daqui a um mês'. Fui. O senhor José Olympio meteu a mão na gaveta e, quando eu pensava que ia me devolver os originais, ele me mostrou a orelha da capa do livro já impressa". Nascia assim a Cora Coralina que o Brasil até então desconhecia.

Cora Coralina chegou a ser eleita "intelectual do ano" e vencedora do prêmio Juca Pato da União Brasileira dos Escritores, em 1983. Dois anos mais tarde, no dia 9 de abril de 1985, aos 95 anos de idade, ela viria a falecer em Goiânia, Goiás.

Antes de mostrar aqui dois poemas de Cora Coralina, vale acrescentar um pensamento muito dessa poetisa: "Nunca escreverei uma palavra para lamentar a vida. O presente é incomparavelmente melhor do que o passado, assim como também o é o futuro em relação ao presente".

INTERTEXTO 47

CORA-CORAGEM

Dulce Helena Rizzardo Briza

*"Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo".....*

*"Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho
seu cheiro gostoso
d'água e sabão*

*Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito*

*Vive dentro de mim
A mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
Desabusada, sem preconceitos*

*Vive dentro de mim.
-Enxerto da terra,
Meio casmurra.
Trabalhadeira".....*

*"Vive dentro de mim
A mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Tão desprezada".....
"Todas as vidas dentro de mim.
Na minha vida –
A vida mera das obscuras".*

("Todas as Vidas")

Assim Cora Coralina se apresenta. Para alguns, a pessoa mais importante de Goiás, que nasceu em 1889. Cora do coração do Brasil. E assim se define: "Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo".

Como dizia Drummond, "uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é".

"Sou mulher como outra qualquer.

Venho do século passado
 E trago comigo todas as idades.....
 "Sendo eu mais doméstica do
 Que intelectual,
 não escrevo jamais de forma
 consciente e racionalizada, e sim
 impelida por um impulso incontrolável.
 Sendo assim, tenho a consciência
 de ser autêntica.
 Nasci para escrever, mas o meio,
 o tempo, as criaturas e fatores
 outros contramarcaram minha vida.
 Sou mais doceira e cozinheira
 do que escritora, sendo a culinária
 a mais nobre de todas as Artes.....
 Nunca recebi estímulos familiares para ser literata
 Sempre houve na família, senão uma
 hostilidade, pelo menos uma reserva determinada
 a essa minha tendência inata.
 Talvez, por tudo isso e muito mais,
 Sinta dentro de mim, no fundo dos meus
 reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.
 Sobrevivi, me recompondo aos
 bocados, à dura compreensão dos
 rígidos preconceitos do passado,
 Apenas a autenticidade da minha
 poesia arrancada aos pedaços
 do fundo da minha sensibilidade,
 e este anseio:
 procuro superar todos os dias
 minha própria personalidade renovada,
 despedaçando dentro de mim
 tudo que é velho e morto."

("Cora Coralina, quem é você?")

Podemos acompanhar a história desta velha sábia que foi no decorrer da vida processando a união interna dos seus sentimentos mais opostos e assumindo sua inteireza. Parece não ter tido medo de confrontar a sombra, que foi integrada também através da feitura dos versos e contos, da plantação de flores e do fogão à lenha.

Viveu intensamente, relacionando-se com as diferentes Coras que falavam dentro dela e com as mais diversas pessoas que fizeram parte de sua longa vida e do seu meio. Dedicou várias poesias e contos aos menos favorecidos, à lavadeira, aos presidiários, às prostitutas, aos camponeses, demonstrando enorme engajamento e compromisso social, que exerceu também em suas ações.

Sua poesia tem um tom brejeiro, singelo, coloquial, lírico-narrativo, muitas vezes autobiográfico, que incomodou a muitos críticos e encantou a tantos outros. Encantou entre muitos Carlos Drummond de Andrade, que a caracterizou como um "diamante solitário", ao constatar seu pensamento independente. E ela aceitou essa independência, suas responsabilidades e seus limites.

Cora lidava bem com os opostos, sem conflitos, unindo matéria e espírito, luz e sombra, contando sempre com a participação de Eros. Seu processo nesta vida foi um tornar-se a si mesma, de maneira inteira, in-dividual. Assim, de obra libertária, sua poesia nunca foi convencional, ainda que possa ter tido influência Modernista. Sua obra foi lançada em 1965, quando já tinha 76 anos!

Autodidata, freqüentou a escola por dois ou três anos e sempre rendeu homenagens à sua professora, mestra Silvina, à qual dedicou seu livro "Vintém de Cobre", dizendo: "Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina".

Cora Coralina, coração vermelho, vermelho vida, vermelho rubedo, que nasceu Aninha em 1889. Aninha, que apesar de descendente de donos de sesmarias, teve infância pobre, triste e difícil. Na poesia "A menina mal-amada", nos fala:

"Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia,
 de nenhum agrado
 Menina abobada, rejeitada."

Logo após o nascimento, seu velho e doente pai morreu.

*"Me achei sozinha na vida. Desamada,
indesejada desde sempre".....
"Enquanto ia crescendo lá pelo terreiro,
Suja, desnuda, sem carinho e descuidada,
sempre aos trambolhões, com minhas pernas moles
ganhei até mesmo um apelido entre outros,
perna mole, pandorga, chorona, manhosa".....
"Sempre sozinha, crescendo devagar, menina
inzoneira, buliçosa, malina".....
Quando adolescente:
"Passei a ser detraquêe".....
"Eu, perna mole, pandorga, moleirona,
Vencendo sozinha as etapas
Destes primeiros tempos. Afinal, paramos no détraquêe
Tudo isso aumentava minha solidão
E eu me fechava circunscrita
No meu mundo do faz-de-conta..."*

E nesse seu mundo, fertilizado pela imaginação e pelas inúmeras leituras que lhe caíam nas mãos, foi criando sua *opus*. Sempre teve fome de informação. Quebrando as regras da família e da sociedade de então, fugiu de Goiás grávida e veio para S.Paulo, casando-se oficialmente anos depois. Teve seis filhos. Durante quase meio século morou nesse estado, na capital e nas cidades de Jaboticabal, Penápolis e Andradina. Retornou à sua cidade natal em 1956.

Apesar de ter sido sempre tolhida, inclusive pelo marido, foi em S.Paulo que editou seu primeiro livro. Foi esta cidade a primeira a acreditar em seu valor e a lhe conferir prêmios. Sem esconder suas dificuldades e frustrações, um dia escreveu:

*"A dureza da vida não são carências nem pobreza.
Sofrem aqueles que desconhecem a luta
e menosprezam o lutador."*

Crítica ferrenha da educação de seu tempo, proclama:

*"Nego o amor dos pais do passado, salvante exceções.
O que eles sentiam era o orgulho da posse,
o domínio sobre sua descendência.
Tudo, todos judiciários e adultos.
Sua hermenêutica sutil de leis,
Interpretação, a favor dos adultos".....
"Na casa antiga, castigos corporais e humilhante coerção,
Atitudes impostas, ascendência férrea, obediência cega.
Filhos foram impiedosamente sacrificados e despojados".....
"Aquele gente antiga explorava a minha bobice"....."*

E afirmou:

*"Não são os filhos que nos devem. São os pais que devem a eles".
("Pai e Filho")*

Essa mulher, que tanto amava os jovens e os estudantes, um dia pronunciou:

*"Tudo que criei e defendi
nunca deu certo."*

*Nem foi aceito.
E eu perguntava a mim mesma
Por quê?
Quando menina,
ouvía dizer sem entender
quando coisa boa ou ruim
acontecía a alguém:
fulano nasceu antes do tempo.
Guardei.
Tudo que criei, imaginei e defendi
Nunca foi feito.
E eu dizia como ouvía
A moda do consolo:
Nasci antes do tempo.
Alguém me retrucou:
Você nasceria sempre
Antes do seu tempo.
Não entendi e disse Amém”.*

De alma jovial e curiosa, dizia:

“Venho do século passado e continuo nascendo diariamente”.

Cora foi uma grande incentivadora do espírito de brasilidade e uma cultivadora do folclore goiano, como podemos observar em toda sua obra. Audaciosa e franca, soube transformar sua fragilidade em fortaleza de espírito. Estabeleceu a força e a coragem da singeleza. Passou a vida entre os tachos de cobre, removendo pedras e plantando flores.

Tirou da vida a essência e o néctar doce que pôde ser saboreado. Procurou ir atrás do que a atraía e assustava ao mesmo tempo. Fez de suas limitações um impulsor para a vida e para a poesia. Poderíamos aqui lembrar do enfoque adleriano da teoria da compensação, que fala que as raízes de superioridades futuras acham-se fincadas em inferioridades antigas. Seria este o caso?

Poderíamos também lembrar o enfoque da teoria da sublimação, onde Freud afirmava que fraquezas primitivas não são simplesmente transformadas em forças, mas também em produtos de arte e cultura.

Mas falando com o espírito de Cora, gostaria de salientar o enfoque hillmaniano, que nos fala da teoria do “fruto do carvalho”, que nos aponta que cada vida é formada por uma vocação que é sua essência e que a leva para um determinado destino.

E é aí que situamos Cora e seu comovente processo, cujo destino estava escrito em sua pequena semente e a fez virar um grande carvalho.

E aqui evocamos Deméter, deusa e mãe da terra cultivada, a “mãe terra”, a matrix universal, a mãe do grão. Também considerada o archote que ilumina o caminho. E Cora das mãos calejadas faz seu elogio ao milho (“Poema do Milho”) e também a “Oração do Milho”:

*“Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre”.....
“Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizeste necessário e humilde”.*

Cora construiu seu processo através da inspiração do contato com a terra. Na poesia “A gleba me transfigura”, escreve:

*“Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
Meus versos tem cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
Amo a terra de um místico amor consagrado num esponsal sublimado, procriador e fecundo”.....
“Minha identificação profunda e amorosa
com a terra e com os que nela trabalham”.*

Podemos também conclamar Héstia, a deusa da lareira, personificação do fogo sagrado, o centro religioso do lar dos deuses, assim como o fogo doméstico é o centro religioso do lar dos homens. O fogo corresponde à cor vermelha, ao verão, ao coração: Cora Coralina.

Cora e seu fogão à lenha, trabalhando e fazendo a purificação alquímica. Enquanto mexia a comida e preparava seus doces no tacho, mexendo com a colher de pau em movimentos circulares, *circumambulava*. E aí acontecia o *complexio oppositorum* das várias instâncias de sua alma enquanto misturava e apurava os ingredientes das comidas e dos doces.

Fogo da alma de Cora, que sublimava seus sentimentos mais intensos do doce e do amargo da vida e a colocava diante do papel e da pena. Fogo que ardia no fogão favorecendo a regeneração da alma. Fogo que propiciava a alquimia do doce materializando a poesia.

E, orgulhosa, Cora dizia:

"Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior."

Na poesia dessa goiana os costumes, os cheiros, as paisagens da terra, da Fazenda Paraíso e as histórias da Casa Velha da Ponte:

*"Meus versos tem cheiro dos matos, dos bois e dos currais"
"Meus versos tem relances de enxada, gume de foice e peso de machado".*

Sobre sua arte, escreveu:

*"A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.
A minha maior angústia foi superar a minha ignorância.
Confesso com humildade essas verdades simples e grandes".
("Meu vintém perdido")*

A palavra "pedra" aparece com frequência na obra da poetisa:

*"Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos".
(Das Pedras)*

*"Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça".*

*"Carreando pedras,
Construindo com as mãos sangrando
Minha vida".
("Cântico primeiro de Aninha")*

Há uma relação íntima entre a pedra e a alma. Ela também é viva e dá vida. É o local onde se celebram as cerimônias sagradas. Os alquimistas buscavam a Pedra Filosofal, o "lápiz", o instrumento da regeneração. A regeneração da alma pela graça. Com as pedras removidas, Cora construiu a estrada por onde caminhou e que a levou à redenção. Construiu o santuário de sua alma e seu edifício espiritual. E falou de "Humildade":

*“Senhor, fazei com que eu aceite
minha pobreza tal como sempre foi.*

*Que não sinta o que não tenho.
Não lamente o que podia ter
e se perdeu por caminhos errados
e nunca mais voltou.*

*Daí, Senhor, que minha humildade
seja como a chuva desejada
caindo mansa,
longa noite escura,
numa terra sedenta
e num telhado velho.*

*Que eu possa agradecer a Vós,
minha cama estreita,
minhas coisinhas pobres,
minha casa de chão,
pedras e tábuas remontadas.
E ter sempre um feixe de lenha
debaixo do meu fogão de taipa,
e acender eu mesma
o fogo alegre da minha casa
na manhã de um novo dia que começa”.*

Friccionando as pedras, deu origem ao fogo que aqueceu a alma, sendo um facilitador para que ela se manifestasse. E com ele cozeu e apurou ”o ponto”. Ponto dos devaneios, da fantasia, da vida.

E aconselhou:

*“Acende o fogo das geleiras que te cercam”
 (“Esta é a tua safra”)*

Cora não só observou a vida. Viveu-a intensa e vigorosamente: a vida a empolgava. Afirmava que a vida é boa, que saber viver é a grande sabedoria e que é preciso saber recriá-la.

“Eu sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama vida”.

Dizia que tinha todas as vidas dentro dela e que todo escritor que fugir da vida está fadado a não passar do primeiro livro. E que escrever é uma forma de comunicação, de recriação da vida.

E deixou sua recomendação aos poetas:

*“Converse, você, poeta destes novos tempos,
Converse com as sementes e as folhas caídas que pisa distraído”.*
 (“Recados de Aninha I”)

E assim esta mulher envelheceu sabiamente.

*“Envelhecer é entrar no reino da grande Paz.
Serenidade maior.
Olhar para frente e para trás
e dizer: dever cumprido”.*

Foi uma vencedora:

*“A certeza de ter vivido e vencido
a maratona da vida”.*
 (“Menina mal-amada”)

Conseguiu até escrever uma “Ode às Muletas” que lhe serviram de apoio após um tombo e uma cirurgia. Mas confessou:

*“A gente tem medo dos vivos e dos mortos.
Medo da gente mesmo
Nossas covardias retardadas e presentes.
Assim foi, assim será.”
 (“Confissões partidas”)*

No final da vida constatou:

*“Tudo em mim vai se apagando.
Cede minha força de mulher de luta em dizer:
Estou cansada.....”
“Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.
Um véu tênue vai se incorporando no campo da retina.
Passam lentamente como ovelhas mansas os vultos conhecidos
que já não reconheço”.
 (“Sombras”)*

E morreu acreditando na vida. Em sua poesia “Eu creio”, diz:

*“Creio nos valores humanos
e sou a mulher da terra.....
Creio na salvação dos abandonados
e na regeneração dos encarcerados
pela exaltação e dignidade do trabalho...
Acredito nos jovens à procura de caminhos novos
abrindo espaços largos na vida.....
Creio na superação das incertezas
deste fim de século.”*

E foi numa pedra que mandou gravar seu epitáfio:

*“Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.”*

E termino a minha fala através das palavras do poeta Paulo Bomfim:

*“Cora-Coragem
Cora-Poesia
Cora-Palavra
Cora-Proteto,
Cora-Justiça,
Cora-Paixão,
Cora-Mulher!
Na inquietação-Coralina,
Na procura-Coralina,
Nos combates-Coralina,
Nos Goíases-Coralina!
E de Cora Coralina,
Veste-se a noite de hoje,
E de Cora Coralina
É o verbo que se faz verso!
Ave Poesia, cheia de graça,
Nave Goiás-Anhanguera,
Benção Cora Coralina”.*

E eu falei de Cora-ação!

INTERTEXTO 48

“Cora Coralina, de Goiás. Este nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina. Cora Coralina, tão gostoso pronunciar esse nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de Dona Janaina moderna. Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada. Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária. Escutemos: “Vive dentro de mim/uma cabocla velha/de mau olhado,/acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo”. “Vive dentro de mim/a lavadeira do Rio Vermelho. Seu cheiro gostoso d’água e sabão”. “Vive dentro de mim/a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem-feito”. “Vive dentro de mim/a mulher proletária./Bem linguaruda,/desabusada, sem preconceitos”. “Vive dentro de mim/a mulher da vida./Minha irmãzinha.../tão desprezada,/tão murmurada...” Todas as vidas. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza. Tanto escreve o Ode às Muletas como a Oração do Milho. No primeiro texto, foi a experiência pessoal que a levou a meditar na beleza intrínseca desse objeto (“Leves e verticais. Jamais sofisticadas./Seguras nos seus calços/de borracha escura. Nenhum enfeite ou sortilégio”). No segundo poema, o dom de aproximar e transfigurar as coisas atribui ao milho estas palavras: “Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece./Sou o cocho abastecido donde ruma o gado./Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor”. Assim é Cora Coralina: um ser geral, “coração inumerável”, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinqüente, o presidiário, a mulher-da-vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto da família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha a sua ligação com os usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução: “Às vezes, ia de empréstimo/ à casa da boa Tia Nhorita./E era certo no centro da mesa/de aniversário, com sua montanha/de empadas bem tostadas/No dia seguinte, voltava,/conduzido por um portador/que era sempre o Abdenago, preto de valor,/de alta e mútua confiança./Voltava com muito-obrigados/e, melhor cheinho/de doces e salgados./Tornava a reliquia para o relicário...” Relicário é também o sortido depósito de memórias de Cora Coralina. Remontando à infância não a ornamenta com flores falsas: “Éramos quatro as filhas de minha mãe./Entre elas ocupei sempre o pior lugar”. Lembra-se de ter sido “triste, nervosa e feia./Amarela, de rosto empalamado./De pernas moles, caindo à toa”. Perdera o pai muito novinha. Seus brinquedos eram coquilhos de palmeira, caquinhos de louça, bonecas de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá reparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica. Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilado na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Não estou fazendo comercial de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios. Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesmo se define: “Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo”. Opõe à morte “aleluias festivas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária”. Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza, como no verso de Bandeira.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)